



# THE LIBRARY



CLASS 868.9LT81  
BOOK 0C0











# CONTOS LEVES

154



COLEÇÃO  
"OS GRANDES LIVROS BRASILEIROS"  
VOLUME V

---

**MONTEIRO LOBATO**

# **CONTOS LEVES**

**(Cidades Mortas, Negrinha e  
Macaco que se fez Homem)**

**EDIÇÃO DEFINITIVA**

**COMPANHIA EDITORA NACIONAL**  
**SÃO PAULO - RIO - RECIFE - PÔRTO ALEGRE**

**1941**



## Prefacio

*Este livro reflete tres periodos duma existencia. No primeiro, uns anos de mocidade passados nas "Cidades Mortas"; no segundo, "Literatura do Minarete", impressões mais antigas, dos dezoito anos.*

*Minarete era um delicioso jornalzinho, fundado por Benjamim Pinheiro em Pindamonhangaba, no qual Ricardo Gonçalves, Godofredo Rangel, Lino Moreira, Heitor de Moraes, Tito Brasil, Candido Negreiros, Albino de Camargo, Raul de Freitas e J. A. Nogueira colaboravam. Esses rapazes, grandes amigos, formavam em São Paulo o Cenaculo, e salvavam a patria todas as noites no Café Guarani, em vivissimas reuniões.*

*Na terceira parte aparece algo de começo do meio do caminho — e do fim.*

1061617





# INDICE

Prefacio .....	5-6
Cidades Mortas .....	9
A vida em Oblivion .....	14
Os perturbadores do silencio .....	19
Vidinha Ociosa .....	22
Cavalinhos .....	31
Gramatica Viva .....	37
Pedro Pichorra .....	44
O "Resto de Onça" .....	51
O Romance do Chopin .....	59
O Espião Alemão .....	71
Gens Ennuyeux .....	89
O Figado Indiscreto .....	98
O Plagio .....	105
Sorte Grande .....	116
Noite de S. João .....	129
Cabelos Compridos .....	136
A Cruz de Ouro .....	141
De como Quebrei a Cabeça á Mulher do Melo ..	148
Porque Lopes se Casou .....	153

Juri na Roça .....	159
O Luzeiro Agricola .....	168
Uma Historia de Mil Anos .....	182
As Fitas da Vida .....	191
A Inteligencia Feminina .....	198
Marabá .....	214
O Fisco .....	232
Barba Azul .....	245
Meu Conto de Maupassant .....	252
O 22 da "Marajó" .....	257
Dona Expedita .....	264
Herdeiro de Si Mesmo .....	275
Os Pequeninos .....	289
Bugio Moqueado .....	301

## Cidades Mortas

A quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outróra, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de insanavel caquexia, uma verdade, que é um desconsolo, ressurre de tantas ruínas: nosso progresso é nomade, e sujeito a paralisias subitas. Radica-se mal. Conjugado a um grupo de fatores sempre os mesmos, reflui com eles duma região para outra. Não emite peão. Progresso de cigano, vive acampado. Emigra, deixando atrás de si um rastilho de taperas.

A uberdade nativa do solo é o fator que o condiciona. Mal a uberdade se esvai, pela reiterada sucção de uma seiva não recomposta, como no velho mundo, pelo adubo, o desenvolvimento da zona esmorece, foge dela o capital — e com ele os homens fortes, aptos para o trabalho. E lentamente cai a tapera nas almas e nas coisas.

Em S. Paulo, temos perfeito exemplo disso na depressão profunda que entorpece boa parte do chamado Norte.

Ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é preterito.

Umas tantas cidades moribundas arrastam um viver decrepito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes.

Pelas ruas ermas, onde o transeunte é raro, não matracoleja sequer uma carroça; de ha muito, em materia de rodas, se voltou ao rodizio desse rechinante simbolo do viver colonial — o carro de boi. Erguem-se por ali soberbos casarões apalaçados, de dois e tres andares, solidos como fortalezas, tudo pedra, cal e cabiuna; casarões que lembram ossaturas de megaterios, d'onde as carnes, o sangue, a vida para sempre refugiram.

Vivem dentro, mesquinhamente, vergonteadas morticas de familias fidalgas, de bôa prosapia entroncada na nobiliarquia lusitana. Pelos salões vazios, cujos frisos dourados se recobrem da patina dos anos e cujo estuque, lagarteado de fendas, esborôa á força de gotteiras, paira o bafio da morte. Ha nas paredes quadros antigos, "crayons", figurando efigies de capitães-mores de barba em colar. Ha sobre os aparadores Luiz XV bronzeos candelabros de dezoito velas, esverdeados de azinavre. Mas nem se acendem as velas, nem se guardam os nomes dos enquadrados — e por tudo se agruma o bolor rancido da velhice.

São os palacios mortos da cidade morta.

Avultam em numero, nas ruas centrais, casas sem janelas, só portas, tres e quatro: antigos armazens hoje fechados, porque o comercio desertou tambem. Em certa praça vazia, vestigios vagos de "monumento" de vulto: o antigo teatro — um teatro onde já ressoou a voz da Rosina Stolze, da Candiani...

Não ha na cidade exangue nem pedreiros, nem carapinas; fizeram-se estes remendões; aqueles,

meros demolidores, — tanto vai da ultima construção. A tarefa se lhes resume em especar muros que deitam ventres, escorar paredes rachadas e remenda-las mal e mal. Um dia, metem abaixo as telhas: sempre vale trinta mil réis o milheiro — e fica á inclemencia do tempo o encargo de aluir o resto.

Os ricos são dois ou tres forretas, coroneis da Briosa, com cem apolices a render no Rio; e os sincuristas acarrapatados ao orçamento: juiz, coletor, delegado. O resto é a “mob”: velhos mestiços de miseravel descendencia, roida de opilação e alcool; familias decaidas, a viverem misteriosamente umas, outras á custa do parco auxilio enviado de fóra por um filho mais audacioso que emigrou. “Bôa gente”, que vive de aparas.

Da geração nova, os rapazes debandam cedo, quasi meninos ainda; só ficam as moças — sempre fincadas de cotovelos á janela, negaceando um marido que é um mito em terra assim, donde os casadouros fogem. Pescam, ás vezes, as mais jeitosas, o seu promotorzinho, o seu delegadozinho de carreira — e o caso vira prodigioso acontecimento historico, criador de lendas.

Toda a ligação com o mundo se resume no cordão umbilical do correio — magro estafeta bifurcado em ponteagudas eguas pisadas, em eterno ir e vir com duas malas postais á garupa, murchas como figos secos.

Até o ar é proprio; não vibram nele fonfons de auto, nem cornetas de bicicletas, nem campainhas de carroça, nem pregões de italianos, nem *ten-tens* de sorveteiros, nem *plás-plás* de mascates sirios. Só os velhos sons coloniais — o sino, o chilreio das ando-

rinhas na torre da igreja, o rechino dos carros de boi, o cincerro de tropas raras, o taralhar das baitacas que em bando rumoroso cruzam e recruzam o céu.

Isso, nas cidades. No campo não é menor a desolação. Leguas a fio se sucedem de morraria aspera, onde reinam soberanos a sauva e seus aliados, o sapé e a samambaia. Por ela passou o Café, como um Atila. Toda a seiva foi bebida e, sob forma de grão, ensacada e mandada para fóra. Mas do ouro recebido em troca nem uma onça permaneceu ali, empregada em restaurar o torrão. Transfiltrou-se para o Oeste, na avidez de novos assaltos á virgindade da terra nova; ou se transfez nos palacetes em ruína; ou reentrou na circulação europeia por mãos de herdeiros dissipadores.

A' mãe fecunda que o produziu nada coube; por isso, ressentida, vinga-se agora, enclausurando-se numa esterilidade feroz. E o deserto lentamente retoma as posições perdidas.

Raro é o casebre de palha que fumea e entremostra em redor o quartelzinho de cana, a rocinha de mandioca. Na mór parte os escassissimos existentes, descolmados pelas ventanias, esburaquentos, afestoam-se do melão de São Caetano — a hera rustica das nossas ruínas.

As fazendas são Escóriais, de soberbo aspecto vistas de longe, entristecedoras quando se lhes chega ao pé. Ladeando a Casa Grande, senzalas vazias e terreiros de pedra com viçosas guanxumas nos interstícios. O dono está ausente. Mora no Rio, em São Paulo, na Europa. Cafezais extintos. Agregados dispersos. Subsistem unicamente, como lagartixas

na pedra, um pugilo de caboclos opilados, de esclerótica biliosa, inermes, incapazes de fecundar a terra, incapazes de abandonar a querencia, verdadeiros vegetais de carne que não florescem, nem frutificam — fauna cadaverica de ultima fase, a roer os derradeiros capões de café escondidos nos grotões.

— Aqui foi o Breves. Colhia oitenta mil arrobas!...

A gente olha assombrada na direção que o dedo cicerone aponta. Nada mais!... A mesma morraria nua, a mesma sauva, o mesmo sapé de sempre. De banda a banda, o deserto — o tremendo deserto que o Atila Café creou.

Outras vezes o viajante lobriga ao longe, rente ao caminho, uma ave branca pousada no topo dum espeque. Aproxima-se de vagar ao chouto ritmico do cavalo; a ave exquisita não dá sinais de vida: permanece imóvel. Chega-se inda mais, franze a testa, apura a vista. Não é ave, é um objeto de louça... O progresso cigano, quando um dia levantou acampamento dali, rumo Oeste, esqueceu de levar consigo aquele isolador de fios telegraficos... E lá ficará ele, atestando mudamente uma grandeza morta, até que decorram os muitos decenios necessarios para que a ruína consuma o rijo poste de “candeia” ao qual o amarraram um dia — no tempo feliz em que Ribeirão Preto era lá...

1906

# **A Vida em Oblivion**

## **Os tres livros**

A cidadezinha onde moro lembra soldado que fraqueasse na marcha e, não podendo acompanhar o batalhão, á beira do caminho se deixasse ficar, exausto e só, com olhos saudosos pousados na nuvem de poeira erguida além.

Desviou-se dela a civilização. O telegrafo não a põe á fala com o resto do mundo, nem as estradas de ferro se lembram de uni-la á rêde por intermedio de humilde ramalzinho.

O mundo esqueceu Oblivion, que já foi rica e lepidá, como os homens esquecem a atriz famosa logo que se lhe desbota a mocidade. E sua vida de vóvó entrevada, sem netos, sem esperança, é humilde e quieta como a do urupê escondido no sombrio dos grotões.

Trazem-lhe os jornais o rumor do mundo, e Oblivion comenta-o com discreto parecer. Mas como os jornais vêm apenas para meia duzia de pessoas, formam estas a aristocracia mental da cidade.



São “Os Que Sabem”. Lembra o primado dos Dez de Veneza, esta sabedoria dos Seis de Oblivion.

Atraídos pelas terras novas, de feracidade sedutora, abandonaram-na seus filhos; só permaneceram os de vontade anemiada, debeis, faquirianos. “Mesameiros”, que todos dias fazem as mesmas coisas, dormem o mesmo sono, sonham os mesmos sonhos, comem as mesmas comidas, comentam os mesmos assuntos, esperam o mesmo correio, gabam a passada prosperidade, lamuriam do presente e pitam — pitam longos cigarrões de palha, matadores do tempo.

.....

Entre as originalidades de Oblivion uma pede narrativa: o como da sua educação literaria.

Promovem-na tres livros venerandos, encardidos pelo uso, com as capas sujas, consteladas de pingos de vela — lidos e relidos que foram, em longos serões familiares, por sucessivas gerações. São eles: *La mare d'Auteuil*, de Paulo de Kock, para o uso dos conhecedores do francês; uns volumes truncados do *Rocambole*, para enlevo das imaginações femininas; e a *Ilha Maldita*, de Bernardo Guimarães, para deleite dos paladares nacionalistas.

O dono primitivo seria talvez algum padre morto sem herdeiros. Depois, á força de girarem de déu em déu, esses livros forraram-se á propriedade individual. Quem, por exemplo, deseja ler o *Rocambole*, diz na rodinha da farmacia:

— Onde andar á o *Rocambole*?

Informam-no logo, e o candidato toma-o das mãos do detentor ultimo, ficando desde esse momen-

to como o seu novo depositario. Processo summarissim e inteligente.

Quando se esgotou a minha provisão de livros e, ignorante ainda da riqueza literaria da terra, deliberei recorrer ao stock local, dirigi-me a um dos Seis. O homem enfunou-se de legitimo orgulho ao dar-me os informes pedidos.

— Temos obras de folego, poucas mas boas, e para todos os paladares. Genero pandego, para divertir, temos, “por exemplo”, *La mare d'Auteuil*, de Paulo de Kock. Impagavel!

— Obrigado. De Kock, nem a tuberculina.

— Temos o celebre *Rocambole*, “genero imaginoso”; infelizmente está incompleto; faltam uns dezessete volumes.

— Não me serve o resto.

— E temos uma obra prima nacional, a *Ilha Maldita*, do “nosso” Bernardo Guimarães.

Parando aí o catalogo, era forçoso escolher.

No concerto dos nossos romancistas, onde Alencar é o piano querido das moças, e Macedo a sem-saboria relamboria d’um flautim piegas, Bernardo é a sanfona. Le-lo é ir para o mato, para a roça — mas uma roça adjetivada por menina de Sion, onde os prados são *amenos*, os vergeis *floridos*, os rios *caudalosos*, as matas *viridentes*, os pincaros *altissimos*, os sabiás *sonorosos*, as rolinhas *meigas*. Bernardo descreve a natureza como um cego que ouvisse contar e reproduzisse as paisagens com os qualificativos surrados do mau contador. Não existe nele o vinco energico da impressão pessoal. Vinte vergeis que descreva são vinte perfeitas e invariaveis

amenidades. Nossas desajeitadíssimas caipiras são sempre lindas morenas côr de jambo.

Bernardo falsifica o nosso mato. Onde toda a gente vê carrapatos, pernilongos, espinhos, Bernardo aponta doçuras, insetos maviosos, flores olentes.

Bernardo mente.

Mas como mente menos que o Paulo de Kock ou o truculento Ponson, pai do *Rocambole*, escolhi-o.

Veio o livro. Volume velho como um monumento egipcio e como ele coberto de inscrições. Cada leitor que passava ia ali deixando o rastro gravado a lapis.

“Li e gostei”, dizia um; “Li e apreciei”, afirmava certa senhorita. Inscrição quasi em cuneiforme rezava: “Fulano leu e apreciou o talento do grande escritor brasileiro”. Outro versificava: “Já foi lido — Pelo Walfrido”. Tal moça notara parcimoniosamente: “Li” e assinou. Um amigo da ordem inversa pôs: “Li e muito gostei”.

Houve quem discordasse. “Li e não gostei”, declarou um fulano.

O patriotismo literario dum anonimo saiu a campo em prôl do autor: “Os porcos preferem milho a perolas”, escreveu ele em baixo.

Monograma complicadissimo subscrevia isto: “O *Rocambole* diverte mais”.

E assim, por quanto espaço em branco tinha o livro, margens ou fins de capitulo, as apreciações se alastravam com levíssimas variantes ao sobrio “Li e gostei” inicial. Havia nomes bem antigos, de pessoas falecidas, e nomes das meninas casadeiras da epoca.

Os intellectuais de Oblivion bebiam á farta naquella veneranda fonte. Naquelle Bernardo abebera-

vam-se de “estilo e boa linguagem”, conforme afirmou um; no *Rocambole* truncado exercitavam os musculos da imaginativa; e no Paulo de Kock, os eleitos, os Sumos (os que sabiam francês!) fartavam-se da *grivoiserie* permitida a espiritos superiores.

Essa trindade impressa bastava á educação literaria da cidade. Feliz cidade! Se é de temer o homem que só conhece um livro, a cidade que conhece tres é de venerar. Veneração, entretanto, que não virá, porque o mundo desconhece totalmente a pobrezinha da Oblivion...

1908

## Os perturbadores do silencio

O silencio em Oblivion é como o frio nas regiões articas: uma permanente. Não se compreende a segunda sem o primeiro. Ele a completa; ela o define.

Durante a noite aquele silencio faz-se inteiriço como a escuridão. Por mais que se apurem, os ouvidos nada ouvem a não ser um vago e remoto ressoar, que lembra miriada de grilos microscopicos em imperceptivel surdina chiadeira. Não será isso a tal harmonia das esferas a que se refere o filosofo grego?

Durante o dia, porém, a integridade do silencio em Oblivion sofre lesões. Uns tantos rumores, sempre os mesmos e periodicamente repetidos, constelam-no de quebras de continuidade. O velho inimigo do Silencio, o Som, a espaços berra dentro dele gritos sediciosos, tal o relampago que momentaneamente destrói o imperio das trevas. Mas o Silencio logo subjuga e absorve o intruso.

A' frente desse grupo de Irreverencias está o Sino da igreja. Repicando missa aos domingos ou chorando a defunto, alegre ou funebre — é o Sino o mais violento perturbador do Silencio em Oblivion.

Outro, é a capina trimensal das ruas: — o raspar das enxadas perturba o silencio com a insistencia do coaxar do sapo-ferreiro.

Outro, é o fim das aulas. Quando soam quatro horas o portão do Grupo Escolar borbota um fluxo de meninos rompidos em algazarra, a berrar, a cantar — e adeus, silencio!

Outro, e este devéras notavel, é o carrinho da Camara.

O carinho da Camara constituiu o veículo mais importante de Oblivion — que além dele só conta mais um, o Zé Burro, solido preto mina empregado no transporte das coisas pesadas. E é o principal por varias razões ponderosas, entre as quais a de ser ele todo de ferro, ao passo que o outro é de carne. Verdade que o carrinho só tem uma roda e o preto tem duas pernas... Mas como a roda do carrinho é bem centrada e as pernas do Zé são cambaias, aquela superioridade desaparece e o carrinho instala-se de vez no primado.

Mas esta questão de primazias não vem ao caso. O caso é a perturbação do Silencio determinada pelo carrinho, fato que se dá da seguinte maneira. Como o carrinho tem pouco serviço e passa a mór parte do tempo a cochilar no deposito, a ferrugem, insidiosa inimiga da inação, subrepticamente vem pintar de vermelho o eixo das rodas, de modo que, mal sai á rua o veículo. o pobrezinho do eixo grita como um gotoso, geme, range, ringe — perturbando lamentavelmente o Silencio de Oblivion.

Quando Isaac Fac-Totum — um mulato retaco, grosso e curto como certas tatoranas — recebe ordem para ir a tal parte formicidar um olheiro de sauvas, o rolete d'homem mete as garrafas de formicida, a en-

xada e o fosforo dentro do carrinho e, imagem da Compenetração, simbolo da Convicção Inabalavel, parte, *nhem-nhim, nhem-nhim*, através das vias principais da cidade, em busca do mal aventurado olheiro.

De sobreceño carregado, Isaac leva o olhar atentamente fito á frente — para “evitar algum desastre”. Nas ruas desertas apenas um ou outro cachorrinho se estira ao sol. Isaac, a vinte passos, divisando o vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos.

— Diabo! A’ mó que é o *Joli* do Pedro Surdo? e com uma pedra o espanta: “Sái porquêra! Não *ouve* o carro? Não tem medo de morrê masgaiado?”

E, convencido de que salvou a vida a um cristão, Isaac-Garrafa-de-Licor-de-Cacau retoma os varais e lá segue por Oblivion afóra, *nhem-nhim, nhem-nhim*, com solenidade de dalai-lama do Tibé.

As janelas acode gente. Crianças repimpadas no peitoril gritam para dentro:

— Mamãe, o carrinho “evem” vindo!

Muita moça nervosa deixa a costura e tapa os ouvidos:

— Que inferneira! Não se póde com esta barulhada!

Não obstante, o terrível veículo passa, indifferente á admiração como á censura, garboso, todo de ferro e ferrugem, *nhem-nhim, nhem-nhim*, empurrado pela dignidade infinita de Isaac-Tôco-de-Vela.

E enquanto o carrinho da Camara não torna ao deposito municipal, o Silencio não reentra na posse dos seus dominios.

# Vidinha Ociosa

## APOLOGO

O velho Torquato dá relevo ao que conta á força de imagens engraçadas, ou apologos. Hontem explicava o mal da nossa raça: *preguiça de pensar*. E, restringindo o asserto á classe agricola:

— Se o governo agarrasse um cento de fazendeiros dos mais illustres e os trancasse nesta sala, com cem machados naquele canto e uma floresta virgem ali adiante; e se naquele quarto pusesse uma secretaria com papel, pena e tinta, e lhes dissesse: “Ou vocês *pensam* meia hora naquele papel ou botam abaixo aquela mata”, d’aí a cinco minutos *cento e um machados* pipocavam nas perobas!...

## A MESMICE

Um coronel inglês suicidou-se, “tired of buttoning and unbuttoning” — cansado de abotoar e desabotoar a farda.

A vida em Oblivion é um perpetuo “buttoning and unbuttoning” que não desfecha no suicidio.



Salvam-na a botica e o jogo. A botica, porque nela ha uma sessão permanente de mexerico, e o mexerico é a ambrosia dos lugarejos pobres. E o jogo, porque quem perdeu não póde suicidar-se antes da desforra, e quem ganhou vai alegre, a cantarolar que afinal de contas a vida é bôa. Dessa forma escapam todos ao cansaço da mesmice.

## A FOLHINHA

A folhinha inventou-a algum boticario do interior para uso da sua cidade-aldeia, onde correm os dias tão iguais e parecidos que só por meio dela podemos distinguir uma segunda duma quarta-feira.

Um só dia tem feição propria: o domingo. Assinala-o a roupa limpa, a roupa nova, a roupa preta que surge pelas ruas a tomar sol no corpo de toda gente. Redobram de movimento as praças. Caras novas de gente extra-muros dão ares de sua graça. Ha mercado cedo, missas até ás onze; depois, pelo resto da tarde, continuam a assinalar o Dia do Senhor caboclos e negros encachaçados, aglomerados pelas vendas. Vendem elas mais pinga nesse dia do que durante a semana inteira. Todos voltam para as casas mais ou menos chumbeados. Os “de cair”, dormem na cidade. Os de vinho exaltado, no xadrez. E assim transcorre o belo domingo sem necessidade de irmos á folhinha para sabermos que dia é.

## TOURADAS

Transformaram o antigo velodromo em circo de touros; metade das arquibancadas virou *Sombra*, a

mil réis; e a outra metade, *Sol*, a quinhentos. Num camarote, enfeitado de setim amarelo e verde, está um *inteligente* pegado a laço e imensamente bronco. Ao seu lado, um *clarim* tuberculoso; cada vez que sopra na corneta falta-lhe folego para um som completo — e o povo ri-se.

Toureiro de verdade ha um, o Antonio Corajoso, empresario, bilheteiro e assessor do *inteligente*. Mais dois açougueiros vestidos de *toreros*, com o competente rabicho, completam a *cuadrilla*.

A cada passinho Corajoso berra para o *inteligente*: “Dê ordem de recolhida, faça isto, faça aquilo.” E o pobre diabo se vê tonto para conciliar uma burrice inata com os deveres do posto.

O povo vaia ou aplaude num tom amolecado que é toda a graça da festa. Reles, mas divertido. “Feche a boca, negro! Está com fome?” (isto para um toureiro mulato). “Recolham esse canivete aleijado!” (para um zebuzinho preto muito magro). “Hu! hu! Tira leite dessa vaca, ó canudo de pito!”

Uma farpa fere um boi na veia; o sangue começa a correr. Enternecimento geral. Para-se a tourada para remendar-se o boi. Laçam-no, cosem-lhe a ferida — operação demorada que consome vinte minutos. Tomado de piedade, o povo não consente que farpeiem os restantes.

Ha palhaço — um palhaço que faz juz ao cinturão de ouro do Desenxabimento e da Moleza. Tem preguiça até de andar, preferindo apanhar marradas a correr. Lá quando a banda de musica ataca a valsa *Amoureuse*, o ladrão atravessa a arena dansando. Mas dança com tamanha preguiça que o povo rompe num berreiro colerico: “Lincha o cinico! Mata!”

E chovem-lhe em cima toda a sorte de desaforos — e cascas de pinhão.

Remata a festa a “pantomina”, como diz o programa. Aparece o *Pançudo*, figura de um comico prodigioso. Tem tanto de largo como de alto. Perfeita esfera encimada por uma cabeça e “embaixada” por dois pés. E’ um homem acolchoado. Mal aparece, em passinhos miudos e lentos, uma voz o denuncia: “E’ o Zé de Mamã! Ai, negro safado!” E toda a gente morre de rir, adivinhando o pobre preto, muito sério, a suar em bicas dentro da cou-raça de colchões. O boi investe, marra-o, arremessa-o longe. Os toureiros reerguem-no. Nova investida, novo rebolar. E assim até que o touro, desconfiado, se recuse á pagodeira. Sôa por fim o toque de rocolher e, todo esburacado, com a palhaça á mostra, lá vai para os bastidores o pobre Zé de Mamã, rolado qual uma pipa.

## A ENXADA E O PARAFUSO

Cada terra com seu uso. Ô nosso teatrinho sempre usou campainha para as chamadas. Campainha é eufemismo. Havia lá dentro uma enxada velha, pendurada de um arame, com um parafuso de cama, cabeçudo, ao lado. Os sinais eram batidos ali.

Veio um mambembe pernóstico e calou a enxada, substituindo seus sonidos por tres pancadas no assoalho.

No primeiro dia o povo da plateia entreolhou-se ao ouvir aquilo, e lá pelo poleiro houve risadas e as-sobios. O delegado quis intervir.

— Este mambembe parece que está mangando conosco!

Explicações. O empresario provou que aquele sistema era a ultima moda de Paris. Os espectadores remexeram-se, desconfiados. Estavam nessa indecisão, quando o Major dirimiu a pendenga com o peso de sua autoridade:

— Mas isto aqui não é Paris!...

— Bravos! Bravos!

E a velha enxada sonora voltou a ser tangida com o parafuso de cabeça.

## RABULICES

Nos dias de Juri reúnem-se os advogados e rabulas na ante-sala do tribunal, os primeiros a virem, os ultimos a sairem, como gente que procura gosar, bem gosado, um ambiente poucas vezes fornecido pelas circunstancias. E, como peixes n'agua, á vontade, dão trela á comichão mexeriqueira da rabulice, esquecendo-se em interminavel prosa sobre processos, atos judiciarios, movimento forense, nomeações, negocios profissionais, pilherias juridicas. As cabeças estão abarrotadas de leis, regulamentos, decretos e fatos juridicos, a modo de só tomarem conhecimento das relações entre o fato e a lei escrita, e nunca entre o fato e a lei natural — o que é proprio do filosofo. Na natureza só vêem coisas fungiveis, infungiveis, moveis, imoveis, semoventes, bens, *res nullius*, artigos de enfiteuse — a carne e o osso, enfim, da propriedade. Essa janelinha que o artista e o filosofo trazem aberta para a natureza bruta, ou para a humanidade, vistas, uma como turbilhão de forças em perene esfervilhar, outra como oceano de paixões onde se debate o *homo* — animal filho da

natureza, todo ele vegetação viçosa de instintos irreductíveis — o homem de leis abre-a para a rêde de fios que a Lei trama e destrama, fios que atam os homens entre si ou á Natureza convertida em *propriedade*.

E toda a maranha velhaca que isso é engloba-se dentro da mais bela concepção do idealismo — a Justiça.

## PÉ NO CHÃO

Fica no extremo da rua o Grupo Escolar, de modo que a meninada passa e repassa á frente da minha janela. Notei que muitas crianças sofriam dos pés, pois traziam um no chão e outro calçado. Perguntei a uma delas:

— Que doença de pés é essa? Bicho arruinado?

O pequeno baixou a cabeça com acanhamento; depois confessou:

— E' "inconomia".

Compreendi. Como nos Grupos não se admitem crianças de pés-no-chão, inventaram as mães pobres aquela pia fraude. Um pé vai calçado o outro, doente de imaginario mal cronico, vai descalço. Um par de botinas dura assim por dois. Quando o pé de botina em uso fica estragado, transfere-se a doença de um pé para outro, e o pé de botina de reserva entra em funções. Dest'arte, guardadas as conveniencias, fica o dispendio reduzido a meio. Acata-se a lei e guarda-se o cobre.

Benditas sejam as mães engenhosas!

## BARQUINHA DE PAPEL

Quando chove, logo que passa o aguaceiro e o enxurro transforma a rua num sistema de rios e riachos lamacentos, começam a derivar barquinhas de papel. A casa do Joaquim, o moleque-chefe da rua, vira estaleiro. Saem de lá as grandes, com bandeirolas. A mocinha de frente também deita, a medo, a sua; e quem seguir esta barquinha, verá o rapaz moreno, que mora na outra esquina e está á janela, correr á sargeta, apanha-la e ler, risonho, a mensagem a lapis da sua namorada...

## O HEREJE

Os filhos do capitão Zarico brincam todos os dias debaixo da minha janela. E' a ciranda, é o pegador, é a senhora pastora. A preta Esmeria fica o tempo todo com o caçula ao colo, vigiando-os. Inda hoje estava lá, ás voltas com o pequerrucho.

— Quem tirou o toucinho d'aqui?

— Foi o gato.

— Que é do gato?

— Está no mato.

— Que é do mato?

— O fogo queimou.

— Que é do fogo?

— O boi bebeu.

— Que é do boi?

— Está dizendo missa...

— Crédo! resmunga a preta. Tão pequenino e já hereje como o pai...

## JUQUITA

E' Juquita o terror da bicharia miuda. Cães e gatos conhecem-no de longe. Esta manhã encontrei-o a brincar com um sanhaço semi-morto que, de repente, não se sabe como, sumiu. O menino procurava-o quando passei.

— Não viu o meu sanhaço? perguntou-me ele.

— Com certeza algum gato o pegou, sugeri.

— Gato! — e Juquita riu-se com a maior comiseração da minha ingenuidade: “Não ha gato que *tenha coragem* de chegar perto de mim!”

## NO FORUM

Quando os “juizes de fato” se fecham (ou não fechados) na sala secreta, ficam de guarda á porta os oficiais de justiça. O juiz vai fumar e a prosa se generaliza, cindida por varios grupos. O donde saem coisas mais interessantes é o dos oficiais de justiça. Jesuino, porém, é o unico merecedor de atenção. Os demais, uns songa-mongas. Jesuino é o decano do clan. Mulato velhusco e grandalhão, tem o falar pausado, lento como carro de boi serra acima. As historias que desfia são sempre as mesmas — aventuras onde o meirinho triunfa ás avessas. Já *absorveu* muita pancada, e até cargas de chumbo.

Como homem da lei, porém, não reage senão por meio da lei. E' comezinho ir citar um caboclo na roça e ser “hospedado a guatambú”. Mas volta glorioso. Cada vergão no corpo, cada galo na testa, ele o traz como estigma do martirio que vive a padecer em pról da justiça. Exibe-o ao juiz e exhibe-o sobre-

tudo á parte promotora da citação. Esta comove-se paga-lhe o galo. D'aí a calunia dum seu colega de officio:

— O Jesuino ganha mais com a criação de galos do que com as custas. Para mim, aquilo é embroma. Ele cita o homem e de volta vem dando cabeçadas pelas porteiras, para fazer jus ao premio...

1908



## Cavalinhos

Elsa entrou da rua repuxando com o dedo a gola da blusa de seda carmezim, para refrescar, com abanos freneticos de leque, o pescoço afogueado. Falou da procissão, que estivera linda — um povareu, muitas palmas. Disse que nunca vira tanta gente na igreja; que nem se podia respirar, que estava assim! (e apinhava os dedos). Que a filha de Nha Vica fizera um berreiro dos demonios; que não sabe porque levam crianças á igreja. Depois interpelou o primo:

— Por que não foi, Lauro?

— Eu... ganiu o rapaz derreado na cadeira de balanço.

Não terminou. Entrava dos fundos dona Didi. Elsa, sua filha casada, beijou-lhe a mão, abraçou-a.

— Por que não foi, mamãe, aos cavalinhos, hontem? Esperei-a lá. Não imagina o que perdeu! A companhia é ótima.

— Não pude, passei mal o dia — dôr de cabeça, visitas...

— Pois perdeu. Ha lá um menino que é um prodigio — pouco maior que o Juquinha, completa-

mente desengonçado. Faz trabalhos pasmosos, que contados ninguém acredita. Pega nas duas perninhas, cruza-as na cabeça, aqui na nuca, e com as mãos pula como um sapo. Depois desengonça a cabeça e gira com ela como se a tivesse presa por um barbante. Uma coisa extraordinária! O sujeito do trapezio não trabalha mal. Achei muita graça no Juquinha — era a primeira vez que ele ia ao circo: “De que é que você gostou mais, meu filho?” perguntei. “Gostei mais do homem que se balança na rêde e cai na peneira”. A rede é o trapezio e a peneira é a rêde de malhas...

Todos riram; a vóvó, com delicias; Lauro, complacente — e Juquinha, que estava á janela cuspihendo nos transeuntes, recebeu olhares cheios de amorosa admiração.

Elsa parolou inda um bocado. Depois, voltando-se para o primo:

— Que horas são, Lauro?

— Sete e meia, expectorou o moço, com um pigarro que foi cuspir á rua.

— Quasi horas!... Começa ás oito. Não vai, mamãe? Vá, a senhora precisa de distrações. E' por causa desse aferrolhamento em casa que anda assim, magra e amarela. Sáia, espaneje-se!

Nisto espocaram foguetes. Elsa contou-os, de dedo para o ar.

— Tres! E' o sinal. E você, Lauro, vai ou...

— Pode ser que sim, pode ser que não, gemeu o filosofo.

— Diabo de rapaz este! “Pode ser”!... O' velho de cem anos! O' caramujo! Desate isso, vá!

--Fazer? Ver trapezios? Meninos desossados? Palhaços?... Iria, se não houvesse lá nenhuma dessas coisas, nem a moça que corre no cavalo, nem o homem do arame, nem...

— Mas que é então que havia de haver?

— Nada. Gente nas prateleiras, cochilando, e no picadeiro um gato morto... a cheirar.

— Só? Ai, que já é mania de originalidade! Pois vou eu. Não tanto pelos trabalhos, como pela troça, o farrancho. Bole-se com um, atira-se uma casca de pinhão noutro, e assim corre a noite alegremente. E quem não fizer isto, neste cinismo de terra, morre encarangado, cria orelha de pau.

Ageitou sobre o penteado o fichú de sedinha vermelha, deu diante do espelho uns retoques á cara e, com um “Até logo, corujas!”, saiu com o Juquinha pela mão.

Dona Didi recolheu.

Lauro ficou outra vez só na saleta, uma perna sobre o braço da cadeira, fumando pensativamente. Zoava-lhe ao ouvido a parolice trefega da prima. Consultou o relógio: quasi oito! Ergueu-se, tomou do chapéu, saiu.

Noite linda. No alto, a lua cheia apascentando um rebanho de nuvensinhas acarneiradas.

Lauro deambulou a esmo, de mãos cruzadas ás costas, batendo o calcanhar com o ponteiro da bengala. Famílias deslisavam pelas ruas, de rumo ao circo; deslisavam como sombras, á luz baça dos lampões de querozene. Magotes de pretas passavam, taralhando, num rufo de saias engomadas. Iam com pressa, numa açodada ansia pelas molecagens do palhaço.

E Lauro rememorou os tempos em que também ele se tomava d'aquela sofreguidão, nos dias magníficos em que o pai anunciava ao jantar: "Aprontem-se, que hoje vamos aos cavalinhos". Com longa antecedencia já ele e os irmãos vestiam a roupa nova, punham o gorro de marinheiro e de bengaliinha de junco na mão sentavam-se á porta da rua á espera do anoitecer.

Lauro reviu nitidamente o Laurinho de outróra, trotando para o circo á frente do farrancho, e depois sentado na terceira fila das arquibancadas, com olhadelas gulosas para a ultima, rente ao pano, onde se repimpavam os moleques. Lá é que era a pandega!

Soava a sineta. O povo pedia o "paião". Vinha um "casaca de ferro" espezitar os lampeões. Grosso berreiro: "Arára! Arára! O' caradura!" Impassível, o homem graduava a luz dos belgas, um por um, sem pressa; depois pegava da corda e içava aquela corôa de lampeões acesos, aos goles, até meio mastro.

Rompia a musica. Bem maçante a musica. Dava sono...

Afinal, começava a função e o palhaço entrava como um bolide, rolando ás cambalhotas. Tão engraçado!... O relógio dos fundilhos do calção marcava meio-dia. Na cabeça, inclinado para a orelha, o chapelinho de funil, microscopico. Bastava-lhe ver o palhaço e Lauro desandava a expremar risos sem fim. A cara caiada, as enormes sobranceiras de zarcão, os modos, a roupa, tinha tudo tanta graça...

Mas o melhor eram as micagens e as historias. "Vem cá, sêo cara de burro: quem de vinte tira dois

quanto fica?” O “casaca de ferro” respondia: “Dezoito, naturalmente”. “O’ asno! Fica zero!” O povo estourava de riso — e Lauro com ele...

Vinham depois os trabalhos. Não gostava. O arame, que caceteação! O trapezio, maçante... Mas gostava dos cavalos porque reaparecia o palhaço e mais o Tony.

Oh, como era bom quando havia Tony! A gente estava distraída e de repente *plaf!* Que foi? Foi o Tony que caiu! E cada tombo...

No melhor da festa aparecia um idiota com uma tabuleta: INTERVALO. Era um desmancha-prazeres e porisso objeto de odio. Todos saiam. Ficava só a mulherada. Lauro cochilava, então, e às vezes dormia, recostado na tabua dura. Ao termo dum quarto de hora voltavam todos, e o papai trazia embrulhos de doces, empadas, pasteis.

A pantomima! Era o melhor. *Salteadores da Calabria*, a *Estatua de Carne*...

E a *Maria Borrallheira*? Vira-a duas vezes, e nunca havia de esquecer aquele desfile de figurões historicos — Garibaldi de muletas, o general Deodoro, Napoleão...

Suas recordações estavam em Napoleão, quando Lauro chegou á praça onde zumbia o circo. Reviu a classica barraca, iluminada por dentro, deixando ver, desenhada no pano, a silhueta dos espectadores repimpados nos bancos de cima. Em redor, tabuleiros com lanternas dubias a alumiar as cocadinhas queimadas, os pés-de-moleque, os bombocados; e mulatas gordas ao pé, vendendo; e baús com pasteis, cestas de amendoim torrado, balaies de pinhão cozido. E, grulhantes em torno, os pés-

rapados de bolso vazio, que namoram as cocadas, engulindo em seco, e admiram com respeito os “peitudos” que chegam á bilheteria e malham na tabua um punhado de niqueis, pedindo com entono:

— Uma geral!

O encanto de tudo aquilo, porém, estava morto, tanto é certo que a beleza das coisas não reside nelas, senão em nós.

1900

## Gramatica Viva

Itaoca é uma grande familia com presunção de cidade, expremida entre montanhas, lá nos confins do Judas, precisamente no ponto onde o demo perdeu as botas. Tão isolada vive do resto do mundo, que escapam á compreensão dos forasteiros muitas palavras e locuções de uso local, puros itaoquismos. Entre eles este, que seriamente impressionou um gramatico em transito por ali: *Maria, dá cá o pitol!*

Usado em sentido pejorativo para expressar decepção ou pouco caso, e aplicado ao proprio gramatico, mal descobriram que ele era apenas isso e não “influencia politica”, como o supunham, descreve-se aqui o fato que lhe deu origem. E pede-se perdão aos gramaticões de má morte pelo crime de introduzir a anedota na tão sisuda quão circumspecta ciencia de torturar crianças e ensandecer adultos.

\* \* \*

O reverendo tomou do estojo os velhos oculos de ouro, encavalgou-os no batatão nasal e leu pausadamente a carta do compadre, que dava noticias,

pedia-as, e comunicava a proxima ida para ali do doutor Emerencio do Val, "nosso ministro em Vienna d'Austria, homem de muito saber e distincção de maneiras, um desses diplomatas á antiga, como já os não ha nesta republica que etc. etc.", em viagem de recreio pelo interior, a matar saudades do país.

O reverendo coçou o toitiço com dedos sor-nas, e releu a carta, demorando o pensamento nos trechos que pintavam o alto figurão itinerante, em via de honrar-lhe a casa com a sua nobilissima presença.

Verdade é que dispensava tal honraria, bôa séca á pacatez do seu viver abacial, repartido entre mis-sinhas de cinco mil réis (mais um frango), cachim-badas de muito bom fumo de corda e os pitéus (senão ainda a ternura, como propalavam as más linguas) da otima caseira e afilhada, a Maria Prequeté. Cul-pa toda sua, aliás. Quem lhe mandára a ele possuir a melhor casa de Itaoca e ser, modestia á parte, um homem de luzes notorias, autor de varios acrosticos em latim?

Já d'outra feita hospedara um eloquente inspe-tor agricola e, logo depois, o tal sabio que coleciona-va pedrinhas — grande falta de serviço! Um diplo-mata agora... Ahn! A coisa variava...

Que viesse, respondeu ao compadre, mas que não esperasse encontrar na roça desses "confortos e ex-celencias de vida que é de habito nas grandes terras".

Escrita a resposta, foi o reverendo á cozinha conferenciar com a caseira sobre a hospedagem, e longamente confabularam sobre o pato a sacrifi-car-se (se o patão de peito branco ou aquele mais



novo com que a viuva do João das Bichas lhe pagara a missa, a gatuna!); sobre a toalha de mesa e a roupa de cama; sobre o tratamento a dispensar — Vossa Excelencia, Vossa Senhoria ou Vossa Diplomacia.

Após longo bate-boca, salpicado de injurias em calão e algum latim, assentaram no pato da missa, na toalha de renda e no Vossa Excelencia.

Combinadas estas minucias, uma nuvem de nostalgia ensombrou a nedia cara do reverendo. Os olhos penduraram-se-lhe no vago, saudosos, e de lá só desciam para envolver, com ternura viciosa, o velho pito de barro que lhe fedia na mão.

Notou a Prequeté aquelas sombras, e:

— Acorda, boi sonso! A mó'que está ervado?...

O reverendo abriu-se. Era o pito. Eram já saudades do velho pito... Pois não ia privar-se desse amigo de tantos anos durante a estadia do “empata”? Tinha educação. Não queria impressionar mal a um homem de rara distinção de maneiras. E o pito, se é bom, é também plebeu e, mais que plebeu, chulo.

Reconhecia-o, reconhecia-o...

Entretanto, tres, quatro dias — sabia lá a quantos iria a séca? — de abstenção forçada, sem que a boca sentisse o bendito conctato do saboroso canudo amarelo de sarro?... Doloroso...

E o reverendo sorveu com delicia uma boforada maciça. Tragou-a. Depois, recostada a cabeça ao espaldar, semi-cerrados os olhos, semi-aberta a boca, deixou-se fumegar gostosamente, como piúca de queimada. Coisas boas da vida!...

Mas, que remedio? O homem fôra diplomata e em Viena d'Autria! Confabulara com arquidukes e cardeais. Homem de requintes, portanto. Era forçoso transigir com o pito, o rico pito, aquele amor de pito. Sim, porque a dignidade do clero antes de tudo! Lá isso...

\* \* \*

Uma semana depois nova carta anunciava que "o tal das Europas" em tal data repontaria por ali.

Grande alvoroço de saia e batina. A Prequeté arregaçou as mangas — braços á Machado de Assis tinha a morena! — e pôs de pernas para o ar a casa. Varreu, esfregou, escovou tudo, demoliu teias de aranha, limpou o vidro do lampeão, matou o pato e desfez com decoada os muitos pingos de gema d'ovo que constelavam a batina do padrinho.

— Arre! que até parece uma gemada! reguingou ela, entre repreensiva e caçoista. Depois, relanceando-lhe o olhar pelo alto da cabeça:

— Chi!... A corôa está que é uma tapéra! exclamou.

E, expedita, *zas!*, *zas!*, deu nela uma alimpa de tesoura.

— E o breviario? inquiriu de subito o padre.

Andava de muito tempo sumido, o raio do livro; procura que procura, descobrem-no afinal no quarto dos badulaques, feito calço d'uma comoda capenga. A Prequeté — maravilhosa caseira! — com uma dedada de banha pô-lo escorreito e envernizado, a fingir com tanta perfeição uso diario que nem Deus desconfiaria da marosca,

— Que mais? disse ela depois, plantando-se á distancia para uma vista de conjunto no seu restaurado padrinho. E como d'alto abaixo tudo estivesse a contento: Está mesmo *pshutt!*, concluiu, brejeira, borrifando-lhe por cima um chuvilho d'Agua Florida, para disfarçar o ranço.

Ficou o padre um amor de reverendo, liso e bem amanhado como conego de oleografia. Ele proprio o reconheceu ao espelho e, nadando nas delicias daquele carinho sem par — e muito agradável a Deus, pois não! — sorriu-se babosamente, acariciando-a no queixo:

— Esta marota!

\* \* \*

Conclusa a arrumação, da corôa do padre á cozinha, postou-se a Prequeté de vigia á janela, indagando os extremos da rua, enquanto o reverendo, lindo como no dia da sua primeira missa, passeava pela saleta a chupar as derradeiras cachimbadas.

Subito,

— “Evem” vindo o *reis!* — exclamou a atalaia.

O reverendo meteu o pito na gaveta, passou a mão no breviario e assumindo cara de circumstancia rumou para a porta da rua. Instantes depois defrontava-o um cavaleiro. O padre correu a segurar-lhe a redea e o estribo.

— Queira apear-se V. Excia., que esta choupna é de V. Excia.. Sou o padre vigario de Itaoca, humilde servo de V. Excia.

O diplomata, como que ressabiado com tão respeitosa acolhida, deixou-se descavalgar. Mas sem

garbo, esquadão e réles, como aí um pulha qualquer.

Entrou.

Trocaram-se rapapés, palacianos da parte do reverendo, mal achavascados (quem o diria?) da parte do cortezão que conversara arquiduques e cardeais. Houve etiquetas revividas, sempre claudicantes do lado diplomatico. Houve cerimonia.

Mas o doutor não era positivamente o que se esperava. Já no fisico desiludia. Em vez d'uma fina figura de mundano, saíra-lhes um magrela de barba recrescida, roupa surrada, chambão e alvar. Enfim, pensou lá consigo o reverendo, o habito não faz o monge. Quem sabe, sob aquelas apparencias vulgares, e talvez rebuscadas, não luzia o espirito de um Talleyrand ou as manhas d'um Metternich?

Foram para a mesa e no decurso do jantar accentuou-se a desilusão. O homem comia com a faca, baforava no copo, chupava os dentes. Um puro pai-da-vida.

Observando-o por cima dos oculos, o reverendo piscava para a caseira, que, da cozinha, pela fresta da porta, torcia o nariz á pífia excelencia excursionista. Ao trincar o pato, desastre. O doutor deixou cair no chão um osso, que logo apanhou, muito encalistrado. Depois, ás voltas com a asa do palmipede, falseou-se-lhe a faca, resultando espirrar-lhe á cara um chuvisco de arroz. A Prequeté por sua vez espirrou lá dentro uma risadinha de mofa, acompanhada dum mortificante — *ché!*...

O reverendo entrou-se de duvidas. Era lá possível que o doutor Emerencio do Val fosse um estuportor daqueles?

A' sobremessa caiu a conversa sobre a politica, e o doutor desmanchou-se em bobagens graudas. Enquanto asneava, o padre ia matutando lá consigo:

— E eu com cerimoniaes, e eu com bobices, e eu querendo até privar-me do pito por amor a um cretino destes! Fumo-lhe nas ventas, e já!

Nisto veio o café. Enquanto o ingeriam, o doutor entrou a falar de remedios, farmacias e projetos de estabelecimento.

O reverendo, decifrando o misterio, deteve a chibata no ar.

— Mas... mas então o senhor...

— Sou pharmaceutico, e vim estudar a localidade a ver se é possivel montar aqui uma botica. Portei em sua casa porque...

O padre mudou de cara.

— Então não é o doutor Emerencio, o diplomata?

— Não tenho diploma, não, senhor, sou pharmaceutico pratico...

O padre sorveu d'um trago o café e refloriu a cara de todos os sorrisos da beatitude; desabotoou a batina, atirou com os pés para cima da mesa, expeliu um suculento arrôto de bemaventurança e berrou para a cosinha:

— Maria, dá cá o pito!

## Pedro Pichorra

Quem dobra o morro da Samambaia, com a vista saturada pela verdura monotona, espairose na Grota Fria, ao dar de chapa com uma sitioca pitoresca. E passa levando nos olhos a impressão daquela sepia afogada em campo verde: Casebre de palha, terreirinho de chão limpo, mastro de Santo Antonio com os desenhos já escorridos pela chuva e a bandeira rota trapejante ao vento. Dois mamoeiros no quintal, apinhados de frutos; canteiros de esporinhas com periquito em redor e mangericões entreverados. Um pé de girasol, magro e desenxabido, a sopesar no alto a rodela côr de canario; laranjeiras semi-mortas sob o toucado da erva-de-passarinho.

Nos fundos da casa vê-se o lavadouro, descoivorado apenas, num poço onde o corgo rebrilha tres palmos d'agua. Sobre um tabuão emborcado a meio, lá está batendo roupa a Marianinha Pichorra, mulher do Pedro Pichorra, mãe de nove Pichorrinhas. E' ali o sitio dos Pichorras — e até a Grota Funda já é conhecida por Fundão da Pichorrada.

\* \* \*

Por que os antigos Pereiras de Sousa, do Barro Branco, vieram a chamar-se Pichorras?

E' toda uma historia.

Pedrinho ia nos onze anos. Já se destabocára e já preferia, em materia de fumo, o forte, bem melado. Na vespera realizara o sonho de toda criança da roça — a faca de ponta. Dera-lh'a o pai, como um diploma de virilidade.

— Menino, d'ora em diante você é homem. Agredido, não gritará por gente grande; é mão na faca, pé atrás e corisco nos olhos.

Não lhe falou assim o pai, mas leu Pedrinho essa fala na lamina rebrilhante. Por isso irradiava d'orgulho, imaginando pegas, aloites, tempo-quentes e tocaias onde a "sardinha" alumiasse.

O pai, áquel'hora de pé na soleira da porta, asuntava o ceu. Viu que chover não chovia — e

Pedrinho! gritou para os fundos.

— Pai?

— Vá pegar a egua.

O menino passou mão do cobresto e mergulhou no pasto. Minutos depois repontava trotando em pelo a Serena, egua velha, de muita barriga mas aguentadeira.

— Dê milho, do mole, e arreie.

O pequeno debulhou duas espigas no embornal e, enquanto a egua mascava o lambisco, alisou-a, ajeitou-lhe no lombo pisado um saco velho, depois a carona, o lombilho, o pelego.

— Não coche demais a barrigueira. Tem potrinho.

O menino folgou dois dedos o arrocho e esperou um bocado, enrolando o cigarrinho, até que a Sereena parasse de mastigar. Por fim, arrumou o freio e montou.

— Agora você vai no sitio do Nheco e diz p'r'a-quele tranca que dou o capadete pelos vinte e cinco mil réis.

Pedrinho abriu cara de quem extranhava a ordem.

— Sózinho?

— Ué! E a faca, então? Não é “companheiro”?

O argumento valeu. Pedrinho, sem mais palavra, deu redea e, *lepte! lepte!* arrancou estrada afora.

O pai, alisando maquinalmente um palhão de milho, acompanhou-o com os olhos até perde-lo de vista na primeira curva. Depois monologou:

— “Sózinho?” Ué! Até quando? Precisa acostumar. Onze anos. E' homem. Eu com dez varava sertão.

Pedrinho trotava pela fita vermelha do caminho, sobe e desce morro, quebra á direita, á esquerda, *pac, pac, pac...* Ia pensando na volta. Teria tempo de transpor a figueira antes do escurecer? A figueira... Passavam-se ali coisas do arco da velha. Pela meia noite — diziam — o capeta juntava sua côrte inteira debaixo dela para pinoteamento de um samba infernal. Os sacis marinhavam galhos acima em cata de figuinhos, que disputavam aos morcegos. E os lobishomens, então? Vinham aos centos foci-nhar o esterco das corujas. Almas penadas, isso nem era bom falar! Quando o Quincas da Estiva conta-



va casos da figueira, não havia chapéu que parasse na cabeça.

Mas de dia, nada; passarinhada miuda só, a debicar frutinhas. Foi o que o menino viu naquela tarde ao cruzar com a figueira. Mesmo assim passou rápido e encolhidinho — por via das duvidas.

Chegou ao Nheco inda com sol e deu o recado.

Nheco, marotissimo, coçou o cabelo de milho da barbica e embromou:

— Pois não. Mas... “não vê” que o toicinho baixou. De Minas tem descido um “poder” de capadaria que mete medo. De sorte que você diga p'r'o pai que nestes “causos” eu não sustento o trato. Se ele quiser vinte e tres mil réis... Diga assim, ouviu? Vinte e tres, ouviu?

Pedrinho desandou para trás, pensando consigo: “Safado!” E veio todo o caminho absorvido em xingar mentalmente o aproveitador.

Ao defrontar com a figueira o medo agarrou-o. Escurecia. A luz do ceu estava morrendo, palida no alto, laranja esmaiada no poente. Por felicidade cruzaria a figueira antes da noite. Fechou os olhos, conjurou o encardido Santo Antonio da familia e transpôs dum galão o passo perigoso.

— Arre!... exclamou com desabafo, olhando para trás e vendo a arvore maldita diminuir de porte. E *pac, pac, pac*, estrada em fora, rumo ao sitio paterno.

Mas escureceu e, já perto de casa, vai senão quando a egua empina a orelha e passarinha.

— Egua velha passarinhou é saci! — sugeriu dentro dele o medo. E o menino, retranzido, viu de

repente, no barranco, um saci de braços espichados, barrigudo, *“com um olho de fogo que passeava pelo corpo”*.

— Nossa Senhora da Conceição, valei-me!

Assustado por aquele berro, o “olho do saci voou pelo ar, piscando”...

.....

Pedrinho bateu em casa de cabelos em pé, olhos saltados. Agarrou-se com o pai, tremulo, sem fala. A custo desfez o nó da lingua.

— O saci, pai!...

— ?

— ... P’ra cá da figueira... na curva... Barrigudinho... preto...

O pai deu-lhe agua na cuia.

— Sossegue um pouco, menino.

E depois d’uma pausa:

— Você está bobeando, Pedrinho. Não ha saci destas bandas.

— Juro, pai! Por Deus do Céu que vi.

E contou a viagem por miudo, até á aparição.

— Altinho? Pretinho? indagou o pai.

— Pretinho era, mas chatola, barrigudo, assim que nem pichorra grande.

— Então não é saci, concluiu o velho, entendidissimo em demonologia rural. E depois:

— Fedeu enxofre?

— Não.

— ’ssobiou?

— Não.

— Mexeu do lugar?

— Não. Só o olho. O olho andava e voava.

O caboclo refletiu um bocado, até que por fim uma ideia lhe iluminou a cara.

— Onde foi isso — pr'a cá do corguinho?

— E'...

— No barranco?

— E'...

— O olho andou e depois voou, piscando?

— Tal e qual...

— E o corpo ficou parado?

— Isso mesmo...

O velho clareou a cara e, desmanchando as rugas da testa, disse, rindo:

— O que mais não se aprende neste mundo!... Sabe o que você viu, menino? Você viu o saci pichorra...

E mudando de tom, depois de refletir durante um par de minutos:

— “Quedele” a faca?

— P'ra quê? perguntou o menino, desconfiado.

— Deixe ver, dê cá a faca.

Pegou dela e pôl-a á cinta. E, rispido:

— Vá dormir.

Pedrinho, compreendendo a degradação, ergueu-se com lágrimas nos olhos.

— E a faca?

— Fica comigo. P'ra você, porquerinha, é canivete marca anzol, ainda.

E com infinita ironia:

— Vá dormir, Pedro... Pichorra!...

O menino recolheu-se, sacudido de soluços. O velho pegou do borralho um tição para acender na brasa viva o cigarro. Baforou uma fumaça com o

pensamento no falecido sogro, Chico Vira, o caboclo mais poltrão da Estiva.

— Por quem havia de puxar o Pedrinho, pelo Chico Vira...

E assim o rebento masculino dos Pereiras do Barro Banco virou, por troça do proprio pai, o tronco duma nova familia, essa Pichorrada que hoje põe a nota sepia da sitioca na verdura da Samambaia. Tudo porque a velha Miquelina havia deixado naquele dia a pichorra d'agua a refrescar ao relento, á beira do barranco, e um vagalume-guassú pousara nela por acaso, justamente quando o menino ia passando...

1910.

## O “Resto de Onça”

— Leram o conto de Alberto Pessegueiro?

— O imortal?

— Sim.

— Perdemos alguma coisa?

— Não perderam coisa nenhuma, que aquilo é maçador. Confesso que bocejei de enfado e, consoante velho costume, passei-o á minha cozinheira, velha mulata sabidissima, parenta da cozinheira de Molière.

— “Josefa, lê-me isto e bota opinião.

A excelente criatura lavou as munhecas, diminuiu o gás ao fogão, acavalou no nariz os olhos através de cujos vidros costuma coar-se-lhe para o cerebro todo o rodapé dos jornais e albertizou-se durante meia hora. Ao cabo, veio ter comigo.

— “Pronto, sinhôzinho, está lido.

— “E que tal?

Josefa tem um maravilhoso paladar quituteiro. Seus tutús com torresmo, o picadinho que ela faz, as moquecas!... São purissimas obras de arte capazes de re-matar de inveja ao proprio Vatel, se Vatel aca-

so ressuscitasse. Pois bem: o mesmo genio que a Zefa demonstra na confeição de uma obra prima culinaria, revela-o no julgamento das coisas de literatura. Tem o faro, que não falha, do rato, o qual, entre cem queijos, escolhe sempre o melhor. Por essa razão, quando me sinto em duvidas apelo para o seu juizo intuitivo, e acato-lhe a sentença como emanada da propria Minerva.

— “Então, Zefa? insisti.

Ela refranziu os labios num muxoxo.

— “Não fede, nem cheira, disse; é virado de feijão velho mexido com farinha mal-torrada. Falta sal, tem gordura demais — parece comida feita por menina da Escola Normal, concluiu, com sorriso de veterano ao ouvir falar em proezas de recruta.

— “Mas, Zefa, que diz o homem, afinal de contas?

— “Não diz nada; engrola, engrola, vai p’ra lá, vem p’ra cá, e a gente fica na mesma. E’ dos tais perobinhas da miuda que outro dia mecê chamou... como é mesmo?... pici... pici.

— “... cologos, psicologos. Os homens dos estados d’alma. Penso como você, Josefa. Quero conto que conte coisas; conto d’onde eu saia podendo contar a um amigo o que aconteceu, como o fulano morreu, se a menina casou, se o mau foi enforcado ou não. Contos, em suma, como os de Maupassant ou Kipling...

— “Ou de são Cornelio Pires...

— “Perfeitamente, do Cornelio, do Artur Azevedo, contos onde haja drama, comedia ou, pelo menos, uma anedota original. Mas estas pretensiosas

aguas panadas, este fantasiar por paginas e paginas sem lance que arrepie os cabelos ou repuxe musculos faciais, esta gelatina insossa da Academia de Letras de Itaoca...

Josefa, quando lhe falam na Academia de Itaoca, regala-se toda, e toda se expande em risos. Ficou assim desde que leu a *Condessa Felisberta* e varias imortalices quejandas.

— “E então este sêo Alberto tambem é imortal, dos tais que escrevem homem sem h? (1)

— “E’, Zefa, é imortal vitalicio, com patente e direito de podar os *h h* da lingua e comer o *s* da ciencia, e — o que é peor — com privilegio de maçar a humanidade com sornices pacovias, que só não engolem criaturas como tu, sãs de paladar e sinceridade.

\* \* \*

E a conversa recaiu sobre contos. Disse um da roda:

— Contos andam aí aos pontapés, a questão é saber apanha-los. Não ha sujeito que não tenha na memoria uma duzia de arcabouços magnificos, aos quais, para virarem obra d’arte, só falta o vestuario da forma, bem cortado, bem cosido, com pronomes bem colocadinhos. Querem vocês a prova? Vou arrancar um conto ao primeiro conhecido que entrar.

E pusemo-nos de tocaia.

Não tardou muito, surge o Cesar.

---

1) Ainda não se sonhava com a oficialização da ortografia simplificada...

— Viva! Fazia-te ainda no sertão, homem! comecei eu.

— Pois estou cá. Cheguei hontem, refeito, oxigenado, reverdecido de alma e corpo. Que delicia o sertão!

— Muita caçada?

— Dez queixadas, tres onças... E, por falar — já ouviram vocês a historia do “Resto de Onça”?

— “Resto de Onça”?! exclamamos, aparvalhados.

Cesar gosou o nosso espanto. Depois narrou.

— Estavamos organizando uma batida ás onças. Quem tudo dirigia era lá o meu capataz, Quim da Peroba, o mais terrivel caçador das redondezas. Quando é ele quem dirige o serviço, a bicharia sofre destroço pela certa, tão habil se mostra na escolha dos companheiros, dos cães e das disposições estrategicas.

— “Vai, dizia o Quim contando nos dedos, vai o Nico, vai o Péva, vai o “Resto de Onça”...

— “Resto de Onça”? exclamei eu, tão aparvalhado como vocês inda agora. Que diabo de bicho é esse?

Quim sorriu e disse, depois de sacar uma palha:

— “E’ um pedaço de homem; um homem a quem a onça comeu uma parte e que continúa a viver com o resto do corpo. Pois assim mesmo ainda é um cuéra que não troco por tres sujeitos inteiros da cidade. Mecê vai ver.

De fato, vi. Tudo organizado, na vespera da caçada, á tarde, o primeiro a apresentar-se foi “Resto de Onça”.

— “Stardes”,



Era um caboclo chupado, sem o braço direito, sem um olho, sem um pedaço de cara. Horrivel! Uma bochecha fôra lanhada e despegara com parte dos labios e um dos olhos, de modo que aquilo por ali era uma só pavorosa cicatriz, repuxada em varias direções. Entreabriu a camisa: no peito, a mama esquerda, arrancada a unhaços, era outra horrivel cicatriz de arrepiar.

Pedi-lhe que me contasse sua historia. “Resto” não se fez de rogado.

— “Não vê que — foi dizendo — lá na fazenda do coronel Eusebio, na beira do sertão, havia onça que era um castigo. Foi preciso bater nelas, de cachorrada e chumbo, um ano inteiro para livrar o gado. O coronel, tanto lidou que venceu. As que não caíram mortas afundaram para longe. Mas ficou uma. Era uma bela onça pintada, matreira como cachorro do mato. Tinha manhas de negro fujão. Nem mundéu, nem cachorro mestre, nem o Leopoldino Onceiro, que é um cabra-macho para desiludir uma bicha mesquinha, nunca puderam atinar com ela de jeito a barrear a volta do apá com um lote de *paula souza*. Escapava sempre e de birra vinha pegar os porcos no chiqueiro.

Um dia — o coronel estava na mesa almoçando — rebentou uma tormenta no chiqueirão, de trás da casa. Corremos todos: estava a onça ferrada na mais bonita porca da fazenda, já moida com um munhecaço. Corre que corre, grita, atira: — ela escapuliu.

O coronel virou bicho e jurou que seria a ultima vez.

— “Ela volta, disse eu, ela não “deseste” da porca. O melhor é ficar um bom atirador de plantão, dia e noite.”

— “Pois fica você.”

Fiquei na tocaia, escondido, de jeito que a onça não pudesse desconfiar.

Varei a noite de olho aceso: nada. Rompeu a manhã: nada. Eu disse comigo:

— “Agora dou um pulo lá dentro, bebo café e volto.”

Fui; enguli um cafézinho com mistura, depressa, depressa; mas quando voltei... “quedele” a porca? A onça tinha me logrado!...

Quando soube da coisa, o coronel bufou que nem queixada em mundeu.

— “Quim, disse ele, vá juntar gente e cachorrada. Bote um exercito aqui p’ra domingo, e vamos picar de bala essa malvada. Quero ver o couro dela aqui no chão, com seiscentos milhões de diabos!

Eu sai, corri a vizinhança e apalavrei para domingo tudo quanto era espingarda, foice e cachorro de cinco leguas de roda.

Chegado o momento, começou uma batida em regra.

Tudo corria bem, senão quando, de repente, *áu!* *áu!*, o meu Brinquinho — conheci a voz! — acuou primeiro de todos. E logo a cachorrada inteira, uns cinquenta — *áu! áu! áu!* — musica de arrepiar a gente. Ah, moço, que festa foi esse dia! A bicha de cada tapa esmigalhava um cão... Ia parando na carreira, de tocaia atrás dos troncos e mal o cachorro dianteiro fronteava, ela, *baf!* tripa de fóra! Um castigo.

Já levára um tiro, mas nem conta fez; e, assim, fugindo, ia arrazando os cachorros onceiros. Eu corria na frente, seco por ganhar a gloria da caçada, e por via disso me distanciei dos companheiros. De re-

pente, sem ver nada, *paf!* um manotaço de unha na cara me pinchou de costas no chão; um corpo caiu sentado em cima de mim. Ah, mundo! Que luta aquela! Eu, c'os braços, só defendia a cara, que se a onça me aboca era o fim; e como a espingarda me ficasse debaixo do corpo, minha porfia era passar a unha nela.

O que me salvou foi a coragem do Brinquinho. Como os caçadores e os outros cães ainda não tivessem chegado, só ele me ajudava, latindo com desespero e ferrando o dente nos trazeiros da féra. A cada dentada a onça se voltava para estapear o cachorro, que fugia — que fugia para atacar de novo, logo que a onça virava a cara pr'a mim.

Tudo isto que eu levo agora um tempão contando se passou num corisco de minuto. Lá em certo momento pude alcançar a faca — faquinha atôa de matar porco. Saquei a faca e casquei no pescoço da bicha. Quem disse enterrar? Vergou, a porquêra, como se fosse de lata, sem calar nem a pontinha! Me vi perdido. “Férra, Brinquinho!” Aquela pessoa de quatro pés, com uma coragem louca, zás! outra dentada. A onça me folgou, e eu vi romper do mato o primeiro caçador. Era justamente meu sogro.

— “Atira, nho Vadô! gritei.

Que atirar nada! O raio do maleiteiro ficou tão estuporado de me ver na goela da onça, que estarrecu no lugar.

— “Atira, nho Vadô!

Que, nada! Nisto houve jeito d'eu desentalar a espingarda e entrouxar o cano na boca da onça. Estrondei o tiro; a bicha moleou de banda.

Eu estava em pedaços, mas não sentia dôr nenhuma. Só me lembro que, ainda no chão, puxei a espingarda de dentro da boca da onça, virei o cano p'r'o lado do meu sogro e sapequei nele o segundo tiro, junto com um nome ofensivo á defunta avó da minha mulher, Deus que me perdôe! De "reiva"... Depois veio a dôr e perdi os sentidos.

"Resto de Onça" tomou folego.

— "E fiquei assim. O braço direito, sem carne, sem osso inteiro, foi preciso o medico cortar c'a serra; a cara e o peito foram sarando e fiquei assim, resto de onça, caco de gente, mas homem ainda p'ra escorar o diabo!"

\* \* \*

— Então, que lhes dizia eu? comentou, voltando-se para os companheiros, o que prometera extrair um conto do primeiro conhecido que passasse.

— Sim — retrucou o ranzinza do grupo — mas não é bem um conto, não passa dum caso, duma anedota de caçador.

— Está enganado. Tem todas as qualidades do conto e tem a principal: poder ser contado adiante, de modo a interessar por um momento o auditorio.

Dê ao fato forma literaria, umas pitadas de descritivo, pronomes p'r'ali, uns enfeites pimpões e, pronto! — vira conto dos autenticos, dos que não sécam a paciencia da humanidade com a arqui-maçadora psicologia do sr. Alberto Pessegueiro...

1923

## O Romance do Chopim

Ouvíamos no cinema a musica precursora da primeira fita, quando entrou na sala um curioso casal. Ela, feiarrona, na idade em que a natureza começa a recolher uma a uma todas as graças da mocidade, como a lavadeira recolhe as roupas do varal. Tirara-lhe já a frescura da pele e o viço da côr, deixando-lhe em troca as sardas e os primeiros pés-de-galinha. Tirara-lhe também os flexuosos meneios do corpo, a garridice amavel, os tiques todos que, somados, formam essa teia de sedução feminina onde se enreda o homem para proveito multiplicativo da especie. Quasi gorda, as linhas do rosto entravam a perder-se num empaste balofo. Certa pinta da face, mimo que aos dezoito anos inspiraria sonetos, virara verruga, com um sordido fio de cabelo no pincaro. No nariz amarelecido cavalgava o *pince-nez* classico da professora que se preza. Em materia de vestuario, suas roupas escuriças, mais atentas á comodidade do que á elegancia, denunciavam a transição do “moda” para o “fóra da moda”.

Ele, bem mais moço, tinha um ar vexado e submisso de “coisa humana”, em singular contraste com

o ar mandão da companhia. O estranho do casal residia sobretudo nisso, no ar de cada um, senhoril do lado fraco, servil do lado forte. Inquilino e senhorio; quem manda e quem obedece; quem dá e quem recebe. Ela falava d'alto; ele ouvia de baixo e mansinho; caso evidente em que cantava a galinha e o galo chocava os pintos.

Meu amigo apontou o homem com o beijo e murmurou:

— Um chopim.

— Chopim? repeti interrogativamente, estranhando a palavra que ouvia pela primeira vez.

— Quer dizer, *marido de professora*. O povo al-cunha-os desse modo por analogia com o passari-nho preto que vive á custa do tico-tico. Conheces?

Lembrei-me da cena tão comum em nossos campos, do tico-tico a pagear um graúdo filhote de chopim, e pus-me a observar o casal com maior interesse, mórmente depois de começada a fita, relissima salganhada francesa. Já eles não tiravam os olhos da tela, salvo o marido, que para ouvir melhor algum comentario da esposa não se limitava a dar-lhe ouvidos, dava-lhe olhos também.

— Os chopins, prosseguiu o meu cicerone, são homens falhos, *ratés* da virilidade — a moral, está claro, que a outra lhes é indispensavel para o bom desempenho do cargo.

— Cargo?

— Cargo, sim. Eles desempenham o cargo importantissimo de *maridos*. Em troca, as esposas ganham-lhe a vida e dirigem os negocios do casal, desempenhando todos os papeis normalmente attribuidos aos machos. Tais mulheres apenas fazem aos maridos a concessão suprema de engravidarem por

obra deles, já que lhes é impossível a revogação de certas leis naturais.

Quando a mulher vai á escola, fica o chopim em casa cocando os filhos, arrumando a sala ou mexendo a marmelada. Ha sempre para eles uma recomendaçãozinha á hora da saida para a aula.

— As vidraças da frente estão muito feias. Você, hoje, quando as Moreiras saírem, passe um pano com gesso. (As Moreiras são as vizinhas da frente).

O chopim acostuma-se á submissão e acaba usando em casa as saias velhas da mulher, para economia de calças.

— Para aí, homem de Deus! Do contrario acabas contando a historia de um que chegou a dar á luz um creanço!...

A fita chegára ao fim. Surgiu o galo vermelho da *Pathé*, que boleou o pescoço num *có-ri-có-có* mudo e sumiu-se para dar lugar ao reacender das lampadas.

A mulher ergueu-se, espanejou-se e saiu, seguida do chopim solícito. Acompanhamo-los de perto, estudando o caso, e na rua, depois que os perdemos de vista, o meu amigo retomou o assunto.

— Em materia de chopins conheço um caso interessante, que seguí desde os primórdios.

Eduardinho Tavares, filho de tio e sobrinha, nasceu sem tara aparente, a não ser uma extrema duvidade de carater, uma timidez de menina — de menina do tempo em que a timidez nas meninas era moda. Especie de criatura intermediaria entre os dois sexos.

Em criança brincava de boneca, de preferencia ás nossas touradas, ao jogo dos “caviunas”, ao “pe-

gador". Em meninote, enquanto os da sua idade descaideiravam gatos pela rua, lia Paulo e Virginia á sombra das mangueiras, chorando sentidas lagrimas nos lances lacrimogenios.

Fomos colegas de escola, e lembro-me que um dia lá nos apareceu Eduardo com um papagaio de missanga verde, obra sua. Eu, estouvadão de marca, ri-me d'aquilo e escangalhei com a prenda, enquanto o maricas, abrindo uma bocarra de urutáu, rompia num chôro descompassado, como choram mulheres. Irritado, dei-lhe valentes cachações. Eduardo não reagiu; acovardou-se, humilhou-se e acabou feito o meu carneirinho. Só procurava a mim dentre cem companheiros. Acamaradamo-nos daí por diante, o que me não impediu de o fazer armazem de pancadas. Por qualquer coisinha, uma cacholeta. Ele ria-se, meigo, e cada vez mais me rentava. Pus-lhe o apelido de Maricota. Não se zangou, gostou até, confessando achar mais graça nesse nome do que no seu.

Hoje eu estudaria esse tipo á luz de Freud, como caso devéras notavel; naquele tempo feliz de sadia ingenuidade, limitava-me a tirar partido da sua submissão, transformando-o em peteca, em escravo, em coisa de que a gente põe e dispõe.

Fora do collegio continuamos camaradas, de modo que pude acompanhá-lo por um bom pedaço da vida afora. Nunca perdeu a timidez donzelesca. Fugia ás meninas, sobretudo se eram romanticas, ou acentuadamente mulheris — o meu genero.

Fez-se misogino.

Por essas alturas casei-me — casei-me com a moça mais feminina da epoca, uma romantica escapulida a Eschrich, dessas que têm medo ás baratas



e caem de fanico se um rato lhes corre pela sala — o meu genero, enfim.

Eduardo permaneceu solteiro, sempre ás sopas do pai, até que este morreu e lhe deixou de herança uns predios, mais uns titulos. Sem tino comercial, passaram-lhe a perna, comeram-lhe casas e apolices; quando o pobre rapaz abriu os olhos estava a nenhum. Recorrendo a mim para um bom conselho de arrumação de vida, vi que não dava para coisa nenhuma — e receitei-lhe casorio.

— Casa-te. Incapaz de ação como és, tua saida unica se resume em tirar partido da tua qualidade de macho. Casa com moça rica, ou, então, com mulher trabalhadeira.

Nada valeu o conselho. Eduardo não tinha jeito para requestrar mãos femininas, quer bem aneladas, quer muito calejadas. Embaraçava-o a irreduzível timidez.

Mas o diabo as arma.

Um belo dia appareceu na terra uma professora nova, mais ou menos ao molde desta de ha pouco. Tipo de mulheração mascula, angulosa, ar energico, autoritaria. Gostava de discutir politica, entendia de cavalos, lia jornais, tinha idéias sobre a seca do Ceará e o saneamento dos sertões. Apesar de bem conservada, andava perto dos quarenta, não fazendo nenhum misterio disso. Se não casára até então, não é que fosse infensa ao matrimonio: — não achara ainda o seu tipo d'homem, dizia.

Pois não é que o raio da pedagoga vê Eduardo e se engraça d'ele? Examina-o fulminantemente, como quem examina um cavallo; mira-o d'alto abaixo, interpela-o, dá-lhe balanço ás ideias e aos sentimen-

tos, pesa-lhe o valor monetario, pede-lhe, ou antes, toma-lhe a mão, leva-o á igreja e casa-o consigo.

Foi um relampago tudo aquilo. Em tres tempos namorado, noivado, casado e metido no gineceu, o pobre moço, quando abriu os olhos, estava chopim por todo o sempre.

Dona Zenobia sabia avir-se com a vida. Ganhava-a folgadoamente. Além da escola particular que dirigia, tinha a juros um pequeno capital que não cessava de crescer, colocado a quatro e cinco por cento ao mês, sob garantias de toda ordem. Casada, continuou á testa dos negocios; o marido, se apparecia nominalmente nalguma transação, era proforma.

Encaramujado em casa da professora, Eduardinho foi sonegado ao mundo e o mundo acabou esquecendo Eduardinho. Nunca mais o viram na rua, ou nas festas, sem ser pelo braço da mulher, na attitude encolhida daquele chopim do cinema.

Um filho nasceu-lhes nesse entretempo, e começa aqui o mais engraçado da comedia.

A tantas, dona Zenobia deu de gabar as qualidades artisticas do esposo. Eduardo era um grande talento literario, capaz de obras deveras notaveis.

— Vocês, dizia ela ás professoras do collegio, não sabem que tesouro perderam. Eduardo saiu-me uma verdadeira revelação. E' dessas criaturas privilegiadas que possuem o dom divino da arte, mas que ás vezes passam a vida inteira sem se revelarem a si proprios. Aqueles seus modos, aquela timidez: genio puro, minhas amigas! Vocês hão de ve-lo um dia apparecer qual meteoro, alcançar a gloria e cair como um bolide dentro da Academia. Está escrevendo um romance que é um suquinho! Lindo, lindo!...

Esse romance levou meses a compôr-se. Todos os dias, no quarto de hora de folga que juntava as professoras na saleta de espera, dona Zenobia vinha com noticias da obra.

— Está ficando que dá gosto! O capitulo acabado esta manhã parece uma coisa do outro mundo!

E desfiava o enredo. Era o caso d'um moço loucamente apaixonado por uma donzela de cabelos loiros e olhos azues. A primeira parte do romance ia toda na pintura desse amor, lindo como não havia outro, puro poema em prosa. E dona Zenobia revirava os olhos, em extase.

As outras professoras acabaram por interessar-se a fundo pelo romance de Eduardo — *Nupcias Fatais*, o qual virára folhetim vocalizado aos pedacinhos, dia a dia, pela pitoresca dona Zenobia.

A noticia correu pela cidade e isso acabou reabilitando Eduardo da sua fama de Zé-faz-fôrmas, pax-vobis e mais apelidos deprimentes de que é fértil o povo.

— Como a gente se engana! diziam; parecia uma lesma de pernas, ninguém dava nada por ele e no entanto é um romancista!...

As professoras davam á tréla e o enredo das *Nupcias Fatais* corria de boca em boca pela cidade, os lances de efeito gabados, com citação das melhores tiradas. *O Popular*, noticiando o aniversario do moço, consagrou-o — “festejado homem de letras”.

D. Zenobia sabia dosar a naração de modo a manter as professoras suspensas nos lances mais comoventes. Houve um trecho que as pôs palidas de espanto. Era assim: Lucia fôra pedida pelo rival de Lauro, o galã infeliz. O pai de Lucia e toda a familia queriam o casamento, porque o monstro era ri-

quissimo, tinha casa em Paris, hiate de recreio e um titulo de conde prometido pelo Papa. Já o triste do Lauro, coitado, para cumulo de desgraça perdera uma demanda e estava mais pobre que Job. As cartas em que ele contava isso a Lucia eram de chorar! Todos contra o misero e tudo a favor do monstro...

O pai fizera uma cena horrivel.

— “Antes ver-te morta do que ligada a esse miseravel... poeta!”

E a coitadinha, alanceada no mais dolorido do coração, doida de amor, chorava noite e dia, encerrada no fundo de escura cela.

— Pobre martir! exclamavam com um nó na garganta as compassivas professoras. Por que não ha de sair a sorte grande para um desditoso destes? Peça ao seu marido, dona Zenobia, que lhe faça sair a sorte, sim?

— Não póde. Prejudicaria o desfecho e, demais, não é estetico, respondeu preciosamente dona Zenobia.

E assim corria o tempo.

O romance era á moda antiga, em varios volumes, sistema *Rocambole*. Já tinha acontecido o diabo. A moça fugira de casa, raptada em noite de tempestade pelo cavaleiro gentil; mas o dinheiro do monstro vencia tudo: foram presos e encarcerados, ela num convento, ele num calabouço infecto.

Mas quem póde vencer o amor? O cavaleiro conseguiu, iludindo os guardas, abrir um subterraneo que ia ter ao convento. Que tarefa ingente! Como as professoras deliraram acompanhando a obra desesperada do homem-toupeira, a escavar com as unhas em sangue a terra fria!

Venceu, porém; alcançou o pavimento da cela onde Lucia chorava de amor e conseguiu falar-lhe. Que lance este, quando Lucia percebe o estranho murmúrio da voz subterranea que a chamava! Era a redenção, afinal!

Entendem-se e combinam a fuga. Um barqueiro espera-los-ia em tal lugar, á meia noite, etc., etc.

Dona Zenobia parava nos trechos mais empolgantes, deixando a assembleia ora em lagrimas, ora em arroubos de indizível extase. A's vezes, quando estava de saia preta, em seus dias de azedume, não adiantava a novela de um passo sequer.

— Hoje, descanso. Eduardo está com um pouco de dôr de cabeça e não escreveu uma linha.

As professoras ficavam pensativas. . .

Chegou por fim o dia da fuga, ponto culminante da obra. Dona Zenobia, perita na arte de armar efeitos, annunciou-o de vespera.

— E' amanhã, o grande dia!

— Mas escapam, dona Zenobia? indagou uma torturada do romantismo, com a mão no seio palpitante.

— Não sei. . .

— Pelo amor de Deus, dona Zenobia!! Eu não posso mais!! Se o monstro ganha a partida mais esta vez, diga logo, porque eu tiro umas ferias e vou para a roça esquecer este maldito romance que já me está deixando historica.

— Paciencia, filha! Como posso saber o que lá se passa na imaginação do artista?

— Mas peça a ele, peça por nós todas, que desta vez não deixe os espiões do monstro descobrirem os fujitivos. Pelo menos agora. Mais tarde vá, mas



agora eles precisam de uns meses de recompensa. Arre, que também é demais!!...

No dia seguinte dona Zenobia apareceu sorridente. As professoras ansiosas, ao vê-la assim, criaram alma nova.

— Então? exclamaram palpitantes.

Dona Zenobia fez um muxoxo.

— Esperem lá. A coisa não vai a matar. Eduardo neste momento atinge o ponto culminante da obra. Deixei-o com o olhar em fogo — o fogo da inspiração! — os cabelos revoltos, a cabeça febril. E' o momento supremo do *fiat!* Toda obra depende deste fecho de abobada. Como a solução do caso vem das profundas do subconsciente estético, e ainda não viera até a hora de eu sair, pedi-lhe que me comunicasse o resultado pelo telefone. Esperemos...

As moças puseram os olhos no céu e as mãos no peito.

— Meu Deus! disse uma. Estou com o coração aos pinotes! Se Lauro é preso, se os emboscados o matam... O monstro é capaz de tudo!

Nisto, vibrou a campainha do telefone. Dona Zenobia piscou para as amigas estarecidas e foi atender.

Ficaram todas no ar, imóveis, trocando olhares de interrogação, enquanto no compartimento vizinho dona Zenobia conversava com o grande artista.

— “Ele não pára de chorar, Zenobia. A meu ver é colica o que ele tem. Desde que você saiu está que é um berro só. Já fiz tudo, dei chá de erva-doce, dei banho quente — nada! Berra que nem um bezerro!”

— “Você já cantou o Guarani?”

— “Cantei tudo, o Guaraní, o “Tutú já lá vem”, o “Somos da patria a guarda”... Mas é peor.”

— “Deu camomila?”

— “A camomila acabou. Quis mandar a negrinha buscar um pacote na botica, mas não achei o dinheiro...”

— “Lerdo! E aqueles dois mil réis de hontem? Não sobrou metade?”

— “E’ que... é que comprei um maço de cigarros...”

— “Sempre o maldito vicio! Olhe, atrás do espelho, perto da saboneteira azul, está uma pratinha de quinhentos. Mande buscar a camomila, mas no Ferreira, que a do Brandão não presta, é falsificada. Ferva uma pitada numa chicara d’agua e dê ás colherinhas. Dê também um clister de polvilho. Mudou os paninhos?”

— Tres vezes, já.”

— “Verde?”

— “Verde carregado, como espinafre.”

— “Bem. Eu hoje volto mais cedo. Faça o que eu disse, e fique com ele na rêde. Cante a ária da *Mignon*, mas não berre como daquela vez, que assusta o menino. Em surdina, ouviu? Olhe: ponha já as fraldas sujas na barrela. Escute: veja se tem agua no bebedouro dos pintos. A marmelada? Ora bolas! Deixe isso para amanhã. Bom, até logo!”

Dona Zenobia largou o fone e voltou ás companheiras, que continuavam suspensas.

— Estes artistas!... começou ela. Que é que vocês pensam que Lauro fez?

— Fugiu? disse uma.

— Deixou-se prender! aventou outra.

— Suicidou-se! declarou terceira.

— Ninguém adivinha. Lauro rompeu o pavimento, entrou na cela e depois de uma grande cena resolveu fazer-se frade!...

Foi um oh! geral de desapontamento. Aquele fim imprevisto decepcionára a todas. Protestaram, e dona Zenobia, condoida, voltou atrás.

— Estou brincando. Eduardo está hoje com uma dôr de cabeça danada e eu o aconselhei a descansar um bocadinho. Ficou para outro dia o fim. Esperemos.

As românticas respiraram...

O romance do chopim tem hoje onze anos. Já é menino de escola. Chama-se Lauro e, para reabilitação do sexo barbado, puxou o character da mãe.

1923



## O Espião Alemão

Abre a historia. Escuta. Só ouvirás rumores de guerra. Aquele tropel desapoderado? E' a avalanche tartara. Tamerlão, o tigre coxo, derrama sobre a Persia legiões de feras — e leva a chacina a proporções inauditas. Seu capricho exige, em Ispahan, setenta mil cabeças humanas. Cada seção do exercito lhe hade fornecer uma quota. Fartos, cansados de cortá-las, os soldados entram a adquiri-las, pagando a moeda de ouro cada uma. Era bom negocio: a oferta cresceu e o preço baixou a meia moeda. Reunidas as setenta mil, Timur construiu torres de cranios em redor da cidade.

Ruge a sangueira além. E' em Dehli. Timur, tigre precavido, antes de bater-se com Maomé IV, delibera aliviar o exercito de cem mil prisioneiros incomodos. Solução magistral: degola-os... A vaga prossegue, chega a Ancira, esmaga Bajazet, o grande sultão, e passa...

E acolá? Assiria. De Ninive, antro de leões famintos, descem para a carnicaria os reis flecheiros. Ashurbanipal canta os proprios feitos em inscrições chegadas até nós: "Construi um muro diante das por-

tas da cidade e forrei-o com a pele dos chefes. A outros emparedei vivos, a outros empalei ao longo das muralhas. Fiz arrancar o couro, em minha presença, a inumeros, e revesti paredes com esse couro semi-vivo. Reuni cabeças em forma de corôas e os corpos entrelacei como guirlandas”.

A vida da Assiria é toda uma primorosa carnificina. Tuklatabazar, Ashurbanipal, Nabuco, Sargão — todos os magarefes reais viram a sua pericia em arrancar o couro a criaturas humanas cantada pelos poetas, comemorada pela arquitetura, admirada pelos posterios.

Timur passou. Passou a Assiria.

Homens e coisas passam, mas a guerra fica.

E' a guerra uma permanente. O homem tem a vocação do morticínio. A arte apoteósa a carniça. Os poetas só ascendem ao epico se o bafio de sangue lhes fumea a inspiração. A beleza suprema é Aquiles fendendo cranios do frontal á nuca, e a historia da humanidade não passa dum sistema potamografico de enxurros vermelhos, musicado pelos gemidos de dôr dos vencidos.

A guerra sempre!

Sempre guerras!

A guerra dos Sete Chefes, a guerra de Troia, as guerras punicas, as guerras de Roma — escravos, Numancia, mercenarios, Jugurtha, Mitridates, civil...

Depois, as guerras da invasão. As cruzadas, depois. E as guerras de religião. E as guerras dinasticas. A dos Cem Anos, a dos Trinta Anos, a guerra das Duas Rosas, a da sucessão da Espanha. A guerra americana de secessão. As napoleonicas, a russo-turca, a hispano-americana, a sino-japonesa, a franco-prusiana, a anglo-boer...

Depois, depois a Guerra Geral, a guerra do mundo contra a Alemanha.

O rosario pára aqui. Mas como não pára o Odio, e como a Estupidez Humana é irredutivel, o futuro verá tantas guérras quantas viu o passado.

Os grandes condutores de povos: simples vontades de aço despidas de inteligencia, incapazes d'outra filosofia que não a das maxilas da hiena. Por que eles perpetuam a guerra, a humanidade os erige em semi-deuses. E com eles, poetas, pensadores, generais, a industria, o commercio, a imprensa, todos, todos e tudo — fora as mães — zelam, como vestais, para que se não extinga o fogo sagrado do Odio. Já para os deuses, de Jupiter a Jeová, era a vingança o prazer supremo. Se sabe assim a guerra paladares divinos, que admira saber tanto ao macaco glabro que se classificou a si proprio *Homo sapiens*, ignorante de como os classificariam os cavalos?

Tambem nós temos tido por aqui nossas guerras. A grande, do Paraguai, onde chacinamos os selvagens do Chaco e as pequenas, internas — intestinais. Temos a Guerra dos Mascates, onde torceu o pé um reinol e, consta, se arranhou um nativo. Temos a do Alecrim e da Mangerona, que não arranhou ninguem. Mas a guerra grande, a guerra-guerra, a guerra de encher o olho a Marte e berrar por poetas que a botem em Iliadas parnasianas com o retrato de Belona no frontespicio, ah! temo-la em a nossa guerra contra a Alemanha.

Essa nação formidavel, Assiria encouraçada de aço, maquina monstruosa que apavorou o mundo, Golias de tremenda catadura temperado nas forjas de

Krupp, viu saltar-lhe á frente um Davi de iverapema em punho.

E o caso foi que mais uma vez Davi venceu o gigante!... Quem duvidar do milagre, leia o *Lirio* de Itaoca, semanario “literario, recreativo e comercial”, numero extra, de oito paginas, comemorativo da assinatura do armisticio. Diz ele:

“*Vencemos!* O gigante jaz por terra, exangue, A esquadra dispersa, os exercitos rotos, a arrogancia abatida — a invencivel Alemanha dobra os joelhos e entrega-*nos* a espada sangrenta! Honra aos gloriosos estadistas que nos impulsaram á luta! Honra ao Exmo. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, dignissimo Presidente da Republica, e honra, sobretudo, ao inclito coronel José Pedro Teixeira Marcondes, honradissimo presidente do directorio politico de Itaoca e chefe honorario da heroica linha de tiro “Frei Gaspar da Madre de Deus”! Avé! Avé! Evoé!”

\* \* \*

E’ força que os novelistas fixem estes aspectos heroicos do país, já que descuram deles os Pombos e Capistranos sisudos.

A ação de Itaoca durante a guerra foi de fato notavel; mas como Itaoca não passa de pobre logarejo perdido no espinhaço da serra, sem bons correspondentes para os jornais do Rio, toda a sua agitação mavortica permanecerá sem noticia se não lhe acode romanceador fiel.

Itaoca tem, oficialmente, cinco mil habitantes — estatistica feita a olho. O chefe da terra mandou carregar vinte por cento de “crescima” no calculo do vigario, em virtude da velha rivalidade com Itapuca,

cidade vizinha, onde o olhometro municipal acusara quatro mil e quinhentas almas, afora as penadas. Itaoca não se abaixa! Já a sua filarmonica era a melhor, o jornal tinha mais estilo e o mercado mais verdura. Ficou mais populosa tambem, depois do patriotico recenseamento.

Itaoca é regida politicamente pelo coronel José Pedro, e intelectualmente pelo vigario, monsenhor Acacio da Silva, um homem que sabe tudo, até astronomia! Além deste luzeiro, ha outras possantes candeias em Itaoca: o juiz, velho bacharel pelo Pedro II; o Leão Lobo, mulatinho disfarçado, emerito em versos, charadas, enigmas e logogrifos. Ha ainda o Pimenta, secretario da Camara; o major Ventania, veterano de Itararé, e outros, que leram o *Rocambole* a fio e assinavam as folhas governistas.

Quando rebentou a guerra, grande foi a emoção de Itaoca. Sensação de estupor. Mas o coronel, expedito que era, sem vacilar um minuto convocou o directorio. Reunidos que foram os seus oito membros, o presidente expôs com palavras solenissimas a gravidade do momento e pediu alvitres. Pimenta tomou a palavra e propôs ficasse o directorio em sessão permanente até o fim da guerra. Leão Lobo aventou a ideia dum Comité de Salvação Publica, bem como a dum vereador sem pasta. Outros alvitres de primeirissima foram lembrados, mas só logrou aprovação a ideia sensata do presidente: não fazerem coisa nenhuma antes das outras municipalidades se manifestarem. Aguardariam os acontecimentos de olho ferado nos jornais e no patriotico presidente da Republica, ao qual officiaram no mais alevantado estilo. Quanto á sessão permanente, achava isso uma grande maçada.

Assim se fez, e Itaoca, não podendo revelar genio criador, portou-se durante a guerra como a mais di-reitinha das Maria-vai-com-as-outras.

A primeira resultante da guerra valeu no país in-teiro pelo incremento das linhas de tiro. Itaoca não ficou atrás — deitou tambem o seu tirozinho.

Que revolução no seu pacifico viver não foi aqui-lo! Veio instrutor de fora, e a coisa se fez “por mu-sica”, com duzentos homens de efetivo — no papel. Efetivos na realidade, apenas vinte. Os mais, homens de oitenta quilos, negociantes, fazendeiros, “gente grada”, constituíam o “enchimento”. Cooperavam com dinheiro e boa vontade, mas isso de exercí-cios, e ginastica, e tiro ao alvo — “coisas de meninada”.

Apesar de serem só vinte, os rapagotes de pernei-ra e chapéu á americana transformaram Itaoca em praça de guerra e varreram do coração das meninas todos os rivais civis. Era de ve-los passar, garbosos, em marcha cadenciada, sob o corisco dos olhares lan-guidos das Sinhazinhas e Mariquitas janeleiras... Da pobre ralé de paletó saco e palheta salvou-se um ou outro, de rubi no dedo. Venus sempre foi doidinha por Marte...

O armamento requisitado ao Ministerio da Guer-ra para o Tiro “Frei Gaspar da Madre de Deus”, apesar de prometido, nunca chegou a Itaoca. Não obstante, exercitavam-se os voluntarios com uma carabina Flaubert do Pimenta. Aos sabados, na séde da linha, compareciam os vinte heroicos atira-dores, e cada um dava o seu tirozinho na lata de ba-nha posta como alvo a vinte metros de distancia. A munição, porém, encareceu. As balas chegaram ao preço de cem réis por cabeça. Era um desperdicio



gastarem-se vinte cada semana para transformar lata velha em crivo. D'aí a grande ideia do major Ventania, comandante superior do "Frei Gaspar". Ponderou ele: alvo por alvo, tanto faz uma lata como um passarinho; ora, mirando passarinhos, o atirador exercita-se da mesma maneira e sempre apanha um ou outro, com proveito duplo — do treino e do jantar. Sendo assim, não será mais logico aproveitarem-se as vinte balas semanais no pomar, em caçada ás rolinhas, sabiás e sanhaços? Sensata que era a ideia, foi logo posta em pratica, e o exercicio de tiro ficou reorganizado deste modo: cada domingo a Flaubert e vinte balas eram entregues a dois voluntarios para que caçassem onde quisessem, sob a condição de repartirem a caça abatida com Ventania, pai da ideia mãe e muito guloso de arroz com passarinho. O major emitiu ainda um conselho de alta estrategia culinaria.

— Dêem preferencia ás rolinhas: são mais carnudas que os sanhaços. Quanto aos sabiás, não me parece patriotico atirar nos rouxinois de Gonçalves Dias — além de que a carne não vale nada...

Este mirifico sistema deu resultado triplice: desbaste nas laranjas e passarinhos pomareiros, muita precisão nos tiros dos rapazes e engorda do major. Dois não caberão num saco vulgar, mas tres proveitos cabem nos sacos de Itaoca.

Apurado o seu aparelho de defesa, Itaoca dormiu sossegada, á espera do inimigo. Viessem os barbaros germanicos e cairiam ceifados como rolinhas.

Não foram tolos. Não vieram. Não veio um uhlan sequer. Mas que a Alemanha pôs o seu olho de aguia em Itaoca, não resta a menor duvida. Aqui muito em segredo o confessamos hoje: andaram espiões por lá!

— ???!!!!

— Sim, espiões, e dos peores. Andaram rondando a cidade, tomando plantas, tirando desenhos... Agora que se acabou a guerra, é permitido confessar o fato. Antes, não; porisso foi o segredo religiosamente oculto pelas autoridades locais, por Leão Lobo e até pelas mulheres, tão palreiras.

Nobilissimo povo de Itaoca! Quantos males não poupou ao país a tua severa discreção!...

Foi assim o caso. Leão Lobo saia da chimbica do costume, em casa do Pimenta, ás onze da noite, quando, no largo da matriz, cruzou com um vulto desconhecido, ruivo de cabelos, maltrapilho, ar suspeitissimo, e trouxe, mais suspeita ainda, sobraçada. Um profetico relampago lucilou-lhe no cerebro: Espião! Sobresteve a alma aos pinotes, meditou tres segundos e, como flecha de patriotismo despedida do arco da salvação publica, voou á casa do coronel José Pedro, já na paz dos lençóis áquel' hora. Leão Lobo bateu na vidraça freneticamente, tres, quatro, cinco vezes. O coronel appareceu de chambre, gorro de lã e vela na mão — assustadissimo:

— Que é lá?

— Espiões na terra, coronel!...

O pobre homem, mal acordado, estremeceu da base ao topo num dos maiores abalos sismicos da sua vida. Engasgou. Tartamudeou. E ao termo de uns segundos de tonteira pôde apenas murmurar em voz debil um imperceptivel — “Entre!” A porta abriu-se e Leão Lobo entrou.

— Com que então, espiões?... disse o coronel, de olho arregalado.

— E dos peores! *Daqueles*, coronel!...



A entonação do “daqueles” foi tão impressionadora que José Pedro se encostou á parede para conservar o aprumo coronelicio.

A situação era de tal modo imprevista que o chefe não sabia que fazer. Salvou-o Leão Lobo, afeito a lidar com charadas e logogrifos dos mais crespos.

— Coragem, coronel! O momento não é para vacilações. Proponho que se desperte Ventania, que se mobilize o “Frei Gaspar”, mais o destacamento policial, e que se monte guarda rigorosa ás saídas da cidade durante o resto da noite. Amanhã, engaiola-se o melro!

— Bem ponderado! exclamou o chefe, já mais seguro de si. Vá você mesmo avisar os homens, enquanto eu...

Leão Lobo, sem esperar o fim, saiu aos pinotes, enquanto o coronel... enquanto o coronel voltava para a cama bastante apreensivo.

— A gente tão “sossegado” aqui e aquela peste do Kaiser... murmurou ele ao deitar-se.

--- Que foi? indagou a mulher num bocejo.

— Espiões na terra, Candoca! Raios de espiões!

Dona Candoca era um poço de bom senso. Disse apenas:

— O que me admira é vocês andarem pela cabeça daquele bodinho...

E, virando-se para o canto, adormeceu.

Leão Lobo acordou Ventania e o delegado. Horas depois o destacamento policial — um cabo e duas praças — mais o tiro inteiro, estavam em pé de guerra, com grande pavor de varias damas despenteadas que, á janela, em camisa, punham as mãos, invocando as

varias Nossas Senhoras adequadas ao lance — que aquilo era por certo o fim do mundo.

Nenhum luar no ceu, e como os lampiões já de semanas não se acendessem por precaução contra os zeppelins mortiferos, o escuro era de breu. Mesmo assim ás apalpadelas as forças mobilizadas agiram com tal estrategia que, “tres horas” após o rebate, todas as saídas de Itaoca estavam hermeticamente sentinelladas. Numa delas ficou metade do “Frei Gaspar” com a Flaubert á frente. A outra metade conseguiu munir-se de uma velha garrucha de dois canos, carregada de chumbo Paula Souza.

A senha era impiedosa: não deixar passar viv'alma, loura ou ruiva; em caso de resistencia, fogo de barragem!

Não passou ninguem, afóra o Vinagre, cachorro veadeiro do Pimenta, o qual, como o seu dono, tinha incoerciveis habitos noturnos.

Amanheceu, enfim.

Quando o astro rei, desdobrando as roseas gazes da aurora, espargiu sobre o orbe os seus primeiros raios — como esplendidamente disse mais tarde o *Lirio*, historiando os fatos — o major Ventania e o delegado deram começo a rigorosa pesquisa.

Não foi preciso muito. O espião lá estava, espiado no *trottoir* da igreja, ronflando com a cabeça apoiada na valise suspeita. (Adivinha-se aqui o estilo do “Pall-Mall-Lyrion”, seção evidentemente influenciada pelo mirifico José Antonio José, da *Gazeta de Notícias*).

O major Ventania não vacila: mete dois dedos na boca e produz um assobio agudissimo.

Era o sinal. Acode logo o Tiro, mais o destacamento e a molecada, e solenemente, num sherlockiano *nhoc!*, agarram, em nome da lei, o perigosíssimo agente do Kaiser.

Não ha memoria em Itaoca de lance mais repassado de dramaticidade. O patriotismo engasgava os pro-homens da terra, emudecendo-os de sagrada emoção. Naquele momento augusto salvava-se a Pátria querida!...

D'ali seguiu para a cadeia o infame dolicocefalo louro, e lá lhe montou guarda o Tiro. Ao detentor da Flaubert foi marcado o posto de maior responsabilidade, á porta do xadrez, com ordem de conserva-la engatilhada.

— Se o bicho tentar fugir, nada de molezas, ordenou o major, fogo nele — fogo de barragem!

Às dez estava tudo pronto para o interrogatorio. Mas aqui surgiu imprevista dificuldade: o espião insistia em não falar lingua de gente, e na terra, fóra os membros da colonia alemã, ninguém pescava um *ya* da odiosa lingua de Goethe. (A colonia alemã de Itaoca compunha-se do velho boticario Muller, estabelecido com farmacia havia sessenta anos e uma sua criada, nascida em Blumenau).

— E agora? indagou a autoridade, atarantada. Só se convidarmos o Muller para interprete.

Leão Lobo, com a sua clara visão de patriota exaltado, obtemperou incontinente:

— Não! Não é possível! Muller, como germanico, é suspeito. Pode alterar as respostas do agente. Proponho para “lingua” o monsenhor Acacio. Ha-de saber alemão. Que é que ele não sabe? Até astronomia...

Era verdade. Monsenhor Acacio sabia tudo, dissertava *de omni re scibili*, e em linguas vivas e mortas ganhava até de D. Pedro II, que sabia quatorze.

Veio o padre. Solenemente, por meia hora, bateu lingua com o espião, sob o olhar aparvalhado dos assistentes. Por fim,

— O alemão deste homem, concluiu ele sentenciosamente, é o alemão turingio da baixa germanidade valona da Silesia hanoveriana. Ininteligível, portanto, a quem, como eu, só conhece o alemão gramatical da alta germanidade dos Goethes, dos Lessings, dos Bergsons, dos Schneider-Canets.

Leão Lobo, entusiasmado, cochichou para Ventania: “Eu não disse? Ele é um *bicho*!”

Do pouco que o espião dissera, uma frase, por muito repetida, gravou-se na memoria dos itaoquenses: *ai éme inglix*. Leão Lobo, afeito a lidar com os mais embaraçantes enigmas, tentou decifrar a misteriosa frase por meio dos processos charadísticos. *A, I, M, inglix*; *A*, uma; *I*, uma; *M*, uma; *inglix*, duas. Conceito? Engasgava no conceito. Estava nisso, quando o padre cortou o nó gordio.

— *Ai éme inglix*, disse ele enrugando a testa, quer dizer, se me não falham as analogias glotológicas — “estou com fome”. E é natural. Já bateu meio dia. Dêem-lhe, pois, almoço, e a mim licença para retirar-me, pois que estou de hora passada.

E pondo na cabeça o chapéu felpudo, saiu solene e sabio como a própria Minerva de batina e corôa.

Leão Lobo namorou-o até certa distancia, com o olhar humido de ternura.

— E' um *báita*, o nosso monsenhor!... Pena viver neste fim de mundo. Se "atuasse" no Rio, hein? Que figurão!...

\* \* \*

Na impossibilidade de arrancar ao espião palavra inteligivel, resolveram envia-lo á capital, de presente ao chefe de Policia. Iria escoltado por quatro heroicos voluntarios, tirados á sorte.

Assim se fez, e no dia solene da partida houve choradeira de mulheres e um discurso de bota-fora. "Ide-vos", disse o orador official, "a Patria exige de vós esse sacrificio. Não ocultamos os perigos que correis. Este facinora poderá ser membro d'uma quadrilha de sicarios, emboscados á beira da estrada. Podeis ser chacinados em massa, atacados a gases lacrimogenios, picotados pelas metralhadoras. Não importa! Ide-vos! A Patria exige o vosso sangue! Se cairdes, tereis como recompensa a nossa gratidão eterna!"

— E o nome numa rua! aparteou o presidente da Camara.

Bravos em atoarda abafaram as palavras do orador. Bem merecidos!

Partiram, afinal, os jovens herois e nunca se viu maior resignação ao sacrificio. Malbaratavam a vida como bravos de raça que eram, com antepassados na guerra do Alecrim e da Mangerona e outras.

Itaoca distava duas leguas da via ferrea e quarenta da capital. Os rapazes da escolta, apesar do quadro horrivel que o orador desenhara, arrecea-

vam-se menos das emboscadas do inimigo, perigo problemático, do que da viagem pela via férrea Central do Brasil, vezeira em descarrilamentos, choques, telescopagens, etc. Razão por que só empalideceram quando na estação ouviram o apito do trem mortífero. Antes do embarque remeteram para Itaoca um despacho, conciso mas eloquente: “Chegamos. O espião sempre na unha. Viva a República!”

Quando o Zé Burro, preto recadeiro que fazia carretos a pé a mil réis por legua, entregou o zéburrograma ao major Ventania, o prefeito municipal comemorou a auspiciosa notícia mandando atochar uma dúzia de foguetes — pela verba “socorros públicos”.

Nesse mesmo dia um grupo de exaltados promoveu imponente manifestação patriótica. Falou na praça Sete de Setembro, com patética eloquência, o inclito Leão Lobo, produzindo a mais veemente oração da sua vida.

“Ali, senhores — disse a apontar com dedo energético o *trottoir* d’ora avante histórico — esteve deitado, fingindo que dormia, mas de fato *espiando*, um dos mais perigosos agentes da espionagem alemã. O celerado não confessou. Mas havia de confessar? Havia de denunciar os tenebrosos planos do Anti-Cristo moderno, esse Kaiser assassino que está assassinando o mundo?”

A situação é gravíssima, senhores! Itaoca está sobre um vulcão! Minada de todos os lados, a vida das nossas famílias, a honra das nossas esposas, as mãosinhas das nossas crianças (sensação) correm o maior dos riscos! Lembrai-vos da Belgica, essa heroica crucificada na cruz de ferro do monstro krup-



peano (sensação)! Senhores! Um desagravo se impõe. Precisamos manifestar a nossa repulsa perante a colonia alemã que, como vibora, alimentamos em nosso seio. Viva a França! Viva o Exmo. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, nosso imperterrito presidente!”

Foi um delirio. Estrepitaram palmas, d'envolta com imprecações de vingança contra a colonia alemã — o boticario e sua criada.

— Abaixo o Muller! Morra a Gretche!

A onda popular, arrastada pelos impulsos do mais nobre civismo, despejou-se, como avalanche, para os lados da velha botica. Leão Lobo á frente, com o patriotismo a 100 gráus centigrados, desfechava vivas e morras truculentos. Viveu Clemenceau, Joffre, Foch; morreu Hindenburg, Mackensen e Enver-Pachá.

Os gavroches (está no *Lirio*) iam pelo caminho juntando pedras para o bombardeio da colonia. Deffrontados que foram com a odiosa farmacia, nela choveram projéteis, entre apupos e assobios. Não ficou vidraça intacta. Um obuz, penetrando na prateleira das drogas, quebrou ali o vidro de sal-amargo. Também a ipéca e a tintura de iodo foram seriamente maltratadas. Mas a colonia alemã não deu mostras de si. Nem Muller, nem a criada tiveram a coragem de mostrar a ponta do nariz.

Covardes!

Os patriotas, cansados de apedrejar e desafiar, arrancaram a placa da botica e levaram-na, á guiza de trofeu, para a redação do *Lirio*, onde beberam varias garrafas de champanha (soda), sempre pela verba “socorros publicos”.

Na noite desse dia a esposa do coronel José Pedro teve uma violentíssima colica intestinal. Receitaram-lhe sal-amargo. Correu á botica uma negrinha, que voltou de mãos abanando.

— São Muller manda dizer que não tem; que os patriotas quebraram o vidro; que se serve sal de azedas, que tem.

A pobre da dona Candoca estorceu-se, e

— E' isto! exclamou. Aquele bodinho faz das suas e quem paga o pato é a pobre de mim. Ai, ai!...

— Mulher! interveio o marido. A Patria acima de tudo!

— Vocês são uns...

O cronista não ouviu o qualificativo de dona Candoca, mas a avaliar pela cara do marido foi forte. O homem passou embezerrado o resto do dia.

A' noite chegou telegrama do chefe de policia: "Verificamos prisioneiro sudito inglês. Receios complicação diplomatica. Guardem reserva grotesco incidente".

O coronel José Pedro, desapontadissimo, esteve meia hora com o papelucho na mão, meditando. Depois reuniu os paredros e disse:

— Recebi telegrama confidencial do chefe de policia. O caso é mais grave do que supus. Sou obrigado a guardar reserva. Altos segredos de estado, vocês compreendem...

Apatetamento geral. Cada um comentou a seu modo o caso, e Leão Lobo, incontinenti, recorreu ao metodo charadistico: *Telegrama, reserva, segredo de estado...* Conceito? Engasgou no conceito. Era



a segunda vez na semana que por falta de conceito perdia uma charada.

Assim permaneceram até á volta dos heroicos expedicionarios.

Que bela festa, a recepção! Foi a banda espera-los á boca da cidade, e com ela os patriotas, o Tiro, as moças. Mal os avistaram, romperam em vivas. A banda malhou o hino. Depois, a *accolade* (*Lirio*). Mariquinha Fagundes ofereceu a cada qual sua corôa de louros, feita de folhas de jaboticaba. Ela mesma enfiou-as na Flaubert de um, na garrucha de outro e nos guatambús chumbados dos restantes. Itaoca sabia ser grata aos seus herois.

E a coisa não ficou nïssó, note-se. Na primeira sessão da Camara foi proposta a cunhagem d'uma medalha comemorativa, tendo no verso um cambito de perneira esmagando viboras, e no anverso um lindo distico em latim. E' verdade que este projeto caiu. Mas vingou outro mais economico: dar a quatro ruas o nome dos quatro herois. Dess'arte, e com muita justiça, pois não, as antigas ruas General Osorio, Duque de Caxias, Regente Feijó e Rio Branco, passaram a denominar-se, respetivamente, rua Tenente Teixeira, rua Aristeu da Silva, rua José Joaquim de Souza e rua Aristogiton Pereira.

Mas Leão Lobo, o infatigavel patriota, não está satisfeito. Entre uma charada e outra, perde-se em meditabundos devaneios. Como ainda não se abriu com os amigos, ninguem sabe qual é a grande ideia que lá lhe fulgura sob a gaforinha.

Mas ha meios de devassar o pensamento secreto dos homens generosos, que pronunciam cem vezes ao dia a palavra patria com P maiusculo. Ele — nobilis-

sima criatura! — está amadurecendo a ideia de pedir a Clemenceau a fita da Legião de Honra para a lapela da mui leal e invicta Itaoca.

E vão ver que Clemenceau acaba por fazer-lhe a vontade, dando ainda a ele Leão Lobo, de lambuja, a comenda do *Mérite Agricole*.

Merecidissima, aliás, pois não, pois não!

1916

## “Gens Ennuyeux”

— Queres ir? indagou Lino, espichando-me um convite. Li: *A Sociedade Cientifica*, ahn, ahn... *convida*, ahn... *a conferencia versará sobre a Historia da Terra*.

— E'; a tese é catita; vais?

— Está-me apetecendo conhece-los, aos nossos sabios.

— Sabios, rosnei, *gens ennuyeux*...

— Nem sempre, contraveio Lino. O assunto é magnifico — e depois, que diabo! uma penitenciária de vez em quando, por amor á ciencia...

— Pois vamos, resolvi com intrepidez.

— Ás oito, rua tal.

— O.K.

.....

Ao assomarmos á porta, já as cadeiras do grande salão se pintalgavam de graves sobrecasacas científicas, encimadas por carecas luzidías, em cujo espelho punha gangrenas de luz (perdão, Apolo!) a luz violacea do arco voltaico.

Entramos com religiosa compostura, pisando com passos humilimos o augusto assoalho do Pagode da Ciencia.

No rosto do meu amigo vi uma leve expressão de terror sagrado. Os quichuas, quando davam de chofre com o Eldorado, haviam de ficar assim... Lino comovia-se devéras e foi balbuciante que cochichou:

— Sabios, hein?

Sentamos-nos devagarinho e pusemo-nos a olhar. Novas sobrecasacas chegavam, aos magotes de tres e quatro, compenetradas, pensabundas. Eram novos sabios de variegado estilo. Havia o estilo-fiambre: gente vermelha, com sangue á flôr da pele em permanente congestão. O estilo melado: genero de importação alemã. O estilo-ball: queijos de Palmira com o vermelho substituido por um palor circular de cabelugens ralas. O estilo-clorose: rapazelhos de peito cavo e barba a espartar ingenuamente, macilentos de tez, olhos de bezerro desinterico, em cujas meninas — meninas dos olhos — pareciam boiar hipotenusas de braços dados a binomios de Newton.

A' nossa dextra suava uma rubra apoplexia alemã, enchouraçada em sobrecasaca de debrum contemporanea do iguanodonte, cujas costuras cediam á pressão das enxundias comprimidas; sua mão gordita, recoberta de dourados pelinhos, alisava a greinha côr de fogo, como quem alisa um gato de luxo.

Mais adiante, um amplo burguês, barbaçudo, verrugoso, bexiguento, fungava a suar.

A' sua frente, sorrindo com bondade em meio dum grupinho amigo, uma especie de criatura do

sexo neutro, acondicionada em alpaca, sem um só enfeite e cujos cabelos grisalhantes se erguiam em ris-pido pericote sob a copa acartolada dum chapéu masculino. Discutia Cuvier.

— E' a doutora Mariote... sussurrou-me o Lino. Uma sabia sapientissima!...

Mais além, um oculista de nomeada; depois, um pomologo; em seguida um filologo, uma parteira, um charlata, um lente de geometria, um fisio-psicopatologista.

Nós, miserandos intrusos, vexados da nossa espessa ignorancia a dois, comentavamos baixinho, com respeitosa deferencia, as efigies hirsutas daquelles paredros que davam de tu a Minerva. Lino nem falava: ciciava, tatibitati. Aquela face da sociedade nos era de todo ignorada. Tudo ali cheirava a novidade. O proprio ar nada tinha do ar comum das ruas: pairava nele um cheirinho sutil a raizes cubicas.

A' frente do salão havia uma comprida mesa em cujo centro o presidente da Sociedade — um rolete d'homem côr de salame — cofiava os bigodinhos ruivos, bamboleando no ar pés que não alcançavam o chão. Ladeavam-no dois bonitos secretarios a remexerem atas. Sobre a mesa, enfileirada, uma ré-cua de bichos pre-historicos em miniatura — estegossauros, plesiosauros, iguanodontes e um mamutezinho que escancarava a goela vermelha num urro mudo.

— *Dlin, dlin, dlin!*... Está aberta a sessão, ros-nou o presidencial salame.

O secretario mascou a ata — tá, tá, tá...

— Tem a palavra o conferencista.

Corre pela sala o bisbilho da curiosidade. Galga a tribuna o homem. Roliço e pipote, tem a calva resplendente, traz casaca, olhos e convicção profunda. Prepara os papeis, tosse.

Novo *psst!* deslisa pelo salão. Cái nele o silencio curioso da expectativa.

— Minhas senhoras e meus senhores! Me parece que a outro e não a mim, que sou o mais modesto membro da Sociedade...

Entreolhamo-nos áquele *me*, com piscadelas gramaticais, e entregamos nossos quatro ouvidos ás palavras do Sabio. Após o exordio da praxe, o orador veste o escafandro da observação, apoia-se no pau ferrado da critica, encavalga na penca os nasculos da analyse e, sem tir-te, cai de mergulho no fundo sombrio das idades. Vai aos periodos *eos*, examinar *gneiss* e *micaxistos*; mostra exemplares ao auditorio, descreve-os com minucia. Narra como vieram os primeiros vegetais — samambaiussús enormes e molengos — e como á sombra deles foram surgindo bichinhos tontos, sem experiencia da vida, admiradissimos de verem casa tão grande posta a seres tão pequenos. Fala com a segurança de um feto arborescente, testemunha ocular daquilo, transfeito em sabio moderno. Diz e rediz. Vai e volta — porque o *gneiss* p'ra aqui, porque o *gneiss* p'ra lá, porque o *gneiss*, o *gneiss*, o *gneiss*...

Depois agarra os *trilobitas*, os *amonitas*, e moi, remoi, tremoi, pulveriza os pobres bichinhos, digressiona, gesticula, súa: o *trilobita*, o *amonita*... porque o *trilobita*... não obstante o *amonita*... bita... nita... e nita e bita, e *pá, pá, pá* borbota ciencia

pura, hispida, hirsuta, inexoravel, num fluxo que berra por tampões de percloro de ferro.

O tempo corre, e da torneira aberta deflue caudaloso o jorro hermafrodita do palavriado greco-latino. O espelho da sua careca tremeluz de inspiração. Seu dedo pontifical coleia riscos explicatórios. E a linfa científica a jorrar, a jorrar... durante quinze, trinta minutos, uma hora, hora e meia...

O esgoelado urro do mamutezinho já não é mais urro, sim bocejo formidoloso. E não o unico. Pela sala outros se escancaram, incoerciveis. A doutora reprime os seus, com caretas. Algumas sobre casacas cochilam. O burguês das verrugas resfolga com maior estrepito e mais bagas de suor na testa.

E na tribuna a ciencia a correr... a farragem fossil a desfilar inesgotavel numa sarabanda sem fim: — porque o *gneiss*, o *micaxisto*... não obstante o *bita*, o *nita*... os conglomerados da Westphalia, as superposições devonianas, a sedimentação evolutiva, *tá, tá, tá, tá*...

Nesse ponto penetrou na sala um delicioso casal, pisando de leve os passinhos de lã preventivos dos *pssts*. Ele, alto e elegante; ela, mimosa e feminina, tom exotico de teteia cara. Sentam-se. Ele abre os ouvidos. Ela espevita o *lorgnon* e corre os olhos vivos de malicia ironica pela assembleia inteira: poussa-os por fim na figura salpiconesca do orador.

Lino segue esses olhos.

— Que graciosos! diz, furando-me as costelas a cotoveladas — repara na ironia daqueles dois diamantes negros. Pousam na careca do homem... alisam-na com bonhomia malandra... agora descem, examinam o nariz... Riem-se, os marotos —

é da verruga talvez... Tentam arranca-la... irritam-se. ..fogem da penca... examinam o feíto da sobrecasaca. Bom deixaram em paz o homem... passeiam pela sala... dão com o chapéu da doutora Mariote... Como se riem perdidamente, os moleques!

Enquanto os olhos do meu amigo estudavam os maliciosos olhos da linda criatura, barafustavam-se os meus pela goela do mamutezinho que o dedo do sabio apontava naquele momento.

— ... e apareceu então, dizia ele, um animal de pêlos duros e pretos, de presas recurvadas, cujo foi encontrado na embocadura do Iena e se chamou mamute...

Lino arrancou-me de golpe ás goelas do monstro e ao cassange do sabio.

— Vê como ela boceja com graça.

De fôto, a petulante boquinha da moça escondia no leque um bocejo saciado; saciado e contagioso, porque logo em seguida o sociologo escancarou o seu, o pomologo lá ao fundo abriu outro, e o alemão da nossa direita reprimiu um que prometia levar as lampas ao do mamute.

— Dez horas já! espantou-se o Lino, consultando o relógio. Ha esperanças de fim?

— Qual! gemi. Ele ainda está no megaterio.

— E é comprido o megaterio?

— Enorme. E tem vasta parentela. Só depois de descritos os gliptodontes, os megaceros, os rinoceros e as hienas é que ha esperanças de entrarmos em terras do nosso avô pitecantropo. Coragem!

.....



As dez e meia inda o corrimento paleontologico continuava copioso, sem sintomas de exaustão. Sistemas sobre sistemas amontoavam-se, induções sobre induções, e hipoteses, num mascar monotono de reallejo electrico. Nossas nadegas protestavam. Novos bocejos insolentes amiudavam exigencias: queriam sair, já e já, queriam passagem franca, bocas bem escancaradas — e nós lutavamos por conter-lhes a mácriação.

E o chafâriz científico a despejar.

.....

— Ha esperanças, sussurrei ao Lino. Já estamos no *Homo sapiens*.

— Bendito sejas, ó rei da criação!

Era verdade. O sabio penetrara no homem. Mais cincoenta minutos de séca e pingou o ponto, convidando a assistencia a examinar de perto os fosseis amontoados sobre a mesa.

Estrepitaram palmas, e após um *uff!* de rëssurreição encheu a sala o sussurro do “á vontade”, das cadeiras recuadas, do frufrutar surdo dos capotes enfiados, dos espreguiçamentos risonhos.

— Que gostosura, um fim de séca!

A assistencia afluê aos magotes para junto á mesa afim de examinar os bichos. Fomos na onda. Todos comentavam, queriam pegar, apalpar os fosseis, cheira-los, prova-los.

Com um estegosauro de palmo e meio seguro pelo congote, o sociologo explicava ao pomologo “de como pela restauração de Cuvier se tinha ali um élo da vasta cadeia da evolução que Darwin descobrira”.

Ao centro da mesa o conferencista desfazia-se em amabilidades de caixeiro, fragmentando sua ciencia e distribuindo-a em pilulas.

— Olhe, doutor, dizia ao filologo, olhe a *baculite* de transição de que falei.

E para outro sujeito:

— Já viu, doutor, o magnifico exemplar de *hipurite* que nos veio de Berlin?

Nisto ouvi ao meu lado um resfolego adiposo; voltei-me: era o burguês das verrugas, com a toicinhenta consorte pelo braço, a examinar uma lasca de pedra azulega que de mão em mão viera ter ás suas. O bicharoco olhava a pedra como quem olha talismã. Não resisti, atirei-lhe a esmo:

— E' o *gneiss*.

O burguês encarou-me com o respeito devido a Quem Sabe e, virando-se para a mulher, repetiu gravemente:

— Este é o *gneiss*, Maricota.

Dona Maricota tomou-o nos dedos, examinou-o sob todas as faces e em seguida passou-o a uma sua amiga, gaguejando de geologica emoção:

— O *gneiss*, Nhanhã!...

.....”

Na rua esfumada pela garôa, um friozinho de tiritar. De golas erguidas, estugamos o passo, enquanto iam extraindo a moralidade da festa.

Ciencia e Arte nasceram para viver juntas, porque Arte é harmonia e Ciencia é verdade. Quando se divorciam, a verdade fica desharmonica e a harmonia, falsa. Se este senhor sabio trouxesse pela

mão direita a Ciencia e pela esquerda a Arte, para fundi-las no momento de falar, que coisa esplendida não faria de um tal tema! Trouxe uma só e por isso maçou-nos, empaturrou-nos a alma de coisas duras, indigeriveis, misturadas com mil pronomes fóra dos mancais. Além disso...

Foi-nos impossivel prosseguir na filosofia. Um carro passava estalando rumorosamente as pedras da rua. Dentro vinha a nossa diva.

— Ela...

— A Verdade e a Harmonia...

Nossas bocas emudeceram, porque a imaginação, tomando as redeas nos dentes, nos levava de galope no encalço da teteia de olhos negros.

1901

## O Fígado Indiscreto

Que ha um Deus para o namoro e outro para os bebados, está provado — *a contrario sensu*. Sem eles, como explicar tanto passo falso sem tombo, tanto tombo sem nariz partido, tanta beijoca lambiscada a medo sem maiores consequencias afóra uns sobresaltos desagradaveis, quando passos inoportunos põem fim a duos de sofá em sala momentaneamente deserta?

Acontece, todavia, que esses deuses, ao jeito dos de Homero, tambem cochilam: e o borracho parte o nariz de encontro ao lampião, ou a futura sogra lá apanha Romeu e Julieta em flagrante atrito de epidermes, petrificando-os com o classico: “Que pouca vergonha!...”

Outras vezes acontece aos protegidos decairem da graça divina.

Foi o que succedeu a Inacio, o calouro, e *isso* lhe estragou o casamento com a Sinharinha Lemos, bôa menina a quem cincoenta contos de dote faziam otima.

Inacio era o rei dos acanhadões. Pelas coisas minimas avermelhava, saia fóra de si e permanecia largo tempo idiotizado.

O progresso do seu namoro foi, como era natural, menos obra sua que da menina, e da familia de ambos, tacitamente concertadas numa conspiração contra o celibato do futuro bacharel. Uma das manobras constou do convite que ele recebeu para jantar nos Lemos, em certo dia de aniversario familiar comemorado a perú.

Inacio barbeou-se, laçou a mais formosa gravata, floriu de orquideas a botoeira, friccionou os cabelos com loção de violetas e lá foi, de roupa nova, lindo como se saíra da fôrma naquel'hora. Levou consigo, entretanto, para mal seu, o acanhamento — e d'aí proveio a catastrophe...

Havia mais moças na sala, afóra a eleita, e caras estranhas, vagamente suas conhecidas, que o olhavam com a benevola curiosidade a que faz jus um possível futuro parente.

Inacio, de natural mal firme nas estribeiras, sentiu-se já de começo um tanto desmontado com o papel de galã á força que lhe atribuiam. Uma das moças, criaturinha de requintada malicia, muito "saída" e "semostradeira", interpelou-o sobre coisas do coração, ideias relativas ao casamento e tambem sobre a "noivinha" — tudo com meias palavras intencionais, sublinhadas de piscadelas para a direita e a esquerda.

Inacio avermelhou e tartamudeou palavras desconchavadas, enquanto o diabrete maliciosamente insistia: "Quando os doces, são Inacio?"

Respostas mascadas, gaguejadas, ineptas, foram o que saiu de dentro do moço, incapaz de replicas jeitosas sempre que ouvia risos femininos em redor de si. Salvou-o a ida para a mesa.

Lá, enquanto enguliam a sopa, teve tempo de voltar a si e arrefecer as orelhas. Mas não demorou muito no equilíbrio. Por dá cá aquela palha o pobre rapaz mudava-se de si para fora, sofrendo todos os horrores consequentes. A culpada aqui foi a dona da casa. Serviu-lhe dona Luiza um bife de figado, sem consulta prévia.

Exquisite dos Lemos: comiam-se figados naquella casa até nos dias mais solenes.

Exquisite do Inacio: nascera com a estranha idiosincrasia de não poder sequer ouvir falar em figado. Seu estomago, seu esofago e talvez o seu proprio figado tinham pela viscera biliar uma figadal aversão. E não insistisse ele em contraria-los: amotinavam-se, repelindo indecorosamente o pedaço ingerido.

Nesse dia, mal dona Luiza o serviu, Inacio avermelhou de novo, e novamentē saiu fora de si. Viu-se só, desamparado e inerme ante um problema de inadiavel solução. Sentiu lá dentro o motim das visceras; sentiu o estomago, encrespado de colera, exigir, com imperio, respeito ás suas antipatias. Inacio parlamentou com o orgão digestivo, mostrou-lhe que mau momento era aquele para uma guerra intestinal. Tentou acalma-lo a goles de clarete, jurando eterna abstenção para o futuro. Pobre Inacio! A porejar suor nas asas do nariz, chamou a postos o heroismo, evocou todos os martirios sofridos pelos cristãos na éra romana e os padecidos na éra cristã pelos hereticos; contou um, dois, tres e *glug!* enguliu meio figado sem mastigar. Um gole precipitado de vinho rebateu o empache. E Inacio ficou a esperar, de olhos arregalados, imovel, a revolução intestinal.

Em redor a alegria reinava. Riam-se, palestravam ruidosamente, longe de suspeitarem o suplicio daquele martir posto a tormentos de uma nova especie.

— “Você já reparou, Miloca, na “ganja” da Sinharrinha? disse uma sirigaita de “beleza” na testa. Está como quem viu o passarinho verde... E olhou de soslaio para Inacio.

O calouro, entretanto, não deu fé da tagarellice; surdo ás vozes do mundo, todo se concentrava na auscultação das vozes viscerais. Além disso, a tortura não estava concluida: tinha ainda diante de si a segunda parte do figado engulhento. Era mistér ataca-la e concluir de vez a ingestão penosa. Inacio engatilhou-se de novo e — um, dois, tres: *glug!* — lá rodou, esofago abaixo, o resto da miseravel viscera.

Maravilha! Por inexplicavel milagre de polidez, o estomago não reagiu. Estava salvo Inacio. E como estava salvo, voltou lentamente a si, muito pallido, com o ar lorpa dos ressuscitados. Chegou a rir-se. Riu-se alvarmente, de goso, como riria Hercules após o mais duro dos seus trabalhos. Seus ouvidos ouviam de novo os rumores do mundo, seu cerebro voltava a funcionar normalmente e seus olhos volveram outra vez ás visões habituais.

Estava nessa doce beatitude, quando,

— Não sabia que o senhor gostava tanto de figado, disse dona Luiza, vendo-lhe o prato vazio. Repita a dose.

O instinto de conservação de Inacio pulou em guarda. E, fóra de si outra vez, o pobre moço exclamou, tomado de panico:

— Não! Não! Muito obrigado!...

— Ora deixe-se de luxo! Tamanho homem com cerimoniaes em casa de amigos. Coma, coma, que não é vergonha gostar de figado. Aqui está o Lemos, que se péla por uma isca.

— Iscas são comigo, confirmou o velho. Lá isso não nego. Com elas ou sem elas, nunca as enjeitei (1). Tens bom gosto, rapaz. Serve-lhe, serve-lhe mais, Luiza.

E não houve salvação! Veio para o prato de Inacio um novo naco — este formidavel, dose dupla.

Não se descreve o drama criado no seu organismo. Nem um Shakespeare, nem Conrad — ninguém dirá nunca os lances tragicos daquela estomacal tragedia sem palavras. Nem eu, portanto. Direi sómente que á memoria de Inacio acudiu o caso da Nora, de Ibsen, na *Casa de Boneca*, e disfarçadamente ele aguardou o milagre.

E o milagre veio! Um criado estouvadão, que entrava com o Perú, tropeçou no tapete e soltou a ave no colo de uma dama. Gritos, reboliço, tumulto. Num lampejo de genio, Inacio aproveitou-se do incidente para agarrar o figado e mete-lo no bolso.

Salvo! Nem dona Luiza, nem os vizinhos perceberam o truque — e o jantar chegou á sobremesa sem maior novidade.

Antes da dansata lembrou alguém recitativos e a espevitadíssima Miloca veio ter com Inacio.

— A festa é sua, doutor. Nós queremos ouvi-lo.

---

1 — Iscas com elas ou sem elas, é como os restaurantes portuguezes annunciam figado com ou sem batatas.



Dizem que recita admiravelmente. Vamos, um sonetinho de Bilac. Não sabe? Olhe o luxinho! Vamos, vamos! Repare quem está ao piano. *Ela...* Nem assim? Mauzinho! Quer decerto que a Sinhárinha insista?... Ora, até que enfim! A "*Douda de Albano*? Conheço, sim, é linda, embora um pouco fóra da moda. Toque a *Dalila*, Sinhárinha, bem piano... assim...

Inacio, vexadíssimo, vermelhíssimo, já em suores, foi para pé do piano onde a futura consorte preludiava a *Dalila* em surdina. E declamou a *Douda de Albano*.

Pelo meio dessa hecatombe em verso, ali pela quarta ou quinta desgraça, uma baga de suor escorrida da testa parou-lhe na sobrancelha, comichando qual importuna mosca. Inacio lembra-se do lenço e saca-o fóra. Mas com o lenço vem o figado, que faz *plaf!* no chão. Uma tossida forte e um pé plantado sobre a infame viscera, manobras do instinto, salvam o lance.

Mas desde esse momento a sala começou a observar um extraordinario fenomeno. Inacio, que tanto se fizera rogar, não queria agora sair do piano. E mal terminava um recitativo, logo iniciava outro, sem que ninguem lh'o pedisse. E' que o acorrentava áquele posto, novo Prometeu, o implacavel figado...

Inacio recitava. Recitou, sem musica, o *Navio Negreiro*, *As duas ilhas*, *Vozes da Africa*, *O Tejo era sereno*.

Sinharinha, desconfiada, abandonou o piano. Inacio, firme. Recitou o *Corvo* de Edgar Poe, traduzido pelo senhor João Kopke; recitou o *Quisera amar-te*,

o *Acorda donzela*; borbotoou poemetos, modinhas e quadras.

Num canto da sala, Sinharinha estava chora-não-chora. Todos se entreolhavam. Teria enlouquecido o moço?

Inacio, firme. Completamente fora de si (era a quarta vez que isso lhe acontecia naquela festa) e falto já de recitativos de salão, recorreu aos *Lusíadas*. E declamou *As armas e os barões, Estavas linda Ignez, Do reino a redea leve, o Adamastor* — tudo!...

E esgotado Camões ia-lhe saindo um “ponto” de Filosofia do Direito — *A escola de Bentham* — a coisa ultima que lhe restava de cór na memoria, quando perdeu o equilibrio, escorregou e caiu, pateando aos olhos arregalados da sala a infamerri-ma viscera de má morte...

O resto não vale a pena contar. Basta que saibam que o amor de Sinharinha morreu nesse dia; que a conspiração matrimonial falhou; e que Inacio teve de mudar de terra. Mudou de terra porque o desalmado major Lemos deu de espalhar pela cidade inteira que Inacio era, sem duvida, um bom rapaz, mas com um grave defeito: quando gostava de um prato não se contentava de comer e repetir — ainda levava escondido no bolso o que podia...

1904

## O Plagio

- Você sai, Nenesto, com um tempo destes?
- Não ha outro.
- Dia de S. Bartolomeu, inda mais?...
- Importa-me lá o santo.
- Está bem. Depois não se arrependa...

Isto dizia dona Eucaris ao “queixo duro” do seu marido Ernesto d’Oliveiras, ao ve-lo tomar o chapéu do cabide para sair.

Fóra, remoinhava o vento, anunciando tempestade proxima.

Por castigo, nem bem caminhara o teimoso duzentos passos e desaba o aguaceiro. Tão repentino, que mal teve tempo de barafustar por um “sebo” a dentro, no instante preciso em que o belchior cerrava a ultima folha de porta. Mesmo assim resfriou-se e foi com tres espirros que retribuiu á saudação do homem.

- *Atchim!*...
- Viva!
- *Atchim!*...
- Viva!

— *Atchim... Brr! P'ra burro! Espirro p'ra burro! C'est le diable.*

(Seculo trinta! Se por acaso um exemplar deste livro chegar ao conhecimento dos teus fariscadores de antigualhas, não se assombrem eles com a expressão curralina do meu Ernesto. Nem quebrem a cabeça a interpreta-la com a ajuda da filosofia comparada, da veterinaria e mais ciencias conexas. Cá fica a chave do enigma. A expressão “p'ra burro” viveu correnteia pelas imediações da Grande Guerra, com significado de abundante, excessivo ou estupendo. Nasceu nalguma cocheira, alargou-se ás ruas e passou destas aos salões. Penetrou até na retorica amorosa. Romeus houve que, pintando a formosura das respectivas Julietas, substituíam o arcaico — *lindo como os amores* — por este soberbo jacto de impressionismo cavalariço: *E' linda p'ra burro!* Não obstante, as Julietas casavam com eles e eram felizes. Lá se entendiam.)

O belchior era francês, e Ernesto taramelava na lingua adotiva do sr. Jacques d'Avraí o necessario para embrulhar lingua com um belchior francês. Sabia diferenciar *femme sage* de *sage femme*, distinguia *chair* de *viande*, e alambicava a primor os *u u* gaulleses. Além disso tinha ciencia de varios idiotismos, usando amiúde o *qu'est-ce que c'est que ça?* sabia de cór a historia do *Didon dit-on*, além d'uma duzia de prosopopeias d'alto calibre, forrageadas nos *Misérables* de Vitor Hugo — o que já é bagagem glossica de peso para um carrapato orçamentivoro com seis anos de sucção.

Tais conhecimentos, mensalmente postos em jogo, bastavam para espezinhar a paciencia do livreiro, a quem Ernesto, em todo dia dois de cada mês,

tomava alugado um bacamarte de Escrich, matador das horas vazias da repartição.

Naquela tarde, porém, Ernesto não queria livros, sim um teto, razão pela qual falhou o usual encetamento da séca. (Esse ritual começava assim: *Qu'est-ce que vous avez de nouveau, monsieur?*).

Fóra, em regougos sibilantes, o vento pulverizava a chuva.

Tinha de esperar.

Ernesto esperou. Esperou a remexer as estantes, a folhear revistas, a ler a meia voz os títulos dourados. De longe em longe tomava dum volume e perguntava ao francês acurvado na escrituração de um livro de capa preta:

— *Combien, monsieur?*...

E, á resposta do homem, repicava invariavelmente:

— *C'est très salé, c'est très salé, c'est très salé*, estribilho trauteado em surdina até que novo livro lhe empolgasse a atenção.

Empolgou-lh'a, logo depois, uma brochura esborcinada: *A Maravilha*, de Ernesto Souza.

— Olé! Um xará! *Combien, monsieur?*

O livreiro, sem maior atenção, rosnou qualquer coisa, enquanto Ernesto, absorto no manuseio do livro, ia murmurando maquinalmente o *très salé*...

Leu-lhe o periodo inicial e o final, vezo antigo adquirido no collegio, onde colecionava num caderninho a primeira e a ultima frase de quanto livro lhe transitava pêla carteira.

*A Maravilha* era um desses romances esquecidos, que trazem o nome do autor á frente d'uma comitiva de identificações, á laia de passaporte á posteridade, muito em moda no tempo do onça:

*Alfredo Maria Jacuacanga*

(Natural do Recife)

3.º anista da Escola de Medicina da Bahia

ou

*Doutor Cornelio Rodrigues Fontoura,*

Ex-lente disto, ex-director daquilo, ex-membro do Pedagogium,  
ex-deputado provincial, ex-cavaleiro da Cruz Preta, etc., etc.

Romances descabelados, onde ha lagrimas como punhos, e punhais vingativos, e virtudes premiadissimas de par com vicios archi-castigados pela intervenção final e apoteotica do Dedo de Deus — livros que a traça rendilhou nos poucos exemplares escapos á função, sobre todas bendita, de capear bombas de foguetes.

O periodo final rezava assim: “E um rubro fio de sangue correu do niveo seio da donzela apunhalada, como uma vibora de coral num marmore pagão”.

Ernesto, *né* de Oliveira mas d’Olivais por contingencias esteticas, enrubesceu de apolineo prazer. E assoou-se, demonstração muito sua de entusiasmo chegado a ponto de arrepio.

— Sim, senhor! Está aqui uma frase soberba! “Como vibora de coral!...” Magnifico! E este “Marmore pagão”...

Foi ter com o *Monsieur* e leu-lh’a “com alma”; mas o tipo, absorvido numa adição, miou apenas o *oui, oui*, sem sequer erguer a cabeça.

Ernesto não comprou o livro (não era dois do mês) mas escondeu-o num desvão para que ninguém lhe pusesse a vista em cima até o dia aquisitivo.

Entrementes a chuva amainara.

Ernesto entreabriu a porta para a rua murmurante e resolveu abalar.

— *Monsieur, au revoir!*

— *Oui, oui*, miou pela ultima vez o belchior.

Na rua endireitou para casa, ruminando que, sim senhor, era ter fogo sagrado! Uma frase daquelas fazia um nome. O xará tinha talento. Bem dizia Vitor Hugo nos *Miseraveis*, que o genio... é o genio!

E foi pelo caminho a redize-la com cariciosa unção, a remira-la de todos os lados, sob todas as luzes. Degustou-a em surdina inumeras vezes; pela forma, revendo o jeito com que a fixaram no papel os caracteres tipograficos; pelas correlações associadas, evocando vagos helenismos classicos que o padre mestre Jordão lhe embutira no cerebro a palmatoadas — Frineia, o cão de Alcibiades, as Termopilas, o barril de Diogenes.

Por fim, á noite, já a celebre frase se lhe enrustara nos miolos, no lugar onde costumam encruar as ideias fixas. Chegou a repeti-la á dona Eucaris. Mas dona Eucaris, uma criatura sovada, toda virtude conjugais e preocupações caseiras, interrompeu-o prosaicamente:

— E você trouxe, Nenesto, o pavio de lampeão que encomendei?

Ernesto d'Olivais arrepanhou a cara num assomo de dó ante a chinfrinice mental da companheira. Dó, despeito e meia colera, coisa rara em sua alma de amanuense, gomosa e mansa.

— Que pavio? Que me importa o pavio? Quem fala aqui de pavio? Ora não me aborreça com histórias de pavio!

E voltando-se para o canto (que a cena se passava na cama) embezerrou.

O sono dessa noite não foi bom conselheiro, e no dia seguinte Ernesto andou pela rapartição mais meditativo que do costume, com olhos parados — olhos de cabra morta que olham sem vêr.

E' que uma ideia...

Não era bem uma ideia ainda, mas células vagas, destroços vogantes de ideias mortas, lampejos de ideia futuras, coisas tão afins que ao cabo de tres dias se fundiam numa ideia-mãe de imperiosa vitalidade.

— Escrever um conto, uma simples “variedade”, em linguagem bem caprichada, com floreados bem bonitos, arabescos de alto estilo... Duas ou tres personagens — não gostava de muita gente. Um conde, uma condessa palida, a cidade de Tres Estrellinhas, o anno de 18... Como enredo, uma paixão violenta da condessa de X. pelo pintor Gontran. Gostava muito deste nome. A cena, já se sabe, passava-se em França, que nunca achara jeito em personagens nacionais, vivendo em nosso meio, ao nosso lado. Perdiam o encanto. A narrativa vinha num crescendo até engastar-se naquele final... Oh! sim!... naquele final, porque, em suma, o conto só viveria para justificar a exhibição daquela joia de “celinio lavor”. E logo abaixo o seu nome por extenso: Ernesto da Cunha Olivais.

Esse remate furtado ao xará d'A *Maravilha* insinuou-se aos poucos na consciencia de Ernesto como coisa muito sua, propriedade artistica indiscutivel.



A *Maravilha*, ora! Um miseravel caco de livro cuja existencia ninguem conhecia...

Plagio?. Como plagio?! Por que plagio? E' tão comum duas criaturas terem a mesma ideia... Coincidencia, apenas. E além disso, quem daria pela coisa?

Ernesto era literato.

"Fazer literatura" é a forma natural da calaça-ria indigena. Em outros paises o desocupado caça, pesca, joga o murro. Aqui beletrea. Rima sonetos, escorcha contos ou tece desses artiguetes inda não classificados nos manuais de literatura, onde se adjectiva sonoramente uma apparencia de ideia, sempre feminina, sem pé e raramente com cabeça, que gosa a propriedade, aliás preciosa, de deixar o leitor na mesma. A gramatica sofre umas tantas marradas, os tipografos lá ganham sua vida, as beldades se saboreiam na candi-adjetivação e o sujeito autor lucra duas coisas: mata o tempo, que entre nós em vez de dinheiro é uma simples maçada, e faz jús a qualquer academia de letras, existente ou por existir, de Sapopemba a Icó.

Ernesto não fugira á regra. Em moço, enquanto vivia ás sopas do pai á espera de que lhe caísse do ceu um amanuensado, fundara *A Violeta*, órgão literario e recreativo, com charadas, sonetos, variedades e mais mimos de Apolo e Minerva. Redigiu depois certa folha "critica, cientifica e literaria" com dois tt, *O Combatente*, que morreu aos sete meses, combatendo a gramatica até ao derradeiro transe. Compôs nesse intervalo, e publicou, um livro de sonetos, cuja impressão deu com o pai na miseria.

Incompreendido pelo publico, que não percebia o advento de um novo genio, Ernesto amargou

como peroba da miuda, deixou crescer grenha e barba, esgroviou-se e disse cobras cascaveis do país, do publico, da critica, do José Verissimo e da “cambada” da Academia de Letras. Citava amiude Schopenhauer e Kropotkine, mostrando tendencias para saltar dum pessimismo inofensivo ao perigoso nihilismo russo. Foi quando o pai, farto das atitudes teatrais do filho, meteu-o numa roda de guatambú e pô-lo fóra de casa com um valente ponta-pé: — “Vá ganhar a vida, sêo anarquista de bôrra!”

Ernesto, jururú, achegou-se a um tio influente na politica e afinal cavou o empreguinho. No empreguinho amou, casou e tomou a seu cargo a seção “Conselhos Uteis” do *Batalhador*. Estava nisso quando ventou, choveu, entrou no sebo, pilhou *A Maravilha* e patinhou como Hamlet no pégo da indecisão, até que...

Ernesto, em tiras de papel do governo, lançou em belo cursivo um lindo começo bem arredondado:

“Era por uma dessas noites de abril, em que o ceu recamado de estrelas lembra um manto negro com mil buraquinhos...”

Na roda de orçamentivoros que domingueiramente bebericavam o chá com torradas de dona Eucaris, todos afinados pela cravelha do Ernesto — vitimas imbeles da incompreensão — o conto estampado no *Lirio* causou agradável surpresa. O João Damasceno foi o primeiro a dar-lhe um abraço, num vai-e-vem de café.

— Olha, li o teu “Never more” no *Lirio*. Esplendido! O final, então, divino! Tens miolo, meu caro! Pagas o chope?

Nesse dia Ernesto contou á esposa toda a vida do João, terminando cismatico: E' um carater, Eucaris, um nobilissimo carater...

O capitão Prelidiano, chefe da sua seção, foi comedido e pausado como o convinha á eminencia do seu tamanco: "Li o seu trabalho, senhor Ernesto e gostei; termina com brilhantismo; continue, continue..."

E o Claro Vieira? Fôra brutal, esse.

— Que otimo fecho arranjaste para o teu conto! O resto está pulha, mas o final é *un morceau de roi!*

O que nessa noite dona Eucaris ouviu relativo ao carater baixo, infame e vil do Claro...

Ernesto entrou-se de receios. Pareceu-lhe que o Claro estava no segredo do "encontro de ideias". Como medida de precaução deu busca aos sebos em cata de quanto exemplar d'A *Maravilha* empoava por lá. Encontrou meia duzia, adquiriu-os e queimou-os, com grande assombro de dona Eucaris, que duvidou da integridade dos miolos maritais ao ve-lo transfeito em Torquemada de inocentes brochuras carunchosas.

Mas nem assim sossegou.

— Quem me assegura não existirem outras, espalhadas aí pelas bibliotecas publicas? Se ao menos houvesse eu variado a forma, conservando apenas a ideia... Fôra audacioso, não havia duvida. Fôra tolo, pois não.

— Sou uma besta, bem m'o dizia o pai...

Ernesto arrependeu-se do plagiato — sim, porque, afinal de contas, vamos e venhamos, era um plagio aquilo! Sua consciencia proclamava-o de ca-

beça erguida, reagindo contra as chicanas peitadas em provar o contrario. E Ernesto arrependia-se, sobretudo por causa do “Dizem...” do *Cromo*. Consta-va ser o Claro o enredeiro daquelas maldades — e o Claro era impiedoso na mofina. Sabia revestir as palavras dum jossá urente de urtiga.

Fizera mal, sim, porque, afinal de contas, um plagio... é sempre um plagio.

Quando no domingo seguinte recebeu o *Cromo*, tremeu ao correr os olhos pelo “Dizem...” Mas não vinha nada, e respirou. No “Recebemos e Agradecemos” havia bôa referencia ao conto, muito elogiosa para o remate.

Tambem a *Dalia* desse dia trouxe algo: “O conto do sr. F. é um desses etc., etc. O final é uma dessas frases que chispam beleza helenica, etc”.

— O final, sempre o final! Estão todos apostados em fazerem-me perder a paciencia. Ora pistolas!

Ernesto deblaterou contra os jornalistas, contra os amigos, contra os dez exemplares do *Lirio* em seu poder — dez arautos do seu crime. E queimou-os.

Na repartição, a um novo elogio do Damasceno, Ernesto rompeu desabridamente.

— Ora vá ser besta na casa da sua sogra!

Damasceno abriu a boca.

Nas palavras mais inocentes o pobre autor via alusões ironicas, directas, claras, brutais. Num simples “bom dia” enxergava risinhos de mofa. O proprio capitão Prelidiano, honestissima cavalgadaura incapaz de ironias, afigurava-se-lhe o chefe da tropa.

Conspiravam contra ele, não havia duvida.

Ernesto pôs-se em guarda. Fugiu aos amigos. Deu cabo do mate domingueiro. Não podia sequer ouvir falar em literatura, o assunto diletto de tantos anos. Emagreceu.

Dona Eucaris, pensabunda, matutava:

— Serão lombrigas?

E deu-lhe quenopodio ás ocultas.

\* \* \*

— Afinal...

— Afinal? E' o diabo ser a vida tão pouco romantica como é! Os casos mais interessantes descambam a meio para o mais reles prosaismo. Este do Ernesto d'Olivais, por exemplo. Merecia fim tragico, duelo ou quebramento de cara. Quando nada, uma remoçãozinha a pedido.

Mas seria mentir. Nem toda a gente encontra, como Ernesto, remates de estrondo á mão.

E' o caso deste caso.

Ernesto adoeceu, mas sarou. O quenopodio revelou-se um porrete para o seu mal. Depois, com o decorrer do tempo, esqueceu o plagio. Os amigos esqueceram o "Never more". O Lirio morreu como morrem *Lirios*, *Dalias* e *Cromos*: calote na tipografia. Ernesto engordou. Já é major. Tem seis filhos. Continua a fazer literatura — clandestinamente, embora. E se encontrar a talho de foice um novo final de estrondo, plagiará de novo.

Moralidade ha nas fabulas. Na vida, muito pouca — ou nenhuma...

1903

## Sorte Grande

Foi numa quieta cidadezinha entrevada, dessas que se alheiam do mundo com a discreção humilde dos musgos. Havia lá a gente do Moura, o arrecadador de taxas municipais no mercado. A morte arrecadou o Moura muito fora de tempo e proposito. Resultado: viuva e sete filhos na dependura.

Dona Teodora, quarentona que nunca soubera a significação da palavra descanso, viu-se de trabalhos dobrados. Encher sete estomagos, vestir sete nudezes, educar outras tantas individualidades... Se houvesse justiça no mundo, quantas estatuas a certos tipos de mães!

A vida em tais logarejos lembra a dos liquens na pedra. Tudo se encolhe no “limite” — no minimo que a civilização comporta. Não ha “oportunidades”. Os meninos, mal empenam, emigram. As meninas, como não podem emigrar, viram moças; as moças passam a “tias”; e as tias evoluem para velhinhas enrugadas como o maracujá murcho — sem que nunca venha ensejo para a realização dos dois grandes sonhos: casamento ou ocupação decentemente remunerada.

Os empreguinhos publicos, de paga microscopica, são tremendamente disputados. Quem se ahera a um, dali só é arrancado pela morte— e passa a vida invejado. Uma só saída para as mulheres, afora o casamento: a meia duzia de cadeiras das escolinhas locais.

O mulhierio de Santa Rita lembra os rizomas de gladiolos de certas casas de “cera e sementes” pouco frequentadas. O dono do negocio os expõe numa cesta á porta, á espera do freguês eventual. Não aparece freguês nenhum — e o homem os vai retirando da cesta á proporção que murcham. Mas o estoque não diminue porque entram sempre rizomas novos. O dono da casa de “cera e sementes” de Santa Rita é a Morte.

A boa mãe revoltava-se. Tinha culpa de terem vindo ao mundo as cinco meninas e os dois meninos, e de nenhum modo admitia que elas virassem maracujás secos e eles se estiolassem na lambança viciosa dos zés-ninguens.

O problema não era totalmente insolúvel com os meninos, porque podia manda-los para fora no momento oportuno — mas as meninas? Como arranjar a vida de cinco moças numa terra em que havia seis para cada homem casadouro — e só cinco cadeirinhas?

A mais velha, Maricota, herdara o temperamento e a valentia materna. Estudou o que pôde e como pôde. Fez-se professora — mas já estava nos vinte e quatro e nem sombra de colocação. As vagas iam sempre para as de maior peso politico, ainda que analfabetas. Maricota, um peso-pluma, que poderia esperar?

Mesmo assim dona Teodora não desanimava.

— Estudem. Preparem-se. De repente qualquer coisa acontece e vocês se arrumam.

Os anos, entretanto, passavam sem que a esperadíssima “qualquer coisa” viesse — e os apertos recresciam. Por muito que trabalhassem em cocadas, bordados de enxoval e costurinhas, a renda não se distanciava do zero.

Dizem que as desgraças gostam de vir juntas. Quando a situação dos Mouras atingiu o ponto perigoso da “dependura”, nova calamidade sobreveiu. Maricota recebeu do céu um estranho castigo: a singularíssima doença que lhe atacou o nariz.

No começo não deram importancia ao caso; só no começo, porque a doença entrou a progredir, com desorientação de todos os entendidos em medicina das redondezas. Nunca, verdadeiramente nunca, ninguém soubera por lá de coisa assim.

O nariz da moça crescia, engordava, engrovinhava, lembrando o de certos bebedos incorrigíveis. A deformação nessa parte do rosto é sempre desastrosa. Dá á fisionomia um ar comico. Todos se apiedavam da Maricota — mas riam-se sem querer.

A maldade dos logarejos tem a insistencia de certas moscas. Aquele nariz foi virando o prato predileto do Comentario. Nos momentos de escassez de assunto era infalivel porem-no á mesa.

— Se aquilo pega, ninguém mais planta rabanetes em Santa Rita. E’ só levar a mão ao rosto e colher um...

— E dizem que está crescendo...

— Se está! A moça já não põe o pé na rua — nem para a missa. Aquela negrinha, cria de dona Teodora, me disse que já não é nariz — é beterraba...

— Serio?



— Cresce tanto que, se a coisa continua, vamos ter um nariz com uma moça atrás e não uma moça com um nariz na frente. O maior, o principal, ficará sendo o rabanete...

Nos galinheiros também é assim. Quando aparece uma ave doente, ou ferida, as sãs correm-na a bicadas — e bicam-na até destruí-la. Em materia de maldade o homem é galinaceo. A tal ponto chegou a de Santa Rita que, quando aparecia alguém de fóra, não vacilavam em enfileirar entre as curiosidades locais a doença da moça.

— Temos varias coisas dignas de ver-se. Ha a igreja, cujo sino tem um som sem igual no mundo. Bronze do ceu. Ha o pé de cactus da casa do major Lima, com quatro metros de roda na altura do peito. E ha o rabanete da Maricota...

O visitante espantava-se, está claro.

— Rabanete?

O informante desfiava a cronica do famoso nariz com invençõesinhas comicas de sua lavra. “Não poderei ver isso?” “Creio que não, porque ela já não tem animo de pôr o pé na rua — nem para a missa”.

Chegou o momento de recorrer aos medicos especialistas. Como por lá não houvesse nenhum, dona Teodora lembrou-se de um doutor Clarimundo, especialista de todas as especialidades na cidade proxima. Tinha de mandar-lhe a filha. O nariz de Maricota estava ficando clamoroso demais. Mas... mandar como? A distancia era grande. Viagem por agua — pelo rio S. Francisco, em cuja margem direita se assentava Santa Rita. O percurso custaria dinheiro; e custaria dinheiro a consulta, o tratamen-

to, a estada lá — e onde o dinheiro? Como reunir os duzentos mil réis necessários?

Não ha barreiras para o heroismo das mães. Dona Teodora redobrou de faina, operou milagres de genio e por fim reuniu o dinheiro da salvação.

Chegou o dia. Muito vexada de mostrar-se em publico depois de tantos meses de segregação, Maricota embarcou para a viagem de dois dias. Embarcou num “gaiola” — o “Comandante Exuperio” — e logo que se viu a bordo tratou de descobrir um cantinho em que ficasse a salvo da curiosidade dos passageiros. Inutilmente. Deu logo nos olhos de varios, sobretudo nos dum moço de bom aspecto, que entrou a mira-la com singular insistencia. Maricota esgueirou-se de sua presença e, de bruços na amurada, fingiu-se absorta na contemplação da paisagem. Fraude pura, coitadinha. A unica paizagem que via era a sua — a nasal. O passageiro, entretanto, não a largava.

— Quem é essa moça? quis saber — e um de boca perdigotante, tambem embarcado em Santa Rita, regalou-se em contar pormenorizadamente tudo quanto sabia a respeito.

O moço refranziu a testa. Reconcentrou-se a meditar. Por fim seus olhos brilharam.

— Será possível! murmurou em soliloquio, e... resolutamente encaminhou-se na direção da triste criatura absorvida na contemplação da paisagem.

— Perdão, minha senhora, eu sou medico e...

Maricota voltou para ele os olhos, muito vexada, sem saber o que dizer. Como um eco, repetiu:

— Medico?...

— Sim, medico — e o seu caso está me interessando profundamente. Se é o que supponho, talvez

que... Mas, venha cá — conte-me tudo — conte-me como isso começou. Não se vexa. Sou medico — e para os medicos não ha segredos. Vamos...

Maricota, depois de alguma resistencia, contou tudo, e á medida que falava o interesse do moço recrescia.

— Com licença, disse ele — e pôs-se a examinar-lhe o nariz, sempre com perguntas cujo alcance a moça não percebia.

— Como é seu nome? atreveu-se a indagar Maricota.

— Doutor Cadaval.

A expressão do medico lembrava a do garimpeiro que encontra um diamante de valor fabuloso — um Cullinan! Nervosamente ele insistia:

— Conte, conte...

Queria saber tudo; como aquilo começara, como se desenvolvera, que perturbações ela sentira e outras coisinhas tecnicas. E as respostas da moça tinham o condão de aumentar-lhe o entusiasmo. Por fim,

— Maravilhoso! exclamou. Um caso unico de boa sorte...

Tais exclamações desnortearam a doente. “Maravilhoso?” Que maravilhamento poderia causar a sua desgraça? Chegou a ressentir-se. O medico tentou sossega-la.

— Perdoe-me, dona Maricota, mas o seu caso é positivamente extraordinario. De momento não posso firmar parecer — estou sem livros; mas macacos me lambam se o que a senhora tem não é um rinofima — um RINOFIMA, imagine!

Rinofima! aquela palavra estranha, dita naquele tom de entusiasmo, em coisa nenhuma melhorou

a situação de atrapalhamento de Maricota. O fato de sabermos o nome de uma doença não nos consola nem cura.

— E que tem isso? perguntou ela.

— Tem, minha senhora, que é uma doença raríssima. Pelo que sei a respeito, não se conhece ainda um só caso em toda America do Sul. Olhe que não estou falando do Brasil — sim da America do Sul... Compreende agora o meu entusiasmo de profissional? Medico que descobre casos unicos é medico de nome feito...

Maricota começava a compreender.

Longamente Cadaval debateu a situação, informando-se de tudo — da familia, do objeto da viagem. Ao saber de sua ida á cidade proxima em busca do Dr. Clarimundo, revoltou-se.

— Qual Clarimundo, minha senhora! Esses medicos da roça não passam de perfeitas cavalgadas. Formam-se, afundam nos logarejos, nunca lêem nada. Atrasadissimos. Se a senhora vai consulta-lo, perderá o seu tempo e o seu dinheiro. Ora o Clarimundo!

— Conhece-o?

— Claro que não, mas adivinho. Conheço a classe. O seu caso, minha senhora, é a maravilha das maravilhas, desses que só podem ser tratados pelos grandes medicos dos grandes centros — e estudado pelas academias. A senhora vai mas é para o Rio de Janeiro. Tive a sorte de encontra-la e não a largo mais. Ora esta! Um rinofima destes nas mãos do Clarimundo! Tinha graça...

A moça alegou que a sua pobreza não lhe permitia tratar-se na capital. Eram pauperrimos.

— Sossegue. Eu farei todas as despesas. Um caso como o seu vale ouro. Rinofima! O primeiro observado na America do Sul! Isso é ouro em barra, minha senhora...

E tanto falou, e tanto gabou a beleza do rinofima, que Maricota deu de sentir uns começos de orgulho. Depois de duas horas de debates e combinações, já estava outra — sem vexame nenhum dos passageiros — e a exhibir pelo tombadilho o seu rabanete como quem exhibe algo fascinante.

O doutor Cadaval era um moço extremamente expansivo, dos que não param de falar. O empolgamento em que ficou fê-lo debater o assunto com todos de bordo.

— Comandante, disse ao capitão horas depois, aquilo é uma preciosidade sem par. Unico na America do Sul, imagine! O sucesso que vou fazer no Rio — na Europa! E' dessas coisas que arrumam a carreira de um medico. Um rinofima! Um rinofima, capitão!...

Não houve passageiro que se não inteirasse da historia do rinofima da moça — e o sentimento de inveja tornou-se geral. Evidentemente Maricota fôra marcada pelo Destino. Possuia algo unico, uma coisa de fazer a carreira de um medico e de figurar em todos os tratados de medicina. Muitos houve que instinctivamente correram os dedos pelo nariz, na esperança de apalpar um comecinho da maravilha...

Maricota, ao recolher-se á cabina, escreveu á mãe:

“Tudo está mudando da maneira mais exquisita, mamãe! Encontrei a bordo um medico distintissimo, que ao dar com o meu nariz abriu a boca no maior entusiasmo. Eu só queria que a senhora visse

Acha que é uma grande — uma grandissima coisa, a coisa mais rara do mundo, unica na America do Sul, imagine! Disse que vale um tesouro, que para ele foi o mesmo que ter encontrado um tal diamante Cullinan. Quer que eu vá para o Rio de Janeiro. Paga tudo. Como aleguei que somos muito pobres, prometeu que depois da operação me arranja um lugar de professora. Imagine, eu professora no Rio de Janeiro! Que ponta, hein? Estou que não caibo em mim. Professora no Rio!... Até a vergonha lá se foi. Passeio com o nariz bem á mostra, alto. E, coisa incrível, mamãe, todos me olham com inveja! Inveja, sim — eu leio nos olhos de todos. Decore esta palavra: RINOFIMA. E' o nome da doença. Ah, eu só queria ver a cara desses bobos que tanto caçoavam de mim — quando souberem...”

Maricota mal conseguiu dormir nessa noite. Grande mudança de ideias se operava em sua cabeça. Qualquer coisa a advertia de que era chegado o momento de uma grande tacada. Tinha de tirar vantagens da situação — e como ainda não dera resposta definitiva ao Dr. Cadaval, deliberou executar um plano.

No dia seguinte o medico abordou-a de novo.

— Então, dona Maricota, está resolvida, afinal?

A moça estava resolvidissima; mas, boa mulher que era, fingiu.

— Não sei ainda. Escrevi a mamãe... Ha a minha situação pessoal e a da minha gente. Para que eu vá ao Rio preciso ficar sossegada quanto a estes dois pontos. Tenho dois irmãos e quatro irmãs — e como é? Ficar lá no Rio sem eles, impossivel. E como deixa-os sozinhos em Santa Rita, se sou o esteio da casa?

O Dr. Cadaval refletiu uns momentos. Depois disse:

— Os rapazes eu posso colocar facilmente. Já suas irmãs, não sei. Que idade têm elas?

— Alzira, a logo abaixo de mim, está com 25 anos. Muito boa criatura. Borda que é um primor. E bonitinha.

— Se tem essas prendas, poderemos coloca-la numa boa casa de modas. E as outras?

— Ha a Anita, com 22, mas essa só sabe ler e escrever versos. Sempre teve um jeito extraordinario para a poesia.

O Dr. Cadaval coçou a cabeça. Colocar uma poetiza não é nada facil — mas veria. Ha os empregos do governo, nos quais cabem até os poetas.

— Ha a Olga, com 20 anos, que só pensa em casar. Essa não quer outro emprego. Nasceu para o casamento — e lá em Santa Rita está secando, porque não ha homens — todos emigram.

— Arranjaremos um bom casamento para a Olga, prometeu o medico.

— E ha a Odete, com 19 anos, que ainda não revelou disposição para coisa nenhuma. Boa criatura, mas muito criança, bobinha.

— Vai ser outro casamento, sugeriu o medico. Arranja-se. Arranjaremos a vida de todos.

O Dr. Cadaval ia prometendo com aquela facilidade porque no intimo não tinha intenção de colocar tanta gente. Poderia, sim, arrumar a vida de Maricota — depois de opera-la. Mas o resto da familia, que se fomentasse.

Assim não succedeu, entretanto. As aperturas da vida tinham dado a Maricota um senso das realidades verdadeiramente totalitario. Percebendo que

aquela oportunidade era a maior da sua vida, resolveu não deixa-la escapar. De modo que ao chegar ao Rio, antes de entregar-se ao tratamento e exhibir na Academia de Medicina o seu caso unico, impôs condições. Alegou que sem a irmã Alzira não tinha jeito de ficar sozinha na capital — e o remédio foi a vinda da Alzira. Mal pilhou lá a irmã, insistiu em coloca-la — porque não tinha o menor proposito ficarem as duas nas costas do medico. “Assim, a Alzira acanha-se e volta”.

Ansioso por dar inicio á exploração do rinofima, o medico pulou para arranjar a colocação da Alzira. E depois disso deu novos pulos para mandar vir e colocar a Anita. E depois da Anita chegou a vez da Olga. E depois da Olga chegou a vez da Odete. E depois da Odete chegou a vez de dona Teodora e dos dois rapazes.

O caso da Olga foi difficil. Casamento! Mas Cadaval teve uma ideia filha do desespero: intimou um seu ajudante no consultorio, português quarentão de nome Niceforo, a casar-se com a menina. Ultimatum da Moral.

— Ou casa-se ou vai para o olho da rua. Não quero mais saber de auxiliares solteirões.

Niceforo, tipo bastante “pai da vida”, coçou a cabeça mas casou-se — e foi o mais feliz dos Niceforos.

A familia já estava toda arrumada, quando Maricota se lembrou de dois primos. O medico, porém, resistiu.

— Não. Isso tambem é demais. Se continua assim, a senhora acaba forçando-me a arranjar um bispado para o padre de Santa Rita. Não e não.



A vitoria do Dr. Cadaval foi verdadeiramente estrondosa. Encheram-se as revistas medicas, e os jornais, com a noticia da solene apresentação á Academia de Medicina do bellissimo caso — unico na America do Sul — dum maravilhoso rinofima, o mais belo dos rinofimas. As publicações estrangeiras acompanharam as nacionais. O mundo científico de todos os continentes ficou sabendo de Maricota, do seu “rabanete” e do eminente Doutor Cadaval Lopeira — luminar da ciencia medica sul-americana.

Dona Teodora, felicissima, não cessava de comentar o estranho curso dos acontecimentos.

— Bem se diz que Deus escreve direito por linhas tortas. Quando havia eu de imaginar, ao nos surgir aquella horrivel coisa no nariz de minha filha, que era para o bem geral de todos!

Restava a parte ultima — a operação. Maricota, entretanto, ainda nas vespas do dia marcado vacilava.

— Que acha, mamãe? Deixo ou não deixo que o doutor me opere?

Dona Teodora abriu a boca.

— Que ideia, menina! Claro que deixa. Pois ha de ficar toda a vida assim, com esse escandalo na cara?

Maricota não se decidia.

— Podemos demorar um pouco mais, mamãe. Tudo quanto nos veio de bom saiu do rinofima. Quem sabe se nos rende mais alguma coisa? Ha ainda o Zezinho a colocar — e o pobre do Quindó, que nunca achou emprego...

Mas dona Teodora, arqui-farta do “rabanete”, ameaçou de leva-la de volta para Santa Rita, se ela teimasse na asneira de retardar, por um só dia, a

operação. E Maricota foi operada. Perdeu o rinofima, ficando com um nariz igual ao de todas as outras, apenas levemente enrugadinho em consequencia dos enxertos de epiderme.

. . . . .

Quem positivamente desapontou foi a gente mal-dosa do logarejo. O maravilhoso romance da Maricota era comentado em todas as rodinhas com grandes exageros — até com o exagero de que ela estava noiva do Dr. Cadaval.

— Como a gente se engana neste mundo! filosofou o farmaceutico. Todos pensamos que aquilo fosse doença — mas o verdadeiro nome de tais “rabanetes”, sabem qual é?

— ?

— Sorte Grande, minha gente! Sorte Grande da Espanha...

1939

## Noite de S. João

. . . . .  
— A' fogueira!

Confluem todos para ela. A palhaça de milho sotoposta á lenha miuda que lhe serve de intestinos vê-se ateada em fogo pelos quatro lados. O fogo péga e é a principio indecisa crepitação, acompanhada de leve e discreto fumegar. Depois, estrepitante, estala e de dentro da prisão de tóros, que quatro espeques de jissára mantêm em forma, escorados nos encruzes, róla em bojos de fumo espesso.

Panos de labareda esgarçam-se, tentando seguir a fumaça faulhenta em seu vertiginoso arranco para o alto. Vermelho clarão ilumina o terreiro e chapeia os vultos de debruns de cobre polido.

Barulham gritos, palmear de crianças, apupos e vivas, aos quais casam os bambús do recheio os seus estouros de bombas. A faiscalha ascendente galga o ceu recamado de estrelas, qual invertido chuveiro.

O frio fino da noite atrai para a fogueira os fandanguistas, de mãos espichadas para o calor irradiante. Mãos e pés. Um diluvio de pés entanguidos —

pés de marmanjões, pés calçados e pés-no-chão, pézinhos de crianças, pés brancos, pés pretos e pés mulatos — das criadinhas e molecotes crias da casa — em alegre confraternizar apinham-se junto a ela, nas mil atitudes do “aquestar fogo”.

As crianças furtam-lhe os tições a jeito, e guiadas pelas mais peraltas dividem-se em grupos para queimar traques da China ou bichas de rabear. O ar estreleja ao estalo daqueles, enquanto estas zigzagueiam pelo chão, chiando faiscas, como buscapésinhos de Liliput. A’ porta da casa escorava-se o primeiro pistolão de côr.

— Caminho, gente! “Evai” fogo!

Abre-se uma ala por onde, d’um repuxo de faiscas, jorra a primeira bomba d’um verde de doer nos olhos. O esverdeamento da cena atrai todos os olhares, seguidos de espontaneo e sincero “Bonito!” Vem outra mais forte, vermelha, e outra azul, e outra branca... A cada *bláff!* ha um voltar geral de caras, e ao ultimo um “Que pena! Outro! Outro!” E os pistolões se sucedem, com reboliços na molecada ao fim de cada um para a disputa do canudo.

Aqui o quadro perde a unidade. De cada lado cenasinhas pitorescas dividem a atenção.

— Mamãe, Zéquinha queimou eu!

Um menino aparece berrando, a sacudir um dedo enegrecido pelo chamusco da bicha que o irmão, “de proposito”, lhe atacara em cima. Acodem mulheres, que rodeiam a criança com exclamações de piedade. Uma velhota lembra o querozene como o melhor porrete para queimaduras. Surge a lamparina de petroleo ás mãos duma criadinha, e concerta-se o dedo ao Jojoca, que, mal sarado, ainda fungando e

soluçando, lá se volta ás bichas, seguido de longe pelos olhares ressabiados do Zéquinha, ao qual a mãe, estalando os dedos, ameaçou com um “amanhã você me paga!”

Num grupo de taludotes conspira-se visivelmente. Tudo ali são meias-palavras e cochichos: *buscapés... no meio do povo... vai ser uma pandega!...*

Noutro, de fedelinhos, o Zéquinha se faz centro de minuciosa atenção, e no silencio só quebrado por um ou outro soluço do Jojóca desmancha pistolões á cata das bombas, distribuindo a pólvora pelos amigos.

Nisto, rebentam palmas no grupo dos moços.

— Bravos! Viva a sanfona!

Era o Quim da Venda que chegava, a expremper um velho dobrado na sanfona fanhosa. Rodeiam-no; “inspiram-no” com uma vez de caninha, e cada qual vai pedindo a musica da sua predileção. Quim sorri perguntando: “Mas afinal que é que mecêis querem?”

Teve maioria uma *Não te esqueças de mim* — “muito dansante”, na opinião de Sinházinha Lopes — a cujos primeiros acordes os pares se uniram de peito e iniciaram o giro valsado em torno á fogueira. Aos ouvidos das moças ressoam as eternas amabilidades do galanteio.

Em certo magote comenta-se:

— Parzinho jeitoso, a Miloca e o Lulú, não?

— E gostam-se desde meninos; ouvi dizer que ele já a pediu.

— Historias. Quem foi pedida, um dia destes, foi a Nenê. Mas parece que o sujeitinho levou tabua.

— Bem feito! Tenho birra áquele coisinha. Pensa que é gente... Não viu o que andou dizendo de mim? Como coisa que eu era capaz de dar confiança a um moleque daquela marca...

A sanfona gemia cadenciada, com o Quim deitado sobre ela, alheio ao mundo. Tocava bem, o ladrão, sobretudo quando lhe graduavam o estro com sabias doses de pinga. Aqueles sons ritmavam os movimentos dos pares, enlanguecidos d'um mixto de amor e bem estar fisico. Perto deles inutilmente espocavam as bichas e chiavam fogos; nem sequer lhes atraia os olhos o *puff!* balofo dos derradeiros pistoles.

Subito, chiou ao longe um buscapé de limalha que, qual raio epiletico, enveredou pelo meio do povo aos corcóvos, criando o panico e a debandada. Os dansarinos fugiram espavoridos, com as damas penduradas ao peito, e a menina prorrompeu em atreadora grita — meio medo, meio contentamento. Os velhos protestaram indignados, que era uma patifaria aquilo, que não se fazia. No meio da desorganização geral só não largou o posto o Quim, sempre deitado na sanfona, alheio ao mundo, absorto nas sonoridades fanhosas que su'alma de artista barbaio ia arrancando ao instrumento querido.

Cessado o panico com o estouro final do buscapé, surgiu um tio Pedro, de porretinho em punho, para "ensinar" o malvado.

Quem foi? Quem não foi?

Não fôra ninguem; ninguem vira.

Ferviam ainda o comentario e a indignação, quando apareceram duas criadas carregando bandejas com chicharas e bules.

— A gengibrada! “Evem” a gengibrada!

Foi agua na fervura. Todos se esqueceram do buscapé para só se lembrarem da garganta. Era a vez de concertar os gorgomilos e matar no ovo a possível constipação. Por minutos, um soprar de chicaras e um chuchurrear, com estalos de lingua, dominaram todos os barulhos.

— Está supimpa!

— Isto regenera o figado.

— Corrobora, pois não.

— Mais uma chicara, dona Lulú?

— Ardidinha, mas bôa que dói!

— Está d'appetite, como diz o Eça.

Este comentario saiu do literatelho da roda, Julio da Silva de nome, e Julius d'Alcatrava no pseudonimo com que desovava sonetos semanais nas folhas da terra. A Candoquinha, de ha muito pelo beico, encantou-se com a frase.

—E' da pele, este são Julio!

Bem gengibrados, dispersaram-se de novo.

O Quim annunciou quadrilha, que foi organizada num apice. Quem a marcava era o Julio. Ah, o Julio tinha tanta graça para marcar...

—“En avant turco!”—“Grande chaine”! —“Tour, à pas de “porca”!

Gargalhadas, *quiás, quiás, quiás*. A Candoca fundia-se de gosto.

— Este são Julio tem cada uma!...

Certa ex-musa do poeta não se conteve:

— Crédo, Candoca! Você está escandalosa.

— Deixe. Isto é p'ra quem pode...

— “Joujou d'enfant”! — “Grande confusion!”

— “Tour”!

— São Julio, outra vez “Joujou d’enfant”!

— Arre, Candoca!

Para lá da fogueira enchia-se um grande balão. A criançada rodeava-o, acotovelando-se, na ansia de ver melhor. O Zéquinha era quem punha a mecha e distribuía tabefes aos atrapalhadores.

O bojo multicolor encheu-se dum fumo sujo.

— Está pronto, pode largar!

— Ainda não, bôbo! Falta gas...

— Agora!

Sentindo-o com força, o “segurador” largou-o, e o balão hesitante subiu a prumo.

Rompeu o berreiro.

— Viva o balão! Viva Santos Dumont!

O Julio, que nesse momento estilizava o decimo “tour” com sua “vis-à-vis”, a Candoca, aproveitou a ensanचा para poetar.

— O amor, dona Candoca, é como o balão: quanto mais rapido sobe, mais rapido desaparece.

— Adoravel pensamento para um cartão postal! suspirou ingenuamente a menina, envolvendo-o num olhar de mel.

Nisto a fogueira desmoronou, golfando para o ceu escuro bulções de fagulhas vivissimas.

— Bonito! Parece o Vesuvio!

O Julio incontinente “cascou” para a Candoca:

— Sabe, como Deus criou as estrelas? Mandou que os anjos cortassem grandes florestas e armassem enorme fogueira da altura do Himalaia. Acendeu-a e, quando tudo estava em brasa, despegou um pedaço de ceu e arremessou-o contra ela. Ergueu-se



então um repuxo imenso de faíscas, que foram subindo, foram subindo, até se grudarem na abobada negra do firmamento...

— Lindo! Ha de escrever isso no meu album, esse lindissimo pensamento, sim? O que é ter alma de poeta...

E Candoca lambusou-o de um novo olhar de mel, onde não se sabia o que mais babava, se o amor, se a admiração pelo esteta...

1900

## Cabelos Compridos

— Coitada da Das Dores, tão bôazinha...

Das Dores é isso, só isso — bôazinha. Não possui outra qualidade. E' feia, é desengraçada, é inelegante, é magerrima, não tem seios, nem cadeiras, nem nenhuma rotundidade posterior; é pobre de bens e de espirito; e é filha daquele Joaquim da Venda, ilheu de burrice eburnea — isto é, dura como o marfim. Moça que não tem por onde se lhe pegue fica sendo apenas isso — bôazinha.

— Coitada da Das Dores, tão bôazinha...

Só tem uma coisa a mais que as outras — cabelo. A fita da sua trança toca-lhe a barra da saia. Em compensação, suas ideias medem-se por frações de milimetro, tão curtinhas são. Cabelos compridos, ideias curtas — já o dizia Schopenhauer.

A natureza pôs-lhe na cabeça um tabloide homeopatico de inteligencia, um granulo de memoria, uma pitada de raciocinio — e plantou a cabeleira por cima. Essa mesquinhez por dentro. Por fora ornou-lhe a asa do nariz com um grão de ervilha, que ela modestamente denomina verruga, arrebitou-lhe

as ventas, rasgou-lhe boca de dimensões comprometedoras e deu-lhe uns pés... Nossa Senhora, que pés! E tantas outras pirraças lhe fez que, ao vê-la todos dizem comiserados:

— Coitada da Das Dores, tão bôazinha...

Das Dores só faz o que as outras fazem e porque as outras o fazem. Vai á igreja aos domingos de livrinho na mão, ouve a missa, ouve a predica, reza. Nunca falhou um dia. Se lhe perguntarem o porque daqueles atos, responderá, muito admirada da pergunta:

— Mas se todas vão!

O grande argumento de Das Dores é esse: as outras. Ouve o sermão do padre e chora nos lances tragicos, não porque compreenda algo daquela retorica, nem porque sinta vontade de chorar — mas porque as outras choram.

Toma tudo quanto ouve ao pé da letra, incapaz que é de galgar do concreto ao abstrato. Se ouve falar em “fazer pé de alferes”, fica a pensar em pés e mãos de alferes e tenentes.

— Tão bôazinha, a Das Dores...

Uma vez foi á predica de um padre em missão pela zona, orador famoso pelas muitas almas que desatolára do chafurdeiro de Satanaz. Ouviu-lhe muita coisa que não entendeu, mas entendeu um pedacinho que terminava assim: “Meditai, meus irmãos, refleti em cada uma das palavras das vossas orações quotidianas, pois do contrario não terão elas nenhum valor”.

Das Dores saiu da igreja impressionada com o estranho conselho, e se foi de consulta á tia Vicência, velha sabidissima em mezinhas e teologias.

— Tia Vicencia “viu” o que o sêo conego disse? Para pensar em cada palavra, senão a reza não vale?... ~~que a reza não vale...~~

A tia mastigou um “pois é” que dava toda a razão ao padre.

— Que coisa, não? foi o comentario final de Das Dores, que continuava a achar exquisitissima aquela ideia.

A’ noite era costume seu rezar umas tantas orações preventivas dos mil males possiveis no dia seguinte. Mas até ali as rezára qual um fonografo, psi, psi, psi, amem. Tinha agora que pensar nas palavras. Diabo! Havia de ficar engraçada a reza...

Caiu a noite.

Das Dores meteu-se na cama, cobriu a cabeça com o lençol e deu inicio á novidade. Abriu com o Padre Nosso.

— *Padre Nosso que estais no céu; padre, padre; os padres, padre Pereira, padre vigario... Padre Luiz... Coitado, já morreu, e que morte feia — estuporado!... Padre... Que ideia do sêo conego mandar a gente pensar nas palavras! Nem se pode rezar direito...*

— ... *nosso; nosso é o que é da gente; nossa casa; nossa vida; nosso pai... P’ra quem seria que foi o Nosso-Pai hontem? Para a nhá Véva não é. que ela já melhorou. Seria para o major Lesbão? Coitado! Quem sabe se a estas horas já não está no outro mundo? Bom homem, aquele... Tão caridoso... O’ diabo! Estou me distraído? “Nosso”; “nosso”... Em certas palavras não se tem geito de pensar...*

— ... *que estais no ceu; estar no ceu, que lindeza não será! Os anjos voando, as estrelinhas, Nos-*

sa Senhora tão bonita com o Menino no braço, os santos passeando de lá para cá... O ceu; ceu; ceu da boca; ceu azul. Por que será que se diz ceu da boca?

— ... *santificado*; san-ti-fi-ca-do; que é santo; dia santificado; dia santo...

— ... *seja vosso nome*; nome; nome bonito... Nome feio... Quantos tapas levei na boca por dizer nomes feios! Quem me ensinava era aquela bruxa da Cesaria. Peste de negrinha! Onde andarás ela? “Nome de gente”; “nome de cachorro”. Gustavo, bonito nome. Está ali um que se quisesse... Mas nem me enxerga, o mauzinho; é só a Loló p'r'aqui, a Loló d'r'ali, aquela caraça de brôa... Gustavo é o nome de homem mais bonito para mim. De mulher é... Rosinha? Não. Merencia? Não... “Home”, a falar verdade, nenhum. Gustavo. Gustavinho... Ahn! que sono!

— *O pão nosso*; pão; pão... Por que será que quando a gente repete muitas vezes uma palavra ela perde o jeito e fica assim exquisita? Pão; pão; pão... Por falar em pão, como anda mingando o pão do Zé Padeiro! E que pão ruim! Azedo... Pão sovado; pão de cará; pão de Petropolis...

— ... *de cada dia*; dia; dia; marido da noite; dia de sol; dia de chuva; dia das almas; dia de anos; dia bonito... E que dia bonito fez hontem! Vão ver que domingo chove. E' sempre assim. Havendo uma festinha, chove mesmo. Amanhã, se fizer bom dia, vou á casa da Ignez. Coitada da Ignez! Acontece cada coisa nesta vida...

— ... *dai-nos hoje*; hoje, hoje... Que é que eu fiz hoje? Ahn! Que soneira!

—... *e livrai-nos Senhor; senhor; illustrissimo* senhor Gustavo da Silva. Bonito nome! Senhor, amado; Senhor morto; senhor, se-nhor, nhor-se, nhor-sim...

— ... *de todo o mal; mal; mal... mal... al...*

Os olhos de Das Dores fecharam-se, o corpo moleou e o seu sono foi um só até romper o dia. Ao despertar lembrou-se logo do caso da vespera. Sorriu. Achou que a ideia do conego — um padre de tanta fama! — não passava de grossa asneira. E pela primeira vez na vida duvidou.

— Ora, titia, foi ela dizer á tia Vicencia, aquilo é asneira. Se a gente fôr pensar em cada palavra, não pode rezar direito. O conego que me perdoi, mas ele disse uma grande bobagem...

Não se sabe se a tia lhe deu razão ou não; mas o fato é que Das Dores continuou a rezar pelo sistema antigo, mais rapido, mais correntio e com certeza mais agradavel a Deus. Quem se saiu mal do incidente foi o pobre missionario. Cada vez que se referiam a ele perto de Das Dores, ela floria a cara de uma risadinha ironica.

— Está aí um que póde estar dizendo as coisas, que eu...

E concluiu a frase com o mais convencido muxoxo de pouco caso.

1904

## A “Cruz de Ouro”

- Entre, quem é.
- O Feroz não está solto?
- Viva, compadre! Suba!...

Um barbaças de oculos e cachênê de lã ringiu o portão de ferro e galgou a passos tropegos a escadilha que levava ao alpendre de ipomeias. Lá o aguardava, de cara amavel, um segundo barbaças, o coronel Liberato, vestido d’uma farda consentanea com a sua belicosidade: chambre de palha de seda, chinelo cara-de-gato e gôrrô de veludo negro com cerca-dura de ponto russo.

O que subia tambem era coronel. Coronel Antonio Leão Carneiro Lobo de Souza Guerra, ou simplesmente Nho Gué. Chegaram ambos áquele alto posto militar pela razão estrategica de colherem para mais de dez mil arrobas de café. Se em vez de dez colhessem apenas cinco mil, seriam maiores ou capitães. Este intelligentissimo criterio economico do nosso militarismo é garantia de paz muito mais segura do que a Liga das Nações.

— Que milagre foi esse? disse o de cima, abraçando o velho amigo.

— Quem é vivo sempre aparece, e eu ainda não morri, apesar desta sufocação que me escangalha o peito.

— Você é o peito, eu a enxaqueca. Não valemos mais nada, compadre. Mas como lá vão todos? a co-madre?

— Bôa, todos bons, isto é, a Chiquinha... Ui!

— A cotucada?

— Não, este ventinho encanado...

— Pois vamos entrar.

E os dois urumbevas penetraram na sala de fora.

A sala de fora do Coronel Liberato merece re-latorio para que a posteridade se deleite em conhecer como era uma sala de visitas de coronel brasileiro no seculo XX. Cadeiras austriacas, sofá e cadeiras de balanço, tudo enfeitado com os crochézinhos das filhas. Mesinha central de cipó com embrechados, obra de um "curioso" do lugar. Duas almofadas no sofá, uma tendo um gato estufado, de lã, com olhos de vidro; outra, um papagaio de mis-sanga verde — maravilhas feitas por certa afilhada prendadissima. Dois aparadores com vasos para flores artificiais, figurinhas de louça — "bibelótes" como lá dizia o dono, e varias curiosidades naturais — caramujos, conchas, um ninho de João-de-barro, um mico seco e duas familias de içás vestidos. Nas paredes, espelho oval, dois retratos grandes a carvão e fotografias em porta-cartões de talagarça, bordados pelas meninas. Pendurado do lampeão belga sus-penso ao teto, grande abacaxi de papel de seda. Pia-no de armario. Tapete com grande onça. Que mais? Iam-me esquecendo as duas "escarradeiras de sobrado", com caraças de leões... Viva o naturalismo!



Entrados que foram, os dois coroneis refestelaram-se nas cadeiras de balanço, o do "ui!" com cauteias, gemidos e caretas ao dobrar as juntas. Liberato puxou o cigarro de palha e, enquanto afrouxava o fumo na palma da mão, reatou a conversa.

— Ahn! Com que então a dona Chiquinha...

— Compadre, entre nós não ha segredos; a doença dela são amores. Quer casar, ora aí tem.

— Não vejo mal nisso. Está na idade. Só se...

— Mas adivinhe lá com quem a tolinha emberinchou de casar?

— ?

— Com o José de Paula!

— O filho da Nhá Vé?

— Esse mesmo. Um moço sem vintem de seu, gente do Chicão de Paula... Sair do nicho de filha unica, onde vive como uma Nossa Senhorinha, para ligar-se a um lorpa de marido, ser criada, escrava dele! Se pudessemos, nós que temos experiencia da vida, abrir os olhos a essas mariposinhas tontas... Mas é inutil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o amôr, o amôôr, o amôôôr é tudo na vida, e adeus. O que nos vale é que o rapaz é pobre mas direitinho — quanto ao moral.

Liberato interveio com cara purgativa.

— Homem, não sei. Não é por falar, mas não me cheira bem aquele sujeitinho. Você o acha moralizado. Será. Mas a familia dele é droga e a prudencia manda atentar não só para as qualidades do galho, como tambem para as do tronco. Olhe o que succedeu outro dia com o primo dele, o Chiquinho...

— Não soube de nada, compadre. Que foi?

— Você anda no mundo da lua, homem! Refiro-me ao escandalo da Recreativa.

A' palavra escandalo Nho Gué esqueceu o reumatismo e arrastou a cadeira para mais perto.

— Escandalo? Esmiuce-me lá isso, compadre.

O coronel Liberato, gososo de contar uma novidade, limpou o pigarro da garganta e disse:

— Foi no ultimo domingo, na festa anual da Recreativa. Discursos, recitativos e uma peça — aquela indromina de sempre. A sociedade mandou convite a toda gente, aos jornais, aos gremios e d'entre estes á *Camelia Branca*, da qual é secretario o Chiquinho de Paula, primo lá do teu. Por sinal que para a *Camelia* foi um camarote, o 7, justamente aquele donde assistimos ao *Poder do Ouro*, lembra-se?

— Se me lembro! Pois uma representação d'aquela é lá de esquecer? Montepin! e inda mais pelo Furtado Coelho! Noitão! Hoje é que não ha mais disso. São umas comediasinhas indecentes, e cinemas, e drogas.

— A Lucinda Simões, hein? Mulherão!

Este “mulherão” foi dito com um arregalar de olho em que toda a concupiscencia retrospectiva se espojava arreitada.

— Nem fale! disse o outro num tom de inexprimivel saudade.

— Pois muito bem: o teatro encheu-se. Estava lá o coronel Totó Fernandes com a familia; a familia do dr. Izidoro; o major Gonçalves com a mulher — e por falar, como está acabada a dona Elisa!

— E' verdade! Quem a viu e quem a vê! A Eli-sinha do Rincão, como lhe chamavamos, menina sa-peca, da pá virada, semostradeira até ali... Os anos, compadre, os anos...

— Só não vi a gente da oposição. Isso, nenhum, nem o Zé Penetra, aquele caradura.

Riram ambos, gostosamente, á lembrança da ausencia dos adversarios. (Esqueceu-me dizer que estes coroneis faziam parte do directorio situacionista, colunas fortissimas que eram da força governamental no distrito).

— Era ali entre nove e dez, continuou Liberato, quando, de repente, adivinhe, se for capaz, compadre, quem surge pelo camarote n.º 7 a dentro.

Nho Guê aparvalhou a cara com o ar de quem não é capaz.

— A “Cruz de Ouro”! concluiu o Liberato, de pé, chupando uma, duas, tres baforadas do cigarro apagado, num triunfo.

Nho Guê pasmou.

— Não me diga!...

— Pois é o que lhe digo: a “Cruz de Ouro”.

Liberato riscou triunfalmente um fosforo e prosseguiu:

— O reboição foi grande. Toda a gente se pôs a murmurar, olhando uns para os outros. A familia do Totó quis retirar-se. A mulher do Gonçalves virou bicha, abanava-se com frenesi, indignada com a pouca vergonha. O dr. Izidoro, presidente da Recreativa, que no palco já se preparava para deitar o verbo, espia pelo buraco do pano, percebe o negocio, fica possesso e berra lá dentro, de ouvir-se cá na pla-

téia, que processava, que partia a cara, que mais isto e mais aquilo — um fim do mundo! Houve conferencias de um camarote para outro, e destes com os bastidores. Houve pedidos de informação á bilheteria. Era preciso desagrar a moralidade publica ofendida com a execravel presença da “coisa atôa” em festa puramente familiar. Afinal a policia interveio. O delegado foi ter com a descarada e, com muito bons modos fe-la sair. Só então, onze horas, começou o espetáculo. No primeiro intervalo, porém, soube-se tudo: o Chiquinho de Paula, secretario da *Camelia*, recebera o convite para a festa, mas em vez de organizar uma comissão que dignamente representasse o gremio, péga do camarote e o dá... á “geriba”, de quem é...

Aqui o coronel Liberato, para remate da frase, fez uma cara de supremo nojo:

— ... o queridinho!

Voltando em seguida á cara anterior, disse, grave e pundonorosamente, bamboleando a cabeça:

— Vêja você que refinadissimo tranca!

E concluiu, por fim, com desalentada severidade:

— E é com o primo de semelhante crapula que dona Chiquinha quer casar-se!

. . . . .

Na noite desse dia, altas horas, Liberato deixou em casa a enxaqueca e foi sorrateiramente bater á porta da “Cruz de Ouro”. Apareceu a criada. Confabularam baixinho.

— Não póde ser, disse a Liberia, está cá sêo coronel Nhô Gué.

Liberato fez uma careta.

— E amanhã? perguntou.

— Amanhã é a vez do dr. Izidoro.

— E depois d'amanhã?

— Quarta-feira? Deixe ver — fez calculos nos dedos e disse: Quarta-feira é o dia de sêo Gonçalves.

— E quinta?

— Pois não sabe que as quintas são de sêo Tótó?

Liberato não desanimou.

— E domingo?

A Liberia despejou uma gargalhada sonora.

— Os “home”! Pois então sinházinha não ha-de ter um descansinho na “somana”?

E fechou-lhe a porta na cara.

1901

## De como Quebrei a Cabeça á Mulher do Melo

- Olha, esperam-te hoje em casa, para o jantar.
- Impossivel. Não janto fora.
- Abre uma exceção e vai.
- Impossivel, já disse. Não insistas.
- Põe de lado a exquisitice e vai.

— Não é exquisitice, meu caro, é sibaritismo e prudencia. Tenho para mim que comer é uma das boas coisas da vida. Mas comer o que se quer, como se quer, quando se quer. Gosto, por exemplo, de lombo de porco, mas a meu modo, assado cá d'um jeito que sei. Se o como fóra de casa, nunca o tenho ao sabor do meu paladar. Gosto ainda de comer quando tenho fome. Detesto o horario forçado, almoço ás onze, jantar ás seis, haja ou não appetite. Ora, a não ser em minha casa, onde não tenho horario, raramente o appetite coincidirá com o momento do brodio. Esta circumstancia, aliada ao fato de ser induzido a comer o que está na mesa e não o que me pede a veneta, leva-me a recusar sistematicamente convites para jantar.

— Mas, homem de Deus, para tudo ha remedio. Farás tu mesmo o cardapio, darás as receitas e só se porá a mesa á voz do teu apetite.

— Não. Em tua casa são todos de tal modo amaveis que receio não chegar á sobremesa sem cometer um homicidio.

— !!!

— Nunca te contei o meu rompimento com a familia Melo? Eramos amicissimos de longos anos, e sel-o-iamos até hoje, se não fosse a minha imprudencia aceitando um convite para lá jantar, em dia de anos da dona Vidoca. Havia á mesa umas dez pessoas, todas intimas, e as filhas, os genros — um povareu. D. Vidoca, como sabes, é uma criatura excessivamente amavel e nesse dia excedeu-se. Serviu-me sôpa, ela propria, mas carregando a mão como se eu fôra um frade. Arrepiou-me aquele pantagruelismo brutal, mas calei a exasperação e ingeri com paciencia toda a maranha de fios amarelos, boiantes num caldo untuoso. Mal absorvera a ultima colherada, a bôa senhora, sem consulta previa, atocha feijão num prato e passa-mo.

— “Não, minha senhora, muito obrigado!”

— “Ora, coma! Deixe-se de historias. Coma feijão que dá sustancia.”

Não houve escapatoria possivel; tive que aceitar o truculento prato de carços pretos, coisa que detesto. Olhei para a rodela escura, côr de chocolate, que se me esparramava pelo prato inteiro sem deixar transparecer uma nesga sequer da louça branca, enchi-me de resignação e empreendi o trabalho de Hercules que era trasladar tudo aquilo para o estomago. Mas meu sangue começou a esquentar e senti o nó das coleras surdas a subir-me á garganta. Esta-

va eu em meio da empreitada, quando vi a excelente senhora dirigir para o meu prato um enorme naco de carne fígado no garfo.

— “Doutor, um *pedacinho* de carne assada?”

Gaguejei, mal firme nas estribeiras:

— “Mas, minha senhora, eu...”

— Sempre com cerimonia! Olhe que aqui não se usa disso! Coma lá!”

E soltou-me no prato o boi...

Senti bagas de suor frio borbulharem-me na testa. O nó da garganta engrossou. Baixei a cabeça, resignado, e encetei silenciosamente a mastigação, matutando sobre o modo de dar cabo d’aquilo. Comer tudo, era impossível; deixar no prato, impolidez...

— “Agora um pouco de arroz!”

Lancei um olhar facinoroso á santa criatura, que o interpretou de maneira erronea, como de assentimento.

— “Eu bem vi que estava querendo arroz.”

— “Impossível, dona Vidoca! Peço-lhe perdão, mas estou satisfeito. Como pouco e o que tenho no prato janta-me por tres dias.”

— “Luxento! Coma lá!”

E *zás!* uma, duas, tres colheradas, das grandes.

Uma onda de sangue escureceu-me a vista. Tive impetos de saltar pela janela. Contive-me, porém, e com a resignação dos verdadeiros martires recommencei a mastigar.

— “Um pastelzinho, agora?”

Era demais! A virtuosa criatura abusava da minha situação. Recusei desabridamente, aspero.

— “Já sei porque não quer... E’ que foram feitos por mim... Mas deixe estar...”



— “Dona Vidoca! Pelo amor de Deus!” — gaguejei.

— “Unzinho só! Para me dar opinião sobre o tempero da massa, sim? Apare lá estezinho tostadinho, sim?”

Conheces o meu genio, sabes com que facilidade saio fóra de mim e cometo as maiores loucuras. Esse estado de superexcitação nervosa preludia por um tremor da voz e excessiva quentura nas faces. Naquelle momento, sentindo os pródromos da erupção, entreguei-me a esforços sobrehumanos para conter a fera que mora em mim. E contive-a. Curvei de novo a cabeça e levei á boca mais umas garfadas.

Aqui o Melo principia a trincar o leitão.

Refleti: se mo oferecem, estouro. E fiquei de sobrevivo, engatilhado para o revide.

Não tardou muito que dona Vidoca espetasse no garfo uma alentadissima costela de leitão e fizesse pontaria para o meu lado.

Ah! Perdi a tramontana! Agarrei na garrafa que estava na minha frente e abri a cabeça da santa criatura com uma pancada horrivell!

De nada mais me lembro. Ouvi um berro, um clamor. Senti o panico em redor de mim e corri para a rua como um ebrio. Foi quando...

Não pude concluir o caso porque meu amigo havia abalado.

---

(\*) Esta historia deu origem a curioso incidente. Publicada em Julho de 1906, sob o pseudonimo de Antão de Magalhães, no Minarete, que circulava não só em Pinda como nas cidades vizinhas, caiu sob os olhos de um hoteleiro da cidade de S. Bento,

de nome Melo e por coincidência esposo de uma senhora de apelido Vidoca. O excelente homem viu no artigo alusões pessoais e ofensivas a ele e sua família — e apresentou queixa-crime. Aqui vai a petição, transcripta do Minarete:

Illmo. e Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito desta Comarca.

Diz F. F. Melo, por seu procurador, que, sentindo-se ofendido, com sua família, pelo injurioso artigo do Minarete, periodico de imprensa desta cidade, ora junto, distribuido por mais de 15 pessoas, intitulado "De como quebrei a cabeça á mulher do Melo", de 19 de Julho de 1906, assinado por Antão de Magalhães, edição n.º 159, e querendo a bem de seus direitos promover a responsabilidade criminal do autor, que não é pessoa conhecida, pelas injurias que afetam ao suplicante e sua família, vem requerer a V. Exa. que se digne mandar intimar ao editor ou gerente da typografia do dito periodico, sr. José Monteiro Salgado, que é quem assumiu a responsabilidade da publicação do Minarete perante a Camara, preliminarmente, para exhibir em juizo o respectivo autografo, em dia, lugar e hora previamente designados, requerendo tambem o suplicante a V. Exa. para isso uma audiencia extraordinaria, visto ser urgente a deligencia, etc., etc. Nestes termos, o suplicante requer que D. e A. esta, com os documentos inclusos, se proceda na forma da lei, afim de que, terminadas as delencias a exhibição do referido autografo e pagas as custas do processo, sejam os autos originaes entregues ao procurador do suplicante independente de traslado, para deles fazer o uso que convier ao suplicante.

P. deferimento E. R. M. Pinda, 26 de Julho de 1906. Com a proc. inclusa — o advogado J. M. F. J.

O processo não foi por diante, irrisorio que era. Apesar disso a brincadeira custou ao escamado hoteleiro perto de um conto de réis...

1906

## Porque Lopes se Casou

— Pois, meu caro, dizia Lucas ao seu amigo Lopes, fiz essa asneira, casei-me.

— E és pai d'uma legião...

— Tenho doze filhos e já alguns ávos do decimo terceiro.

— E tudo quanto produz o teu trabalho, some-se em bugigangas, leite, farinha, cueiros, fraldas, cavalinhos de pau...

— Um trabalho de negro cativo mal dá para mante-los no pé de decencia que minha posição requer. E é uma voragem a minha casa. Quando entro numa sapataria é para comprar doze, quatorze pares de sapatos! Das lojas nunca trouxe fazenda aos metros, é ás peças. De feijão gasto meia saca por quinquena. Uma voragem!

E se visses que jararaca me saiu minha mulher... Uma fera, Lopes! Dessas que lançam com o prato á cara do marido se este torce o nariz ao quitute. E feia, desleixada, lambona, cabelos despenteados, um fedelho aos berros no braço, as chinelas a se arrastarem pela casa, *trec, trec, trec*. Traz á cinta a pen-

ca de chaves e um rabo de tatú que até a mim inspira respeito. Dirige o movimento da casa a lambadas. Grita sem parar, deblatera, diz nomes, arranca a orelha às criadinhas. E' um despotismo de saias a serviço d'um estado de sitio que suprimiu o meu poder marital, o meu patrio poder, o meu poder animal de homem, e me põe na casa humilde e caladinho, d'orelhas murchas como um lazarento burro de carroça. Felizmente o trabalho na repartição afasta-me da inferneira oito horas por dia. E' quando vivo. Mas logo que a tarefa termina e volto para a gehena, ah, Lopes, nunca saberás com que angustia o faço... O lar! Falam poetas nas delicias do lar, no remanso do lar... A avaliar pelo meu, o lar é circulo que esqueceu ao Dante. Em caminho para o "remanso do lar" rememoro tudo o que me espera. No topo da escada, de mãos á cintura, a minha tremenda metade em attitude de juiz em face do reu.

— "Trouxe a pimenta? Comprou o sabão? Chamou o homem para concertar a torneira?"

E se acaso me esquece alguma coisa, lá desaba o temporal.

— "E' isto. Não presta para nada, não sei porque casou, já que não serve nem para trazer da cidade um pão de sabão de cinza para a burra da mulher que fica em casa a se matar de trabalho", e tá, tá, tá. Não imaginas a minha vida, Lopes...

Arrepiado ante as confidencias do amigo, Lopes alvitrou certas soluções desesperadas.

— Em teu caso, Lucas, eu recorria a meios extremos, ao divorcio, á bolinha...

— Caçôa, caçôa. Eu também caçoava...

— Mas, Lucas, estás a exagerar. Dou de barato que seja assim. Mas ha compensações. Os filhos, por exemplo, as sãs alegrias da paternidade...

— Os filhos... Tem muita graça o primeiro, o segundo e ainda o terceiro. Depois, do quarto ao decimo segundo... que pestezinhas infernais! Destroem tudo, põem a casa imunda, vivem num corropio de travessuras, capazes de endoidecer um santo. Não sei se os filhos dos outros são assim, mas os meus batem todos os records. Ha um, o senhor Lulú, que prenuncia novo Atila. Diverte-se em quebrar, furar, judiar, escangalhar o que encontra. Hontem procurei um livro — livro de contas, sossega! — e fui encontra-lo no quintal, dentro d'uma poça d'agua, á guisa de barragem de dique. Só em louça quebrada esse patife me dá um rombo de quarenta mil réis por mês.

E não é só ele.

O Eduardinho tem a mania de encafuar os talheres nos buracos dos ratos, nas frestas do assoalho.

Outro especializou-se em quebrar os dentes aos garfos. Chegamos á perfeição de ter em casa apenas um garfo com quatro dentes! Já as facas são uma dentadura completa. Quem é o dentista? O sr. Lulú. Aparece uma cadeira com tres pernas. Quem foi o carpinteiro? O sr. Lulú.

A Ignezita tem a bossa da costura. Está praticando no corte... Em pilhando a tesoura, esconde-se nos cantos e vai picando o que encontra. Ha dias recortou um corpinho no oleado da mesa, um oleado adquirido na vespera — e tão caro...

O Leandro é o homem da balistica. Vive com o papo da camisa cheio de pedregulho e cacos de telha — “tentos”, diz ele — e brinca de partir vidraças aos

vizinhos. Tem, para mal meu, mão certa como o Guilherme Tell.

O Lucas, esse chora. Chora doze horas por dia, atoa, por brincadeira. E' o rei da manha, mas daquelas manhas interminaveis, que deixam os nervos da gente em carne viva.

O Bentinho, que é torto, o coitado, já fuma pontas de cigarro e coleciona nomes feios apanhados na rua.

O mais velho foge de casa pela janela e entra de madrugada. Anda-me sorumbatico, com umas perebas suspeitas.

O Juvenal...

— Pára um bocado, Lucas. Deixa-me tomar fôlego e fazer uma observação. Sendo assim como dizes, travessos, insubordinados, insuportaveis, a culpa é só tua. E' que lhes não dás a devida disciplina, não os corriges, não lhes torces o pepino no tempo propicio, homem!

— Será, mas que queres? Não posso, não tenho energia. Sou uma tapera, um homem arrasado que me fiz fatalista para ter uma filosofia que me dê paz á consciencia. Bem me acusa ela de ineptia e frôuxidão extrema... Às vezes vêm-me impetos de reagir, entrar em casa de guatambú em punho e ir deslombando ás cegas a escadinha inteira, coisa de começar no frangote das perebas e acabar nos seis gatos ladrões do Chiquinho, com escala pelos cães sarnentos do Manoel, pelos canarios azucrinantes do Julio e pelas bonecas de pano de Mariinha. Moe-los em massa, a granel e ir entregar-me á policia e pedir ao jurí, de joelhos, trinta deliciosos anos de paz e silencio no fundo duma celula. Mas fica em impetos. Sou uma tapera arrasada, incapaz dum movimento energico...

O pobre Lucas consultou o relógio e assustou-se.

— Tres horas! Minha cara metade deve estar furiosa. Adeus, Lopes, vou-me ao “repouso do lar”, concluiu, despedindo-se com um riso amargo.

E foi-se, o Lucas, apressadamente, cheio de pacotes pelos nós dos dedos, embrulhos nos bolsos e um queijo sobraçado...

Lopes ficou imóvel no lugar, com os olhos parados, recordando. Veio-lhe á mente o Lucas de quinze anos atrás. Era um rapagão alegre, todo esperanças no futuro, e amigo de arquitetar castelos de Espanha. Poetara. Amara uma dúzia de meninas em duas centenas de sonetos parnasianos, e por fim elegeu como diva á Nonoca Fagundes, uma loura translúcida, magrinha, de falas melifluas — Botticelli temperado á moderna, dizia ele.

Era bonitinha, dezessete anos, em pleno viço da beleza do diabo, um mimo de fragilidade gracil, bôazinha como não havia outra — bôa, “boa constrictor”... Muito ingenua e amiga de reticencias graciosas, corava a todo instante. Dizia ele: *Moram em suas faces duas rosas Bela-Helena*. Andar saltitante como de silfide. Um verso dele rezava:

*Das plumas tens no andar  
a suave macieza...*

Lucas amou-a em regra, e sonetou-a inteira, dos cabelos aos pés, parnasianamente, nefelibatamente, com lirismo de comover as pedras. Não a tratou antropofagicamente, porque a antropofagia guindada a escola estetica ainda não fôra inventada.

Sonhou-a ao seu lado, “amiga peregrina d’alma e coração”, num arroubo perene de felicidade celestial pela estrada da vida afora...

Amou-a tres anos seguidos, com o dispendio d’uma arroba de versos arrancados á carne viva da inspiração. Bateu-se a punhadas com varios rivais temiveis. Rompeu com a familia, que desaprovava o casorio. Cantou-lhe á janela, com muito chôro de violão, todas as modinhas do tempo — *Quisera amar-te, Acorda donzela*, alem de outras adrede compostas para aquele fim. Amou-a loucamente, “como só se ama uma vez na vida”. Foi desses que dizem em prosa, verso e cochicho: “Ver-te e amar-te foi obra de um só momento”. Intercalou em alexandrinos o classico “anjo, mulher ou visão”. Esgotou inteirinho o alforje romantico das imagens enluaradas; recorreu á botanica e assolou o reino vegetal á cata de flores comparativas. Não contente com isso, ainda deambulou pelos ceus e mergulhou no oceano em busca de imagens — que nada era bastante á imensidade d’aquele amor.

Casou por fim e estava reduzido áquilo...

Em vista do que, Lopes, que andava noivo e irresoluto se casaria ou não, tendo já no ativo uma duzia de sonetos amorosissimos, decidiu-se incontinenti — casou.

Se tinha de acabar como o Lucas, levasse sobre ele, ao menos, a vantagem de menor copia de versos á futura cascavel. Porque lhe pareceu que o maior sofrimento do Lucas havia de ser o remorso da enorme bagagem de versos pre-nupciais.

E era.

1903



## Juri na Roça

Não é meu este caso, mas dum tio, juiz numa Itaoca beira-mar. Homem sessentão, cheio de rabugens, pigarros e mais macacões da velhice, nem por isso deixa de ser amigo da pulha, como diria Mestre Machado. Gosta de contar pilherias e casos de truz, que a meio descambam em caretas reumaticas, muito de apiedar corações sobrinhos.

Os seus dominios juridicos são o reino da propria Pacatez. Os anos ali fluem para o Esquecimento no deslizar preguiçoso dos ribeirões espalhados, sem cascatas nem corredeiras encrespadoras do espelho das aguas — disturbio, tiro ou escandalo passional. O povo, escasso como penas de frango impubere, vive de apanhar tainhas e mariscos. Feito o que, come-os. Feito o que, digere-os. Feito o que, “da capo” ás tainhas e mariscos.

E’ extrema a penuria de emoções. Vidas ha que ardem interinhas sem o tremelique duma comoção forte. Só a Morte pinga, a espaços, no cofre vazio dos acontecimentos, o vintem azinavrado dum velho mariscador morto de pigarro senil, ou o tostão duma pessoa grada, coletor de rendas, fiscal, agen-

te do correio. Em tempos deu “nota” graúda um visconde da Jamanta, ultimo varão conspícuo de que ficou memoria no lugar.

Fora disso nada mais bole com a sensibilidade, em perpetua côma do excelente povo — nem dramas de amor, nem rixas eleitorais, nem coisa nenhuma destoante dos mandamentos do Pasmado Viver.

A taramelagem das más linguas vê-se forçada nos serões familiares, ou na venda do José Inchado (clube da ralé), ou na *Botica do Cação de Ouro* (aqui o escol), a esgaravatar as castanhas chochas do assunto sovado ou frívolo. Sempre conversinhas que não vão nem vêm.

A grande preocupação de todos é matar o tempo. Matam-no, os homens, pitando cigarrões de palha, e as mulheres, gestando a prole enfermiza. E assim escorregam-se para o Nirvana os dias, os meses, os anos, como lesmas de Cronos, deixando nas memorias um rastilho dubio que rapidamente se extingue.

Nessa lagoa urbana rebentou com estardalhaço a noticia d’uma sessão do juri. O povo rejubilou. Vinte anos havia que o realejo da justiça popular empoeirava num desvão do Forum, mudo á falta d’um capadocio que lhe metesse no bojo o niquel dum modesto ferimento leve. Fizera-o agora o Chico Baiano, ave d’arribação despejada ali por um navio da Costeira. Que regalo! Ia o promotor cantar a tremenda aria da Acusação; o Zézeca Esteves, solicitador, recitaria a *Douda de Albano* disfarçada em Defesa. Sua Excelencia, o Meritissimo Juiz, faria de ponto e contra-regra. Delicias da vida!

Ao pé do fogo, em casebre humilde, o pai explicava ao filho:

— Aquilo é que é, Manequinho! Você vai ver uma estrumela de gosto, que até parece missa cantada de Taubaté. O juiz, feito um gavião pato, senta no meio da mesa, num estrado deste porte; á mão direita fica o doutor promotor com uma maçaroca de papeis na frente. Em baixo, na sala, uma mesa comprida com os jurados em roda. E a coisa garra num falatório até noite alta: o Chico lê que lê; o promotor fala e refala; o Zézeca rebate, e tal e tal. Uma lindeza!

O assunto era o mesmo na venda do José Inchado.

— Lembra-se, compadre, daquele juri, deve fazer vinte anos, que “absorveu” o Pedro Intanha? Eh, juri macota! O dr. Gusmão veio de Pinda especialmente, e falou que nem um vigário. Era só: “O nobre orgo do ministerio” p’r’aquí, o “meritricio doutor juiz” p’r’ali. Sabia dizer as coisas, o ladrão! Também, comeu milho grosso! p’ra mais de quinhentos bagos, dizem. Mas valia. Isso lá valia.

Na Botica do Cação de Ouro o assunto ainda era o mesmo.

— Não, não; você está enganado; não foi desse jeito, não! Ora! Pois se eu até servi de testemunha!... Não teime, homem de Deus!... Sabe como foi? Eu conto. O Pedro Intanha teve um bate-boca com o major Vaz, perdeu a cabeça e chamou ele de estupor, bem ali defronte da Nhá Veva; e vai o major e diz: “Estupor é a avó”. Foi então o Pedro e...

Só não gostou da noticia o meu tio juiz. Maçada. Incomodarem-no por causa dum crimezinho de nada. E tinha razão. O delito do mulato não valia uma casca de ostra.

Chico Baiano costumava todas as noites “soverter” um martelo da “legítima” no botequim do Bento Ventania. Ficava alegrete, chasqueador, mas não passava disso. Certa vez, porém, errou a dose, e em vez do martelo do costume chamou ao papo tres. A pinga era forte; subiu-lhe imediatamente á torre das ideias. A principio Baiano destabocou. Deu grandes punhadas no balcão; berrou que o Sul é uma joça; que o Norte é que é; que baiano é ali no duro; que quem fosse homem que pulasse para fora, etc., etc. O botequim estava deserto; não havia quem lhe apanhasse a luva, a não ser o Ventania; mas este acendeu o cigarro pachorrentamente, trancou as portas na cara do bebado e foi dormir.

Chico Baiano, na rua, continuou a desafiar o mundo — que rachava, partia caras, arrancava fígados. Infelizmente também a rua estava deserta, e nem sequer a mingoante, a pino, lhe dava sombras com que esgrimisse. Foi quando saltou do corredor da casa dos Mouras o Joli, cachorrinho de estimação da Sinhárinha Moura, bicho de colo, metade pelado, metade peludo, e deu de ladrar, feito bôbo, em frente ao insolito perturbador do silencio.

O Baiano sorriu-se. Tinha contendor, afinal.

— ‘guenta lixo! berrou e, cambeteando, descreveu uma “letra” de capoeiragem, cujo remate foi o valentissimo pontapé com que projetou o tótó a cinco metros de distancia. Joli rompeu num ganir de cortar a alma, e o ofensor, perdido o equilibrio, veio de lombo ao chão.

A Mourisma despertou de sobressalto, surgindo logo á porta o redondo intendente da Camara, Maneco Moura, de camisola, carapuça de dormir e vela

na mão. Estrouvinhado, o homem não enxergava coisa nenhuma desta vida, a não ser o clarão da luz á sua frente.

— Que é lá isso aí? berrou ele para a rua.

— E' pimenta cumari! roncou o mulato já a prumo; e enquanto, esfregando os olhos, o Moura perguntava a si proprio se não era aquilo pesadelo, o facinora desenhou no chão uma figura de capoeiragem chamada "rabo de arraia". Consequencia: o pesado vereador aluiu com vela e tudo, esborrachando o nariz no cimento da calçada.

Era esse o fato sobre o qual ia a Justiça manifestar-se.

Fale o tio: Foi uma séca sem nome o tal juri. O promotor, sequioso por falar, com a eloquencia ingurgitada por vinte anos de chôco, atuchou no auditorio cinco horas maciças d'uma retorica do tempo do onça, que foram cinco horas de pigarros e carochos de encher balaies. Principiou historiando o direito criminal desde o Pitecantropo Erecto, com estações em Licurgo e Vedas, Moisés e Zend-Avesta. Analisou todas as teorias filosoficas que vêm de Confucio a Freixo Portugal; aniquilou Lombroso e mais "lérias" de Garófalo (que dizia Garofálo); provou que o livre arbitrio é a maior das verdades absolutas e que os deterministas são uns cavalos, inimigos da religião de nossos pais; arrasou Comte, Spencer e Haeckel, representantes do Anti-Cristo na terra — et coetera. Contou depois sua vida, sua nobre ascendencia entroncada na alta prosapia duns Esteves do Rio Cávado, em Portugal; o heroismo de um tio morto na guerra do Paraguai e o não menos heroico ferimento de um primo, hoje escriptorario do Ministerio da Guerra, que no combate de Cerro-Corá sofreu

uma arranhadura de baioneta na “face lateral do lóbo da orelha sinistra”.

Provou em seguida a imaculabilidade da sua vida; releu o cabeçalho da acusação feita no julgamento-Intanha; citou periodos de Bossuet — a aguia de Meaux, de Ruy — a aguia de Haya, e de outras aves menores; leu paginas de Balmes e Donoso Cortez sobre a resignação cristã; aduziu todos os argumentos do Doutor Sutil a respeito da Santissima Trindade; e concluiu, finalmente, pedindo a condenação da “féra humana, que cinicamente me olha como para um palacio” a trinta anos, mais a multa da lei.

Aqui o tio parou, acabrunhado. Correu a mão livida pela testa em suor. Negrejaram-se-lhe as olheiras.

— Sinto um cansaço d'alma ao recordar esse dia. Como é fertil em recursos a imbecilidade humana! Houve replica. Houve treplica. O Zézeca bateu o promotor em asnice. Engalfinharam-se, disputando, acirrados, o cinturão de ouro do Ornejo. Horror... O borbotão de asneiras era caudal sem fim e o conselho já dava evidentes sinais de canseira. A tantas, um jurado levantou-se e pediu licença para ficar de cocoras no banco, porque, “com perdão da palavra, estava com escandescencia”. Veja vocêl...

— Afinal...

— Afinal foram os jurados para a sala secreta. Noite alta já. Os candieiros de petroleo, com os vidros fumados, modorravam funerariamente. O Forum, deserto de curiosos, estava quasi ás escuras. O destacamento policial (duas praças e o cabo) cabe-

ceava, a dormir em pé. Tres horas já haviam corrido, de sonolenta espectação, quando da sala secreta saem os jurados com o papelorio. Entregam-mo: Corro os olhos e esfrio. Tudo errado! Era impossivel julgar com base na salada de batata e ovos que me fizeram dos quesitos. Tive de reenvia-los ao curral do conselho. Expliquei-lhes novamente, com infinita paciencia, como deveriam proceder. Façam isto, assim, assado, entenderam?

— “Entendemos, sim, senhor, respondeu um por todos, mas por via das duvidas era bom que o sêo doutor mandasse cá dentro o João Carapina, p’ra nos ajudar.

Abri a minha maior boca, e olhei assombrado para o escrivão: E esta, amigo Chico? O escrivão cochichou-me que era sempre assim. Em não saindo sorteado o João Carapina, não havia meio da coisa correr bem na sala secreta. E citou varios antecedentes comprobatorios. Não me contive — berrei, chamei-lhes nomes, asnos de Minerva, onagros de Temis, e fi-los trancafiar de novo na saleta.

— “Ou a coisa vem conforme o formulario, ou vocês, cambada, ficam aí toda a vida!”

Decorreu mais outra hora e nada. Nenhum ruido promissor na sala secreta. Perdi a esperança e acabei perdendo a paciencia. Chamei o official de justiça.

— “Vá desentocar-me esse Carapina e ponha-mo cá debaixo de vara, dormindo ou acordado, vivo ou morto. Depressa!...”

O official saiu, lepido, e meia hora depois voltava com o carpinteiro dos nós gordios a bocejar, es-

tremunhado, de chinelas e cobertor vermelho ao pescoço.

— Senhor João, gritei, meta-se na sala secreta e amadrinhe-me esse lote de cavalgadas. Com seiscentos milhões de réus, é preciso acabar com isto!

O carpinteiro foi introduzido na sala secreta.

Logo em seguida, porém, *toc, toc, toc*, batem lá de dentro. O oficial de justiça abre a porta. Surge-me o Carapina com cara idiota.

— “Que ha?” perguntei, escamado.

— “O que ha, senhor doutor, é que não ha ninguém na sala; os jurados fugiram pela janela!...”

— !!!

— “E deixaram em cima da mesa este bilheteinho para Vossa Excelencia”.

Li-o. “Sr. doutor Juiz, nos desculpe, mas nós condenamos o bicho no grau maximo”.

Maximo foi a palavra que decifrei pelo sentido: estava escrito “máquecimo”.

Levantei-me, possesso.

— “Está suspensa a sessão! Senhor comandante, recolha o réu á... Que é do réu?”

Firmei a vista: não vi sombra de réu no banquinho. O comandante, que estava a dormir, despertou sobressaltado, esfregando o olho.

— “Senhor comandante, que é do réu?” gritei.

O pobre cabo, com a ajuda dos dois soldados a cairem de sono, deu busca em baixo da mesa, pelos cantos, no mictorio, dentro das escarradeiras. Como nada encontrasse, perfilou-se e disse com respeitosa indignação:



— “Saberá Vossa Excelencia que o safado escafedeu...”

O relógio da matriz badalava tres horas — tres horas da madrugada!... Era demais. Perdi a postura e explodi.

— “Sabem duma coisa? Vão todos a... e berrei a plenos pulmões o grande palavrão da língua portuguesa”.

— E?...

— E fui dormir.

1909

# O Luzeiro Agrícola

## I

Sizenando Capistrano é o inspetor agrícola do vigésimo distrito. Incumbe-lhe fomentar a pecuária, elaborar relatórios, ensinar o uso de máquinas agrícolas, preconizar a policultura, combater a rotina e ao fim de cada mês perceber na coletoria a realidade de setecentos mil réis.

Antes de inspetor Capistrano fôra poeta. Cultivara as musas. Não sabia que coisa era um pé de café, mas entendia de pés metricos, pés quebrados e fazia pé d'alferes a todas as divas do Parnaso. Tal cultura, entretanto, emagrecia-o. A sua produção de hendecassilabos, alexandrinos, quadras, odes, sonetos, poemas, vilancetes, eglogas, sátiras, anagramas, logogrifos, charadas eletricas e enigmas pitorescos, conquanto copiosa, não lhe dava pão para a boca, nem cigarro para o vicio. A palidez de Capistrano, sua cabeleira á Alcides Maia, sua magreza á Fagundes Varela, seu *spleen* á Lord Byron e suas atitudes fatais, ao invés de lhe aureolarem a face dos nimbos da poesia, comiseravam o burguês, que, ao ve-lo des-

lisar como alma penada pelas ruas, horas mortas, de mãos no bolso e olho nostalgicamente ferrado na lua, murmurava condoido:

— Não é poesia, coitado, é fome...

O editor artilhava a cara de carrancas más quando Capistrano lhe surgia escritorio a dentro, sopeando a arroba de versos candidatos a edição.

— São versos puros, senhor, versos sentidos, cheios d'alma. Virão enriquecer o patrimonio lirico da humanidade.

— E arruinar o meu patrimonio economico, retorquia a fera. De lirismo bastam-me aquelas prateleiras que editei no tempo em que era tolo e que se não vendem nem a peso.

— O' vil metal! murmurava o poeta, franzindo os labios num repuxo de supremo enojo. O' mundo vil! O' torpe humanidade! Em que te distingues, Homem, rei grotesco da criação, do suino toucinheiro que espapaça nos lameiros? Manes de Juvenal! Eumenides! Musas de Colera! Inspirai-me versos de fogo com que apunhale até aos penetrais da alma este verme orgulhoso e mesquinho! Baudelaire, dá-me os teus venenos...

— Rapazes, berrava o livreiro á caixerada, ponham-me este vate no olho da rua!

Ante o *manu-militari* irretorquível, o poeta apanhava a papelada lirica e muscava-se para a zona neutra do passeio, onde, readquirida a altivez ossianica, objurgava para dentro da loja hostil:

— A Posteridade me vingará, javardos!

E sacudia á porta do editor o pó das suas sandalias, que no caso eram surradas e já risonhas botinas de bezerro. Em seguida, remessando para trás a cabeleira, num repelão, ia fincar-se sinistramente

á esquina proxima, em torva attitude, á espera d'um conhecido esfaqueavel, a quem, com gestos soberbos á Cyrano de Bergerac, extorquisse um niquel.

Cansado, entretanto, de ouvir estrelas em jejum, de amar a lua no céu sem possuir um queijo na terra, acatou a voz do estomago e quebrou a lira — para viver. Meteu a tesoura nas melenas, deu brilho aos sapatos, desfatalizou o semblante, substituiu o ar absorto e vago do aêdo pelo ar avacalhado do pretendente, e á força de pistolões guindou-se ás cumeadas do Morro da Graça (1). Todo mundo o recomendou ao Gaucho Onipotente, porque todos andavam fartos daquela permanente fome lirica a deambular pelas ruas, caçando rimas e filando cigarros. Que fosse acarrapatar-se ao Estado. O Estado é boi gordo, semelhante áquella estatua equestre de Hindenburg, feita de madeira, em que os alemães pregavam pregos de ouro. A differença está em que no Estado, em vez de tachas de ouro, se pregam Capistranos vivos.

Foi apresentado ao Pinheiro.

— Então, menino, que quer?

— Um empreguinho qualquer que Vossa Onipotencia haja por bem conceder-me.

— E para que presta você, menino?

— Eu? Eu... fui poeta. Cantei o Amor, a Mulher, a Beleza, as manhãs côr de rosa, as auroras boreais, a natureza enfim. Romantico, embriaguei-me na Taverna de Hugo. Classico, bebi o mel do Himeto pela taça de Anacreonte. Evoluido para o parna-

---

(1) Residencia do general Pinheiro Machado, o mandão da politica na epoca.

sianismo, burilei marmores de Paros com os cinzeis de Heredia. Quando quebrei a lira, estava ascendendo ao cubismo transcendental. Sim, general, sou um genio incompreendido, novo Asverus a percorrer todas as regiões do ideal em busca da Forma Perfeita. Qual Prometeu, vivi atado ao potro do *Inania Verba*, onde me roeu o Abutre da Perfeição Suprema. Fui um Torturado da Forma...

O general, que era amigo das belas imagens, iluminou o rosto de um sorriso promissor.

— Poeta, disse ele, eu tambem sou poeta. Rimo homens. Componho poemas heroi-comicos. Conheces a *Hermeida*? E' obra minha. Amo as belas imagens e tenho lançado algumas imortais. "A mulher de Cesar"! "Os levitas do Alcorão"! Hein? Tu me caiste em graças e, pois, acolho-te sob o meu palio. Que queres ser?

— Inspetor.

— ... de quarteirão?

— Isso não.

— Agricola?

— Ou avicola...

— De que região?

— Não faço questão.

— Se-lo-ás do vigesimo distrito. Conheces as culturas rurais?

— Já cultivei batatas gramaticais.

— E de pecuaria, entendes? Distingues um zebú d'um galo Brama? um pampa d'um morzelo?

— Já cavalguei Pegaso em pêlo!

— Conheces a suinocultura? Sabes como se cria o canastrão?

— Sei trinca-lo com tutú de feijão.

— És um genio, não ha que ver. Talvez faça de ti, um dia, presidente da Republica. Teu nome?

— Sizenando. Capistrano é sobrenome.

— Cá me fica. Vai, que estás aí, estás fomentando a agricultura como inspetor do vigesimo distrito, com setecentos bagos por mês. Os poetas dão otimos inspetores agricolas e tu tens dedo para a coisa. Vai, levita do Ideal...

## II

Sizenando Capistrano, mal se pilhou transformado de famelico ouvidor de estrelas em peça mes-tra do Ministerio da Agricultura... casou, luademe-lou tres meses e ao cabo compareceu perante o ministro para saber em que rumos nortear a sua atividade.

O ministro franziu a testa: é tão difficil dar occupação aos fosforos ministeriais... Pensou um bocado, e:

— Escreva um relatorio, sugeriu.

— Sobre quê, Excia.?

— Sobre qualquer coisa. Relate, vá relatando. A função capital do nosso ministerio é produzir relatorios de arromba sobre o que ha e o que não ha. Relate.

— Mas, Excia., eu desejava ao menos uma sugestãozinha emanada do alto criterio de V. Excia. sobre o tema do relatorio que a bem da lavoura V. Excia., com tanto descortino, me incumbe de escrever...

— Já disse: sobre qualquer coisa que lhe dê na veneta. Relate, vá relatando e depois apareça.

Sizenando saiu encantado com os processos expeditos do dr. Grifado (1) com assento na pasta, e passou tres meses de papo ao ar, procurando uma tese conveniente. Como por essa epoca a lua de mel lhe entrasse em plena mingoante, houve certo dia rusga brava ao jantar, e a consorte, mulherzinha de pêlo crespo no nariz, pespegou-lhe pela cara com um prato de salada de beldroega. Tal o celebre estalo que abriu a intelligencia do padre Antonio Vieira em menino, aquele obuz culinario teve a estranha ação de iluminar os refolhos cerebrais do inspetor.

— Eureka! berrou ele radiante. E com um grande riso de goso na cara emplastada de verdura, ergueu-se precipitadamente da mesa e correu ao escritorio. A mulherzinha, entre colerica e pasmada, perguntava de si para si:

— Estará louco?

Sizenando deitou mãos á tarefa e levou a cabo um estudo botanico-industrial da beldroega, com afã tal que, transcorridos dez meses, dava a prelo o *Relatorio sobre o Papalvum brasiliensis, vulgo Beldroega, e sua applicação na culinaria*.

O ano seguinte gastou-o em revêr as provas do calhamaço, a modo de escoima-lo dos minimos vicios de linguagem. O antigo torturado da Forma ressurtilia ali... Saiu obra papafina, em otimo papel e com muitas gravuras elucidativas. Entre estas, em belo destaque, os retratos do Ministro e do Diretor da Agricultura, do Marechal Hermes, do tenente Pulquerio, do Frontin, do Pinheiro e mais protube-

---

(1) Um ministro da Agricultura da epoca que não era doutor mas não protestava contra o tratamento.

rantes beldroegas do momento. Pronta a edição, embaraçou-se Sizenando quanto ao destino a dar-lhe. Que fazer de tanta beldroega?

Foi ao ministro.

— Excelencia! De acordo com as sabias ordens de V. Excia., venho comunicar a V. Excia. que se acha pronta a edição do relatorio sobre o *Papalvum*.

— Que papalvo? Que relatorio? inquiriu o ministro, deslembado.

— O que V. Excia. me incumbiu de escrever.

— Quando?

— Haverá dois anos.

— Não me recordo, mas é o mesmo. Mande a papelada para o forno de incineração da Casa da Moeda.

Sizenando abriu a maior boca deste mundo. Compreendendo aquela estuporação, o ministro sorriu.

— Então? Que queria que eu fizesse de cinco mil exemplares de um relatorio sobre a Beldroega? Que o pusesse á venda? Ninguém o compraria. Que o distribuisse gratis? Ninguém o aceitaria. Se é assim, se sempre foi assim, se sempre será assim com todas as publicações deste Ministerio, o mais pratico é passar a edição directamente da tipografia ao forno. Isso evitará a maçada de nos preocuparmos com ela e de a termos por aí a atravancar os arquivos. Não acha V. que é o mais razoavel? Retire os que quizer e forno com o resto.

— E depois, que devo fazer? indagou Sizenando, inda tonto do expeditismo ministerial.

— Escrever outro relatorio, respondeu sem vacilar o ministro.



— Para ser queimado novamente? atreveu-se a murmurar o poeta-inspetor.

— Está claro, homem! Para que diabo dispendeu o governo tanto dinheiro na montagem do forno? Está claro que para incinerar as notas velhas e os relatorios novos. Deste modo se conservam em perpetua atividade o pessoal da Imprensa, o do Forno e o dos Ministerios. Veja como é sabia a nossa organização administrativa! A montagem do forno foi a melhor ideia do governo passado. Antes dele a Imprensa Nacional vivia entulhada de impressos; a produção de relatorios, função capital deste Ministerio, periclitava; e era tudo uma desordem, um desequilibrio capaz de induzir o governo á supressão da Imprensa e do meu Ministerio. O forno sanou a situação. O *ferret opus* é magnifico e a espada de Damocles está para sempre arredada de nossas cabeças. Hein? Vá. Escreva outro relatorio, sobre... sobre... o carurú, por exemplo.

Sizenando deixou o gabinete do ministro profundamente meditativo. S. Excia. derrancara-o!

Viu com dôr d'alma as chamas do Forno lerem aquele relatorio tão bem acabadinho, tão de encher o olho... E sacou seis meses de licença com vencimentos para descansar.

Esgotada a licença, ia Sizenando começar a pensar em preparar-se para escolher o papel e a tinta com que relatasse o carurú, quando a politica apeou da administração o Dr. Grifado. Sizenando deixou que transcorressem mais seis meses, ao termo dos quais se apresentou ao novo ministro para lhe sondar a orientação.

O novo ministro era um bacharel em ciencias juridicas e sociais, ex-chefe de policia e tão entendido

em agricultura como em arqueologia inca. Mas lêra uns numeros das *Chacaras e Quintais* e ali se abeberara de umas tantas noções sobre avicultura, policultura, apicultura, criação de canários, etc. Fez dessas uras o seu programa. No discurso de apresentação, ao empossar-se no cargo, emitiu os seguintes conceitos, louvadíssimos pelos circunstantes, empregados no Ministerio quasi todos e verdadeiras hortaliças em materia agricola.

— “A monocultura, senhores, é o grande mal; a policultura é o grande bem; no dia em que produzirmos cebola, alho, batata, repolho, coentro, alpinete, alfafa, cerefolio, grão de bico, tremoço, quiabo, espargo, espinafre, alcachofra...”

(Um arrepio de entusiasmo percorreu a espinha dos assistentes, que se entreolharam gososos, como quem diz: Temos homem pela prôa!)

— ...cebolinho, couve-flôr, sorgo, soja amarela, centeio, aveia, figos da Tracia, uvas de Corinto, violetas de Parma...”

— Bravissimo!

— ... violetas de Parma... e outros cereais europeus (vermelhidão no rosto), a prosperidade nacional se assentará num soclo basaltico, do qual não a arrancarão as mais rijas lufadas dos vendavais economicos. Conduzir a patria a essa Canaã da policultura: eis a mira permanente dos meus esforços, eis o meu programa, eis o fim supremo colimado pela minha atividade. Espero, pois, que, etc., etc.”

Palmas, bravos, guinchos, silvos e outros sons denunciadores de entusiasmo alçado a grau de ebuli-

ção estrugiram pela sala. O ministro foi abraçado e beijado — nas mãos. Aquele salvava a patria, não havia a menor duvida.

### III

O novo ministro da Agricultura era positivamente uma aguia — igual ás anteriores. Tinha programma. Visava confundir a rotina monocultora com demonstrações praticas das magnificencias da policultura mecanica.

Sizenando recebeu ordem de ir desatolar a vigesima região do atascal da rotina. Aquela gente ainda vivia em pleno periodo da pedra lascada do café; era mister tange-la á estação aurea da policultura, da avicultura, da sericultura, da criação de canários hamburgueses, etc., preluzida no discurso do ministro.

Chegando á séde do distrito, com sequito numeroso e abundante farragem mecanica, Sizenando distribuiu convites para a inauguração d'um curso pratico. Escolheu para campo de demonstração um "rapador", a um quilometro da cidade, e lá, no dia emprazado, reuniu os convivas. Veio o prefeito municipal, o porteiro da Camara, o coletor federal, o promotor publico, tres jornalistas, quatro professores, o diretor do grupo escolar com a meninada, o vigario da parouquia, o fiscal da iluminação publica, o zelador do cemiterio, o carcereiro, dois guarda-chaves da Central, cinco inspetores de quarteirão, o delegado, o cabo do destacamento — e um fazendeiro recém-despojado da sua propriedade por divi-

das. A turma docente e os bois do arado formavam grupo á parte.

Sizenando trepou a um cupim e pronunciou breve alocução alusiva á personalidade sobreexcelente do ministro, e ao papel dos novos metodos racionais na agricultura moderna.

— O novo metodo, meus senhores, é baseado na ciencia pura. Vem dos laboratorios de braços dados á quimica. Começarei pela demonstração do arado, ou charrúa, a pedra angular de todo progresso agricola. Senhor Primeiro Arador, arado para a frente!

Despegou-se da turma um capataz, que empurrou para perto do cupim tribunicio um belo arado de disco. Rodearam-no os circunstantes, como a um animal raro.

— Eis, meus senhores, um arado de disco. Esta parte se chama cabo; esta é a roda, serve para rodar; estas rodela são os discos, servem para sulcar a terra; este ferrinho é a manivela graduadora; este pauzinho é o balancim. Aqui se atrelam os bois e cá toma assento o condutor.

Explicou depois o seu funcionamento.

— Vejamo-lo agora em ação. Senhor Primeiro Condutor de Primeira Classe, atrelar!

Adiantou-se da turma um carreiro e tangeu os bois para a maquina, jungindo-os á canga. Os assistentes riram-se. Acharam imensa graça no Tomé Pichorra, que nunca fôra senão o Tomé Pichorra, carreiro, transformado em Primeiro Condutor de Primeira Classe! Era de primeirissima.

— Senhor Primeiro Arador, arar!

O Primeiro Arador saltou á boleia e empunhou as manivelas. O Primeiro Condutor aguilhoou a junta de bois.

— 'amo, Bordado! Puxa, Malhado!

Os dois caracús moveram-se pesadamente. A terra, sulcada pelo ferro, abriu-se em leivas. Sizenando exultou.

— Vejam, senhores, que maravilha! Faz o trabalho de vinte homens, além de que deixa a terra desatada, com grande receptividade para a meteorização atmosferica — o que equivale a um adubamento copioso.

Este pedacinho encantou sobremodo ao zelador do cemiterio, o qual não conteve um sincero *Muito bem!*

Sizenando agradeceu com um gesto de cabeça. O arado deu umas tantas voltas e emperrou. A banda de musica, para disfarçar a entaladela, requebrou o *Vem cá, mulata*. E assim terminou a primeira parte da bela demonstração agricola.

A segunda constituiu no destorroamento e no gradeamento da terra, feitos com o mesmo luxuoso aparato. Havia Primeiro e Segundo Destorroador, Primeiro e Segundo Gradeador. Um mimo de hierarquia!

Ao terminar o serviço, a banda zabumbou um tanguinho.

A terceira parte foi absorvida pelo plantio de cebolas, batatas, alho, alfafa e outras salvações nacionais.

— Os senhores verão, concluiu Sizenando, que maravilhosa mésse vai brotar, farta, deste torrão sa-

faro e ingrato só porque applicamos sumariamente os processos modernos da cultura racional, os quais centuplicam a produção e diminuem o trabalho. A maquina agricola é a verdadeira alavanca do progresso!

— Protesto! A alavanca do progresso sempre foi a imprensa, contraveio um jornalista, cioso da velha prerogativa.

— Será, retrucou Sizenando; mas se uma, a imprensa, alçaprema o progresso moral, a outra, a maquina agricola, alçaprema o progresso economico!

— Bravissimo! rugiu o zelador do cemiterio, inimigo pessoal do Zé Tesoura. Isto é que é!

— Sim, senhor, muito bem! grunhiram outros.

Rubro de goso pelo feliz successo da tirada, Capistrano espichou o dedo para a filarmonica, a pedir o hino nacional.

Desbarretaram-se todos. Erecto sobre o pedestal de cupim, Capistrano immobilizou-se em attitude de religiosa união, d'olhos postos no futuro da patria. E' á derradeira nota, pôs fim á festa com um escarlate viva á Republica — com tres *rr* pelo menos.

Acompanharam-no, como um eco, o coletor, o zelador do cemiterio, o agente do correio e os funcionarios federais demissiveis, além dos bois, que mugiram.

\* \* \*

Meses mais tarde procedeu-se á colheita. As cebolas haviam apodrecido na terra, devido ás chuvas; os alhos vieram sem dentes, devido ao sol; as batatas não foram por diante, devido ás vaquinhas; as ou-

tras “policulturas” negaram fogo devido ás saúvas, á quem-quem, á geada, a isto e mais aquilo.

Não obstante, seguiu para o Rio um soporoso relatorio de trezentas paginas, onde Capistrano, entre outras maravilhas, notava: “Os resultados praticos do nosso metodo demonstrativo *in loco* têm sido verdadeiramente assombrosos! Os lavradores acodem em massa ás lições, aplaudem-nas com delirio e, de volta ás suas terras, lançam-se com furor á cultura poli, em tão bôa hora lembrada pelo claro espirito de V. Excia. O Senhor Ministro pode felicitar-se de ter aberto de par em par as portas da idade de ouro da agricultura nacional”.

Os jornais transcreveram com gabos estes e outros pedacinhos de ouro. E muita gente se encheu de mais um bocado de ufanía por este nosso maravilhoso país.

1910

## Uma Historia de Mil Anos

— *Hu... hu...*

E' como nos invios da mata soluça a juruti.

Dois *hus* — um que sobe, outro que desce.

O destino do *u*!... Veludo verde-negro transmutado em som — voz das tristezas sombrias. Os aborígenes, maravilhosos denominadores das coisas, possuíam o senso impressionista da onomatopeia. *Urutáu, urú, urutú, inambú* — que sons definirão melhor essas criaturinhas solitárias, amigas da penumbra e dos recessos?

A juruti, pombinha eternamente magoada, é toda *us*. Não canta, geme em *u* — geme um gemido aveludado, lilás, sonorização dolente da saudade.

O caçador passarinho sabe como ela morre sem luta ao mínimo ferimento. Morre em *u*...

Já o sanhaço é todo *as*. Ferido, debate-se, desfere bicadas, pia, lancinante.

A juruti apaga-se como chama de algodão. Frágil torrão de vida, extingue-se como se extingue a vida do torrão de açúcar ao simples contacto da água. Um *u* que se funde.



Como vivem e morrem jurutis, assim viveu e morreu Vidinha, a linda criança afinada em *u*. E como não seria assim, se era Vidinha uma juruti humana — meiguice feita menina-e-moça, begonia sensível dos grotões?

Que amiga dos contrastes é a natureza!

Ali naquele barranco penhasquento crescem no arido as samambaias. Rijas, asperas, corajosas, resistem aos ventos, aos enxurros, ao cargueiro que as esbarra, ao viandante distraído que as chicoteia. Batidas, reerguem-se. Cortadas, rebrotam. Esmagadas, revicam. Cinicas!

Mais adiante, na grotta fria onde tudo é sombra e cerração. ergue-se, a espaços, em meio dos caetês valentes e dos fetos rendados, a solitaria begonia.

Timida e fragil, o menor contacto a magôa. Toda ela — caule, folhas, flores — é a mesma carne tenra de criança.

Sempre os contrastes.

Os eleitos da sensibilidade, os martires da dor — e os fortes. A juruti e o sanhaço. A begonia e a samambaia.

Vidinha, a inocente criança, era juruti e begonia.

O Destino, como os sabios, tambem faz suas experiencias. Permite vidas a titulo de experiencia, na tentativa de aclimar na terra seres que não são da terra.

— Vingarà Vidinha, solta no mundo em meio da alcateia humana?

Janeiro. Dia de mormaço a envolver o mundo sob a curva do ceu imensamente azul.

A casa onde mora Vidinha é a única das cercanias — garça pousada no oceano verde-sujo das samambaias e sapezeiros.

Que terra! Ondula em mamelões verdoengos até encontrar o céu, longe, no horizonte. Hispidez, aridez — terra outróra bemdita, que o homem, senhor do fogo, transfez em deserto amaldiçoado.

Os olhos pervagam: cá e lá, “té aos confins, sempre o chamalote verde-oliva da samambaia aspera — esse musgo da esterilidade.

Entristece, aquilo. Cansa a vista o sem-fim da morraria nua de arvores — e o consolo é pousar os olhos na pombinha branca da casinhola.

Como a cal das paredes cintila ao sol! E como nos enleva a alma sua pequenina moldura de arvores domesticas! Aquele pé de espirradeira, todo florido; o cercado de taquara; a horta; o canteirinho de flores; o poleiro das aves nos fundos, sob a fronde da guabirobeira...

Vidinha é a manhã da casa. Vive entre duas estações: a mãe — um outono, e o pai — inverno em começos. Ali nasceu e cresceu. Ali morrerá. Inocente e ingenua, do mundo só conhece o centímetro quadrado de mundo que é o pequeno sítio paterno. Imagina as coisas — não as sabe. O homem: é seu pai. Quantos homens haja, todos serão assim: bons e pais. A mulher: sua mãe — um tudo.

Bichos? O gato, o cão, o galo índio que canta pela alvorada, as galinhas suras. Sabe, por ouvir dizer, de outros muitos: da onça — gatão feroz; da anta — bicho enorme; da capivara — porco dos rios;

da sucuri — cobra “desta” grossura! Veados e pacas já viu diversos, mortos nas caçadas.

Longe d'aquelle ermo onde está o sitio, é o mundo. Ha nele cidades — casas e mais casas, pequenas e grandes, em linha, com estradas pelo meio a que chamam ruas. Nunca as viu, sonha-as. Sabe que nelas moram os ricos, seres de outra raça, poderosos, que comprem fazendas, plantam cafezais e mandam em tudo.

As ideias que povoam sua cabecinha, bebeu-as ali na conversa caseira dos pais.

Um Deus no ceu, bom, imenso, que tudo vê, e ouve até o que a boca não diz. Ao lado dele, Nossa Senhora, tão boa, resplandecente, rodeada de anjos...

Os anjos! Crianças de asas e longas tunicas esvoaçantes. No oratorio da casa ha o retrato de um.

Seus prazeres: a vida da casa, os incidentes do terreiro.

— Venha ver, mamãe, depressa!...

— Alguma bobagem...

— ... o pintinho sura trepado nas costas do capão péva, tenteando-se nas asinhas! Venha ver que galanteza. Ei, ei... caiu!

Ou:

— Brinquinho quer por força pegar a cauda. Está que parece um pião, corropiando.

E' bonita? Vidinha o ignora. Não se conhece, não faz de si nenhuma ideia. Se nem espelho possui... E', no entanto, linda, dessa lindeza das telas raras que jazem fóra de moldura nos desvãos ignorados. Vestida á maneira dos pobrezinhos, vale o

que não está vestido: o corado das faces, a expressão de inocencia, o olhar de creança, as mãos irrequeitadas. Tem a beleza das begonias silvestres. Deem-lhe um vaso de porcelana e cintilará.

Cinderela, a eterna historia...

O pai vive na luta silenciosa contra a aridez do solo, disputando ás formigas, ás geadas, á esterilidade, umas colheitinhas curtas. Não importa. Vive contente. A mãe moureja o dia inteiro nos trabalhos da casa. Cose, arruma, remenda, varre.

E Vidinha, entre eles, orquidea que floriu em tronco rude, brinca e sorri. Brinca e sorri com seus amigos: o cão, o gato, os pintos, as rolas que descem ao terreiro. Em noites escuras vêm visita-la, cirandando em torno á casa, seus amiguinhos luminosos — os vagalumes.

Os anos passam. Os botões se fazem flôr.

Um dia Vidinha entrou a sentir vagas perturbações de alma. Fugia aos brinquedos e cismava. A mãe notou a mudança.

— Em que está pensando, menina?

— Não sei. Em nada... e suspirou.

A mãe observou-a inda uns tempos e disse ao marido:

— E' lado de casar Vidinha. Está moça. Já não sabe o que quer.

Mas, casa-la como? Com quem? Não havia ali vizinhos, naquele deserto, e a criança corria o risco de estiolar-se como flor esteril sem que olhos de homem casadoiro pusessem reparo em seus encantos.

Não será assim, todavia. O Destino levará por diante mais uma cruel experiencia.

O lobo fareja de longe a menina da capinha vermelha.

A begonia daquele deserto, filha das selvas, será caça. Será caçada por um caçador...

Está na idade do sacrificio.

O caçador não tardará.

Vem perto, piando de inambú, com espingarda nas mãos. Trocará de bom grado, vão ver, os inambús perseguidos pela inocente juruti incauta.

— O' de casa!

— ? ?

— Venho de longe. Perdi-me nestes carrascais, coisa de dois dias, e não posso comigo de canseira e fome. Venho pedir pousada.

Os ermitões do samambaial acolhem de braços abertos o transviado gentil.

Bonito moço da cidade. Bem falante, maneiroso — uma sedução!

Como são belos os gaviões caçadores de inocencias...

Deixou-se ficar a semana inteira. Contava coisas maravilhosas. O pai esquecia a roça para ouvi-lo, e a mãe desleixava a casa. Que sereia!

No pomar, sob o docel das laranjeiras abotoadas:

— Nunca pensou em sair daqui?

— Sair? Aqui tenho casa, pai, mãe — tudo...

— Acha muito isso? Oh, lá fóra é que é o lindo! Que maravilha é lá fóra! O mundo! As cidades!

Aqui é o deserto, prisão horrível, aridez, melancolia...

E contava contos das mil e uma noites sobre a vida das cidades. Dizia do luxo, da magnificencia das festas, das pedrarias que cintilam, das sedas que acariciam o corpo, dos teatros, da musica inebriante.

— Mas isso é um sonho!...

O principe confirmava.

— A vida lá fóra é um sonho.

E desfiava rosarios inteiros de sonhos.

Vidinha, num deslumbramento, murmurava:

— E' lindo! Mas tudo só para os ricos.

— Para os ricos e para os formosos. Beleza vale mais que riqueza — e Vidinha é bela!

— Eu?...

O espanto da criança...

— Bela, sim — e riquissima, se o quiser. Vidinha é diamante a lapidar. E' Cinderela, hoje no borralho, amanhã princesa. Seus olhos são estrelas de veludo.

— Que ideia...

— Sua boca, ninho de colibri feito para o beijo...

— !...

A iniciação começa. E tudo na alma de Vidinha se aclara. As ideias vagas se definem. Os hieroglyphos do coração se decifram. Compreende a vida, afinal. Sua inquietação era amor, em casulo ainda, a agitar-se nas trevas. Amor sem objeto, perfume sem destino. O amor é febre da idade, e Vidinha chegara á idade da febre sem o saber. Sentia-lhe o queimor no coração, mas ignorava. E sonhava.

Tinha agora a chave de tudo. O principe encantado viera afinal. Estava ali ele, o grande mago de palavras maravilhosas, senhor do Abre-te Sésamo do Palacio da Felicidade.

E o casulo do amor rompeu-se — e a crisalida do amor, ebria de luz, fez-se ardente borboleta de amor...

O gavião da cidade, fino de faro, havia descido no momento oportuno. Dizia-se doente e ia ficando. Sua doença chamava-se — desejo. Desejo de caçador. Ansia de caçador por mais uma perdiz.

E a perdiz veio-lhe para as garras, fascinada pela estonteante miragem do amor.

O primeiro beijo...

A florada maravilhosa dos beijos...

O ultimo beijo, á noite...

Pela manhã do decimo dia:

— Que é do caçador?

Fugira...

Já não rescendem os manacás. São negras as flores do jardim. Não brilham as estrelas do ceu. Não cantam os passarinhos. Não luzem os vagalumes. O sol não alumia. A noite só traz pesadelos.

Uma coisa só não mudou: o *hu, hu* magoado da juruti lá no recesso das grotas.

Os dias de Vidinha são agora vagueios agitados pelo campo. Detem-se ás vezes ante uma flor, de

olhos parados, como recrescidos no rosto. E monolôga mentalmente:

— Vermelha? Mentira. Cheirosa? Mentira. Tudo mentira, mentira, mentira...

Mas Vidinha é juruti, corpo e alma afinados em u. Não desespera, não, luta, não explode. Chora por dentro e definha. Begonia silvestre que o passante brutal chicoteou, dobra no hastil quebrado, pende para a terra e murcha. Chama de algodão... Torrão de açúcar...

Estava concluída a experiencia do Destino. Mais uma vez provava-se que não vive na terra o que não é da terra.

Uma cruz...

E d'ali por diante, se alguém falava em Vidinha, o velho pai murmurava:

— Era a nossa luz de alegria. Apagou-se...

E a mãe lacrimejante:

— Não me sai da memoria a ultima palavra dela: "Agora um beijo, mamãe, um beijo *seu*..."

1925



## As Fitas da Vida

Perambulavamos ao sabor da fantasia, noite a dentro, pelas ruas feias do Braz, quando nos empolgou a silhueta escura duma pesada mole tijolacea, com apparencia de usina vazia de maquinismos.

— Hospedaria dos Imigrantes, informa o meu amigo.

— E' aqui, então...

Paramos a contempla-la. Era ali a porta do Oeste paulista, essa Canaã em que o ouro espirra do solo; era ali a ante-sala da Terra Roxa — essa California do rubidio, oasis côr de sangue coagulado onde cresce a arvore do Brasil de amanhã, uma coisa um pouco diferente do Brasil de hontem, luso e pêro; era ali o ninho da nova raça, liga, amalgama, juxtaposição de elementos ethnicos que temperam o néo-bandeirante industrial, anti-jéca, anti-modorra, vencedor da vida á moda americana.

Onde pairam os nossos Walt Whitmans, que não vêem estes aspectos do país e os não põem em cantos? Que cronica, que poema não daria aquela casa da Esperança e do Sonho! Por ela passaram milhares de criaturas humanas, de todos os países e de to-

das as raças, miseráveis, sujas, com o estigma das privações impresso nas faces — mas re floridas de esperança ao calor do grande sonho da America. No fundo, herois, porque só os herois esperam e sonham.

Emigrar: não existe fortaleza maior do que esta. Só os fortes atrevem-se a tanto. A miseria da terra natal cansa-os e eles se atiram á aventura do desconhecido, fiando na paciencia dos musculos a vitoria da vida. E vencem.

Ninguém ao ve-los na Hospedaria, promiscuos, humildes, quasi mussulmanos na surpresa da terra estranha, imagina o potencial de força neles accumulado, á espera de ambiente propicio para explosões magnificas.

Cerebro e braço do progresso americano, gritam o Sézamo ás nossas riquezas adormidas. Estados Unidos, Argentina, S. Paulo devem dois terços do que são a essa varredura humana, trazida a granel para aterrar os vazios demograficos das regiões novas. Mal cai no solo novo, transforma-se, floresce, dá de si a apoiadura farta com que se aleita a Civilização.

Aquela Hospedaria... Casa do Amanhã, corredor do Futuro...

Por ali desfilam, inconscientes, os formadores duma raça nova.

— Dei-me com um antigo diretor desta almanjarra, disse o meu companheiro, ao qual ouvi muita coisa interessante acontecida cá dentro. Sempre que passo por esta rua, avivam-se-me na memoria varios episodios sugestivos, e entre eles um, romantico, patetico, que até parece arranjo para terceiro ato de dramalhão lacrimogenio. O romantismo, meu caro.

existe na natureza, não é invenção dos Hugos; e agora que se fez cinema, posso assegurar-te que muitas vezes a vida plagia o cinema escandalosamente.

Foi em 1906, mais ou menos. Chegara do Ceará, então flagelado pela seca, uma leva de retirantes com destino á lavoura de café, na qual havia um cego, velho de mais de sessenta anos. Na sua categoria dolorosa de indesejavel, por que cargas d'agua dera com os costados aqui? Erro de expedição, evidentemente. Retirantes que emigram não merecem grande cuidado dos prepostos ao serviço. Vêm a granel, como carga incomoda que entope o navio e cheira mal. Não são passageiros, mas fardos de couro vivo com carne magra por dentro, a triste carne de trabalho, irmã da carne de canhão.

Interpelado o cego por um funcionario da Hospedaria, explicou sua presença por engano de despacho. Destinavam-no ao Asilo dos Invalidos da Patria, no Rio, mas pregaram-lhe ás costas a papeleta do "Para o eito" e lá veio. Não tinha olhos para guiar-se, nem teve olhos alheios que o guiassem. Triste destino o dos cacos de gente...

— Por que para o Asilo dos Invalidos? perguntou o funcionario. E' voluntario da Patria?

— Sim, respondeu o cego, fiz cinco anos de guerra no Paraguai e lá apanhei a doença que me pôs a noite nos olhos. Depois que ceguei caí no desamparo. Para que presta um cego? Um gato sarnento vale mais.

Pausou uns instantes, revirando nas orbitas os olhos esbranquiçados. Depois:

— Só havia no mundo um homem capaz de me socorrer: o meu capitão. Mas, esse, perdi-o de vista.

Se o encontrasse — tenho a certeza! — até os olhos me era ele capaz de reviver. Que homem! Minhas desgraças todas vêm de eu ter perdido meu capitão...

— Não tem família?

— Tenho uma menina — que não conheço. Quando veio ao mundo, já meus olhos eram trevas.

Baixou a cabeça branca, como tomado de subita amargura.

— Daria o que me resta de vida para ve-la um instantinho só. Se o meu capitão...

Não concluiu. Percebera que o interlocutor já estava longe, atendendo ao serviço, e ali ficou, imerso na tristeza infinita da sua noite sem estrelas.

O incidente, entretanto, impressionára o funcionario, que o levou ao conhecimento do diretor. O diretor da Imigração era nesse tempo o major Carlos, nobre figura de paulista dos bons tempos, providencia humanizada daquele departamento. Ao saber que o cego fôra um soldado de 70, interessou-se e foi procura-lo. Encontrou-o imóvel, imerso no seu eterno cismar.

— Então, meu velho, é verdade que fez a campanha do Paraguai?

O cego ergueu a cabeça, tocado pela voz amiga.

— Verdade, sim, meu patrão. Fui soldado do 33.

— O 33 de S. Paulo? Como isso, se é do norte? objetou o major.

— Verdade, sim, meu patrão, Vim no 13, e logo depois de chegar ao imperio do Lopes entrei em fogo. Tivemos má sorte. Na batalha de Tuiuti nosso batalhão foi dizimado como milharal em tempo de chuva de pedra. Salvamo-nos eu e mais um punhado de camaradas. Fomos então incorporados ao 3º

paulista, para preenchimento dos claros, e nele fez o resto da campanha.

O major Carlos também era veterano do Paraguai, e por coincidência servira no 33. Interessou-se, pois, vivamente, pela história do cego, pondo-se a interrogá-lo a fundo.

— Quem era o seu capitão?

O cego suspirou.

— Meu capitão era um homem que se eu o encontrasse de novo até a vista me era capaz de dar! Mas não sei dele, perdi-o — para mal meu...

— Como se chamava?

— Capitão Boucault.

Ao ouvir esse nome o major sentiu eletrizarem-se-lhe as carnes num arrepio intenso; dominou-se, porém, e prosseguiu:

— Conheci esse capitão. Foi meu companheiro de regimento. Mau homem, por sinal, duro para com os soldados, grosseiro...

O cego, até ali vergado na atitude humilde de mendigo, ergueu altivamente o busto e, com a indignação a fremir na voz, disse com firmeza:

— Pare aí! Não blasfeme! O capitão Boucault era o mais leal dos homens, amigo, pai do soldado. Perto de mim ninguém o insulta. Conheci-o em todos os momentos, acompanhei-o durante anos como sua ordenança e nunca o vi praticar o menor ato de vileza.

O tom firme do cego comoveu estranhamente o major. A miséria não conseguira romper no velho soldado as fibras da lealdade, e não ha espetáculo mais arrebatador do que o de uma lealdade assim vivedeira até aos limites extremos da desgraça. O

major, quasi rendido, sobreteve-se por um instante. Depois, friamente, prosseguiu na experiencia.

— Engana-se, meu caro. O capitão Boucault era um covarde...

Um assomo de colera transformou as feições do cego. Seus olhos anuveados pela catarata revolveiram-se nas orbitas, num horrivel esforço para ver a cara do infame detrator. Seus dedos crispavam-se; todo ele retezou-se, como féra prestes a desferir o bote. Depois, sentindo pela primeira vez em toda a plenitude a infinita fragilidade dos cegos, recaiu em si, esmagado. A colera transfez-se-lhe em dôr, e a dôr assomou-lhe aos olhos sob fórmula de lagrimas. E foi lacrimejando que murmurou em voz apagada:

— Não se insulta assim um cego...

Mal pronunciára estas palavras, sentiu-se apertado nos braços do major, também em lagrimas, que dizia:

— Abrace, amigo, abrace o seu velho capitão! Sou eu o antigo capitão Boucault...

Na incerteza, aparvalhado ante o imprevisto desenlace e como receoso de insidia, o cego vacilava.

— Duvida? exclamou o major. Duvida de quem o salvou a nado na passagem do Tebiquari?

Aquelas palavras mágicas a identificação se fez, e, esvaecido de duvidas, chorando como criança, o cego abraçou-se com os joelhos do major Carlos Boucault, a exclamar num desvario:

— Achei meu capitão! Achei meu pai! Minhas desgraças se acabaram!...

.....

E acabaram-se, de fato.

Metido num hospital sob os auspícios do major, lá sofreu a operação da catarata e readquiriu a vista.

Que impressão a sua, quando lhe tiraram a venda dos olhos! Não se cansava de “vêr”, de matar as saudades da retina. Foi á janela e sorriu para a luz que inundava a natureza. Sorriu para as arvores, para o ceu, para as flores do jardim. Ressurreição!...

— Eu bem dizia! exclamava a cada passo, eu bem dizia que se encontrasse o meu capitão estava findo o meu martírio. Posso agora ver minha filha! Que felicidade, meu Deus!...

.....

E lá voltou para a terra dos verdes mares bravios onde canta a jandaia. Voltou a nado — nadando em felicidade. A filha, a filha!...

— Eu não dizia? Eu não dizia que se encontrasse o meu capitão até a luz dos olhos me havia de voltar?

1925

## A Inteligencia Feminina

Era no paraíso e Deus estava contente. Tinha criado a luz, as estrelas, o ar, a água e por fim criou a Vida, semeando-a sob milhares de formas por cima da terra fresquinha e nua. E esfervilhou de viventes o orbe, aqui bactéria e mastodonte, ali musgo e baobá, além craca e baleia — a suma variedade de aspectos dentro da perfeita unidade de plano.

E Deus, que achara aquilo bom, deliberou consolidar sua obra de vida *per secula seculorum* com o invento da Fome e do Amor, dois apetites tremendos engastados no amago das criaturas á guisa de motu-contínuo da Perpetuação. E cofiando a imensa barba branca, velha como o Tempo, lançou a palavra mágica que tudo move e tudo explica:

— Comei-vos uns aos outros e nos intervalos amai!

Em seguida elaborou para a regência da animalidade o Código da Sabedoria Ingenita.

Não deu esse nome ao Código, visto como, no começo, não existindo homem, não existiam nomes.

— Não existindo homem?...



Sim, o homem não estava nos planos do Criador. Esta revelação mirifica, que ainda ha de roer pelos alicerces as caducas verdades officiais (e talvez me conquiste o premio Nobel), está ansiosinha por me fugir da pena. Que fuja, que se espoje no espirito do leitor. Adeus, filha!...

Não era escrito esse codigo. Lei escrita vale por pura invenção humana — donde a rapidez com que envelhecem os codigos humanos e as humanas leis. Escrever é fixar e fixar é matar. Perpetuo movimento, a vida é infixa.

Entretanto, se o não escreveu, foi além Jeová: impregnou com ele cada uma das criaturas recém-formadas, de modo que ao nascer já viessem ricas da sabedoria infusa e agissem automaticamente de acordo com os imutaveis preceitos da lei natural.

Este saber sem aprender receberia do homem o nome de Intuição, assim como o Codigo Ingenito receberia o nome de Instinto. Os futuros homens se caracterizariam pelo vezo de dar nome ás coisas, gosando-se da fama de sabios os que com maior entono e mais pomposamente as nomeassem. Grande doutor, o que tomasse o pulso a um doente, lhe espiasse a lingua e gravibundo dissesse, tirando do nariz os oculos de ouro: *polinevrite metabolica*; e grande mestre, o que apontasse o dedo para um grupo de estrelas e declarasse com voz firme: *constelação do Centauro*. Doença e estrelas, com ou sem nome, seguiriam o seu curso prefixo — mas nada de louvores ao medico que apenas dissesse: *doença*, ou ao mestre que humildê murmurasse: *astros*. Paga ou louvor não os teria o ignorante, isto é, o homem que não soubesse nomes. Viva o nome!

Assim, inoculou Deus em todos os seres a sabedoria da vida, e po-los no orbe como notas cromaticas do “pot-pourri” sinfonico de cuja audição integral sómente os seus ouvidos gosariam o privilegio.

E Deus achou que estava otimo.

Grandes coisas tinha feito. A gravitação dos mundos era jogo de movimentos que mais tarde derubaria o queixo a Newton — mas não passava de mecanica pura.

A concepção do eter, da luz, do calor, assombrosas invenções eram — mas mecanica fria.

O bonito fôra a criação da Vida, porque, obra d’arte das mais autenticas, só ela dava medida completa dos imensos recursos do alto engenho de Deus.

Quanta afinação no tumulto aparente! A bacteria ás voltas com o mastodonte, o musgo em simbiose com o baobá, a craca aparasitada á baleia... Vida em vida, vida devorando vida, vida sobrepondo-se a vida, vida criando vida... O perpetuo ressoar dos uivos de colera, berros de dor, guinchos de alegria, gemidos de goso sonorizando o perpetuo agitar-se das formas — vôo de ave, arranque de tigre, coleio de serpe, rabanar de peixe, tocaiar de saurio...

Tão pitoresca lhe saiu a opera VIDA, que o Sumo Esteta a elegeu para recreio de sua Eterna Displicencia. E, debruçado na amplidão, as longas barbas dispersas ao vento, o contemplativo Jeová antecipou a figura do sabio que no fundo dos laboratorios cisma inclinado sobre o microscopio.

Ora, pois, certo dia de estuporante mormaço, um casal de chimpanzés dormitava beatificamente no esgalho de enorme embauva. Digeriam as bananas

comidas e prelibavam, risonhos, as bananas da manhã seguinte.

Eram chimpanzés como os demais, sabios da sabedoria inculcada pelo Eterno, e bem comportadinhos notas da opera paradisiaca.

Mas Eolo suspirou no seu antro e um forte pé de vento deu, que vascolejou com frenesi a arvore e fez o chimpanzé macho, perdido o equilibrio, precipitar-se de ponta-cabeça ao chão.

Seria aquilo um tombo como qualquer outro, sem consequencias funestas, se a malicia da serpente não houvesse colocado ao pé da embauva uma grande lage, na qual se chocou o cranio do infeliz desarvorado.

Perdeu os sentidos o macaco; e a macaca, presa de grande aflicção, pulou incontinenti a socorre-lo. Rondou-lhe em torno aos guinchos, soprou-lhe nos olhos, amimou-o, beliscou-lhe as carnes insensíveis e, por fim, convencida de que estava bem morto, deu de ombros, já com a ideia na escolha de quem lhe consolasse a viuvez.

Mas não morrera, o raio do chimpanzé. Minutos depois entreabria os olhos, piscava sete vezes e levava as mãos á fonte, significando que lhe doia.

Neste comenos funga no juncal proximo um tigre. Desde o Paraíso que os tigres "adoram" os macacos, como desde o Paraíso que os macacos arrenegam dos tigres. Em virtude de tal divergencia, a fungadela felina valeu por frasco de amoniaco nas ventas do contuso. Pôs-se de pé, inda tonto e, ajudado da companheira, marinhou embauva acima, rumo ao galho de pouso, onde, a bom recato, pudesse distrair a dor de cabeça com a linda cena que é um

tigre faminto á caça de bicho que não seja chimpanzé.

Desd'essa desastrada quédia nunca mais funcionou normalmente o cerebro do pobre macaco. Doiam-lhe os miolos, e ele queixava-se de vágados e de estranho mal-estar.

E' que sofrera uma seriissima lesão.

Digo isto porque sou homem e sei dar nomes aos bois; homem ignorante, porém, não vou mais longe, nem ponho nome grego á lesão. Afirmo apenas que era lesão, certo de que me entendem os meus incontáveis colegas em ignorancia nomenclativa.

Lesão grave, gravissima, e de resultados imprevisíveis á propria presciencia de Jeová!

A Biblia já tratou do assunto; de modo symbolico, entretanto, fugindo de tomar a Queda ao pé da letra. Moisés, redator do *Genesis*, tinha veleidades poeticas — mas não previra Darwin, nem a força do premio Nobel como aureo pai de grandes descobertas. Moisés poetizou... Fez um Adão, uma Eva, uma serpente e um pomo, que certos exegetas declaram ser a maçã e outros, a banana. Compôs assim uma peça com a méstria consciente de Edgard Poe ao carpintear *O Corvo*, mas sem deixar, como Poe um estudo da psicologia da composição, onde demonstrasse que fez aquilo por a + b e com bem estudada pontaria. E foi pena! Quanto papel, tinta e sangue tal esclarecimento não pouparia á humanidade, sempre rixenta na interpretação dos textos biblicos!

Vem dai que é o *Genesis* uma peça de fina psicologia, e por igual penetrante nas cabeças duras e nas dos Pascais, permeabilissimas; o que escasseia ao *Genesis* é acordo com a verdade dos fatos. Essa ver-

dade, mais preciosa que o diamante Cullinan, eu a achei sob o montão de cascalho das hipóteses e sem nenhum alarde aqui a estampo de graça. Já é ser generoso! Tenho nas unhas a verdade das verdades e não requeiro do Congresso um premio de cincoenta contos! Contento-me com um apenas — com este pobre conto...

A partir da Queda, o nosso macaco, entrou a mudar de genio. Sua cabeça perdeu o frescor da antiga despreocupação e deu de elaborar uns mostrenhosinhos informes, aos quais, com alguma licença, caberia o nome de ideias.

Vacilava, ele que nunca vacilara e sempre agira com os soberbos impulsos do automatismo. Entre duas bananas pateteava na escolha, tomado de incompreensíveis indecisões — e por vezes perdeu a ambas, iludido por mônos de bote pronto, que nem vacilavam, nem escolhiam.

Para galgar de um ramo a outro calculava agora não só a distancia como a força do salto — e errava, ele que antes da lesão nunca errara pulo.

Até em suas relações sentimentais com a velha companheira o chimpanzé variou. Ganho de mal-sãs curiosidades, examinava as outras macacas do bando, comparava-as á sua e cometia o pecado de desejar a macaca do proximo.

Como tambem claudicasse na escolha das frutas, comeu diversas improprias á alimentação simia, d'aí provindo as primeiras perturbações gastro-intestinais observadas na higidez do Paraíso — enterites, colites, desinteria ou o que seja.

Quando iam aguias pelo céu, punha-se ele a contemplar os seus harmoniosos vôos, com vagos an-

seios nas tripas e muito desejo n'alma de ser aguiá. Era a inveja nascente, má cuscuta que vicejaria luxuriantemente na execravel descendencia desse môno. Invejou as aves que dormiam em ninho fofo e os animais que moravam em boas tocas de pedra. Abandonou o viver em arvore, prescrito para os da sua laia pelo Codigo Ingenito, e deu de andar sobre a terra de pé nas patas trazeiras, com as dianteiras — futuras mãos — ocupadas em construir ninho, como os via fazer ás perdizes, ou tocas, como as tem o tatú.

E sempre nervoso e inquieto, e descontente com a ordem de coisas estabelecida no Eden, imaginava mudanças e “melhoramentos”. E variava, e tresvariava, e malucava, arrastando consigo a pobre companheira que, sem nada compreender de tudo aquilo, em tudo o imitava passivamente, docil e meiga.

Aconteceu o que tinha de acontecer. A admiravel disciplina reinante do Eden viu-se logo perturbada pelo estranho proceder do macaco, advindo d'aí murmurações e por fim queixas a Jeová. E tais e tantas foram as queixas, que o Sumo, zangado com a nota desafinadora da sua musica divina, ordenou ao anjo Gabriel que pusesse no olho da rua o sustenido anarquico.

Até esse ponto vai certo Moisés. Onde começa a fazer poesia é d'aí para diante. De fato, Jeová ordenou a expulsão do rebelde e São Gabriel deu para executa-la os primeiros passos. A curiosidade, porém, que dizem feminina mas aqui se vê que é divina, fez o Criador reconsiderar.

— Suspende, Gabriel! Estou curioso de ver até que extremos irá o desarranjo mental do meu macaco.

Era Gabriel o Sarrazani daquele jardim zoológico e, graças ao convívio com o Eterno, adquirira alguma coisa da divina presciência. Assim foi que objetou:

— Vossa Eternidade me perdôe, mas se lá deixamos o trapalhão, aquilo vira em “humanidade”...

— Sei disso, retorquiu o Soberano Senhor de Todas as Coisas. A lesão do cérebro do meu macaco põe-no á margem da minha Lei Natural e fa-lo-á discrepar da harmonia estabelecida. Nascerá nele uma *doença*, que seus descendentes, cheios de orgulho, chamarão intelligencia — e que, ai deles! lhes será funestissima. Esse mal, oriundo da Queda, transmitir-se-á de pais a filhos — e crescerá sempre, e terrivelmente influirá sobre a terra, modificando-lhe a superficie de maneira muito curiosa. E, deslumbra-dos por ela, os homens ter-se-ão na conta de criaturas privilegiadas, entes á parte no universo, e olharão com desprezo para o restante da animalidade. E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...

— ? !

— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens*, apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e á minha imagem e semelhança.

— ?!!

— Os demais chimpanzés permanecerão como eu os criei; só o ramo agora a iniciar-se com a prole do lesado é que se destina a sofrer a diferenciação

morbida, cuja resultante será cair o governo da terr.  
nas unhas de um bicho que não previ.

— ?!!!

— Essa intelligencia se caracterizará pela ansia de ver-me através das coisas, e para que bem a comprehendas, Gabriel, te direi que será como asas sem ave, luz sem sol, dedos sem pés...

Gabriel não comprehendeu coisa nenhuma da longa definição de Jeová — e como sucederia o mesmo com os meus leitores, interrompo-a nos dedos sem pés. Até ai ainda a percepção é possível; mas no ponto em que Jeová lhe assignalou a essencia ultima, nem Einstein pescaria um  $x$ ...

Vendo o ar aparvalhado de Gabriel, o Criador pulou da metagenese abaixo e falou fisicamente.

— Essa intelligencia apurará aos extremos a crueldade, a astucia e a estupidez. Por meio da astucia se farão eles engenhosos, porque o engenho não passa da astucia aplicada á mecanica. E á força de engenho submeterão todos os outros animais, e edificarão cidades, e esfuracarão montanhas, e rasgarão istmos, destruirão florestas, captarão fluidos ambientes, domesticarão as ondas hertzianas, descobrirão os raios cosmicos, devassarão o fundo dos mares, roerão as entranhas da terra...

Gabriel estremeceu. Apavorou-o a força futura da intelligencia nascente; mas Jeová sorriu, e quando Jeová sorria Gabriel serenava.

— Nada receies. Essa intelligencia terá alguns atributos da minha, como o carvão os tem do diamante, mas estará para a minha como o carvão está para o diamante. A fraqueza dela provirá da sua jaça de origem. Intelligencia sem memoria, intelligencia de chimpanzé, o homem *esquecerá* sempre.



Esquecerá o que ensinei aos seus precursores peludos e esquecerá de colher a boa lição da experiencia nova.

Seu engenho creará engenhosissimas armas de alto poder destrutivo — e empolgados pelo odio eles se estraçalharão uns aos outros, em nome de patrias, por meio de lutas tremendas a que chamarão guerras, vestidos macacalmente, ao som de musicas, tambores e cornetas, esquecidos de que não criei nem o odio, nem a patria, nem a corneta.

E transporão mares, e perfurarão montes, e voarão pelo espaço, e rodarão sobre trilhos na vertigem louca de vencer as distancias e chegar depressa — esquecidos de que eu não criei a pressa, nem o trilho.

E viverão em guerra aberta com os animais, escravizando-os e matando-os pelo puro prazer de matar — esquecidos de que eu não criei o prazer de matar por matar.

E inventarão alfabetos e linguas numerosas, e disputarão sem treguas sobre gramaticas, e quanto mais gramaticas possuirem menos se entenderão. E se entenderão de tal modo imperfeito, que aclamarão o messias do entendimento geral, um dr. Zamenhoff...

— Já sei! Um que proporá a supressão das linguas.

Jeová sorriu.

— Não! Apenas o criador de mais uma. E eles elaborarão ciencias, e excogitarão toda a mecanica das coisas, adivinhando o atomo e o planeta invisivel, e saberão tudo — menos o segredo da vida.

E um Pascal, muito cotado entre eles, dará muros na cabeça, na tortura de compreender os  $x$   $x$  supremos — e os homens admirarão grandemente esses muros.

E criarão artes numerosas, e terão sumos artistas e jamais alcançarão a unica arte que implantei no Eden — a arte de ser biologicamente feliz.

E organizarão o parasitismo na propria especie, e enfeitar-se-ão de vicios e virtudes, tão anti-naturais uns, como outras. E inventarão o Orgulho, a Avareza, a Má-fé, a Hipocrisia, a Gula, a Luxuria, o Patriotismo, o Sentimentalismo, o Filantropismo, a Colocação dos Pronomes — esquecidos de que eu não criei nada disso e só o que eu criei é.

E em virtude de tais e tais macacalidades, a intelligencia do homem não conseguirá nunca resolver nenhum dos problemas elementares da vida, em contraste com os outros seres, que os terão a todos solvidos de maneira felicissima.

Não saberá comer — e ao lado das minhas abelhas, de tão sabio regimen alimentar — sabio porque por mim prescrito — o homem morrerá de fome ou indigestão, ou definhará achacoso em consequencia de erros ou vicios dieteticos.

Não saberá morar — e ao lado das minhas aranhas, tão felizes na casa que lhes ensinei, habitarão ascorosas espeluncas sem luz, ou palacios.

Não resolverá o problema da vida em sociedade, e experimentará mil soluções, errando em todas. E revoluções tremendas agitarão de espaço em espaço os homens no desespero de destruir o parasitismo criado pela intelligencia — e as novas formas de equilibrio surgidas afirmar-se-ão com os mesmos vicios das velhas formas destruidas. E o homem olhará

com inveja para os meus animaesinhos gregarios, que são felizes porque seguem a minha lei sapientissima.

E não solverá o problema do governo; e mais formas de governo invente, mais sofrerá sob elas — *esquecido de que não criei governo*. E criará o Estado. monstro de maxilas leoninas, por meio do qual a minoria astuta parasitará cruelmente a maioria estúpida. E afim de manter nedio e forte esse monstro, os sabios escreverão livros, os matematicos organizarão estatisticas, os generais armarão exercitos, os juizes erguerão cadafalsos, os estadistas estabelecerão fronteiras, os pedagogos aticarão patriotismos, os reis deflagrarão guerras tremendas e os poetas cantarão os herois da chacina — para que jamais a guerra cesse de ser uma permanente.

Queres ver ao vivo, Gabriel, o que vai ser a chimpanzéização do mundo? Corre essa cortina do futuro e espia um momento da humanidade.

Gabriel correu a cortina do futuro e espiou. E viu sobre a crosta da terra uma poeira — poeira movediça. Mas, ansioso de detalhes, Gabriel microscopou e viu uma dolorosa caravana de chimpanzés pelados, em atropelada marcha para o desconhecido.

Miseravel rebanho! Uns grandes, outros pequenos; estes louros, aqueles negrissimos — nada que recordase a perfeição somatica dos outros viventes, tão iguaesinhos dentro do tipo de cada especie. Que feia variedade! Ao lado do hercules, o torto, o canganga, o cambaio, o corcovado, o corcunda, o raquitico, o tropego, o careteante, o zanaga, o zarolho, o caréca, o manco, o cego, o tonto, o surdo, o espingolado, o nanico... Caricaturas moveis, com os mais grotescos disparates nas feições, era impossivel apa-

nhar-lhes de pronto tipo padrão. E Gabriel evocou mentalmente a linda coisa que é um desfile de abelhas ou pinguins, no qual não ha um só individuo que destoe do padrão comum.

Da manada humana subia um rumor confuso. Gabriel desencerou os ouvidos e pôde distinguir sons para ele ineditos: tosse, espirros, escarradelas, fungos, borborigmas, ronqueira asmatica, gemidos nevralgicos, ralhos, palavrões de insulto, blasfemias, gargalhadas, guinchos de inveja, rilhar de dentes, bufos de colera, gritos histericos...

Depois observou que á frente das multidões caminhavam seres de escol, semi-deuses lantejoulantes, vestidos fantasiosamente, pingentados de cristaisinhos embutidos em engastes metalicos, com penas de aves na cabeça, cordões e fitas e crachás e missangas...

— Quem são?

— Os chefes, os magnatas, os reis: os condutores de povos. Conduzem-n'os... não sabem para onde.

E viu, entremeio á multidão, homens armados, tangendo o triste rebanho a golpes de espadagão ou vergalho. E viu uns homens de toga negra que liam papeis e davam sentenças, fazendo pendurar de forcas miseraveis criaturas, e a outras cortar a cabeça, e a outras lançar em ergastulos para o apodrecimento em vida. E viu homens a cavalo, carnavalescamente vestidos, empenachados de plumas, que arregimentavam as massas, armavam-nas e atiravam-nas umas contra as outras. E viu que depois de tremenda carnificina um grupo abandonava o campo em desordem, e outro, atolado em sangue e em carne gemebunda, cantava o triunfo num delirio orgiaco, ao

som de musicas marciais. E viu que os homens de penacho, organizadores das chacinhas, eram tidos em elevadissima conta. Todos os aplaudiam, delirantes, e os carregavam em charolas de apoteose. E viu que a multidão caminhava sempre inquieta e em guarda, porque o irmão roubava o irmão, e o filho matava o pai, e o amigo enganava o amigo, e todos se maldiziam e se caluniavam, e se detestavam e jamais se compreendiam...

Horrorizado, Gabriel cerrou a cortina do futuro e disse ao Criador:

— Se vai ser assim, cortemos pela raiz tanto mal vindouro. Um chimpanzé a menos no paraíso e estará evitado o desastre.

— Não! respondeu o Criador. Tenho um rival: o Acaso. Ele criou o homem, provocando a lesão desse macaco, e quero agora ver até a que extremos se desenvolverá essa criatura aberrante e alheia aos meus planos.

Gabriel piscou por uns momentos (quatorze vezes ao certo), desorientado pela expressão “quero ver” jamais caída dos lábios do Senhor. Haveria porventura algo fechado, ou obscuro, á sua preciencia?

E Gabriel ousou interpelar Jeová.

— Não sois, então, Senhor, a Preciencia Absoluta?

Jeová franziu os sobrolhos terríveis e murmurou apenas:

— Eu Sou, e se Sou, Sou também O que se não interpela.

Gabriel encolheu-se, como fulminado pelo raio, e sumiu-se da presença do Eterno com pretexto de uma vista d'olhos pelo Eden.

Linda tarde! O sol moribundo chapeava de-bruns de cobre nos gigantescos samambaiussús, a cuja sombra dormitavam megaterios de focinhos medidos entre as patorras.

As arqueopterix desajeitadonas chocavam na areia seus grandes ovos.

Um urso das cavernas catava as pulgas da companheira com a minuciosa atenção dum entomologista apaixonado, e de longe vinham urros de estegosaurios perseguidos por motuções venenosos.

Ao fundo dum vale de avenças viçosas como bambús, dois labirintodontes amavam-se em silencioso e pacato idílio, não longe de um leão fulvo que comia a carne fumegante da gazela recém-abatida.

Aves gorgeavam amores nos ramos; serpes monstruosas magnetizavam monstruosas rãs; flores carnívoras abriam a goela das corolas para a apanha de animaisinhos incautos.

Paz. Paz absoluta. Felicidade absoluta. A Vida comia a Vida e a Vida amava para que se não extinguísse a Vida — tudo rigorosamente de acordo com a senha divina.

Só Adão, o macaco lesado, discrepava, piscando os olhinhos vivos, como a ruminar certa ideia.

Gabriel parou perto dele e deixou-se ficar a observa-lo. Viu que Adão, de olhos ferrados numa toca de onça, *raciocinava*: “Ela sai e eu entro, e fecho a porta com uma pedra, e a casa fica sendo minha...”

Eva, a macaca ilesa, permanecia muda ao seu lado, embevecida no macho pensante. Não o compreendia — não o compreenderia nunca! — mas admirava-o, *imitava-o* e obedecia-lhe passivamente.

Nisto, a onça deixou o antro e foi tocaiar uma veadinha.

— “Acompanha-me!” disse Adão á companheira — e ambos precipitaram-se para a toca da onça, cuja entrada fecharam por dentro com uma grande pedra roliça. E ficaram *donos*.

Gabriel, que acompanhara toda aquela maromba, acendeu um cigarro enrolado em papiro, bafrou para o ceu tres fumaças e murmurou:

— Ele já é intelligencia. Ela não passa de imitação. E' logico: só ele foi lesado no cerebro; mas vão ver que Eva, a instintiva, ainda acabará fingindo-se lesada...

E o primeiro difamador da mulher foi jogar sua partida de gamão com o Todo Poderoso.

1924

## Marabá

Bom tempo houve em que o romance era coisa de aviar com receitas á vista, qual faz o honesto boticario com os seus xaropes.

Quer trabuco historico? Tome tanto de Herculano, tanto de Walter Scott, um pagem, um escudeiro, e o que baste de Briolanjas, Urracas e Guterres.

Quer indianismo? Ponha duas arrobas de Alencar, uns laivos de Fenimore, pitadas de Chateaubriand, graunas e araras *quantum satis*, misture e mande.

Receitas para tudo. Para começo (formula Herculano): “Era por uma dessas tardes de verão, em que o astro rei etc., etc.”

E para fim (formula Alencar): “E a palmeira desapareceu no horizonte...”

Arrumado o cenario da natura, surgia, lá em Portugal, um lidador com o seu espadagão, todo carapaçado de ferro e erecto no lombo dum ardego morzelo; ou, aqui no Brasil, um cacique de feroz catadura, todo arco, flechas e inubias.



E vinha, ou uma castelã de olhos com cercadura de violetas, ou uma morena virgem nua, de pulseira na canela e mel nos lábios.

E não tardava um donzel trovadoresco que “cantava” a castelã, ou um guerreiro branco que fugia com a iracema á garupa.

Depois, a escada de corda, o luar, os beijos — multiplicação da especie á moda medieval; ou um sussurro na moita — multiplicação da especie á moda natural.

A tantas o pai feroz descobria tudo e, á frente dos seus peões, voava á caça do sedutor em desabalada corrida, rebentando duzias de corseis; ou o cacique de rabos de arara na cabeça erguia as mãos para o ceu de Tupã, implorando vingança.

E Dom Bermudo, apanhando o trovador pirata, o objurgava em estilo de catedral, com a toledana erguida sobre sua cabeça:

— “Mentes pela gorja, perro infame!”

Ou o cacique filava o guerreiro branco e o trazia para a taba ao som da inubia, e lá o assava em fogueira de pau brasil; vingança tremenda, porém não maior que a de Dom Bermudo a fender o crânio do pagem sedutor e a lhe arrancar o coração fumegante para depo-lo no regaço da castelã manchada.

E a moça desmaiava, e o leitor chorava e a obra recebia etiqueta de historica, se passada unicamente entre Dons e Donas, ou de indianista, se na manipulação entravam ingredientes do Emporio Gonçalves Dias, Alencar & Cia.

Veio depois Zola com o seu naturalismo, e veio a psicologia e a preocupação da verdade, tudo por

contagio da ciencia que Darwin, Spencer e outros demonios derramaram no espirito humano.

Verdade, Verdade!... Que musa tiranica! Como fez mal aos romancistas — e como os *força* a ter talento!

Foram-se as receitas, os figurinos. Cada qual faça como entender, contanto que não discrepe do *veritas super omnia*, latim que era em arte significa mentir com verossimilhança.

— Tudo isso para que? perguntará o leitor atônito.

E' que trago nos miolos uma novela tão ao sabor antigo, tão fóra da moda, que não me animo a impingir-la sem preambulo. E não é feia, não. Vem de Alencar, esse filho d'alguma Sheerazade aimoré, que a todos nós, na juventude, nos povoou a imaginação de lindas coisas inesqueciveis. E compõe-se de um guerreiro branco, duas virgens das selvas, caciques, dansas guerreiras, fuga heroica, etc.

Chama-se *Marabá* e principia assim:

— Era por uma dessas noites enluaradas de verão, em que a natureza parece chovida de cinzas brancas.

Dorme a taba, e dorme a floresta circundante, sem sussurros de brisas, nem regorgeio de aves.

Só o urutau pia longe, e uma ou outra suindara perpassa, descrevendo vãos de veludo ao som dum *clu, clu, clu...* que ora se aproxima, ora se perde distante.

No centro do terreiro, atado a um poste da canjerana rija, o prisioneiro branco vela. Foi vencido em combate cruento, teve todos os seus homens trucidados e vai agora pagar com a vida o louco ousio de

pisar terra aimoré. Será sacrificado pela manhã, ao romper do sol, cabendo ao potente Anhembira, cacique invicto, a honra de fender-lhe o cranio com a iverapema de pau-ferro. Seu corpo será destroçado pelas horrendas megeras da tribo, sua carne devorada pelos ferozes canibais.

O guerreiro branco rememora com melancolia o viver tão breve — sua meninice de hontem, o engajamento numa nau, a viagem por mar, as aventuras nas terras novas de Santa Cruz, norteadas pela desmedida ambição do ouro.

E' louro e tem olhos azues. Em suas veias corre o melhor sangue do reino. Seu avô caiu nas Indias, varado duma zagaia cingaleza; seu pai, nos sertões inospitos dos Brasis, acabou na paralisia do curare que uma seta fatal lhe inoculou.

Chegara a vez do malaventurado rebento ultimo dessa estirpe de herois...

Em redor, guerreiros côr de bronze, exaustos da dança e bebados de cauim, jazem estirados, as mãos soltas dos tacapes terríveis. Tambem dormita o velho pagé, de cocoras rente á ocara, com o maracá silencioso ao lado.

Que mais? Sim, a lua... A lua que no alto passeia o seu crescente.

Subito, um vulto se destaca de moita vizinha e aproxima-se cauteloso, com pés sutis de corça arisca.

E' Iná, a mais formosa virgem das selvas, oriunda do sangue cacical de Anhembira, o Morde-co-rações.

A virgem caminha em direção ao prisioneiro. Para-lhe defronte e por instantes o contempla, como presa de indecisas ideias.

Por fim decide-se e, ligeira como a irara, desfaz os nós da mussurana fatal e dá de beber ao guerreiro branco o trago de cauim desentorpecedor dos musculos adormentados. Em seguida mira-o a furto nos olhos, perturbada, e num gesto indica-lhe a mata, sussurrando em lingua da terra:

— Foge!

O guerreiro branco vacila. Não conhece a mata, que é imensa, e teme encontrar em seu seio morte mais cruel que a pelo tacape de Anhembira.

Iná compreende o seu enleio e, tomando-lhe a mão, leva-o consigo; conhece a mata palmo a palmo e sabe o caminho de pô-lo a seguro em sitio até onde não ousa alongar-se a gente aimoré.

A noite inteira caminham, e só quando um grande rio de aguas negras lhes tranca o passo é que a virgem morena se detem. Aponta o rio ao moço guerreiro e nesse gesto diz que está finda a sua missão, pois que o rio leva ao mar e o mar é o caminho dos guerreiros brancos.

O moço tem o peito a estourar de gratidão e amor, e como não pode significa-los com palavras lusas, recorre ao esperanto da natureza: abraça a virgem morena, beija-a e, a ceu aberto, ao som murmuro das aguas eternas, louco de paixão, a possue.

Reticencias.

Ao romper da madrugada:

- E' a cotovia que canta!... diz ela.
- Não; é o rouxinol, retruca Romeu.
- E' a cotovia...
- E' o rouxinol...

Vence a cotovia. O moço beija-a pela ultima vez e parte. Não esquece, porém, de enfiar no dedo de Julieta um anel — joia indispensavel ao desfecho da nossa tragedia.

## PRIMEIRO ATO

A tribu está apreensiva. As velhas murmuram e o pagé inquieta-se.

— Marabá! sussurram todos.

Castigo de Tupã? Sinal do ceu que marca o termo da gloria de Anhembira, o chefe da tribu?

Uma criança nascera ali, de olhos azues e loura, evidentemente marabá. E nascera de Iná, a virgem bronzeada em cujas veias corre o sangue do grande morubixaba.

Traição!

A mãe mentira á raça, e do contacto com o estrangeiro invasor, cruel inimigo que do seio do mar surgiu para desgraça do povo americano, teve aquela filha. O louro dos cabelos, o azul dos olhos, a alvura da pele denunciavam claramente o imperdoavel crime.

— Marabá! sussurram todos.

E um vago terror espalha-se pela tribu.

O pagé reúne em concilio os velhos para decidirem sobre o gravissimo caso. E após longas ponderações a assembleia resolve o sacrificio da pequena marabá, em holocausto aos manes irritados da tribu.

Levam a sentença ao cacique, que é pai, mas que antes de pai é o Chefe, o inexoravel guardião da Lei velha como o tempo.

Anhembira cerra o sobrecenho, baixa a cabeça e queda-se imóvel como a própria estatua da dor.

Entre parentesis.

Uma coisa me espanta: que haja inda hoje, nestes nossos atropelados dias modernos, quem *escreva* romances! E quem os *leia*!...

Conduzir por trezentas paginas a fio um enredo, que preguiça!

Nada disso. Sejamos da epoca. A epoca é apressada, automobilistica, aviatoria, cinematografica, e esta minha *Marabá*, no andamento em que começou, não chegaria nunca ao *uff!* do epilogo.

Abreviemo-la, pois, transformando-a em entretcho de filme. Vantagem triplice: não maçarà o pobre do leitor, não comerà o escasso tempo do autor e ainda pode ser que acabe filmada, quando tivermos por cá miolo e animo para concorrer com a Fox ou a Paramount.

Vá daqui para diante a cem quilometros por hora, dividida em *quadros e letreiros*.

## QUADRO

Enquanto Anhembira, de cabeça derrubada sobre o peito, medita na sentença que condenou a criança loura, uma india velha corre a avisar Iná.

Iná é mãe e as mães não vacilam. Toma a filha nos braços e foge para as selvas...

## QUADRO

Lindo cenario. Trecho de mata-virgem, trançado de cipoeira, trançado de taquarussús. Vê-se á di-

reita um velho tronco de enorme jequitibá ocado. E' nesse ôco que mora a menina loura de olhos azues. A mãe ajeitou-o para esconderijo seguro; tapetou-o de musgos macios; fez dele um ninho de meter inveja ás aves.

Ali dorme o lindo anjo, filho do amor a ceu aberto. Ali recebe a mãe inquieta que, de fuga, lhe traz o seio nutriz. De fuga, pois a tribu ignora o estratagemma e está certa de que a filha de Anhembira arrojou ao abismo das aguas o fruto maldito do seu ventre.

### LETREIRO

*Marabá cresceu no sombrio da mata, como a ninfa mimosa do ermo. Iná ensinou-lhe a vida e deu-lhe armas com que abatesse as aves que piam no subosque, e a caça ligeira que entoca, e os peixes faiscantes que se alapam nas pedras.*

### QUADRO

Marabá despede-se de sua mãe.

Já pode viver por si e quer seguir para ermos distantes onde não chegue o som das inubias de Anhembira — lá onde o rio é como um deus irrequieto que ora escabuja nas fragas, ora brinca com as petalas mortas remoinhantes em seus remansos.

Iná despede-se da filha e, repetindo o gesto do guerreiro branco, põe-lhe no dedo o anel de nupcias.

### QUADRO

A vida solitaria de Marabá. Seu namoro com o rio. Nele banha-se e mergulha, e nada, com a linda

côma loura flutuante, e nele mira seus olhos feitos de pedaços do ceu.

E' seu amante, é seu deus, o rio eterno. E' o ser vivo em cuja companhia refoge á depressão do ermo absoluto.

## LETREIRO

*Em Marabá confluem duas psíquicas — a da terra, herdada de sua mãe, e a do moço louro, vindo d'além-mar, duma plaga distante que em sonhos indecisos su'alma em botão adivinha.*

## QUADRO

Mas pouco cisma, a linda Marabá. O tempo lhe é escasso para a delirante vida de ninfa que é o seu viver ali.

Ora perde a manhã inteira na perseguição do gamo que veio beber ao rio; ora galga a pedranceira, em prodígios de arrojo para colher uma flor que se abriu no mais alto da penha.

Persegue borboletas — e que quadro é ve-la no campo, veloz como a gazela, a loura cabeleira solta ao vento!

Sua nudez de virgem esplende em fulgor de escultura divina. Deus a esculpiu — e escultor nenhum jamais concebeu corpo assim, de linhas mais puras, seios mais firmes, ancas mais esgalgas, braços de torneio mais fino.

Tem a nudez divina, Marabá — porque existe a nudez humana; das criaturas que convivem entre humanos e sofrem todos os vincos da humanidade.



Marabá não viciou sua nudez no contacto humano; é nua como é nu o lirio — sem saber que o é.

Mas é mulher. Adivinha de instinto que as flores fe-las Deus para a mulher, e colhe-as, e tece-as em guirlandas, e com elas enfeita os cabelos e o colo e a cintura. E assim, toda flores, mira-se no espelho das aguas e sorri. E porque sorri, logo salta, alegre, e dança. E porque dança, anima as selvas da luz maravilhosa que os helenos ensinaram ao mundo.

Subito, um rumor fa-la estacar. A filha de Dionisio se apaga e surge Diana. Ei-la de arco em punho, em louca desabalada, na pista do cervo incauto que lhe interrompeu a bela improvisação coreografica.

Quem lhe ensinou a dansar?

Tudo. O sangue estuante em suas veias, o vento que agita a fronde das jissaras, o remoinho das aguas, as aves. Viu dansarem os tangerás, um dia, e desde esse momento sua vida é uma continua e maravilhosa criação em que a alma da terra americana se exsolve em movimentos ritmicos.

Sempre mulher, Marabá amansou uma veadi-nha de leite e tem-na consigo como inseparavel companheira, docil ás suas expansões de carinho. Com a pequena corça brinca horas a fio, e abraça-a, e beija-a no mimoso focinho roseo.

Que festa, a vida de Marabá!

Ninguem a vence em riquezas. Ouro, dá-lhe o sol ás catadupas, e todo só para ela. Perfume, não em frascos microscopicos o tem, mas ambiente, perenal; as flores só exalam para ela, e todas as brisas se ocupam em traze-lo de longe, tomado das corolas das orquideas mais raras.

E as abelhas ofertam-lhe o mel purissimo; e os ingazeiros de beira-rio dão-lhe a nivea polpa dos seus frutos invaginados; e cem outras arvores da floresta parecem precipitar a maturescencia de suas bagas rubras, roxas, verdoengas, para que mais cedo os alvos dentes da ninfa as mordam com delicia.

E os dias de Marabá são assim um delirio de luz, de perfumes, de movimentos sadios e livres, capaz de enlouquecer a imaginação dos pobres seres chamados homens, que vivem em prisões chamadas cidades, dentro de gaiolas chamadas casas, com poeira para os pulmões em vez de ar, catinga de gazolina em vez de aromas — e morte a prestações em vez de vida...

### NOTA AO CECIL B. DE MILLES

Este papel de Marabá tem que ser feito por Annette Kellermann. Como, porém, Annette já está madura e Marabá é o que existe de mais botão, torna-se preciso inventar um processo que rejuvenesça de trinta anos a interprete.

### QUADRO

Um dia, um caçador tresmalhado surpreende a ninfa no banho.

E' Ipojuca, o filho dileto de Anhembira e seu sucessor no cacicado. Tres dias e tres noites correu ele em perseguição de um jaguar; mas no momento em que dobrava o arco para desferir a flecha certa, descaiu-lhe das mãos a arma e seus olhos se dilataram de assombro.

O corpo nu da virgem loura emergira das aguas á sua frente.

— Iara?

No primeiro momento o medo sobressaltou-o — mas o sangue de Anhembira reagiu em suas veias, e não seria o filho do guerreiro que jamais conheceu o medo quem tremesse diante de mulher, Iara que fosse.

E Ipojuca imobilizou-se á margem do rio, em muda contemplação, até que a ninfa, percebendo-o, fugisse para o lado oposto, mais arisca do que a tabarana.

Ipojuca atravessou o rio e logo mergulhou na floresta, em sua perseguição.

Jamais as ninfas venceram a faunos na corrida. Foi assim na Grecia; seria assim sob o ceu de Colombo. O filho do cacique alcançou-a. Seu braço de ferro enlaçou-a; suas mãos potentes quebraram-lhe a resistencia e dobraram-lhe a cabeça loura para o beijo de nupcias.

Mas a virgem vencida abriu para o macho vitorioso os grandes olhos azues e, encarando-o a fito, murmurou a tremenda palavra que afasta:

— Sou marabá!

Ipojuca estarrece, como fulminado pelo raio, e deixa que a presa loura fuja para o recesso das selvas.

## QUADRO

Ipojuca, o vencedor vencido, caminha de cabeça baixa, absorto em sonhos. Vai de regresso á taba. O jaguar que vinha perseguindo cruza-se-lhe á fren-

te. Ipojuca não o vê. A seta que lhe destinara cravou-lha Eros no coração.

### QUADRO

Na taba. Ipojuca, desde que regressou, vive arredio. Pensa.

A cabeça lhe estala. Travam-se de razões seu cerebro e seu coração — o dever de solidariedade para com a tribo e o amor. Um impõe-lhe o desprezo da criatura maldita; outro pede-a para o seu beijo.

### LETREIRO

*Vence Amor — o eterno vencedor, e Ipojuca volta ao ermo em procura de Marabá.*

### QUADRO

A virgem loura, desde o encontro fatal, perdida tem a sua serenidade de lirio.

Cisma.

Horas e horas passa imóvel, com o olhar absor-to. Sua veadinha, ao lado, inutilmente espera as caricias de sempre. Marabá não a vê. Marabá esqueceu-a. Como esqueceu as borboletas amarelas que douram o humido em redor da lage onde jaz reclinada. Como não vê o casal de martim-pescadores que a tres passos a espiam curiosos.

Marabá só vê o guerreiro de pele bronzeada que a subjugou com o braço potente, que lhe premiu com

violencia a carne virgem, que lhe derramou n'alma um veneno mortal.

Marabá só vê o seu guerreiro.

Vê-lhe o vulto erecto, firme e forte como os pedregallos. Vê-lhe a musculatura mais rija que o tronco da peroba. Vê o fogo que seus olhos chispam.

E com tamanha nitidez o vê, que para ele estende os braços, amorosamente.

E Ipojuca, pois era Ipojuca em pessoa e não sua sombra o que ella via, cai-lhe nos braços e esmaga-lhe nos labios o primeiro beijo.

### QUADRO

Idilio. Marabá espera o seu guerreiro no alto de uma canjerana.

Ipojuca chega, procura-a, chama-a, aflito.

A resposta é um punhado de bagas rubras que a virgem lhe lança da fronde.

Agil como o gorilla, Ipojuca abarca o tronco da canjerana e marinha galhos acima.

Ao ser alcançada, Marabá despenha-se no rio e mergulha.

Susto do indio, logo seguido de alegria ao vê-la emergir além. Lança-se á agua, persegue-a — e são dois peixes de pasmosa agilidade que brincam.

Agarra-a — e a luta finda-se na doce quebreira dos beijos.

### QUADRO

Moema, a formosa virgem por Anhembira destinada para esposa de Ipojuca, desconfia dos modos

de seu noivo. Aquelas continuas ausencias, aquele incessante cismar, seu alheamento a tudo, dizem-lhe com clareza que uma rival se interpõe entre ambos.

E, como desconfia, segue-o cautelosa. E tudo descobre, pois alcança o rio, onde, o coração varado de crudelissima flecha, assiste, oculta em propicia moita, ás expansões amorosas dos ternos amantes. Adivinha quem é a rival, pois que ainda tem vivo na memoria o caso da marabazinha misteriosamente desaparecida.

### QUADRO

Moema regressa á tribu e, sequiosa de vingança, denuncia ao pagé o esconderijo da virgem maldita.

O velho reúne os guerreiros, arenga-os, incita-os á vingança antes que volte Anhembira, alongando numa expedição de vindita contra os brancos invasores. Receia que o cacique perdoi á neta, movido pelas lagrimas da velha Iná.

### QUADRO

Os guerreiros em marcha para a vingança.

### QUADRO

Surpreendidos pelos indios, os amantes fogem rio abaixo, numa piroga. (E' difficil explicar o aparecimento desta providencial piroga, mas não impossivel. Derivou rio abaixo, por exemplo, e ali ficou enredada numa tranqueira. Não esquecer de introduzir num dos quadros anteriores um *close up* da piroga).

Os indios metem-se em outras pirogas. (Mais pirogas! E' que não derivou uma só, sim varias...) E remam com furia na esteira dos fugitivos.

## QUADRO

Continúa a perseguição. Não ha flechaços, para evitar-se o perigo de ferir-se Ipojuca. Perseguição silenciosa, á força de remos que estalam.

## QUADRO

A noite vem e a regata continua ao luar.

## QUADRO

E descem os fugitivos até que, de subito, dão de cara com um fortim português.

## LETREIRO

*Entre dois fogos!*

## QUADRO

Os remos caem das mãos de Ipojuca. Marabá aninha-se-lhe ao peito rijo, indiferente á morte — que nada ha mais suave do que acabar assim, a dois, em pleno apogêu do delirio do amor.

## QUADRO

Os indios perseguidores ganham terreno. São avistados pelos portugueses, que logo acodem com os seus trabucos de boca de sino e abrem fuzilaria.

## QUADRO

Os perseguidores fogem desordenadamente, Ipojuca, ferido no peito, é aprisionado, conjuntamente com Marabá.

## QUADRO

Na praia, ao lado do seu arco, Ipojuca estorce-se nas dores da agonia, enquanto Marabá é levada á presença do capitão do forte, que demora um minuto para apresentar-se.

## QUADRO

Rodeiam-na os lusos e admiram-lhe a beleza do tipo europeu.

Nisto o capitão do fortim aparece.

Interroga-a; examina-a cheio de pasmo, como que tomado de vagos pressentimentos.

Marabá tem no dedo o anel que Iná lhe deu.

O capitão examina-o e, assombrado, o reconhece.

— Minha filha! exclama.

E numa delirante explosão de amor paterno, abraça-a e beija-a com frenesi.

## QUADRO

Ipojuca, á distancia, estorce-se na agonia. Vê a cena e, sem compreender o que se passa, julga que o capitão, como um satiro, lhe rouba a amante que-



rida. Reune as ultimas forças, toma do arco, ajusta uma flecha e despede-a contra Marabá.

### QUADRO

A flecha crava-se no peito da virgem loura, que desfalece e morre nos braços do pai atonito, enquanto na praia o heroico Ipojuca exala o derradeiro suspiro, murmurando:

### LETREIRO

— *Minha ou de ninguém!*

(Acendem-se as luzes e enxugam-se as lagrimas).

1923

# O Fisco

## PROLOGO

No principio era o pantano, com valas de agrião e rãs coaxantes. Hoje é o parque do Anhangabaú, todo ele relvado, com ruas de asfalto, pérgola grata a namoriscos noturnos, a *Eva* de Brecheret, a estatua d'um adolescente nu que corre — e mais coisas. Autos voam pela rua central, e cruzam-se pedestres em todas as direções. Lindo parque, civilizadissimo.

Atravessando-o certa tarde, vi formar-se ali um bolo de gente, rumo ao qual vinha vindo um policia apressado.

*Fagocitose*, pensei. A rua é a arteria; os passantes, o sangue. O desordeiro, o bebado, o gatuno são os microbios maleficos, perturbadores do ritmo circulatorio. O soldado de policia é o globulo branco — o *fagocito* de Metchenikoff. Está de ordinario parado no seu posto, circunvagando olhares atentos. Mal se congestiona o trafego pela ação anti-social do desordeiro, o fagocito move-se, caminha, corre, cai a fundo sobre o mau elemento e arrasta-o para o xadrez.

Foi assim naquele dia.

Dia sujo, azedo. Ceu dubio, de decalcomania vista pelo avesso. Ar arrepiado.

Alguem perturbara a paz do jardim, e em redor desse rebelde logo se juntou um grupo de globulos vermelhos, vulgo passantes. E lá vinha agora o fagocito fardado restabelecer a harmonia universal.

O caso girava em torno de uma criança maltrapilha, que tinha a tiracolo uma caixa tosca de engraxate, visivelmente feita pelas suas proprias mãos. Muito sarapantado, com lagrimas a brilharem nos olhos cheios de pavor, o pequeno murmurava coisas de ninguem atendidas. Sustinha-o pela gola um fiscal da camara.

— Então, são cachorrinho, sem licença, hein? exclamava entre colerico e vitorioso o mastim municipal, focinho muito nosso conhecido. E' um que não é um, mas sim legião, e sabe ser tigre ou cordeiro conforme o naipe do contraventor.

A miseravel criança evidentemente não entendia, não sabia que coisa era aquela de licença, tão importante, reclamada assim a empuxões brutais. Foi quando entrou em cena o policia.

Este globulo branco era preto. Tinha beijo de sobejar e nariz invasor de meia cara, aberto em duas ventas acesas, relembrativas das cavernas de Trofonio. Aproximou-se e rompeu o magote humano com um napoleonico — “Espalha!”

Humildes alas se abriram áquele Sézamo, e a Autoridade, avançando, interpelou o Fisco:

— Que encrenca é esta, chefe?

— Pois este cachorrinho não é que está exercendo ilegalmente a profissão de engraxate? Encon-

trei-o banzando por aqui com estes troços, a fisgar com os olhos os pés dos transeuntes e a dizer “Engraxa, freguês”. Eu vi a coisa de longe. Vim pé ante pé, disfarçando e, de repente, *nhoc!* “Mostre a licença”, gritei. “Que licença?”, perguntou ele, com arzinho de inocencia. “Ah, você diz que licença, cachorro? Está me debochando, ladrão? Espera que te ensino o que é licença, trapo!” E agarrei-o. Não quer pagar a multa. Vou leva-lo ao deposito, autuar a infração para proceder de acordo com as posturas, concluiu com soberbo entono o cariado canino da Maxila Fiscal.

O solene Mata-Piolho da Manopla Policial concordou.

— E’ isso mesmo. Casca-lhes!

E chiando por entre os dentes uma cusparada de esguicho, deu a sua sacudidela suplementar no menino. Depois voltou-se para os basbaques e ordenou com imperio de sóba:

— Circula, paisanada! E’ “purivido” ajuntamentos de mais de um.

Os globulos vermelhos dispersaram-se em silencio. O buldogue lá seguiu com o pequeno nas unhas. E o Páu-de-Fumo, em attitude de Bonaparte em face das piramides, ficou, de dedo no nariz e boca entreaberta, a gosar a prontidão com que, num apice, sua energia resolvera o tumor maligno formado na arteria sob a sua jurisdição.

## O BRAZ

Tambem lá, no principio, era o charco — terra negra, fôfa, turfa tressuante, sem outra vegetação além dessas plantinhas miseraveis que sugam o lodo,

como minhocas. Aquem da varzea, na terra firme e alta, São Paulo crescia. Erguiam-se casas nos cabeços, e esgueiravam-se ladeiras encostas abaixo: a Boa Morte, o Carmo, o Piques; e ruas: Imperador, Direita, S. Bento. Poetas cantavam-lhe as graças nascentes:

*O' Liberdade, ó Ponte-Grande, ó Gloria...*

Deram-lhe um dia o viaduto do chá, esse arrojo!... Os paulistanos pagavam sessenta reis para, ao atravessa-lo, conhecerem a vertigem do abismo. E em casa narravam a aventura às esposas e mães, palidas de espanto. Que arrojo de homem, o Jules Martin que construiu aquilo!

Enquanto S. Paulo crescia, o Braz coaxava. Enluravam-se naquele brejal legiões de sapos e rãs. A' noite, do escuro da terra um coral subia, de coaxos, *pan-pans* de ferreiro, latidos de mimbuías, *glu-glus* de untanhas; e por cima, no escuro do ar, vagalumes zigzagueantes riscavam fosforos às tontas.

E assim foi até o dia da avalanche italiana.

Quando lá no Oeste a terra roxa se revelou mina de ouro das que pagam duzentos por um, a Italia vazou para cá a espuma da sua transbordante taça de vida. E São Paulo, não bastando ao abrigo da nova gente, assistiu, atônito, ao surto do Braz.

Drenos sangraram em todos os rumos o brejal turfoso; a agua correu; os espavoridos sapos sumiram-se aos pulos para as baixadas do Tieté; rã comestível não ficou uma para memoria da raça; e, breve, em substituição aos guembês, ressurtiu a cogumelagem de centenas e centenas de casinhas típicas — porta, duas janelas e platibanda.

Numerosas ruas, alinhadas na terra côr de ardósia que já o sol ressequira e o vento erguia em nuvens de pó negro, margearam-se com febril rapidez desses prediozinhos terreos, iguais uns aos outros, como saídos do mesmo molde, pífios, mas unicos possíveis então. Casotas provisórias, desbravadoras da lama e vencedoras do pó á força de preço modico.

E o Braz cresceu, espraizou-se de todos os lados, comeu todo o barro preto da Moóca, bateu estacas no Marco da Meia Legua, lançou-se rumo á Penha, pôs de pé igrejas, macadamizou ruas, inçou-se de fabricas, viu surgirem avenidas, e vida propria, e cinemas, e o Colombo, e o namoro, e o curso pelo Carnaval. E lá está hoje enorme, feito a cidade do Braz, separado de São Paulo pelo faixão vermelho da Varzea aterrada — Pest, da Buda á beira do Tamanduateí plantada.

São duas cidades vizinhas, distintas de costumes e de almas já bem diversas. Ir ao Braz é uma viagem. O Braz não é ali, como o Ipiranga; é lá do outro lado, embora mais perto que o Ipiranga. Diz-se — vou ao Braz, como quem diz — vou á Italia. Uma Italia agregada como um bócio recente e autonomo a uma *urbs* antiga, filha do país; uma Italia função da terra negra, italiana por sete decimos e *algo nuevo* pelos tres restantes.

\*\*\*

O Braz trabalha de dia e á noite dorme. Aos domingos fandanga ao som do bandolim. Nos dias de festa nacional (destes tem predileção pelo 21 de Abril: vagamente o Braz desconfia que o barbeiro da Inconfidencia, porque barbeiro, havia de ser um patricio), nos dias feriados o Braz vem a São Paulo. En-

tope os bondes no travessio da Varzea e cá ensardinha-se nos autos: o pai, a mãe, a sogra, o genro e a filha casada no banco de trás; o tio, a cunhada, o sobrinho e o Pepino escoteiro no da frente; filhos miudos por entremeio; filhos mais taludos ao lado do motorista; filhos engatinhantes debaixo dos bancos; filhos em estado fetal no ventre bojudado das matronas. Vergado de molas, o carro geme sob a carga e arrasta-se a meia velocidade, exibindo a Pauliceia aos olhos arregalados daquele exuberante cacho humano.

Finda a corrida, o auto debulha-se do enxame no Triangulo e o bando toma de assalto as confeitarias para um regabofe de *spumones*, gasosas, croquetes. E tão a serio toma a tarefa, que ali pelas nove horas não restam iscas de empada nos armarios termicos, nem vestigios de sorvete no fundo das geladeiras. O Braz devora tudo, ruidosa, alegremente, e com massagens ajeitadoras do abdomen sai impando bemaventurança estomacal. Carochos de azeitonas, palitos de camarões, guardanapos de papel, pratos de papelão seguem nas munhecas da petizada, como lembrança da festa e consolo ao bersalhérzinho que lá ficou de castigo em casa, berrando com goela de Caruso.

Em seguida, toca para o cinema! O Braz abarota os de sessão corrida. O Braz chora nos lances lacrimogeneos da Bertini e ri nas comedias a gaz hilariante da L-Ko, mais do que autorizam os mil e cem da entrada. E repete a sessão, piscando o olho: é o jeito de dobrar a festa em extensão e obte-la a meio preço — 550 réis, uma pechincha.

\*\*\*

As mulheres do Braz, ricas de ovário, são vigorosíssimas de utero. Desovam quasi filho e meio por ano, sem interrupção, até que se acabe a corda ou rebente alguma peça essencial da gestatoria.

E' de ve-las na rua. Bojudas de seis meses, trazem um Pepininho á mão e um choramingas á mama. A' tarde o Braz inteiro chia de criançalha a chutar bolas de pano, a jogar o pião, ou a piorra, ou o tento de telha, ou o tabefe, com palavriados mixtos de português e dialetos de Italia. Mulheres escarranchadas ás portas, com as mãos ocupadas em manobras de agulha de osso, espigaitam para os maridos os sucessos do dia, que eles ouvem filosoficamente, cachimbando calados ou cofiando a bigodeira á Humberto Primo.

De manhã esfervilha o Braz de gente estremunhada a caminho das fabricas. A mesma gente re-flue á tarde aos magotes — homens e mulheres de cesta no braço, ou garrafas de café, vazias, penduradas do dedo; meninas, rapazes, raparigotas de pouco seio, galantes, tagarelas, com o namoro rente.

Desce a noite, e nos desvãos de rua, nos becos, nas sombras, o amor lateja. Ciciam vozes cautelosas das janelas para os passeios; pares em conversa disfarçada nos portões emudecem quando passa alguem ou tosse lá dentro o pai.

Durante o escuro das fitas, nos cinemas, ha contactos longos, febricitantes; e quando nos intervalos irrompe a luz, não sabem os namorados o que se passou na tela — mas estão de olhos langués, em quebreira de amor.

E' o latejar da messe futura. Todo aquele erotismo por musica, com cicios de pensamentos de cartão postal, estará morto no ano seguinte — lega-



lizado pela igreja e pelo juiz, transfeita a sua poesia em choro de criança e nas trabalhadeiras sem fim da casa humilde.

Tal menina rosada, leve de andar, toda requebros e dengues, que passa na rua vestida com graça e atrai os olhares gulosos dos homens, não a reconheceréis dois anos depois na lambona filhenta que deblatera com o verdureiro a proposito do feixe de cenouras em que ha uma menor que as outras .

Filho da lama negra, o Braz é, como ela, um sedimento de aluvião. E' S. Paulo, mas não é a Pauliceia. Ligadas pela expansão urbana, separa-os uma barreira. O velho caso do fidalgo e do peão enriquecido.

#### PEDRINHO, SEM SER CONSULTADO, NASCE

Viram-se, ele e ela. Namoraram-se. Casaram.  
Casados, proliferaram.

Eram dois. O amor transformou-se em tres. Depois, em quatro, em cinco, em seis...

Chamava-se Pedrinho o filho mais velho.

#### A VIDA

De pé na porta a mãe espera o menino que foi á padaria. Entra o pequeno, com as mãos abanando.

— Diz que subiu; custa agora oitocentos.

A mulher, com uma criança ao peito, franze a testa desconsolada.

— Meu Deus! Onde iremos parar? Hontem, era a lenha: hoje é o pão... Tudo sobe. Roupa, pela hora da morte. José, ganhando sempre a mesma coisa. Que será de nós, Deus do céu!

E voltando-se para o filho:

— Vá a outra padaria, quem sabe se lá... Se fôr a mesma coisa, traga só um pedaço.

Pedrinho sai. Nove anos. Franzino, doentio, sempre mal alimentado e vestido com os restos das roupas do pai.

Trabalha este num moinho de trigo, ganhando jornal insuficiente para a manutenção da família. Se não fosse a bravura da mulher, que lavava para fóra, não se sabe como poderiam subsistir. Todas as tentativas feitas com o intuito de melhorarem a vida com industrias caseiras esbarraram no obice tremendo do Fisco. A féra condenava-os á fome. Assim escravizados, José perdeu aos poucos a coragem, o gosto de viver, a alegria. Vegetava, recorrendo ao alcool para alivio de uma situação sem remedio.

Bendito sejas, amavel veneno, refugio derra-deiro do miseravel, gole inebriante de morte que faz esquecer a vida e lhe resume o curso! Bendito porque embrutece, e arrancas do homem o nervo doloroso da consciencia. Bendito sejas!

Apesar de moça, 27 apenas, Mariana aparentava o dobro. A labuta permanente, os partos sucessivos, a chiadeira da filharada, a canseira sem fim, o serviço emendado com o serviço, sem folga outra além da que o sono fôrça, fizeram da bonita moça que fôra a escanzelada besta de carga que era.

Seus dez anos de casada... Que eternidade de canseiras!...

Rumor á porta. Entra o marido. A mulher, ninando a pequena de peito, recebe-o com a má nova.

— O pão subiu, sabe?

Sem murmurar palavra o homem senta-se, apoiando nas mãos a cabeça. Está cansado.

A mulher prossegue:

— Oitocentos reis o quilo agora. Hontem, foi a lenha; hoje é o pão... E lá? Sempre aumentaram o jornal?

O marido esboçou um gesto de desalento e permaneceu mudo, com o olhar vago. A vida era um jogo de engrenagens de aço entre cujos dentes se sentia esmagar. Inutil resistir. Destino, sorte.

Na cama, á noite, confabularam. A mesma conversa de sempre. José acabava grunhindo rugidos surdos de revolta. Falava em revolução, saque. A esposa consolava-o, de esperança posta nos filhos.

— Pedrinho tem nove anos. Logo estará em ponto de ajudar-nos. Um pouco mais de paciencia e a vida melhora.

Aconteceu que nessa noite Pedrinho ouviu a conversa e a referencia á sua futura ação. Entrou a sonhar. Que fariam dele? Na fabrica, com o pai? Se lhe dessem a escolher, iria a engraxador. Tinha um tio no officio, e em casa do tio era menor a miseria. Pingavam niqueis.

Sonho vai, sonho vem, brota na cabeça do menino uma ideia. que cresceu, tomou vulto extraordinario e fe-lo perder o sono. Começar já, amanhã, por que não? Faria ele mesmo a caixa; escovas e graxa, com o tio arranjaria. Tudo ás ocultas, para surpresa dos pais! Iria postar-se num ponto por onde passasse muita gente. Diria como os outros: "Engraxa, freguês!" e niqueis haviam de juntar-se no seu bolso. Voltaria para casa recheado, bem tarde, com ar de quem as fez... E mal a mãe começasse a ralhar, ele lhe taparia a boca despejando na mesa o monte

de dinheiro. O espanto dela, a cara admirada do pai, o regalo da criança com a perspectiva da ração em dobro! E a mãe a aponta-lo aos vizinhos: “Estão vendo que coisa? Ganhou, só hontem, primeiro dia, dois mil réis!” E a noticia a correr... E murmurios na rua quando o vissem passar: “E’ aquele!”

Pedrinho não dormiu essa noite. De manhãzinha já estava a dispor a madeira dum caixote velho sob forma de caixa de engraxate ao molde classico. Lá a fez. Os pregos, bateu com o salto de uma velha botina. As tabuas, serrou pacientemente com um facão dentado. Saiu coisa tosca e mal ajambrada, de fazer rir a qualquer carapina, e pequena, demais — sobre ela só caberia um pé de criança igual ao seu. Mas Pedrinho não notou nada disso, e nunca trabalho nenhum de carpintaria lhe pareceu mais perfeito.

Conclusa a caixa, pô-la a tiracolo e esgueirou-se para a rua, ás escondidas. Foi á casa do tio e lá obteve duas velhas escovas fóra de uso, já sem pêlos, mas que á sua exaltada imaginação se afiguraram otimas. Graxa, conseguiu alguma raspando o fundo de quanta lata velha encontrou no quintal .

Aquele momento marcou em sua vida um apogeu de felicidade vitoriosa. Era como um sonho — e sonhando saiu para a rua. Em caminho viu o dinheiro crescer-lhe nas mãos, aos montes. Dava á familia parte; o resto encafuava. Quando enchesse o canto da arca onde tinha suas roupas, montaria um “corredor”, pondo a jornal outros colegas. Aumentaria as rendas! Enriqueceria! Compraria bicicletas, automovel, doces todas as tardes na confeitaria, livros de figura, uma casa, um palacio, outro palacio para os pais. Depois...

Chegou ao parque. Tão bonito aquilo — a relva tão verde, tosadinha... Havia de ser bom o ponto. Parou perto de um banco de pedra e, sempre sonhando as futuras grandezas, pôs-se a murmurar para cada passante, fisingando-lhe os pés: “Engraxa, freguês!”

Os fregueses passavam sem lhe dar atenção. “E’ assim mesmo, refletia consigo o menino; no começo custa. Depois, afreguesam”.

Subito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Olhou-lhe para as botinas. Sujas. Viria engraxar, com certeza — e o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estreia. Encarou com o homem já a cinco passos e sorriu com infinita ternura nos olhos, num agradecimento antecipado em que havia tesouros de gratidão.

Mas em vez de lhe espichar o pé, o homem ros-nou aquela terrível interpelação inicial:

— Então, cachorrinho, que é da licença?

## EPILOGO? NÃO! PRIMEIRO ATO...

Horas depois o fiscal aparecia em casa de Pedrinho com o pequeno pelo braço. Bateu. O pai estava, mas quem abriu foi a mãe. O homem nesses momentos não aparecia, para evitar explosões. Ficou a ouvir do quarto o bate-boca.

O fiscal exigia o pagamento da multa. A mulher debateu-se, arrepelou-se. Por fim, rompeu em choro.

— Não venha com lamurias, ros-nou o Buldogue; conheço o truque dessa aguinha nos olhos. Não me embaça, não. Ou bate aqui os vinte mil reis, ou pe-nhoro toda esta cacaria. Exercer ilegalmente a pro-

fissão! Ora, dá-se! E olhe cá, minha madama, considere-se feliz de serem só vinte. Eu é de dó de vocês, uns miseráveis; senão, applicava o maximo. Mas se resiste, dobro a dose!

A mulher limpou as lagrimas. Seus olhos endureceram, com uma chispa má de odio represado a faiscar. O Fisco, percebendo-o, motejou:

— Isso. E' assim que as quero — têzinhas! ah! ah! ah!

Mariana nada mais disse. Foi á arca, reuniu o dinheiro existente — dezoito mil reis ratinhados havia meses, aos vintens, para o caso dalguma doença, e entregou-os ao Fisco.

— E' o que ha, murmurou com tremura na voz.

O homem pegou o dinheiro e gostosamente o afundou no bolso, dizendo:

— Sou generoso, perdôo o resto. Adeuzinho, amor!

E foi á venda proxima beber dezoito mil reis de cerveja.

.. .. .

Enquanto isso, no fundo do quintal, o pai batia furiosamente no menino.

— Noutra não has de cair, filho do diabo!... Toma! *E pan! pan! pan!* bofetadas, bofetadas...

1921

## Barba Azul

JANTAVAMOS no hotel do d'Oeste, eu e o Lucas, um amigo que sabe historias. A tantas, como percebesse certo vulto lá ao fundo do salão, o rapaz firmou a vista e murmurou em soliloquio:

— Será ele? E', sim...

— Ele, quem?

— Estás vendo aquele sujeito gordo, na terceira mesinha á esquerda?

— O de luto?

— Sim... O patife anda sempre de luto...

— Quem é?

— Um celerado que tem muito dinheiro e teve muitas mulheres.

— Até aí nada vejo de mais.

— *Tem muito dinheiro porque teve muitas mulheres.* Está poderoso. Ri-se do mundo e da sua justiça. Inventou um crime inedito, não previsto pelas leis e com isso enriqueceu. Se um de nós o denunciasse, o patife nos processaria e nos meteria na cadeia. Note-lhe bem o tipo; raras vezes terás ocasião de topar um celerado desse tamanho,

— Mas...

— Lá fora contarei tudo. Toca a jantar.

Enquanto jantavamos examinei o sujeito, sem que nada no seu fisico me parecesse estranho. Deu-me a impressão d'um medico aposentado que vivesse de rendas.

Por que de medico? Não sei. As criaturas dão-me ar disto ou daquilo por força d'uma aura que pressinto a envolve-las. Confesso, todavia, que minha adivinhação erra bastante. Sai-me fazendeiro um que eu previa medico, e surge-me corretor de negocios outro que eu jurava engenheiro. Creio que a falla do diagnostico vem dos homens desrespeitarem as vocações, e adotarem na vida atitudes profissionais diversas das que, por injunção natural, deveriam eleger. Como no entrudo. As mascaras nunca dizem das caras verdadeiras que escondem.

Terminado o jantar, saímos em direção ao triangulo, e lá nos abancamos num sordido café. O meu amigo voltou ao assunto.

— Caso notavel, o d'aquelle homem! Caso merecedor de novela ou conto, já que a justiça não tem forças para mete-lo na cadeia. Conheci-o no Oéste, pratico de farmacia em Brotas. Um dia casou-se. Lembro-me disso porque assisti ao casamento a convite dos pais da moça. Era a Pequetita Mendes, filha dum sitiante arranjado.

Pequetita! Bem posto apelido, que não era bem mulher aquella isca de gente. Miudinha, magrinha, sequinha, sem cadeiras, sem ombros, sem seios, Pequetita não passava de um desses restolhos enfiados que aparecem ao lado das espigas viçosas — sabuguinho debil, um grão aqui, outro ali. Apesar dos seus vinte e cinco anos, representava treze, e o escolhe-la Panfilo — chama-se Panfilo Novais o



meu facinora— espantou a todos, a começar pela moça. Como, porém, era ele pobre e ela arranjada, explicou-se financeiramente a união.

Mas nada poderia resultar de bom duma união dessa ordem, que repugnava aos homens e á natureza. Pequetita não viera ao mundo para o matrimonio. O instinto da especie fizera-a ponto final. “Pararás aí.”

Ninguém pensou nisso, nem ela, nem os pais, nem ele — nem ele, *que depois só pensaria nisso...*

— ?

— Ouve. Casaram-se e tudo correu excelentemente até que...

— ... se separaram...

— ... até que os separou a morte. Pequetita não resistiu ao primeiro parto; faleceu após uma cruel intervenção cirurgica.

Panfilo, dizem, chorou amargamente a morte da esposa, embora viessem consola-lo os trinta contos de um seguro que ela constituiria em seu favor.

A meu ver é que daqui por diante que surge o criminoso. O desastre do primeiro casamento criou-lhe no cerebro um pensamento sinistro — pensamento que o iria nortear pela vida afora e que o fez, como te disse, rico e poderoso. A morte de Pequetita ensinou-lhe um crime inedito, não previsto pelas leis humanas.

— ?

— Espera. Compreenderás tudo dentro em pouco. Decorrido um ano, o nosso homem, já dono da farmacia, apresentou-se novamente enlizado pelo amor. Aparecera por lá uma familia de fóra, gente pobre, mãe viuva com quatro filhas casadeiras.

Tres delas, lindas e viçosas, viram-se logo requestadas por todos os moços desimpedidos do lugar. Já a quarta, restolho maninguêra que fazia lembrar Pequetita, só teve um par d'olhos que a cubiçassem, os de Panfilo.

Pediu-a em casamento.

A mãe opôs-se — que era loucura aquilo; que a menina lhe nascera enfezada; que se queria mulher, escolhesse uma das tres sadias.

Nada conseguiu. Panfilo fez pé firme e afinal casou-se.

Foi um assombro. Arranjadote que já era, coisa nenhuma justificava tal preferencia. Ele defendia-se hipocritamente, lamecha e sentimental:

— E' o meu genero. Gosto dos *bibelots* e esta me lembra tanto a minha amada Pequetita...

Resumindo: dez meses depois o patife enviuvava de novo, nas mesmas circunstancias da primeira vez. Morreu-lhe de parto a mulher.

— Novo seguro?

— E grande. Desta feita a bolada subiu a cem contos. Mudou-se de terra, então. Vendeu a farmacia e perdi-o de vista.

Anos depois fui encontra-lo no Rio, numa casa de chá. Estava outro, elegantemente vestido, denunciando prosperidade por todos os poros. Viu-me, reconheceu-me e chamou-me para sua mesa. Conversa vai, conversa vem, contou-me que se casara pela quarta vez, havia coisa de um ano.

Assombrei-me.

— “Pela quarta?”

—“E’ verdade. Depois que saí daquela abençoada terrinha onde o destino me fez enviuvar duas vezes, casei-me em Uberaba com a filha do Coronel Tolosa. Mas continuei perseguido pelo destino: faleceu-me essa também...”

— “Gripe?”

— “Parto...”

— “Como a primeira, então! Mas, doutor, perdôe-me a liberdade: o senhor escolhe mal as mulheres! Vai ver que essa terceira era miudinha como as anteriores, disse eu irrefletidamente.

O homem franziu os sobrolhos e encarou-me dum modo estranho, como se lhe batera a paquera ante a ironia dum Sherlock disfarçado. Voltou logo ao natural, porém, e prosseguiu com serenidade:

— “Que quer? E’ o meu genero. Não suporto mulheranças.”

E mudou de assunto.

Ao deixa-lo fiquei apreensivo, com a suspeita a gerar-se-me no cerebro. Liguei a estranheza dos seus modos ante a minha observação ao olhar perscrutador com que devassara meu intimo, e deixei escapar em voz alta um — *Hum!* que chamou a atenção de dois ou tres passantes. E o caso do doutor Panfilo ficou a verrumar-me os miolos dias e dias.

— Doutor, dizes tu?

— Está claro. O diploma veio logo atrás dos seguros, como consequencia logica. Quem nesta terra, com algumas centenas de contos no banco, permanece *senhor?*

Por curiosidade, no intuito exclusivo de esclarecer-me, tomei informações relativas á sua quarta esposa. Soube que era de Cachoeira, e fisicamente do mesmo naipe das outras,

Fui além. Tratei de indagar nas companhias de seguros que negocios trazia nelas o *doutor* Panfilo e soube que a vida da quarta mulher estava garantida em mais de duzentos contos. Com os trezentos e cincoenta já embolsados, arredondaria ele, pela morte desta, um peculio de alto bordo para quem começara humildemente como pratico de farmacia.

Tudo isso me consolidou em convicção a suspeita de que Panfilo era de fato um grande criminoso. Segurava as esposas e matava-as...

— Como, se morriam de parto?

— Está aí o maquiavelismo do celerado. O Barba Azul aproveitou singularmente bem a lição do primeiro matrimonio. Viu que perdera a Pequetita no primeiro parto em virtude da sua *má conformação*, da sua inaptidão procriativa. Franzina em excesso, muito estreita de bacia...

— Hum!

— Foi um *hum!* assim que deixei escapar em plena rua do Ouvidor...

O miseravel, que tinha olho medico, só se casou d'aí por diante com mulheres de vicio organico semelhante ao da primeira. Cuidadosamente escolhia as esposas entre as predestinadas. E foi amontoando a sua fortuna.

Imagina tu agora a vida desse miseravel, sempre alternando a fase de tocaia da viuvez com um ano de casamento criminoso. Escolhia a vitima, representava a comedia do amor, sagrava a união e ... seguro de vida! Depois, imagina o sadismo dessa alma ao ver desenvolver-se no ventre da vitima, não o filho que ela docemente esperava, mas a bolada gorda que viria acrescentar os seus cabe-

dais! Afez-se a tal caçada e aperfeiçoou-se nela de maneira a nunca errar o bote.

A quarta, soube-o logo depois, fôra pelo mesmo caminho das outras, em seguida a uma crudelissima intervenção cirurgica. E entraram os duzentos contos. Vês tu que monstro?...

No outro dia lá estava na mesma mesa o doutor Panfilo. Entraram na sala varias moças: pela força do habito, o seu olhar mortício mediu num relance as ancas de cada uma. Bem feitas de corpo que eram, nenhuma o interessou — e seu olhar desceu calmamente para o jornal que lia.

— Está viuvo, pensei comigo. Anda evidentemente tocaiando a quinta mal conformada...

1922

## Meu Conto de Maupassant

Conversavam no trem dois sujeitos. Aproximei-me e ouvi:

— “Anda a vida cheia de contos de Maupassant; infelizmente ha pouquissimos Guys...”

— “Por que Maupassant e não Kipling, por exemplo?”

— “Porque a vida é amor e morte e a arte de Maupassant é simplesmente um enquadramento engenhoso do amor e da morte. Mudam-se os cenarios, variam os atores, mas a substancia persiste — o amor sob a unica face impressionante, a que culmina numa posse violenta de fauno incendiado de luxuria, e a morte, o estertor da vida em transe, o quinto ato, o epilogo fisiologico. A morte e o amor, meu caro, são os dois unicos momentos em que a jogralice da vida arranca a mascara e freme num delirio tragico.

— “?”

— “Não te rias. Não componho frases. Justifico-me. Na vida, só deixamos de ser uns palhaços inconcipientes a mentirmos á natureza, quando esta, reagindo, põe a nu o instinto hirsuto ou acena o “basta” final

que recolhe o mau ator ao pó. Só ha grandeza, em suma, e “seriedade”, quando cessa de agir o pobre jogral que é o homem feito, guiado e dirigido por morais, religiões, codigos, modas e mais postições de sua invenção — e entra em cena a natureza bruta.

— “A proposito de quê tanta filosofia, com este calor de Janeiro?...

O comboio corria entre S. José e Quiririm. Região arrozeira em plena faina do corte. Os campos em séga tinham o aspecto de cabelos louros tosados á escovinha. Pura paisagem europeia de trigais.

A espaços feriam nossos olhos quadros de Millet, em fuga lenta, se longe, ou rapida, se perto. Vultos femininos de cesta á cabeça, que paravam a ver passar o trem. Vultos de homens amontoando feixes de espigas para a malhação do dia seguinte. Carroções tirados a bois recolhendo o cereal ensacado. E como caia a tarde e a Mantiqueira já era uma pincelada opaca de indigo a barrar a imprima-dura evanescente do azul, vimos em certo trecho o original do “Angelus”...

— “Já te digo a proposito de quê vem tanta filosofia.

E, enfiando os olhos pela janela , calou-se. Houve uma pausa de minutos. Subito, apontando um velho saguaragi avultado á margem da linha e logo sumido para trás, disse:

— “A proposito dessa arvore que passou. Foi ela comparsa no “meu conto de Maupassant”.

— “Conta lá, se é curto.

O primeiro sujeito não se ajeitou no banco, nem limpou o pigarro, como é de estilo. Sem transição, foi logo narrando.

— “Havia um italiano, morador destas bandas, que tinha vendola na estrada. Tipo mal encarado e ruim. Bebia, jogava, e por varias vezes andou ás voltas com as autoridades. Certo dia — eu era delegado de policia — uns piraquaras vieram dizer-me que em tal parte jazia o “corpo morto” de uma velha, picado á foice.

Organizei a diligencia e acompanhei-os. — “E lá naquele saguaragi”, disseram ao aproximarem-se da arvore que passou. Espetaculo repelente! Ainda tenho na pele o arrepio de horror que me correu pelo corpo ao dar uma topada balofa num corpo mole. Era a cabeça da velha, semi-oculta sob folhas secas. Porque o malvado a decepara do tronco, lançando-a a alguns metros de distancia.

Como por sistema eu desconfiasse do italiano, prendi-o. Havia contra ele indicios vagos. Viram-no sair com a foice, a lenhar, na tarde do crime.

Entretanto, por falta de provas foi restituído á liberdade, mau grado meu, pois cada vez mais me capacitava da sua culpabilidade. Eu pressentia naquele sordido tipo — e negue-se valor ao pressentimento! — o miseravel matador da pobre velha.

— “Que interesse tinha ele no crime?”

— “Nenhum. Era o que alegava. Era como argumentava a logicazinha trivial de toda a gente. Não obstante, eu o trazia de olho, certo de que era o criminoso.

O patife, não demorou muito, traspassou o negocio e sumiu-se. Eu, do meu lado, deixei a policia e do



crime só me ficou, nitida, a sensação da topada mole na cabeça da velha.

Anos depois o caso reviveu. A policia obteve indícios veementes contra o italiano, que andava por São Paulo num grau extremo de decadencia moral, pensionista do xadrez por furtos e bebedices. Prenderam-no e remeteram-no para cá, onde o juri iria decidir da sua sorte.

— “Os teus pressentimentos...”

O sujeito sorriu com malicia velhaca, e continuou.

— “Não resistiu, não reagiu, não protestou. Tomou o trem no Braz, e veio de cabeça baixa, sem proferir palavra, até S. José; daí por diante (quem o conta é um soldado da escolta) metia a miude os olhos pela janela, preocupado em descobrir qualquer coisa na paisagem, até que defrontou o saguaragi. Nesse ponto armou um pincho de gato e despejou-se pela janela fora. Apanharam-no morto, de cranio rachado, a escorrer a couve-flor dois miolos, perto da arvore fatal.

— “O remorso!

— “Está aqui o “meu conto de Maupassant”. Tive a impressão dele nas palavras do soldado da escolta: “veio de cabeça baixa até S. José, d’aí por diante enfiou os olhos pela janela até enxergar a arvore, e pinchou-se”. No progresso ingenuo da narrativa li toda a tragedia intima daquele cerebro, senti todo um drama psicologico que nunca será escrito...”

— “E’ curioso! comentou o outro, pensativamente.

Mas o primeiro sujeito acendeu o cigaro e concluiu sorridente, com pausada lentidão:

— “O curioso é que mais tarde, um dos piraquaras denunciadores do crime, e filho da velha, preso por picar um companheiro a foiçadas, *confessou-se também o assassino da velhinha, sua mãe...*

— “?

— “Meu caro, aquele pobre Oscar Fingall O” Flahertie Wills Wilde disse muita coisa, quando disse que a vida sabe melhor imitar a arte do que a arte sabe imitar a vida.

## O 22 da “Marajó”

Esse delírio que por aí vai pelo futebol tem seus fundamentos na própria natureza humana. O espectáculo da luta sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da vitória, pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses manipulada na terra. Admiramos hoje os grandes filósofos gregos; seus coevos, porém, admiravam muito mais aos atletas vencedores no estádio. Milon de Crotona, campeão na arte de torcer pescoço a touros, só para nós tem menos importância que seu mestre Pitágoras. Para os gregos, para a massa popular grega, seria inadmissível a ideia de que o filósofo pudesse um dia ofuscar a glória do lutador.

Em França, antes da surra que lhe deu Dempsey, o homem verdadeiramente popular era George Carpentier, mestre em sôcos de primeira classe; e se dessem nas massas um balanço sincero, veriam que ele sobrepujava em prestígio aos próprios chefes supremos vencedores da guerra.

Nos Estados Unidos ha sempre um campeão de boxe tão entranhado na idolatria do povo que quasi está em suas mãos subverter o regimen político.

Entre nós ha o exemplo recente de Friedenreich, um pé de boa pontaria pelo qual milhares de criaturas, sobretudo crianças, são capazes de sacrificar a vida.

E os delirios coletivos provocados pelo embate de dois campeões em campo? Impossivel assistir-se a espetaculo mais revelador da alma humana do que o jogo de futebol em que disputam a primazia paulistanos e italianos, em S. Paulo.

Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas *equipes*, mas dois povos, duas nações, duas raças inimigas. Durante todo o tempo da luta, de quarenta a cinquenta mil pessoas deliram, em transe, extaticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme corre o jogo, ha pausas de silencio absoluto na multidão suspensa, ou violentissimas deflagrações de entusiasmo que só a palavra delirio classifica. E gente pacifica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados, fica fóra de si, torna-se capaz de cometer os mais horrorosos desatinos.

A luta de vinte e duas feras no campo, transforma em feras os cinquenta mil espectadores, possibilitando um esfaqueamento mutuo, num conflito horrendo, caso um incidente qualquer funda em corisco as eletrícidades psiquicas acumuladas em cada individuo.

O jogo do futebol teve a honra de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia. Antes d'ele, só nas classes medias a luta politica tinha o prestigio necessario para uma exaltaçãozinha periodica.

E isso porque de todos os esportes tentados no Brasil só o futebol conseguiu aclimar-se, como o café. Hoje, alastrado de norte a sul, transformou-se

quasi em praga, conseguindo, só ele, interessar vivamente, exaltadamente, delirantemente o nosso povo.

No Estado de S. Paulo não ha recanto, viloca, fazenda, bairro onde não sejam vistos num chão plano e batido os dois retangulos opostos, assinaladores d'um *ground*. Pelas regiões novas, de virgindade só agora atacada pelos invasores, é comum topar-se de subito, em plena mata, uma clareira aberta e limpa onde, nas horas de folga, os derrubadores de pau vêm bater bola.

Já assistimos a um *match* em certa fazenda. Tudo muito bem arrumado; os *players* uniformizados, de meias grossas e botinas ferradas, tal qual nos *clubs* das cidades. E falando em *corners*, *goals*, *hands* *halftimes*, a inglesia inteira dos termos tecnicos.

Ao nosso lado o fazendeiro explicava:

— Aquele *goal-keeper* é carreiro; amanhã de madrugada está de pé no chão puxando lenha. O *center-half* é madeireiro; está-me lavrando umas perobas na roça velha. Os *full-backs* são tropeiros; e os *forwards*, simples puxadores de enxada.

Era assombroso! Estavamos diante da maior revolução de costumes jamais operada em terras de Santa Cruz. E tudo por arte e obra de uma simples esfera de couro estufada de ar...

Antes do futebol, só a capoeiragem conseguiu um cultozinho entre nós e isso mesmo só nas classes baixas. Teve seus periodos aureos, produziu seus *Friedenreichs*, e afinal acabou perseguida pela policia, com grande magua dos tradicionalistas que viam nela uma das nossas poucas coisas de legitima criação indigena.

Infelizmente não se guardou memoria escrita d'esse esporte, cujos anais se encheram de maravilhosas proezas. Não teve poetas, não teve cantores,

não teve sabios que as salvaguardassem do olvido; e de todo o nosso rico passado de *rasteiras*, *rabos d'arraia* e *soltas* restam apenas anedotas esparsas, em via de se diluïrem na memoria de velhos contemporaneos.

Que se fixe, pois, em letra de forma, ao menos o caso do 22 da *Marajó*, com tanto chiste narrado pelo maior humorista brasileiro, esse prodigioso Mark-Twain inedito que é o sr. Felinto Lopes.

O 22 da *Marajó* era um imperial marinheiro, mestre em desordens e amigo de revirar de pernas para cima quiosques portuguezes. Rapazinho bonito, imperava na Saude onde suas proezas de capoeira excepcional andavam de boca em boca, discutidas como façanhas de Rolando. E tais fez ele que o governo, incomodado, deportou-o para o norte, a servir no Alto Amazonas, em canhoneira da flotilha estacionada no Pará. A mudança de clima regenerou-o e o rapaz, resolvendo tirar partido dos seus dotes plasticos, ferrou namoro com a mulher de um *shipchandler*, da qual se tornou amante.

Pouco durou o trio.

O *shipchandler* morreu e o 22 casou-se com a viuva, herdeira d'um paco de quatrocentos contos de reis. Pediu baixa, obteve-a e foi com a esposa em viagem de nupcias á Europa, onde permaneceu dois anos. Ao cabo regressou á patria, elegendo o Rio de Janeiro para residencia definitiva.

Mas quanto mudara! Transformado num perfeito *gentleman*, embasbacava a rua do Ouvidor com o apuro dos trajes, as polainas, as luvas, a cartola café-com-leite.

Quem é? Quem é? Ninguem sabia.

— Algum fidalgo certamente, cochichavam. Não vêem que modos distintos?

E o 22, impavido, petroneando de monoculo no olho, a olhar de cima para os homens e as coisas...

Tinha habitos certos e todos os dias passava pelo largo de S. Francisco, como paca pelo carreiro.

Aconteceu, porém, que ali era ponto de uma roda de rapazes chiques, fortemente despeitados ante a esmagadora elegancia do desconhecido, rival perigoso, sem duvida, em materia de esporte feminino. Os quais rapazes, depois de muito cochicho, deliberaram quebrar a prôa ao novo concorrente, apenas aguardando para isso a bôa oportunidade.

Certa vez em que o Petronio passava mais imponente do que nunca, coincidiu aproximar-se da roda chique um capoeira mordedor, que se gabava de ser mestre em *soltas*.

Quem sabe hoje o que é a solta, nesta epoca de *kicks* e *shootes*? Solta era uma cabeçaada sem *hands*, isto é, sem encostar a mão no adversario.

Mas o capoeira chegou e mordeu-os em cinco mil reis.

— Perfeitamente, responderam os rapazes, mas primeiro has de sapear uma solta naquele freguês que ali vai de monoculo.

— E' já! exclamou o capoeira, gingando o corpo. E, tirando o chapéu, foi postar-se na calçada por onde vinha o 22, de cartola e monoculo, sacudindo passos de *lord*, muito esticado dentro do seu *croisé* cortado em Londres.

Um, dois, tres... Quando Petronio o defronta, o capoeira avança e despeja-lhe uma formidavel e primorosa cabeçaada.

O Petronio, porém, quebra o corpo, e a cabeça do atacante vai de encontro á parede, ao mesmo tempo que um pé bem manejado planta-o no chão com elegantissima rasteira. O mordedor, tonto



e confuso, ergue-se... mas desaba de novo, cerceado por outra gentil rasteira. Passara imprevisivelmente de agressor a agredido e, desnorteado, deu sebo às canelas, indo apalpar o galo da cabeça a cem passos de distancia.

Enquanto isso o Petronio, serenamente concertando a gravata, com grande calma se dirigiu á assombradissima roda elegante dizendo:

— Só uma besta destas dá soltas sem negaça. Já dizia o Cincinato Quebra-Louça: solta sem negaça só em lampeão de esquina. Se “grampeasse”, inda vá lá. O Trinca-Espinhas, o Estrepolia, e o Zé da Gambôa admitem soltas neste caso, mas isto mesmo só quando o semovente não é firme de letra.

E girando a bengala de unicornio entre os dedos concluiu com saudades:

— Já gostei d'este divertimento. Hoje a minha posição social não mais mo permite. Mas vejo com tristeza que a arte está decaindo...

E lá se foi, imperturbavel e superior, murmurando consigo:

— Solta sem negaça... Forte besta!

Passado o momento de estupor, os elegantes planearam solene desforra. Contratariam o famoso Dente de Ouro, da Saude, para romper o baluarte e quebrar de vez a prôa ao estranho personagem.

Tudo bem assentado, no dia do ajuste vieram colocar-se no carreiro, com o rompe-e-rasga á frente.

— E' aquele lá! disseram, assim que repontou ao longe a cartola café-com-leite do Petronio.

Dente de Ouro avançou para o desconhecido. Ao defronta-lo, porém, entreparou e abriu-se num grande riso palerma.

— O 22!... Você por aqui?...



— Cala o bico, moleque, e toma lá para o cigarro; mas afasta-te, que hoje sou gente e não ando em más companhias, respondeu o Petronio, correndo-lhe uma pelega de dez e seguindo o seu caminho imperturbavelmente.

Dente de Ouro voltou para o grupo dos elegantes, alisando a nota.

— Então? perguntaram estes, desnorteados com o imprevisto desfecho.

— 'cês tão bestas! Pois aquele é o 22 da *Marajó*, corpo fechado p'ra "sardinha" e pé que nunca "malou saque". Estrompar o 22 da *Marajó*. 'cês 'tão bestas!...

1923

## Dona Expedita

— ...

— Minha idade? Trinta e seis...

— Então, venha.

Sempre que dona Expedita se anunciava no jornal, dando um numero de telefone, aquele dialogo se repetia. Seduzidas pelos termos do anuncio, as donas de casa telefonavam-lhe para “tratar” — e vinha inevitavelmente a pergunta sobre a idade, com a tambem inevitavel resposta dos 36 anos. Isso desde antes da Grande Guerra. Veio o 1914 — ela continuou nos 36. Veio a batalha do Marne; veio o armisticio — ela firme nos 36. Tratado de Versalhes — 36. Começos de Hitler e Mussolini — 36. Conversações de Munich — 36...

A futura guerra a reencontrará nos 36. O mais teimoso dos empaques! Dona Expedita já está “pendurada”, escorada de todos os lados, mas não tem animo de abandonar a casa dos 36 anos — tão simpatica!

E como só tem 36 anos, veste-se á moda dessa idade, um pouco mais vistosamente do que a justa medida aconselha. Erro grande! Se á força de côres claras, rugas e batons, não mantivesse aos olhos do

mundo os seus famosos 36, era provavel que dêsse a ideia duma bem aceitavel matrona de 60...

Dona Expedita é "tia". Amor só teve um, lá pela juventude, do qual ás vezes, nos "momentos de primavera", ainda fala. Ah, que lindo moço! Um príncipe. Passou um dia a cavalo pela sua janela. Passou na tarde seguinte e ousou um cumprimento. Passou e repassou durante duas semanas — e toram duas semanas de cumprimentos e olhares de fogo. E só. Não passou mais — desapareceu da cidade para sempre.

O coração da gentil Expedita pulsou intensamente naqueles maravilhosos quinze dias — e nunca mais. Nunca mais namorou ou amou ninguém — por causa da casmurrice do pai.

Seu pai era um caturra de barbas á von Tirpitz, português irredutível, desses que fogem de certos romances de Camilo e reentram na vida. Feroz contra o sentimentalismo. Não admitia namoros em casa, e nem que se pronunciasse a palavra casamento. Como vivesse setenta anos, forçou as duas unicas filhas a se estiolarem ao pé da sua catarreira cronica. "Filhas são para cuidar da casa e da gente".

Morreu, afinal, e arruinado. As duas "tias" venderam a casa para pagamento das contas e tiveram de empregar-se. Sem educação tecnica, os unicos empregos antolhados fôram os de criada grave, dama de companhia ou "tomadeira de conta" — graus levemente superiores á crua profissão normal de criada comum. O fato de serem de "boa família" autorisava-as ao estacionamento nesse degrau um pouco acima do ultimo.

Um dia a mais velha morreu. Dona Expedita ficou só no mundo. Que fazer, senão viver? Foi vivendo e especializando-se em lidar com patroas. Por

fim distraia-se com isso. Mudar de emprego era mudar de ambiente — ver caras novas, coisas novas, tipos novos. Um cinema — o seu cinema! O ordenado, sempre mesquinho. O maior de que se lembrava fôra de 150 mil réis. Caiu depois para 120; depois para 100; depois 80. Inexplicavelmente as patroas iam-lhe diminuindo a paga a despeito da sua permanência na linda idade dos 36 anos...

Dona Expedita colecionava patroas. Teve-as de todos os tipos e naipes — das que obrigam as criadas a comprar o açúcar com que adoçam o café, às que voltam para casa de manhã e nunca lançam os olhos para o caderno de compras. Se fosse escritora teria deixado o mais pitoresco dos livros. Bastava que fixasse metade do que viu e “padeceu”. O capítulo das pequeninas decepções seria dos melhores — como aquele caso dos 400 mil réis...

Foi certa vez em que, saída de um emprego, andava em procura de outro. Nessas ocasiões costumava encostar-se á casa de uma família que se dera com a sua, e lá ficava um mês ou dois até conseguir nova colocação. Pagava a hospedagem fazendo doces, no que era perita, sobretudo um certo bolo inglês que mudou de nome, passando a chamar-se o “bolo de dona Expedita”. Nesses interregnos comprava todos os dias um jornal especializado em anúncios domesticos, no qual lia atentamente a seção do “Procura-se”. Com a velha experiencia adquirida, adivinhava, pela redação, as condições reais do emprego.

— Porque “elas” publicam aqui uma coisa e querem outra, comentava filosoficamente, batendo no jornal. Para esconder o leite, não ha como as patroas!

E ia lendo, de olhos na ponta do nariz: “Precisa-se duma senhora de meia idade para servicinhos leves”.

— Hum! Quem lê isto pensa que é assim mesmo — mas não é. O tal servicinho leve não passa de isca — é a minhoca do anzol. A mim é que não me enganam, as biscoas...

Lia todos os “procura-se”, com um comentário para cada um, até que se detinha no que lhe cheirava melhor. “Precisa-se duma senhora de meia idade para serviços leves, em casa de fino tratamento”.

— Este, quem sabe? Se é casa de fino tratamento, pelo menos fartura ha de haver. Vou telefonar.

E vinha a telefonada do costume, com a eterna declaração dos 36 anos.

O habito de lidar com patrões manhosos levou-a a lançar mão de varios recursos estrategicos; um deles: só “tratar” pelo telefone e não dar-se como ela mesma. “Estou falando em nome duma amiga que procura emprego”. Desse modo tinha mais liberdade e jeito de sondar a “bisca”.

— “Essa amiga é uma excelente criatura” — e vinham bem dosados elogios. “Só que não gosta de serviços pesados”.

— “Que idade?”

— “Trinta e seis anos. Senhora de muito boa família — mas por menos de 150 mil réis nunca se empregou”.

— “E’ muito. Aqui o mais que pagamos é 110 — sendo boa.

— Não sei se ela aceitará. Hei de ver. Mas qual é o serviço?

— “Leve. Cuidar da casa, fiscalizar a cosinha, espanar — arrumar...



— “Arrumar? Então é arrumadeira que a senhora quer?”

E dona Expedita pendurava o fone, arrufada, murmurando: “Outro officio!”

O caso dos 400 mil réis foi o seguinte. Ela andava sem emprego e a procura-lo na seção do “precisa-se”. Subito, seus olhos deram com esta maravilha: “Precisa-se duma senhora de meia idade para fazer companhia a uma enferma; ordenado, 400 mil réis”.

Dona Expedita esfregou os olhos. Leu outra vez. Não acreditou. Foi em busca duns oculos novos adquiridos na vespera. Sim. Lá estava escrito 400 mil réis!...

A possibilidade de apanhar um emprego unico no mundo fe-la pular. Correu a vestir-se, a pôr o chapeuzinho, a avivar as côres do rosto — e vôou pelas ruas afora.

Foi dar com os costados numa rua humilde; nem rua era — numa “avenida”. Defronte á casa indicada — casinha de porta e duas janelas — havia uma duzia de pretendentes.

— Será possível? O jornal saiu agorinha e já tanta gente por aqui?

Notou que entre as postulantes predominavam senhoras bem vestidas, com o aspecto de “damas envergonhadas”. Natural que assim fosse, porque um emprego de 400 mil réis era positivamente um phenomeno. Nos seus... 36 anos de vida terrena jamais tivera noticia de nenhum. Quatrocentos por mês! Que mina! Mas como um emprego assim em casa tão modesta? “Já sei. O emprego não é aqui. Aqui é onde se trata — casa do jardineiro, com certeza...”

Dona Expedita observou que as pretendentes entravam de cara risonha e saíam de cabeça baixa. Evidentemente a decepção da recusa. E seu coração batia de gosto ao ver que todas iam sendo recusadas. Quem sabe? Quem sabe se o destino marcara justamente a ela como a eleita?

Chegou por fim sua vez. Entrou. Foi recebida por uma velha na cama. Dona Expedita nem precisou falar. A velha foi logo dizendo:

— “Houve erro do jornal. Mandei pôr 40 mil réis e puseram 400... Tinha graça eu pagar 400 a uma criada, eu que vivo á custa do meu filho, sargento da policia, que nem isso ganha por mês...”

Dona Expedita retirou-se com cara exatamente igual á das precedentes.

O peor da luta entre criadas e patrôas é que estas são compelidas a exigir o maximo, e as criadas, por natural defesa, querem o minimo. Nunca jamais haverá acôrdo, porque é choque de totalitarismo com democracia.

Um dia, entretanto, dona Expedita teve a maior das surpresas: encontrou uma patrôa absolutamente identificada com suas ideias quanto ao “minimo ideal” — e, mais que isso, entusiasmada com esse minimalismo — a ajudá-la a minimizar o minimalismo!

Foi assim. Dona Expedita estava, pela vigesima vez, na tal familia amiga, á espera de nova colocação. Lembrou-se de recorrer a uma agencia, para a qual telefonou. “Quero uma colocação assim, assim, de 200 mil reis, em casa de gente arranjada, fina e, se for possivel, em fazenda. Serviços leves, bom quarto, banho. Aparecendo qualquer coisa deste ge-

nero, peço que me telefonem” — e deu o numero do aparelho e da casa.

Horas depois retinha a campainha do portão.

— E’ aqui que mora Madame Expedita? perguntou em lingua atrapalhada uma senhora alemã, cheia de corpo, de bom aspecto.

A criadinha que atendeu disse que sim, fê-la entrar para o hall de espera e foi correndo avisar dona Expedita. “Uma estrangeira gorda, querendo falar com *Madame!*”

-- Que pressa, meu Deus! murmurou a solicitada, correndo ao espelho para os retoques. Nem tres horas faz que telefonei. Agência boa, sim...

Dona Expedita apareceu no hall com um excessozinho de ruge nos beiços de mumia. Apareceu e conversou — e maravilhou-se, porque pela primeira vez na vida encontrava a patrôa ideal. A mais suigeneris das patrôas, de tão integrada no ponto de vista das “senhoras de meia idade que procuram serviços leves”.

O dialogo travou-se num crescendo de animação.

— Muito boa tarde! disse a alemã com a maior cortezia. Então foi Madame que telefonou para a agencia?

O “madame” causou especie a dona Expedita.

— E’ verdade. Telefonei e dei as condições. A senhora gostou?

— Muito, mas muito mesmo! Era exatamente o que eu queria. Perfeito. Mas vim ver pessoalmente, porque o costume é anunciarem uma coisa e a realidade ser outra.

A observação encantou dona Expedita, cujos olhos brilharam.

— A senhora parece que está pensando com a minha cabeça. E’ justamente isso o que se dá, vivo



eu dizendo. As patrôas escondem o leite. Anunciam uma coisa e querem outra. Anunciam serviços leves e botam em cima das pobres criadas a maior trabalhadeira que podem. Eu falei, eu insisti com a agência: “*servicinhos leves*”...

— Isso mesmo! concordou a alemã, cada vez mais encantada. Serviços leves, bem leves, porque afinal de contas uma criada é gente — não é burro de carroça.

— Claro! Mulheres de certa idade não podem fazer serviços de mocinhas, como arrumar, lavar, cozinhar quando a cosinheira não vem. Ótimo! Quanto á acomodação, falei á agência em “bom quarto”...

— Exatamente! concordou a alemã. Bom quarto — com janelas. Nunca pude conformar-me com isso das patrôas meterem as criadas em desvãos escuros, sem ar, como se fossem malas. E sem banheiro em que tomem banho.

Dona Expedita era toda risos e sorrisos. A coisa estava-lhe saindo maravilhosa.

— E banho quente! acrescentou com entusiasmo.

— Quentíssimo! berrou a alemã batendo palmas. Isso para mim é ponto capital. Como pode haver asseio numa casa onde nem banheiro ha para as criadas?

— Ah, minha senhora, se todas as patrôas pensassem assim! exclamou dona Expedita erguendo os olhos para o ceu. Que felicidade não seria o mundo! Mas no geral as patrôas são más — e iludem as pobres criadas, para agarrá-las e explorá-las.

— Isso mesmo! apoiou a alemã. A senhora está falando como um livro de sabedoria. Para cada cem patrôas haverá cinco ou seis que tenham coração — que compreendam as coisas...

— Se houver! duvidou dona Expedita.

O entendimento das duas era perfeito: uma parecia o “double” da outra. Debateram o ponto dos “serviços leves” com tal mutua compreensão que os serviços ficaram levíssimos, quasi nulos — e dona Expedita viu erguer-se diante de si o grande sonho de sua vida: um emprego em que não fizesse nada, absolutamente nada...

— Quanto ao ordenado, disse ela (que sempre pedia 200 para deixar por 80), fixei-o em 200...

Avançou isso medrosamente e ficou á espera da inevitavel repulsa. Mas a repulsa do costume pela primeira vez não veio. Bem ao contrario disso, a alemã concordou com entusiasmo.

— Perfeitamente! Duzentos por mês — e pagos no ultimo dia de cada mês.

— Isso! berrou dona Expedita levantando-se da cadeira. Ou no comecinho. Essa historia de pagamento em dia incerto nunca foi comigo. Dinheiro de ordenado é sagrado.

— Sacratissimo! urrou a alemã levantando-se tambem.

— Otimo, exclamou dona Expedita. Está tudo como eu queria.

— Sim, otimo, repetiu a alemã. Mas a senhora tambem falou em fazenda...

— Ah, sim, fazenda. Uma fazenda boa, com bastante frutas, bastante leite, bastante ovos — e bonita, porque ha fazendas muito feias.

O quadro da fazenda bonita, toda frutas, leite e ovos, extasiou a alemã. Que maravilha!...

Dona Expedita continuou:

— Gosto muito de lidar com pintinhos.

— Pintos? Ah! E’ o maior dos encantos! Adoro os pintos — as ninhadas... O nosso entendimento vai ser absoluto, Madame...

O extase de ambas sobre a vida de fazenda foi subindo numa vertigem. Tudo quanto havia de sonhos incubados naquelas almas refluíu viçoso. Infelizmente a alemã teve a ideia de perguntar:

— E onde fica a *sua* fazenda, Madame?

— A *minha* fazenda? repetiu dona Expedita refranzindo a testa.

— Sim, a sua fazenda — a fazenda para onde Madame quer que eu vá...

— Fazenda para onde eu quero que a senhora vá? tornou a repetir dona Expedita, sem entender coisa nenhuma. Fazenda, eu? Pois se eu tivesse fazenda lá andava a procurar emprego?

Foi a vez da alemã arregalar os olhos, atrapalhadíssima. Também não estava entendendo coisa nenhuma. Ficou uns instantes no ar. Por fim:

— Pois Madame não telefonou para a agencia dizendo que tinha um emprego, assim assim, na *sua* fazenda?

— *Minha* fazenda uma ova! Nunca tive fazenda. Telefonei *procurando* emprego, se possível numa fazenda, isso sim...

— Então, então, então... e a alemã enrubesceu como uma papoula.

— Pois é, disse dona Expedita percebendo afinal o qui-pro-qué. Estamos aqui feito duas idiotas, cada qual querendo emprego e pensando que a outra é a patrão...

O comico da situação fe-las afinal rirem-se — e gostosamente, já retornadas á posição de “senhoras de meia idade que procuram serviços leves”.

— Esta foi muito boa! murmurou a alemã levantando-se para sair. Nunca me aconteceu coisa assim. Que agência, hein?

Dona Expedita filosofou.

— Eu bem que estava desconfiada. A esmola era demais. A senhora ia concordando com tudo que eu dizia — até com os banhos quentes! Ora, isso nunca foi linguagem de patrôa — dessas biscoas. A agencia errou, talvez por causa do telefone, que estava danado hoje — além do que sou meio dura dos ouvidos...

Nada mais havia a dizer. Despediram-se. Depois que a alemã bateu o portão, dona Expedita fechou a porta, com um suspiro arrancado do fundo das tripas.

— Que pena, meu Deus! Que pena não existirem no mundo patrôas que pensem como as criadas...

1939

## Herdeiro de Si Mesmo

O povo de Dois Rios não cessava de comentar a inconcebível “sorte” do coronel Lupercio Moura, o grande milionário local. Um homem que saíra do nada. Que começara modesto menino de escritório dos que mal ganham para os sapatos, mas cuja vida, dura até aos 36 anos, foi daí por diante a mais espantosa subida pela escada do Dinheiro, a ponto de aos 60 ver-se montado numa hipopotâmica fortuna de 60 mil contos de réis.

Não houve o que Lupercio não conseguisse da Sorte — até o posto de Coronel, apesar de já extinta a pitoresca instituição dos coroneis. A nossa velha Guarda Nacional era uma milícia meramente decorativa, com os galões de capitão, major e coronel reservadas para coroamento das vidas felizes em negócios. Em todas as cidade havia sempre um coronel: o homem de mais posses. Quando Lupercio chegou aos 20 mil contos, a gente de Dois Rios sentiu-se aca-nhada de trata-lo apenas de “senhor Lupercio”. Era pouquíssimo. Era absurdo que um detentor de tanto dinheiro ainda se conservasse “soldado raso” — e por consenso unanime promoveram-no, com muita

justiça, a coronel, o posto mais alto da extinta milícia.

Criaturas ha que nascem com misteriosa aptidão para monopolizar dinheiro. Lembram imans humanos. Atraem a moeda com a mesma inexplicavel força com que o iman atrai a limalha. Lupercio tornara-se iman. O dinheiro procurava-o de todos os lados, e uma vez aderido não o largava mais. Toda gente faz negocios em que ora ganha, ora perde. Ficam ricos os que ganham mais do que perdem e empobrecem os que perdem mais do que ganham. Mas caso de homem de mil negocios sem uma só falha, existia no mundo apenas um — o do coronel Lupercio.

Até aos 36 anos ganhou dinheiro de modo normal, e conservou-o á força da mais acirrada economia. Juntou um peculio de 45:500\$000 como o juntam todos os forretas. Foi por essas alturas que sua vida mudou. A Sorte “encostou-se” nele, dizia o povo. Houve aquella tacada inicial de Santos e a partir daí todos os seus negocios foram tacadas prodigiosas. Evidentemente, uma Força Misteriosa passara a protege-lo.

Que tacada inicial foi essa? Vale a pena recorda-la.

Certo dia, inopinadamente, Lupercio appareceu com a ideia, absurda para o seu carater, de uma estação de veraneio em Santos. Todo mundo se espantou. Pensar em veraneio, em flunar, botar dinheiro fóra, aquella criatura que nem sequer fumava para economia dos niqueis que custam os maços de cigarros? E quando o interpelaram, deu uma resposta exquisita:

— Não sei. Uma coisa me empurra para lá...

Lupercio foi para Santos. Arrastado, sim, mas foi. E lá se hospedou no hotelzinho mais barato, sempre atento a uma só coisa: o saldo que lhe ficaria dos 500 mil réis que destinara á “maluquice”. Nem banhos de mar tomou, apesar da grande vontade, para economia dos 20 mil réis da roupa de banho. Contentava-se com ver o mar.

Que enlevo d'alma lhe vinha da imensidão líquida, eternamente a aflar em ondas e a refletir os tons do ceu! Lupercio extasiava-se diante de tamanha beleza.

— Quanto sal! Quantos milhões de milhões de toneladas de sal! dizia lá consigo — e seus olhos em extase ficavam a ver pilhas imensas de sacas de sal amontoadas por toda a extensão das praias.

Tambem gostava de assistir á puxada das redes dos pescadores, enlevando-se no calculo do valor da massa de peixes recolhidos. Seu cerebro era a mais perfeita maquina de calcular que o mundo ainda produzira.

Num desses passeios afastou-se mais que de costume e foi ter á Praia Grande. Um enorme tramboelho ferrugento, semi-enterrado na areia, chamou-lhe a atenção.

— Que é aquilo? indagou dum passante.

Soube tratar-se dum cargueiro inglês que vinte anos antes déra á costa naquele ponto. Uma tempestade arremessara-o á praia, onde encalhara e ficara a afundar-se lentissimamente. No começo o grande casco aparecia quasi todo de fóra — “mas ainda acaba engulido pela areia”, concluiu o informante.

Certas criaturas nunca sabem o que fazem, nem o que são, nem o que as leva a isto e não áquilo. Lupercio era assim. Ou andava assim agora, depois do “encostamento” da Força. Essa Força o puxava ás



vezes, como o cabreiro puxa um cabrito para o mercado — arrastando-o. Lupercio veio para Santos arrastado. Chegara até aquele casco arrastado — e era a contragosto que permanecia diante dele, porque o sol estava terrível e Lupercio detestava o calor. Travou-se dentro dele uma luta. A Força obrigava-o a atentar no casco, a calcular o volume daquela massa de ferro, o numero de quilos, o valor do metal, o custo do desmantelamento — mas Lupercio resistia. Queria sombra, queria escapar ao calor terrível. Por fim venceu. Não calculou coisa nenhuma — e fez-se de volta para o hotelzinho com cara de quem brigou com a namorada — evidentemente amuado.

Nessa noite todos os seus sonhos giraram em torno do casco velho. A Força insistia para que ele calculasse a ferralha, mas mesmo em sonhos Lupercio resistia, alegava o calor reinante — e os pernيلongos. Oh, como havia pernيلongos em Santos! Como calcular qualquer coisa com o termometro perto de 40 graus e aquela infernal musica dos *fiuns*? Lupercio amanheceu de mau humor, amuado. Amuado com a Força.

Foi quando ocorreu o caso mais inexplicavel de sua vida: o casual encontro de um corretor de negocios que o seduziu de maneira estranha. Começaram a conversar bobagens e gostaram-se. Almoçaram juntos. Encontraram-se de novo á tarde para o jantar. Jantaram juntos e depois... a farrinha!

A principio a ideia de “farra” assustara Lupercio. Significava desperdicio de dinheiro — um absurdo. Mas como o homem lhe pagara o almoço e o jantar, era bem possivel que tambem custeasse a “farrinha”. Essa hipotese fez que Lupercio não repelisse de pronto o convite, e o corretor, como se lhe adivinhasse o pensamento, acudiu logo:



— Não pense em despesas. Estou cheio de “massa”. Com o negócio que fiz ontem, posso torrar um conto sem que meu bolso dê por isso.

A farra acabou diante de uma garrafa de whiskey, bebida cara que só naquele momento Lupercio veio a conhecer. Uma, duas, tres doses. Qualquer coisa levitante começou a desabrochar dentro dele. Riu-se á larga. Contou casos comicos. Referiu cem fatos de sua vida e depois, oh, oh, oh, falou em dinheiro e confessou quantos contos possuia no banco!

— Pois é! Quarenta e cinco contos — ali na batata!

O corretor passou o lenço pela testa suada. Uf! Até que enfim descobrira o peso metalico daquele homem. A confissão dos 45 contos era algo absolutamente aberrante na psicologia de Lupercio. Artes do whiskey, porque em estado normal ninguém nunca lhe arrancaria semelhante confissão. Um dos seus principios instinctivos era não deixar que ninguém lhe conhecesse “ao certo” o valor monetario. Habilmente despistava os curiosos, dando a uns a impressão de possuir mais, e a outros a de possuir menos, do que realmente possuia. Mas “in whiskey veritas”, diz o latim — e ele estava com quatro boas doses no sangue.

O que se passou dali até á madrugada Lupercio nunca o soube com clareza. Vagamente se lembrava de um estranhissimo negocio em que entravam o velho casco do cargueiro inglês e uma companhia de seguros maritimos.

Ao despertar no dia seguinte, ao meio-dia, numa ressaca horrorosa, tentou reconstituir o embrulho da vespera. A principio, nada; tudo confusão. De repente, empalideceu. Sua memoria começava a abrir-se.

— Será possível?

Fôra possível, sim. O corretor havia “roubado” os seus 45 contos! Como? Vendendo-lhe o ferro velho. Esse corretor era agente da companhia que pagara o seguro do cargueiro naufragado e ficara dona do casco. Havia muitos anos que recebera ele a incumbencia de apurar qualquer coisa daquilo — mas nunca obtivera nada, nem 5, nem 3, nem 2 contos — e agora o vendera áquele imbecil por 45!

A entrada triunfal do corretor no escritorio da companhia, vibrando no ar o cheque! Os abraços, os parabens dos companheiros tomados de inveja. . .

O director da sucursal fe-lo vir ao escritorio.

— Quero que receba o meu abraço, disse-lhe. A sua façanha vem pô-lo no primeiro lugar entre os nossos agentes. O senhor acaba de tornar-se a grande estrela da Companhia.

Enquanto isso, lá no hotelzinho Lupercio amarfanhava o travesseiro desesperadamente. Pensou na policia. Pensou em contratar o melhor advogado de Santos. Pensou em dar tiro — um tiro na barriga do infame ladrão; na barriga, sim, por causa da peritonite. Mas nada pôde fazer. A Força lá dentro o inibia. Impedia-o de agir neste ou naquele sentido. Forçava-o a esperar.

— Mas esperar que coisa?

Ele não sabia, não compreendia, mas sentia aquella impulsão tremenda que o forçava a esperar. Por fim, exausto da luta, ficou de corpo largado — vencido. Sim, esperaria. Não faria nada — nem policia, nem advogado, nem peritonite, apesar de ser um caso de escroquerie pura, desses que a lei pune.

E como não tivesse animo de regressar a Dois Rios, deixou-se ficar em Santos num empreguinho

dos mais modestos — esperando, esperando... não sabia ele o quê.

Não esperou muito. Dois meses depois rebentava a Grande Guerra, e a tremenda alta dos metais não demorou a sobrevir. No ano seguinte Lupercio revendeu o casco do “Sparrow” por 320 contos de réis. A notícia encheu Santos — e o corretor-estrela foi tocado da companhia de seguros quasi a pontapés. O mesmo diretor que o promovera ao “estrelato” despediu-o com palavras ferozes:

— Imbecil! Esteve anos e anos com o “Sparrow” e vai vende-lo por uma ninharia justamente nas vésperas da valorização. Rua! Faça-me o favor de nunca mais pôr os pés aqui, seu coisa!

Lupercio voltou para Dois Rios com os 320 contos no bolso e perfeitamente reconciliado com a Força. Daí por diante nunca mais houve amuos, nem hiatos na sua ascensão ao milionarismo. Lupercio dava ideia do demonio. Enxergava no mais escuro de todos os negocios. Adivinhava. Recusava muitos que todos consideravam da China, para realisar outros que todos refugavam — e o que inevitavelmente sucedia era o fracasso desses negocios da China e a vitoria dos de todos refugados.

No jogo dos ‘marcos alemães o mundo inteiro perdeu — menos Lupercio. Um belo dia deliberou “embarcar nos marcos”, contra o conselho de todos os prudentes locais. A moeda alemã estava a 50 réis. Lupercio comprou milhões e mais milhões, empatou nela todas as suas disponibilidades. E com espanto geral o marco principiou a subir. Foi a 60, a 70, a 100 réis. O entusiasmo pelo negocio tornou-se imenso. Iria a 200, a 300 réis, diziam todos — e não houve quem não se atirasse á compra daquilo.

Quando a cotação chegou a 110 réis, Lupercio foi a São Paulo consultar um banqueiro das suas relações, verdadeiro oráculo em finanças internacionais — o “infalível”, como diziam nas rodas bancárias.

— Não venda, foi o conselho do homem. A moeda alemã está firmissima, vai a 200, pode chegar mesmo a 300 — e só então será o momento de vender.

As razões que o banqueiro deu para demonstrar matematicamente o seu asserto eram de perfeita solidiez; eram a propria evidencia materializada em raciocinio.

Lupercio ficou absolutamente convencido daquela matematica — mas, arrastado pela Força, encaminhou-se para o banco onde tinha os seus marcos — arrastado como o cabritinho que o cabreiro conduz á feira — e lá, em voz sumida, submisso, envergonhado, deu ordens para a venda immediata dos seus milhões.

— Mas, coronel, objetou o empregado a quem se dirigiu, não acha que é erro vender agora que a alta está numa vertigem? Todos os prognosticos são unanimes em garantir que teremos o marco a 200, a 300, e isso antes de um mês...

— Acho, sim, que é isso mesmo, respondeu Lupercio, como que agarrado pela garganta. Mas quero, sou “forçado” a vender. Venda já, já, hoje mesmo.

— Olhe, olhe... disse ainda o empregado. Não se precipite. Deixe essa resolução para amanhã. Durma sobre o caso.

A Força quasi estrangulou Lupercio, que com os ultimos restos de voz apenas pôde dizer:

— E’ verdade, tem razão — mas venda, e hoje mesmo...

No dia seguinte começou a degradingolada final dos marcos alemães, na descaída vertiginosa que os levou ao zero absoluto.

Lupercio, comprador a 50 réis, vendera-os pelo maximo da cotação alcançada — e justamente na vespéra da debacle! O seu lucro foi de milhares de contos.

.....

Os contos de Lupercio foram vindo aos milhares, mas tambem lhe vieram vindo os anos, até que um dia se convenceu de estar velho e inevitavelmente proximo do fim. Dores aqui e ali — doencinhas insistentes, cronicas. Seu organismo evidentemente decaia á proporção que a fortuna aumentava. Ao completar os 60 anos Lupercio tomou-se de uma sensação nova, de pavor — o pavor de ter de largar a maravilhosa fortuna reunida. Tão integrado estava no dinheiro, que a ideia de separar-se dos milhões lhe parecia uma aberração da natureza. Morrer! Teria então de morrer, ele que era diferente dos outros homens? ele que viera ao mundo com a missão de chamar a si quanto dinheiro houvesse? ele que era o iman atrator da limalha?

O que foi a sua luta com a ideia da inevitabilidade da morte não cabe em descrição nenhuma. Exigiria volumes. Sua vida ensombreceu. Os dias iam-se passando e o problema se tornava cada vez mais angustioso. A morte é um fato universal. Até aquella data não lhe constava que nenhum homem deixasse de morrer. Ele, portanto, morreria tambem — era o inevitavel. O mais que poderia fazer era prolongar a vida até os 70, até os 80. Poderia mesmo chegar a quasi 100, como o Rockefeller — mas ao



cabo teria de ir-se, e então? Quem ficaria com os 200 ou 300 mil contos que devia ter por essa epoca?

Aquela historia de herdeiros era o absurdo dos absurdos para um celibatario de sua marca. Se a fortuna era dele, só dele, como deixa-la a quem quer que fosse? Não. Tinha de descobrir um jeito de não morrer, ou...

Lupercio interrompeu-se no meio do raciocinio, tomado de subita ideia. Uma ideia tremenda, que por minutos o deixou de cerebro paralizado. Depois sorriu.

— Sim, sim... Quem sabe? e seu rosto iluminou-se de uma luz nova. As grandes ideias emitem luz...

Desde esse momento Lupercio revelou-se outro, com preocupações que nunca tivera antes. Não houve em Dois Rios quem o não notasse.

— O homem mudou completamente, diziam. Está se espiritualizando. Compreendeu que a morte vem mesmo, e começa a arrepender-se da sua feroz materialidade.

Lupercio fez-se espiritualista. Comprou livros, leu-os, meditou-os. Passou a frequentar o Centro Espirita local e a ouvir com a maior atenção as vozes do Além, transmitidas pelo Chico Vira, o famoso medium da zona.

— Quem havia de dizer! era o comentario geral. Esse usurario que passou a vida inteira só pensando em dinheiro e nunca foi capaz de dar um tostão de esmola, está virando santo. E vão ver que faz como o Rockefeller: deixa toda a fortuna para o Asilo de Mendigos...

Lupercio, que nunca lêra coisa nenhuma, estava agora se tornando um sabio, a avaliar pelo numero de livros que adquiria. Entrou a estudar a fun-

do. Sua casa fez-se centro de reuniões de quanto medium aparecia por lá — e muitos de fóra vieram a Dois Rios a convite seu. Generosamente hospedava-os, pagava-lhes a conta do hotel — coisa inteiramente aberrante dos seus princípios financeiros. O assombro da população não tinha limites.

Mas o dr. Dunga, diretor do Centro Espirita, começou a estranhar uma coisa: o interesse do coronel Lupercio pela metapsiquica centrava-se num só ponto — a reencarnação. Só isso o preocupava realmente. Pelo resto passava como gato por brasas.

— Escute, irmão, disse ele um dia ao dr. Dunga. Ha na teoria da reencarnação um ponto para mim obscuro e que no entanto me apaixona. Por mais autores que eu leia, não consigo firmar as ideias.

— Que ponto é esse? indagou o dr. Dunga.

— Vou dizer. Já não tenho duvidas sobre a reencarnação. Estou plenamente convencido de que a alma, depois da morte do corpo, volta — reencarna-se em outro sêr. Mas em quem?

— Como em quem?

— Em quem, sim. Meu ponto é saber se a alma do desincarnado pode escolher o corpo em que vai novamente incarnar-se.

— Está claro que escolhe.

— Até aí vou eu. Sei que escolhe. Mas “quando” escolhe?

O dr. Dunga não percebia o alcance da pergunta.

— Escolhe quando chega o momento de escolher, respondeu.

A resposta não contentou ao coronel. O momento de escolher! Bolas! Mas que momento é esse?

— Meu ponto é o seguinte: saber se a alma de um vivo pode escolher a criatura em quem vai futuramente incarnar-se.

O dr. Dunga estava tonto. Fez cara de não entender nada.

— Sim, continuou Lupercio. Quero saber, por exemplo, se a alma de um vivo pode, antes de morrer, marcar a mulher que vai ter um filho em quem essa alma se incarne.

A perplexidade do dr. Dunga recrescia.

— Meu caro, disse por fim Lupercio, estou disposto a pagar até cem contos por uma informação segura — seguríssima. Quero saber se a alma de um vivo pode, antes de desincarnar-se, escolher o corpo da sua futura reencarnação.

— Antes de morrer?

— Sim...

— Em vida ainda?

— Está claro...

O dr. Dunga ficou-se pensativo. Estava ali uma hipótese em que jamais refletira e sobre que nada lêra.

— Não sei, coronel. Só vendo, só consultando os autores — e as autoridades. Nós aqui somos bem pouco neste assunto, mas ha mestres na Europa e nos Estados Unidos. Podemos consulta-los.

— Pois faça-me o favor. Não olhe a despesas. Darei cem contos, e até mais, em troca de uma informação segura.

— Sei. Quer saber se ainda em vida do corpo podemos escolher a criatura em que vamos reencarnar-nos...

— Exatamente.

— E por que isso?

— Maluquices de velho. Como ando a estudar as teorias da reencarnação, logico que me interesse pelos pontos obscuros. Os pontos claros esses já os conheço. Não acha natural a minha atitude?



O dr. Dunga teve de achar naturalissima aquella attitude.

Enquanto as cartas de consulta cruzavam o oceano, endereçadas ás mais famosas sociedades psiquicas do mundo, o estado de saude do coronel Lupercio agravou-se — e concomitantemente se agravou a sua pressa pela solução do problema. Chegou a autorizar pedido de resposta pelo telegrafo — custasse o que custasse.

Certo dia o dr. Dunga, tomado de vaga desconfiança, foi procura-lo em casa. Encontrou-o mal, respirando com esforço.

— Nada ainda, coronel. Mas a minha visita tem outro fim. Quero que o amigo fale claro, abra esse coração. Quero que me explique a verdadeira causa do seu interesse pela consulta. Francamente, não acho natural isso. Sinto, percebo, que o coronel tem uma ideia secreta na cabeça...

Lupercio olhou-o de revés, desconfiado. Mas resistiu. Alegou que era apenas curiosidade. Como nos seus estudos sobre a reencarnação nada vira sobre aquelle ponto, viera-lhe a lembrança de esclarece-lo. Só isso...

O dr. Dunga não se satisfez. Insistiu:

— Não, coronel, não é isso, não. Eu sinto, eu vejo, que o senhor tem uma ideia oculta na cabeça. Seja franco. Bem sabe que sou seu amigo.

Lupercio resistiu ainda por algum tempo. Por fim confessou, com relutancia.

— E' que estou no fim, meu caro — e tenho de fazer o testamento...

Não disse mais, nem foi preciso. Um clarão iluminou o espirito do dr. Dunga. O coronel Lupercio

cio, a mais pura encarnação humana do dinheiro, não admitia a ideia de morrer e deixar a fortuna aos parentes. Não se conformando com a hipótese de separar-se dos 60 mil contos, pensava em fazer-se o herdeiro de si mesmo em outra reencarnação... Seria isso?

Dunga olhou-o firmemente, sem dizer palavra. Lupercio leu-lhe o pensamento nos olhos inquisidores. Corou — pela primeira vez na vida. E, baixando a cabeça, abriu o coração.

— Sim, Dunga, é isso. Quero que vocês me descubram a mulher em que vou nascer de novo — para faze-la em meu testamento a depositaria da minha fortuna...

1939

## Os Pequeninos

Ouvi certa vez uma conversa inesquecível. A esponja de doze anos não a esmaeceu em coisa nenhuma. Por que motivo certas impressões se gravam de tal maneira e outras se apagam tão prontamente?

Eu estava no caes, á espera do “Arlanza”, que me ia devolver de Londres um velho amigo já de longa ausencia. O nevoeiro atrazara o navio.

— Só vai atracar ás dez horas, informou-me um “sabe-tudo” de boné.

Bem. Tinha eu de matar uma hora de espera dentro dum nevoeiro absolutamente fora do comum, dos que negam aos olhos o consolo da paisagem distante. A visão morria a dez passos; para além, todas as formas desapareciam no algodoamento da nevoa. Pensei nos “fogs” londrinos que o meu amigo devia trazer na alma, e comecei a andar por ali atôa, entregue a esse trabalho, tão frequente na vida, de “matar o tempo”. Minha tecnica em tais circumstancias se resume em recordar passagens da vida. Recordar é reviver. Reviver os bons momentos tem as delicias do sonho.

Mas o movimento do caes interrompia amiude o meu sonho, forçando-me a cortar e a reatar de novo o fio das recordações. Tão cheio de nós foi ele fi-

cando que o abandonei. Uma das interrupções me pareceu mais interessante que a evocação do passado, porque a vida exterior é mais viva que a interior — e a conversa dos tres carregadores era inegavelmente “agua-forte”.

Tres portugueses bem tipicos, já maduros; um deles de rosto singularmente amarrotado pelos anos. Um incidente qualquer ali do caes dera origem á conversa.

— Pois esse caso, meu velho, dizia um deles, me lembra a historia da ema que tive num cercado. Tambem ela foi vitima dum animalzinho muitissimo menor, e que seria esmagado, como esmagamos moscas, se lhe ficasse ao alcance do bico — mas não ficava...

Esse começo assanhou a curiosidade dos compa-  
nheiros.

— Como foi? perguntaram.

— Eu nesse tempo estava de cima, dono de terras, com casa minha, meus animais de cocheira, familia. Foi um ano antes daquela rodada que me levou tudo... Peste de mundo! Tão bem que eu ia indo e afundei, perdi tudo, tive de rolar morro abaixo até bater com o lombo neste caes, entregue ao mais baixo dos serviços, que é o de carregador...

— Mas como foi o caso da ema?

Os ouvintes não queriam filosofias; ansiavam por pitoresco — e o homem por fim contou, depois de sacar o cachimbo, enche-lo, acende-lo. Devia ser historia das que exigem pontuação a baforadas.

— Eu morava em minhas terras, lá onde vocês sabem — na Vacaria, zona de campos e mais campos, aquela planura sem fim. E ha lá muita ema. Conhecem? E’ a avestruz do Brasil, menor que a avestruz africana, mas mesmo assim um avejão dos

mais alentados. Que força tem! Domar uma ema corresponde a domar um potro. Exige o mesmo muque. Mas são aves de boa indole. Domesticam-se facilmente e eu andava querendo ter uma em meus cercados.

— São de utilidade? perguntou o utilitario da roda.

— De nenhuma; apenas enfeitam a casa. Aparece um visitante. “Viu minha ema?” — e lá o levamos a examina-la de perto, a assombrar-se do tamanho, a abrir a boca diante dos ovos. São assim como uma laranja baiana das graúdas.

— E o gosto?

— Nunca provei. Ovos para mim, só os de galinha. Mas, como ia dizendo, fiquei com ideia de apanhar uma ema nova para domestica-la — e um belo dia eu mesmo o consegui graças á ajuda dum periperí.

A historia começava a interessar. Os companheiros do narrador ouviam-no suspensos.

— Como foi? Ande logo.

— Foi num dia em que saí a cavallo para uma chegada á fazendinha do João Coruja, que morava a uns seis quilometros do meu rancho. Montei no meu pampa e fui varando a macega. Aquilo lá não ha caminho, só trilhas de vai-um pelo capim rasteiro. Os olhos alcançam longe naquele mar de verde sujo que some na distancia. Fui andando. De repente vi, a uns trezentos metros á frente, qualquer coisa que se movia na macega. Parei. Firmei a vista. Era uma ema a dar voltas num circulo estreito. “Que diabo disto será aquilo?” perguntei comigo mesmo. Emas eu vira muitas, mas sempre a pastarem sossegadas, ou a fugirem no galope, *nadando* com as asas curtas. Assim a dar voltas, era novidade. Fiquei



de rugas na testa. Que será? A gente da roça conhece muito bem a natureza de tudo; se vê qualquer coisa na “forma da lei”, não se espanta, porque é o natural; mas se vê qualquer coisa fora da lei, fica logo de orelha em pé — porque não é o natural. Que tinha aquela ema para dar tantas voltas em torno do mesmo ponto? Não era da lei. A curiosidade me fez esquecer o negocio do João Coruja. Torci a redea ao pampa e lá me fui para a ema.

— E ela fugiu no galope...

— O natural seria isso, mas não fugiu. Ora, não ha ema que não fuja do homem — nem ema, nem animal nenhum. Nós somos o terror da bicharia toda. Parei o pampa a cinco passos dela e nada, nada da ema fugir. Nem me viu; continuou nas suas voltas, com ar aflito. Pus-me a observa-la, intrigado. Seria seu ninho ali? Não era. Não havia sinal de ninho. A pobre ave girava e regirava, fazendo movimentos de pescoço sempre na mesma direção, para a esquerda, como se quisesse alcançar qualquer coisa com o bico. A roda que fazia era de raio curto, ai duns tres metros, e pelo amassamento do capim calculei que já havia dado umas cem voltas.

— Interessante! murmurou um dos companheiros.

— Foi o que pensei comigo mesmo. Mais que interessante: exquisitissimo. Primeiro, não fugir de mim; segundo, continuar nas voltas aflitas, sempre com aqueles movimentos de pescoço para a esquerda. Que seria? Apeei e fui chegando. Olhei-a de bem perto. “A coisa é embaixo da asa”, vi logo. A pobre criatura tinha qualquer coisa sob a asa, e aquelas voltas e aquele movimento de pescoço eram para alcançar o sovaco. Aproximei-me mais. Segurei-a. A ema, arquejante, não fez a menor resistencia.

Deixou-se agarrar. Ergui-lhe a asa e vi...

Os ouvintes suspenderam o folego.

— ... e vi uma coisa vermelha atracada ali, uma coisa que se assustou e voou, e foi pousar num galho seco a vinte passos de distancia. Sabem o que era? Um periperi...

— Que é isso?

— Um gaviãozinho dos menores que existem, assim do tamanho dum sanhaço — um gaviãozinho carijó.

— Mas não disse que era vermelho?

— Estava vermelho do sangue da ema. Agarrara-se-lhe ao sovaco, que é um ponto despido de penas, e aferrara-se á carne com as unhas, enquanto com o bico ia arrancando nacos de carne viva e devorando-os. Aquele ponto do sovaco é o unico sem defesa num corpo de ema, porque ela não o alcança com o bico. E' como esse ponto que temos nas costas e não podemos coçar com as unhas. O periperi conseguiu localizar-se ali e estava a seguro de bicadas.

Examinei a ferida. Pobre ema! Uma ferida enorme, assim dum palmo de diametro e onde o bico do periperi fizera menos mal que suas garras, pois, como tinha de manter-se aferrado, ia mudando as garras á proporção que a carne dilacerada cedia. Nunca vi uma ferida mais arrepiante.

— Coitada!

— As emas são duma estupidez famosa, mas o sofrimento abriu a inteligencia daquela. Fe-la compreender que eu era o seu salvador — e a mim entregou-se ela como quem se entrega a um deus. O alivio que minha chegada lhe produziu, fazendo que o periperi a largasse, iluminou-lhe os miolos.

— E o gaviãozinho?

— Ah, o patife, muito vermelho do sangue da ema, lá ficou no galho seco á espera de que eu me afastasse. Pretendia retornar ao banquete! “Eu já te curo, malvado!” exclamei, sacando o revolver. Um tiro. Errei. O periperi voou para longe.

— E a ema?

— Levei-a para casa, curei-a e tive-a lá por uns meses, num cercado. Por fim soltei-a. Não vai comigo isso de escravizar os pobres animaisinhos que Deus fez para vida solta. Se no cercado estava ela livre dos periperis, era em compensação uma escrava saudosa das correrias pelo campo. Se fosse consultada, certamente que preferiria os riscos da liberdade á segurança da escravidão. Soltei-a. “Vai, minha filha, segue o teu destino. Se outro periperi te apanhar, arruma-te com ele”,

— Mas então é assim?

— Um velho caboclo da zona informou-me que aquilo é frequente. Esses minúsculos gaviãozinhos procuram as emas. Ficam traiçoeiramente a rondalhas, á espera de que se descuidem e levantem a asa. Eles, então, rápidos como setas, lançam-se; e se conseguem alcançar-lhes o sovaco, ali enterram as garras e ficam como carrapatos. E as emas, apesar de imensas comparadas com eles, acabam vencidas. Caem exaustas; morrem; e os malvadinhos repastam-se no carname durante dias.

— Mas como eles sabem? E’ o que mais admiro...

— Ah, meu caro, a natureza está inçada de coisas assim, que para nós são misterios. Com certeza houve um periperi que por acaso fez isso uma primeira vez, e como deu certo ensinou a lição aos outros. Estou convencido de que os animais ensinam uns aos outros o que vão aprendendo. Ah, vocês, criaturas



da cidade, não imaginam que coisas interessantes ha na natureza da roça...

O caso da ema foi comentado sob todos os angulos — e deu um broto. Fez sair da memoria do carregador de cara amarrotada uma historia vagamente similar, em que bichinhos muito pequenos destruíram a vida moral dum homem.

— Sim, destruíram a vida dum bicho imensamente maior, como sou eu em comparação com as formigas. Fiquem vocês sabendo que a mim aconteceu coisa ainda peor que o acontecido á ema. Fui vitima dum formigueiro...

Todos arregalaram os olhos.

— Só se já foste hortelão e as formigas te comeram a fazenda, sugeriu um.

— Nada disso. Comeram-me mais que a fazenda, comeram-me a alma. Destruíram-me moralmente — mas foi sem querer. Pobresinhas! Não as culpo de nada.

— Conta lá isso depressa, Manoel. O “Arlanza” não tarda.

E o velho contou.

— Eu era o fiel da firma Toledo & Cia., com obrigação de tomar conta daquele grande armazem da rua Tal. Vocês sabem que tomar conta dum deposito de mercadorias é coisa seria, porque o homem se torna o unico responsavel por tudo quanto entra e sai. Ora, eu, português dos antigos, desses de antes quebrar que torcer, fui escolhido para “fiel” porque era fiel — era e sou. Não valho nada, sou um pobre homem ao léu, mas honradez está aqui. Meu orgulho sempre foi esse. Criei reputação desde menino. “O Manoel é dos bons; quebra mas não torce”. Pois não é que as formigas me quebraram?

— Conta lá isso depressa...

— A coisa foi assim. Na qualidade de fiel do armazem, nada entrava nem saía sem ser por minhas mãos. Eu fiscalizava tudo e com tal severidade que Toledo & Cia. juravam sobre mim como sobre uma biblia. Certa vez entrou lá uma partida de 32 sacos de arroz, que contei, conferi e fiz empilhar a um canto, junto a uma pilha de velhos caixões que lá estavam encostados de muito tempo. Trinta e dois. Contei-os e recontei-os e escrevi no livro de entradas 32, nem mais um, nem menos um. E no dia seguinte, conforme velho habito meu, ainda me fui á pilha e recontei os sacos. Trinta e dois.

Pois muito que bem. O tempo se passa. O arroz lá fica meses á espera de negocio, até que um dia recebo do escritorio ordem para entrega-lo ao portador. Vou dirigir a entrega. Fico na porta do armazem conferindo os sacos que por ali passavam ás costas de dois carregadores — um, dois, vinte, trinta, trinta e um... Faltava.o ultimo.

— Anda lá com isso! berrei ao carregador que fôra busca-lo, mas o bruto aparece-me lá dos fundos com as mãos vazias: “Não ha mais nada”.

— Como não ha mais nada? exclamei. São 32. Falta um. Vá busca-lo, vá ver.

Ele foi e voltou na mesma: “Não ha mais nada”.

— Impossivel! e fui eu mesmo fazer a verificação e nada achei. Misteriosamente desaparecera um saco de arroz da pilha...

Aquilo pôs-me tonto de cabeça. Esfreguei os olhos. Cocei-me. Voltei ao livro de entradas; reli o assento; claro como o dia: 32. Alem disso eu lembrava-me muito bem daquela partida por causa dum incidente agradável. Logo que terminei a contagem eu havia dito “32, ultima dezena do Camelo!” e aproveitei o palpite na venda da esquina. Mil reis na de-

zena 32; de tarde appareceu-me o empregadinho com 80 mil reis. Dera o Camelo com 32.

Vocês bem sabem que essas coisas a gente não esquece. Eram pois 32 sacas — e como então só estavam lá 31? Pus-me a parafusar. Furtar ninguém furtou, porque eu era o mais fiel dos fieis, não arredava pé da porta e dormia lá dentro. Janelas gradeadas de ferro. Porta uma só. Que ninguém furtara o sacco de arroz era coisa que eu juraria perante todos os tribunais do mundo, como o jurava para a minha consciencia. Mas a saca de arroz desaparecera... e como era?

Tive de comunicar ao escritorio o desaparecimento — e foi o maior vexame da minha vida. Porque nós, operarios, temos a nossa honra, e a minha honra era aquella — era ser o unico responsavel por tudo quanto entrasse e saísse daquelle deposito.

Chamaram-me ao escritorio.

— Como explica a differença, Manoel?

Cocei a cabeça.

— Meu senhor, respondi ao patrão, bem quisera eu explica-la, mas por mais que torça os miolos não no consigo. Recebi os 32 sacos de arroz; contei-os e recontrei-os, e tanto eram 32 que nesse dia deu essa dezena e “mamei” do vendeiro da esquina 80 “paus”. O arroz demorou lá meses. Agora recebo ordem para entrega-lo ao caminhão. Vou presidir á retirada e só encontro 31. Furta-lo, ninguém o furtou; isso juro, porque a entrada do armazem é uma só e eu sempre fui cão de fila — mas o fato é que o sacco de arroz desapareceu. Não sei explicar o misterio.

As casas comerciais têm que seguir certas normas, e se eu fosse o patrão faria o que ele fez. Já que era o Manoel o responsavel unico, se não havia explicação para o misterio, peor para o Manoel.



— Manoel, disse o patrão, a nossa confiança em você sempre foi completa, como você muito bem sabe, confiança de doze anos; mas o arroz não podia ter-se evaporado como agua ao fogo. E como desapareceu um saco podem desaparecer mil. Quero que você mesmo nos diga o que devemos fazer.

Respondi como devia.

— O que ha a fazer, meu senhor, é despedir o Manoel. Ninguém furtou a saca de arroz mas a saca de arroz confiada á guarda do Manoel desapareceu. O que o patrão tem a fazer é fazer o que o Manoel faria se estivesse em seu lugar: despedi-lo e contratar outro.

O patrão disse:

— Muito lamento ter de agir assim, Manoel, mas tenho socios que me fiscalizam os atos, e serei criticado se não fizer como você mesmo me aconselha.

O velho carregador parou para avivar o cachimbo.

— E foi assim, meus caros, que depois de doze anos de serviço no armazem de Toledo & Cia fui para o olho da rua, suspeitado de ladrão por todos os meus colegas. Se ninguem podia furtar aquele arroz e o arroz desaparecera, qual o culpado? O Manoel, evidentemente.

Fui para a rua, meus caros, já velhusco e sem carta de recomendação, porque recusei a que a firma me quis dar por esmola. Em boa consciencia, que carta poderiam dar-me os srs. Toledo & Cia.?

Ah, o que sofri! Saber-se inocente e sentir-se suspeitado — e sem meios de defesa. Roubar é roubar, seja um mil reis, sejam contos. Cesteiro que faz um cesto faz um cento. E eu que era um homem feliz porque compensava a minha pobreza com a fama de honestidade sem par, rolei para a classe dos duvidosos. E o peor era o rato que me roia os miolos.

Os outros podiam satisfazer-se attribuindo a mim o furto, mas eu, que sabia da minha inocencia, não arrancava aquele rato da cabeça. Quem tiraria de lá o saco de arroz? Esse pensamento ficou-me lá dentro como um berne dos cabeludos.

Dois anos se passaram, em que envelheci dez. Um dia recebo recado da firma, “que apparecesse no escritorio”. Fui.

— Manoel, disse-me o mesmo chefe que me despedira, o misterioso desaparecimento do saco de arroz está decifrado e você rehabilitado da maneira mais completa. Ladrões tiraram de lá o arroz sem que você visse...

— Não pode ser, meu senhor! Tenho orgulho do meu trabalho de guarda. Sei que ninguem entrou lá durante aqueles meses. *Sei*.

O chefe sorriu.

— Pois saiba que inumeros ladrõezinhos entraram e saíram com o arroz.

Fiquei tonto. Abri a boca.

— Sim, as formigas...

— As formigas? Não estou entendendo nada, patrão...

Ele então contou tudo. A partida dos 32 sacos fôra arrumada, como já disse, junto a uma pilha de velhos caixões vazios. E o ultimo saco ficava pouco acima do nivel do ultimo caixão — disso eu me lembrava perfeitamente. Fôra esse o saco desaparecido. Pois bem. Um belo dia o escritorio dá ordem ao novo fiel para remover de lá os caixões. O fiel executa-a — mas ao faze-lo nota uma coisa: grãos de arroz derramados no chão, em redor dum olheiro de formigas sauvas. Foram as sauvas as roubadoras da saca de arroz numero 32!

— Como?

— Subiram pelos interstícios da caixotaria e furaram o saco ultimo, o qual ficava um pouco acima do nivel do ultimo caixão. E foram retirando os grãos um a um. Com o progressivo esvasiar-se, o saco perdeu o equilibrio e escorregou da pilha para cima do ultimo caixão — e nessa posição as formigas completaram o esvasiamento...

— E...

— Os srs. Toledo & Cia. pediram-me desculpas e ofereceram-me de novo o lugar, com paga melhorada a titulo de indenização. Sabem o que respondi? “Meus senhores, é tarde. Já não me sinto o mesmo. O desastre matou-me por dentro. Um rato roubou-me todo o arroz que havia dentro de mim. Deixou-me o que sou: carregador do porto, saco vazio. Já não tenho interesse em nada. Continuarei portanto carregador. E’ serviço de menos responsabilidade — além de que este mundo é uma pinoia. Pois um mundo onde uns bichinhos inocentes dão cabo da alma dum homem, então isso é lá mundo? Obrigado, meus senhores!” e saí.

Nesse momento o Arlanza apitou. O grupo dissolveu-se e também eu fui colocar-me a postos. O amigo de Londres causou-me má impressão. Magro, corcovado.

— Que te aconteceu, Marinho?

— Estou com os pulmões afetados.

Hum! sempre a mesma coisa — o pequenininho a derrear o grande. Periperí, sauva, bacilo de Koch...

1939

## Bugio Moqueado

— *Uno!*

Ugarte...

— *Dos!*

Adriano...

— *Cinco...*

Villabona...

— ...

Má colocação! Minha pule é a 32 e já de saída o azar me põe na frente Ugarte... Ugarte é furão. Na quiniela anterior foi quem me estragou o jogo. Querem ver que também me estraga nesta?

— “Mucho”, Adriano!

Qual Adriano, qual nada! Não escorou o saque, e lá está Ugarte com um ponto já feito. Entra Genúia agora? Ah, é outro ponto seguro para Ugarte. Mas quem sabe se com uma torcida...

— “Mucho”, Genúia!

Raio de azar! Genúia “malou” no saque. Entra agora Melchior... Este Melchior às vezes faz o diabo. Bravos! Está aguentando... Isso, riço! Uma cortadinha agora! “Buena”, “buena”! Outra agora... Oh!... Deu na lata! Incrível...



Se o leitor desconhece o jogo da pelota em cancha publica — Frontão da Boa-Vista, por exemplo, nada pescará desta giria, que é a na qual se entendem todos os aficionados que jogam ou “torcem”.

Eu jogava, e portanto falava e pensava assim. Mas como vi meu jogo perdido, desinteressei-me do que se passava na “cancha” e pus-me a ouvir a conversa de dois sujeitos velhuscos, sentados á minha esquerda.

“...coisa que você nem acredita, dizia um deles. Mas é verdade pura. Fui testemunha, vi! Vi a martir, branca que nem morta, diante do horrendo prato...”

*Horrendo prato?! Aproximei-me um pouco mais dos velhos e pus-me de ouvidos alerta.*

— “Era longe a tal fazenda, continuou o homem. Mas lá em Mato-Grosso tudo é longe. Cinco leguas é “ali”, com a ponta do dedo. Este troco miudo de quilometros que vocês usam por cá, em Mato-Grosso não tem curso. E’ cada estirão!...”

“Mas fui ver o gado. Queria arredondar uma ponta para vender em Barretos, e quem me tinha os novinhos nas condições requeridas, de idade e preço, era esse coronel Teotonio, do Tremedal.

“Encontrei-o na mangueira, assistindo á domação dum potro — zaino, inda me lembro...E, palavra d’honra! não me recorde ter esbarrado nunca tipo mais impressionante. Barbudo, olhinhos de cobra, muito duros e vivos, testa entiotada de rugas, ar de carrasco... Pensei comigo: Dez mortes no minimo. Porque lá é assim. Não ha *soldados rasos*. Todo mundo traz *galões*... e aquele, ou muito me enganava ou tinha divisas de general.

“Lembrou-me logo o celebre Panfilo do Rio Verde, um de “doze galões”, que “resistiu” ao tenen-



te Galinha e, graças a esse benemerito “escumador de sertões”, purga a esta hora no tacho de Pedro Botelho os crimes cometidos.

“Mas, importava-me lá a féra! — eu queria gado, pertencesse a Belzebú ou a São Gabriel. Expus-lhe o negocio e partimos para o que ele chamava a invernada de fóra.

“Lá escolhi o lote que me convinha. Apartamo-lo e ficou tudo assentado.

“De volta do rodeio caia a tarde e eu, almoçado às oito da manhã e sem um café de permeio até aquel’hora, chiava numa das boas fomes da minha vida. Assim foi que, apesar da repulsão inspirada pelo urutú humano, não lhe rejeitei o jantar oferecido.

“Era um casarão sombrio, a casa da fazenda. De poucas janelas, mal iluminado, mal arejado, desagradavel de aspecto, por isso mesmo toava na perfeição com a cara e os modos do proprietario. Traste que se não parece com o dono é roubado, diz muito bem o povo. A sala de jantar semelhava uma alcova. Além de escura e abafada, rescendia a um cheiro exquisito, nauseante, que nunca mais me saiu do nariz — cheiro assim de carne mofada...

“Sentámo-nos á mesá, eu e ele, sem que viva alma nos surgisse a fazer companhia. E como de dentro não viesse nenhum rumor, conclui que o urutú morava sozinho — solteiro ou viuvo. Interpela-lo? Nem por sombras. A secura e a má cara do facinora não davam azo á minima expansão de familiaridade; e, ou fosse real ou efeito do ambiente, pareceu-me ele inda mais torvo em casa do que fóra, em pleno sol.

“Havia na mesa feijão, arroz e lombo, além dum misterioso prato coberto em que se não buliu.

Mas a fome é boa cozinheira. Apesar de engulhado pelo bafio a mofo, pus de lado o nariz, achei tudo bom e entrei a comer por dois.

“Correram assim os minutos.

“Em dado momento o urutú, tomando a faca, bateu no prato tres pancadas imperiosas. Chama a cozinheira, calculei eu. Esperou um bocado e, como não aparecesse ninguém, repetiu o apelo com certo frenezi. Atenderam-no, desta vez. Abriu-se devagarinho uma porta e enquadrou-se nela um vulto branco de mulher.

“Sonambula?

“Tive essa impressão. Sem pinga de sangue no rosto, sem fulgor nos olhos vidrados, cadaverica, dir-se-ia vinda do tumulto naquele momento. Aproximou-se, lenta, com passos de automato, e sentou-se de cabeça baixa.

“Confesso que esfriei. A escuridão da alcova, o ar diabolico do urutú, aquela morta-viva morre-morrendo a meu lado, tudo se conjugava para arrepiar-me as carnes num calafrio de pavor. Em campo aberto não sou medroso — ao sol, em luta franca, onde vale a faca ou o 32. Mas escureceu? Entrou em cena o misterio? Ah! — bambeio de pernas e tremo que nem geleia! Foi assim naquele dia...

“Mal sentou-se a morta-viva, o marido, sorrindo, empurrou para o lado dela o prato misterioso e destampou-o amavelmente. Dentro havia um petisco preto, que não pude identificar. Ao vê-lo a mulher estremeceu, como horrorizada.

— “Sirva-se!” disse o marido.

“Não sei porque, mas aquele convite revelava uma tal crueza que me cortou o coração como navalha de gelo. Pressenti um horror de tragedia, dessas horrosas tragedias familiares, vividas dentro de quatro

paredes, sem que de fóra ninguém nunca as suspeite. Desde aí nunca ponho os olhos em certos casarões sombrios sem que os imagine povoados de dramas horrendos. Falam-me de hienas. Conheço uma: o homem...

Como a morta-viva permanecesse imóvel, o urutú repetiu o convite em voz baixa, num tom cortante de ferocidade glacial.

— “Sirva-se, faça o favor! E fisingando ele mesmo a nojenta coisa, colocou-a gentilmente no prato da mulher.

Novas tremuras agitaram a martir. Seu rosto macilento contorceu-se em esgares e repuxos nervosos, como se o tocasse a corrente elétrica. Ergueu a cabeça, dilatou para mim as pupilas vitreas e ficou assim uns instantes, como á espera dum milagre impossível. E naqueles olhos de desvario li o mais pungente grito de socorro que jamais a aflição humana calou...

“O milagre não veio — infame que fui! — e aquele lampejo de esperança, o derradeiro, talvez, que lhe brilhou nos olhos, apagou-se num lancinante cerrar de palpebras. Os tiques nervosos diminuiram de frequência, cessaram. A cabeça decaiu-lhe de novo para o seio, e a morta-viva, revivida um momento, reentrou na morte lenta do seu marasmo sonambulico.

“Enquanto isso, o urutú espiava-nos de esguelha, e ria-se por dentro venenosamente...

“Que jantar! Verdadeira cerimonia funebre transcorrida num escuro carcere da Inquisição. Nem sei como digeri aqueles feijões!

“A sala tinha tres portas, uma abrindo para a cozinha, outra para a sala de espera, a terceira para a dispensa. Com os olhos já afeitos á escuridão, eu

divisava melhor as coisas; enquanto aguardavamos o café, corri-os pelas paredes e pelos moveis, distraidamente. Depois, como a porta da dispensa estivesse entreaberta, enfiei-os por ela a dentro. Vi lá umas brancuras pelo chão — sacos de mantimento — e, pendurada a um gancho, uma coisa preta que me intrigou. Manta de carne seca? Roupa velha? Estava eu de rugas na testa a decifrar a charada, quando o urutú, percebendo-o, silvou em tom cortante:

“— E’ curioso? O inferno está cheio de curiosos, moço...

“Vexadissimo, mas sempre em guarda, achei de bom conselho engulir o insulto e calar-me. Calei-me. Apesar disso o homem, depois duma pausa, continuou, entre manso e ironico:

“— Coisas da vida, moço. Aqui a patrôa péla-se por um naco de bugio moqueado, e ali dentro ha um para abastecer este pratinho... Já comeu bugio moqueado, moço?

“— Nunca! Seria para mim o mesmo que comer gente...

“— Pois não sabe o que perde!... filosofou ele, como um diabo, a piscar os olhinhos de cobra.

Neste ponto o jogo interrompeu-me a historia. Melchior estava colocado e Gaspar, com tres pontos, sacava para Ugarte. Houve luta; mas um “camarote” infeliz de Gaspar deu o ponto a Ugarte. “Pintou” a pule 13, que eu não tinha. Jogo vai, jogo vem, “despintou” a 13 e deu a 23. Pela terceira vez Ugarte estragava-me o jogo. Quis insistir, mas não pude. A historia estava no apogeu e antes “perder de ganhar” a proxima quiniela do que perder um capitulo da tragedia. Fiquei no lugar, muito atento, a ouvir o sujeito continuar:

— “Quando me vi na estrada, longe daquele antro, criei alma nova. Fiz cruz na porteira: “Aqui, nunca mais! Crédo!” E abri de galopada pela noite a dentro.

“Passaram-se anos.

“Um dia, em Tres Corações, tomei a serviço um preto de nome Zé Esteves. Traquejado da vida e sério, meses depois virava Esteves a minha mão direita. Para um rodeio, para curar uma bicheira, para uma comissão de confiança, não havia outro. Negro quando acerta de ser bom vale por dois brancos. Esteves ia além — valia tres.

“Mas não me bastava. O movimento crescia e ele sózinho não dava conta. Empenhado em descobrir um novo auxiliar que o valesse, perguntei-lhe uma vez:

— “Não teria você, por acaso, algum irmão de sua força?

— “Tive, respondeu o preto, tive o Leandro, mas o coitado não existe mais...

— “De que morreu?

— “De morte matada. Foi morto a rabo de tatu... e comido.

— “Comido? repeti com assombro.

— “E’ verdade. Comido por uma mulher.

A historia complicava-se e eu, aparvalhado, esperei a decifração.

— “Leandro, continuou ele, era um rapaz bem apessoado e bom para todo serviço. Trabalhava no Tremedal, numa fazenda em...

— “... em Mato-Grosso? Do coronel Teotonio?

— “Isso! Como sabe? Ah, esteve lá!... Pois dê graças de estar vivo; que entrar na casa do carasco era facil, mas sair...



“Deus que me perdôe, mas aquilo foi a maior peste que o raio do diabo do barzabú do canhoto botou no mundo!...

— “O urutú... murmurei, recordando-me. Isso mesmo...

— Pois o Leandro — não sei que intrigante malvado inventou que ele... que ele, com perdão da palavra, andava com a patrôa, uma senhora muito branca, que parecia uma santa. O que houve, se houve alguma coisa, Deus sabe. Para mim, tudo foi feitiçaria da Liduina, aquela mulata amiga do coronel. Mas, inocente ou não, o caso foi que o pobre Leandro acabou no tronco, lanhado a chicote. Uma novena de martirio — *lepte! lepte!* E pimenta em cima... Morreu. E depois que morreu, foi moqueado.

— “???”

— “Pois então? Moqueado, sim, como um bugio. E comido, dizem. Penduraram-lhe a carne na dispensa e todos os dias vinha á mesa um pedacinho dessa carne para a patrôa comer... A coitada...”

Mudei-me de lugar. Fui assistir ao fim da qui-niela a cincoenta metros de distancia. Mas não pude acompanhar o jogo. Por mais que arregalasse os olhos, por mais que olhasse para a “cancha”, não via coisa nenhuma, e até hoje não sei se deu ou não deu a pule 13...

1925

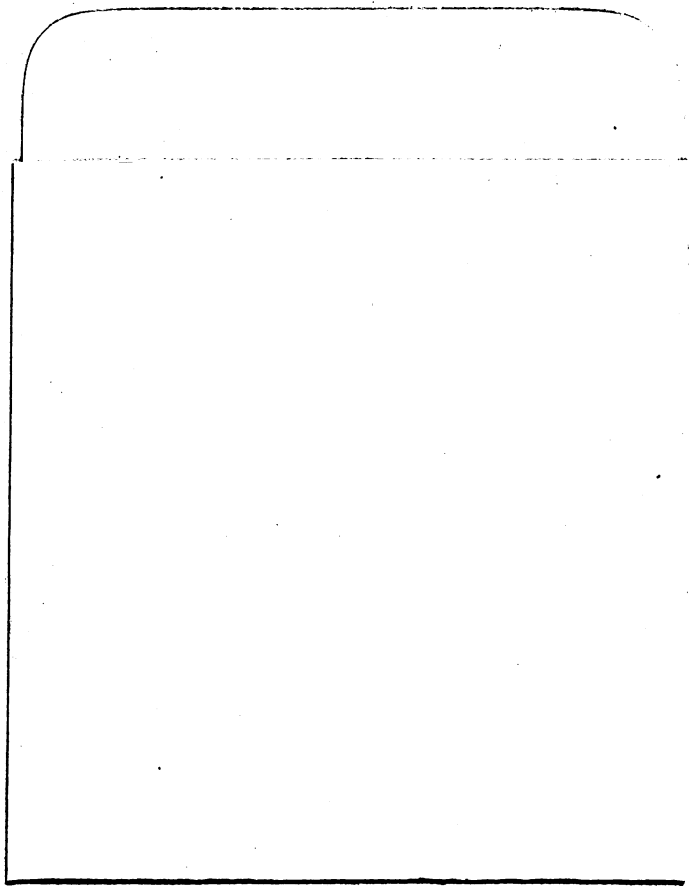












UNIVERSITY OF MINNESOTA

wils

868.9L781 OCo

Lobato, Jos e Bento Monteiro, 1882-1948.

Contos leves (Cidades mortas, negrinha e



3 1951 002 374 457 5